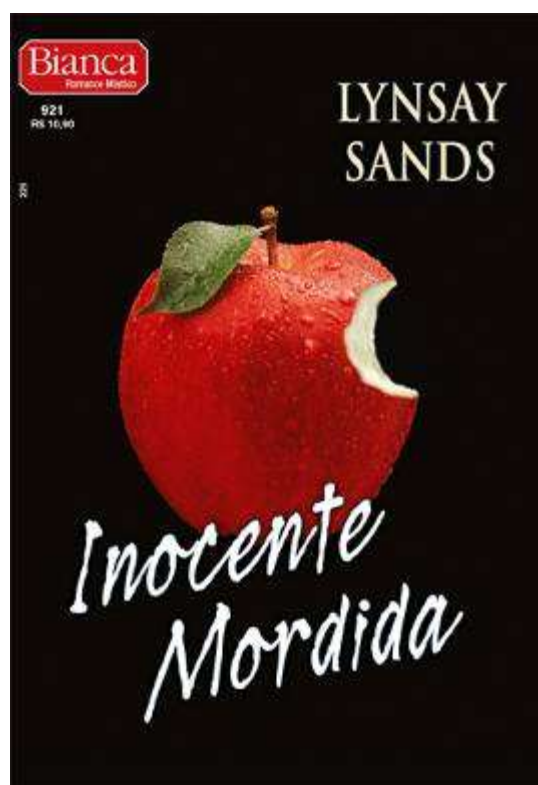


Inocente Mordida

A Quick Bite

Lynsay Sands



O pretendente perfeito...

Faz séculos que Lissiana está à procura do homem perfeito, para ter uma relação duradoura, não apenas um caso passageiro. Mas antes, ela tem um problema mais urgente para resolver: sua tendência a desmaiar toda vez que vê sangue... uma fraqueza um tanto irritante, especialmente para uma vampira! A mãe dela acredita ter a solução perfeita, e trata de providenciar um terapeuta, de uma forma um tanto... não convencional. O fato de o dr. Gregory Hewitt ser atraente e sexy e ter um pescoço tentador não é de se desprezar... Afinal, qual vampira que se preze iria resistir a uma mordida tão suculenta?

Gregory se recupera do susto de acordar na cama de uma desconhecida, no momento em que põe os olhos na mulher maravilhosa que está prestes a lhe proporcionar uma ardente noite de paixão... Mas será possível para o bom doutor encontrar o amor verdadeiro ao lado de uma vampira que tem medo de sangue, ou ele servirá apenas como uma bela refeição? Essa é uma pergunta à qual Greg está disposto a responder... se conseguir convencer Lissiana a dar a primeira mordida...

Digitalização e Revisão:
Projeto Revisoras



Querida leitora,

Lissiana é uma vampira com uma fobia, no mínimo, incomum para os de sua espécie... Ela desmaia ao menor sinal de sangue! Ao ganhar um psicólogo sensual de presente de aniversário de sua mãe, ela o confunde com o jantar, e decide que uma mordidinha só não vai fazer mal... Porém, logo ela precisará definir se o que sente por ele é suficiente para transformá-lo em seu verdadeiro parceiro eterno...

Leonice Pompônio Editora

Copyright ©2005 por Lynsay Sands

Originalmente publicado em 2005 por HarperCollins Publishers

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARPERCOLLINS PUBLISHERS

NY, NY — USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: A QUICK BITE

EDITORA

Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves Silva Moreira

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Marcia Maria Men

Copidesque: Paula Rotta

ARTE

Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO

Denis Scott/Getty Images

MARKETING/COMERCIAL

Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

PAGINAÇÃO

Ana Beatriz Pádua

Copyright. © 2010 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Butantã, 500 — 9 andar — CEP 05424-000 — São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica

Prólogo

— É só um jantarzinho.

— Hum... — Em pé, mantendo o fone entre o ombro e o pescoço, Greg Hewitt estava arrumando a mesa para sair do consultório.

A voz de Anne adotara um tom lisonjeiro, o que era sempre um mau sinal. Greg balançou a cabeça enquanto a irmã prosseguia, relatando os planos para o jantar e tentando convencê-lo a participar. Notou que ela não mencionara quem mais estaria presente, mas já suspeitava. Os convidados seriam Anne, o marido dela, John, e alguma outra amiga que ela tentaria jogar nos braços do irmão mais velho e ainda solteiro.

— E então?

Greg interrompeu o que fazia e segurou o aparelho de telefone. Obviamente, havia perdido algo.

— Então o quê?

— A que horas você estará aqui amanhã?

— Eu não irei. — Antes que ela pudesse reclamar, acrescentou depressa: — Não posso. Vou viajar.

— Como? Por quê? Aonde está indo?

— México. Vou sair de férias. Por isso liguei para você. Meu voo parte amanhã cedo para Cancún. — Sabendo que a surpreendera, Greg deu um sorrisinho enquanto vestia o terno que tirara ao chegar ao consultório.

— México? Férias?

Ele não sabia se considerava o espanto de Anne divertido ou triste. Aquelas eram as primeiras férias que tirava desde que abrira o consultório, oito anos atrás.

— Ouça, eu preciso ir. Mandarei um cartão-postal do México. Até mais. — Ele desligou antes que a irmã pudesse responder. Pegando sua pasta, saiu do consultório. Não ficou surpreso ao ouvir o telefone tocar enquanto trancava a porta. Anne era persistente. Sorrindo de leve, ignorou o telefone e guardou as chaves no bolso enquanto se dirigia ao elevador.

O dr. Gregory Hewitt estava agora oficialmente de férias. Sentiu-se relaxar cada vez mais, conforme se afastava do consultório. Estava até mesmo assoviando quando entrou no elevador e virou-se para apertar o botão da terceira garagem.

Porém, deteve-se e estendeu a mão para manter a porta aberta ao ver uma mulher apressando-se naquela direção. Nem precisava ter se incomodado. Ela foi rápida e conseguiu entrar antes de as portas se fecharem.

Baixando a mão, Greg afastou-se do painel para que ela pudesse pressionar o botão do andar ao qual se dirigia. Espiou-a rapidamente quando ela se moveu à sua frente, imaginando de onde a mulher surgira. O corredor estava vazio quando ele passara, e não tinha ouvido nenhuma porta se abrir ou fechar. Havia vários escritórios no mesmo andar do seu, e ela podia ter saído de qualquer um deles. No entanto, ele tinha certeza de nunca tê-la visto por lá.

Greg mal vislumbrara o rosto da desconhecida quando ela entrara no elevador, e as feições eram indistintas em sua memória. Mas os olhos azuis, com um brilho prateado, chamaram sua atenção. Raros e muito bonitos, era provável que fossem lentes. Ao pensar nisso, perdeu qualquer interesse. Apreciava belas mulheres, e não tinha nenhuma objeção ao fato de elas se esforçarem para realçar a beleza, mas quando chegavam a esse nível de artifício, ele tendia a se desinteressar.

Voltando seus pensamentos para as férias, recostou-se à parede do elevador. Planejava várias atividades. Nunca fora a um lugar como o México, e desejava aproveitar ao máximo. Além de descansar na praia, também pretendia fazer *parasailing*, mergulho, e talvez até um daqueles passeios de barco nos quais era possível alimentar golfinhos. Também queria ir ao museu Casa Maya, um parque ecológico que reproduzia o modo de vida dos maias de séculos atrás e onde se podia caminhar e ver os animais. E ainda havia a vida noturna. Se tivesse ânimo após tantas atividades diurnas, talvez fosse a um daqueles bares onde pessoas seminuas dançavam ao som de música ensurdecadora.

A campainha do elevador afastou a imagem de dançarinas seminuas de sua mente. Olhando para o painel, viu que registrava a terceira garagem. Seu andar.

Meneando a cabeça com educação para sua acompanhante, ele saiu do elevador para o estacionamento enorme e quase vazio. Ainda pensando nas dançarinas, levou um momento para notar o som de passos atrás de si. Quase olhou por sobre o ombro, para ver de quem se tratava, mas percebeu que o som era o de saltos altos, ecoando no local deserto. A morena também devia ter estacionado naquele piso.

Ele olhou para o local onde deveria estar seu carro, mas reparou na grande placa, indicando que estava na primeira garagem, e ficou confuso. Os primeiro e segundo andares do estacionamento eram reservados aos visitantes. Ele estacionara no terceiro, e tinha certeza de ter lido isso no painel do elevador... Pelo jeito, se enganara. Parou, com a intenção de voltar ao elevador.

Este é o piso certo. O carro está logo ali.

— Sim, é claro — Greg murmurou e seguiu em frente, dirigindo-se ao único veículo no local.

Só quando abriu o porta-malas, ocorreu-lhe que aquele pequeno esportivo

vermelho *não* era seu. Ele dirigia um BMW azul-escuro. Porém, tão depressa quanto o pensamento alarmante veio à sua mente, desvaneceu-se, como névoa sob a brisa.

Relaxando, ele colocou sua pasta no veículo, entrou no porta-malas, ajeitou-se no pequeno espaço.

Capítulo I

— Seu cabelo tem um cheiro bom...

— Hum... obrigada Bob. — Lissiana Argeneau espiou o estacionamento que atravessavam, ficando aliviada ao notar que estavam sozinhos. — Mas será que pode tirar a mão do meu traseiro?

— Dwayne.

— Hein? — Ela o fitou, confusa.

— Meu nome é Dwayne — ele disse com um sorriso.

— Ah... Bem, *Dwayne*, poderia tirar a mão do meu traseiro?

— Pensei que gostasse de mim. — Ele manteve a mão na nádega esquerda dela, apertando-a de um modo amigável demais.

Resistindo à vontade de bater na cabeça dele e arrastá-lo para o mato como o Neandertal que ele era, Lissiana forçou-se a sorrir.

— E gosto, mas vamos esperar até chegar ao seu carro para...

— Ah, sim, meu carro — interrompeu ele. — Sobre isso...

Lissiana parou e se virou para ele, estreitando os olhos ao ver o desconforto na expressão do rapaz.

— O que foi?

— Eu não tenho um carro — admitiu Dwayne. Ela piscou, digerindo a informação. *Todo mundo* acima dos vinte anos possuía um carro no Canadá. Bem, quase todos. Certo, talvez isso fosse um exagero, mas a regra se aplicava à maioria dos solteiros. Era como uma lei não escrita. Antes que pudesse fazer um comentário, ele acrescentou:

— Pensei que *você* tivesse um. Aquilo soou quase como uma acusação. Lissiana franziu o cenho. Houvera um tempo em que o homem teria um carro ou, ao menos,

assumiria a responsabilidade de encontrar um lugar para que ficassem a sós. Agora ele parecia desgostoso, como se *ela* o tivesse desapontado por não ter um carro.

— Eu tenho um carro — ela disse, na defensiva. — Mas vim para cá com meus primos e com uma amiga.

— A garota do cabelo cor de rosa?

— Isso. Mirabeau.

Ela considerou o problema. Dwayne não tinha carro, e Thomas trancara o jipe. Talvez pudesse voltar ao bar, encontrar o primo e pedir as chaves, mas não queria usar o carro dele para...

— Bem, não tem problema. Gosto do ar livre.

Lissiana espantou-se quando ele a puxou pelo quadril. Por instinto, ela se inclinou para trás, afastando a parte superior de seus corpos. Isso não impediu que a parte de baixo fosse esmagada contra a dele. De repente, ficou claro que ele, *de fato*, não se incomodava em ficar ao ar livre. Pelo contrário. A rigidez que a pressionava mostrava que aquilo o excitava. Já ela não via graça na ideia, ao menos não durante o inverno canadense.

— Venha. — Soltando seus quadris, Dwayne segurou-a pela mão e levou-a para os fundos do estacionamento.

Só quando ele a arrastou para trás das enormes lixeiras a um canto, Lissiana percebeu-lhe as intenções. Contendo um comentário sarcástico sobre o romantismo dele, decidiu agradecer o fato de estarem no início do inverno. Embora ainda não tivesse nevado, fazia frio o bastante para o odor da comida que apodrecia dentro das lixeiras não se espalhar.

— Aqui está bom. — Dwayne a encostou contra o metal de uma das latas e apertou-se contra ela.

Lissiana suspirou, desejando não ter esquecido o casaco. Era mais imune ao frio do que as pessoas comuns, mas não completamente. O metal às suas costas estava sugando o calor de seu corpo, forçando-o a trabalhar mais para mantê-la aquecida. Faminta e desidratada como estava, isso era a última coisa de que precisava.

O súbito ataque da boca do rapaz à sua a convenceu de que estava na hora de tomar as rédeas da situação. Ignorando a língua que tentava enfiar-se em sua boca fechada, ela o pegou pela jaqueta e o girou, batendo as costas dele contra a lixeira com um pouco mais de força do que pretendia quando inverteu as posições.

— Uau! — Ele riu. — Uma mulher selvagem.

— Você gosta, não é? Então vai adorar isso. — Deslizou os dedos até a nuca de Dwayne e segurou-o pelos cabelos. Inclinando-lhe a cabeça, levou a boca até o pescoço dele.

O rapaz murmurou de prazer ao sentir seus lábios percorrerem a jugular.

Encontrando o melhor lugar para o que pretendia, Lissiana abriu a boca e respirou fundo pelo nariz enquanto seus caninos afiados se estendiam. Em seguida, enterrou-os no pescoço de Dwayne. Ele se enrijeceu, apertando-a por um breve instante. Porém, logo começou a relaxar contra a lixeira, enquanto Lissiana lhe transmitia as sensações que estava experimentando: a satisfação quando o sangue passava por seus dentes, entrando em sua circulação, a agitação atordoante enquanto o corpo absorvia a nutrição de que precisava. Aquilo provocava também uma leve tontura, que não era desagradável. Ela imaginava que fosse parecido ao que as pessoas sentiam ao ingerir drogas. Entretanto, não se tratava de droga para ela, e sim de vida.

Ouviu Dwayne gemer de prazer. Ela mesma quase gemeu ao sentir as câimbras em seu corpo começarem a sumir. Contudo, percebeu que isso estava acontecendo de forma lenta demais. Havia algo errado.

Ainda com os dentes no pescoço dele, começou a vasculhar-lhe a mente. Não demorou para descobrir o problema. Dwayne não era tão saudável quanto parecia. Na verdade, nada nele era o que parecia. Por meios dos pensamentos dele, soube que a rigidez pressionando seu ventre era um pepino que ele colocara sob a calça; os ombros largos, resultado de ombreiras; o atrativo bronzado havia sido conseguido por cosméticos, para esconder a palidez causada por... *anemia*.

Praguejando, ela o soltou. Seus dentes se retraíram, enquanto o encarava. Foi apenas o instinto que a levou a inserir-se na mente dele para rearranjar-lhe as lembranças. Estava tão brava com o sujeito...

E com Mirabeau também. Afinal, fora por insistência da amiga que tinha levado o rapaz até ali para um lanchinho. Sabendo que sua mãe devia ter preparado algo, Lissiana queria esperar até chegar à sua festa de aniversário para se alimentar. Porém, Mirabeau e a prima Jeanne Louise haviam dito que sua palidez excessiva levaria Marguerite Argeneau a alimentá-la por via intravenosa assim que chegasse em casa.

Quando Dwayne começara a paquerá-la, Lissiana deixara-se persuadir a fazer um lanche. E agora talvez tivesse um problema. Levara algum tempo para detectar que havia algo errado, e outros tantos minutos até definir o que era. Só esperava não ter tomado muito sangue dele nesse período.

Finalizando a organização das memórias de Dwayne, encarou-o entre irritada e preocupada. Ele parecia pálido, apesar do bronzado artificial, mas ainda estava de pé. Tomando-lhe o pulso, relaxou um pouco. Embora um pouco acelerado, estava forte. Pela manhã, ele estaria bem. Mas não se sentiria bem por algum tempo, o que ele merecia, por querer enganar as garotas com aqueles artifícios.

As pessoas podiam ser muito tolas, pensou, aborrecida. Como as crianças, que brincavam de se arrumar para fingirem ser mais velhas, os adultos usavam enchimentos, cintas ou silicone para ser algo que não eram de verdade e que acreditavam ser atraente. Por que não entendiam que, mantendo-se autênticos, seriam bons o bastante para as pessoas certas?

Lissiana colocou na cabeça de Dwayne a ideia de que ele saía em busca de ar fresco por ter se sentido mal. Certificou-se de instruí-lo a ficar ali até melhorar, e depois tomar um táxi para casa. Fez com que fechasse os olhos enquanto apagava sua imagem da memória dele. Quando concluiu a tarefa, deixou-o de pé, oscilante, e contornou as lixeiras.

— Lissi? — Um vulto cruzou o estacionamento em sua direção.

— Padre Joseph. — Erguendo as sobrancelhas, ela foi ao encontro do idoso. O padre era seu chefe no abrigo onde ela trabalhava no turno da noite. Bares não eram o ambiente dele. — O que está fazendo aqui?

— Bill disse que havia um garoto novo nas ruas. Ele acha que o menino tem doze ou treze anos, e que está comendo restos nas lixeiras daqui. Pensei em procurá-lo e convencê-lo a ir para o abrigo.

— Ah... — Lissiana olhou ao redor. Bill era um dos frequentadores do abrigo e costumava indicar quem precisava de ajuda.

Se ele dissera que havia um garoto novo nas ruas, era verdade. Ele era confiável. E padre Joseph também era, ao sair em busca daquelas pessoas desorientadas na esperança de chegar até elas antes que se envolvessem com drogas ou prostituição.

— Eu ajudo. Ele deve estar por aqui. Vou...

— Não, não! Essa é sua noite de folga. Além disso, nem está agasalhada. O que está fazendo aqui fora sem um casaco?

Ela olhou para trás, ao ouvir uma pancada soar nas latas. Um rápido acesso aos pensamentos de Dwayne lhe disse que ele batera a cabeça na lixeira ao se apoiar nela. Idiota... Voltou-se e, ao ver o padre espiando as lixeiras, falou depressa para distraí-lo:

— Esqueci uma coisinha no carro do meu primo. — Era uma mentira deslavada. Torceu para que ele não tivesse reparado de onde exatamente ela saía e que pensasse que estivera no carro preto estacionado ao lado das lixeiras. Sem querer mentir ainda mais, esfregou os braços. — Minha nossa, o senhor tem razão. Está mesmo frio.

— Sim. É melhor que volte para dentro.

Assentindo, ela lhe desejou boa-noite e se afastou. Apressou-se pelo estacionamento, contornou o bar e só parou quando chegou ao interior barulhento e cheio.

Thomas não estava à vista, mas, graças às pontas fúcsia nos cabelos negros, foi fácil localizar Mirabeau, sentada ao balcão do bar com Jeanne Louise.

— Bem, você está... — Mirabeau hesitou enquanto Lissiana se aproximava, mas por fim concluiu: — ... igual. O que houve?

— Anêmico — ela informou, aborrecida.

— Mas ele parecia tão saudável! — Jeanne Louise contestou.

— Ombreiras, e um falso bronzado. E isso não é tudo.

— O que mais podia haver? — indagou Mirabeau.

— Ele tinha um pepino na calça — Lissiana retrucou. Jeanne Louise riu, mas Mirabeau resmungou:

— Devia ser um pepino holandês. Aquilo parecia enorme.

— Você *olhou*? — indagou Lissiana, boquiaberta.

— Você não?

Lissiana apenas meneou a cabeça e olhou ao redor.

— Onde está Thomas?

— Aqui.

Ela virou ao sentir a mão do primo em seu ombro.

— Eu ouvi direito? Seu Romeu estava com um pepino escondido na calça? — ele perguntou, divertido, afagando-lhe o ombro.

— Você pode imaginar? — ela indagou, desgostosa. Thomas riu.

— O pior é que sim. Primeiro, as mulheres usaram enchimento no sutiã, agora os homens usam nas cuecas. Mas que mundo...

Lissiana se viu sorrindo e acabou deixando a irritação para trás. Não estava chateada por causa do pepino; nem sequer se interessara por Dwayne. Diabos, na verdade, nem mesmo quisera levá-lo para fora. Estava apenas aborrecida com a perda de tempo e com o fato de que gastara mais energia para se manter aquecida do que o sangue enfraquecido do sujeito tinha fornecido. O passeio apenas exarcebara sua fome.

— Quanto tempo até irmos para a casa da mamãe? — questionou, esperançosa. Os primos e a amiga haviam decidido levá-la para dançar antes de irem para a festa de aniversário que a mãe planejara para ela. A ideia a tinha agradado quando estava só com fome; agora estava esfomeada e ansiosa para chegar à festa e ter acesso ao que sua mãe ofereceria. Nesse momento, aceitaria até mesmo a alimentação intravenosa, algo que odiava.

— Mal passou das nove horas — anunciou Mirabeau, olhando o relógio. — Marguerite disse que só devíamos levá-la para lá após as dez.

— Hum... E alguém sabe por que a festa vai começar tão tarde? — Lissiana indagou, desgostosa.

— Tia Marguerite disse que ia buscar algo para você na cidade, e que só poderia fazer isso após as nove — explicou Thomas. — Depois ainda tinha que dirigir de volta.

— Ela deve ter ido pegar seu presente — supôs Mirabeau.

— Acho que não — opinou Thomas. — Ela falou algo sobre alimentar Lissiana. Suspeito que se trate de uma sobremesa especial, ou algo assim.

— Uma sobremesa especial? — perguntou Jeanne Louise, interessada. — Na cidade, depois das nove? Um docinho, será?

— Deve ser — concordou Lissiana, sorrindo ante a perspectiva. Ela herdara da mãe o amor aos doces, e nada era melhor do que um docinho, que era como se referiam aos diabéticos ainda não diagnosticados, com altos níveis de açúcar no sangue. Eram raros, e ficavam cada vez mais difíceis de achar, pois logo depois elas colocavam na cabeça da pessoa a ideia de procurar o médico e fazer um exame de sangue, o que excluía mais um docinho do cardápio.

— Pode ser — Thomas comentou. — Isso explicaria a disposição de tia Marguerite para dirigir em Toronto. Ela odeia dirigir na cidade, e sempre evita fazer isso.

— Se é que dirigiu — acrescentou Mirabeau. — Ela pode ter pedido que Bastien enviasse um dos carros da empresa com um motorista para levá-la.

Thomas balançou a cabeça ao ouvir o nome do irmão de Lissiana, o líder das empresas Argeneau.

— Não, ela mesma dirigia, e não estava nem um pouco satisfeita.

— E então, em quanto tempo podemos ir? — Lissiana insistiu, impaciente.

— Hoje é sexta-feira, e o tráfego pode estar ruim, com todos saindo da cidade para o fim de semana — ele refletiu. — Acho que dentro de uns quinze minutos já poderemos ir, sem chegar muito cedo.

— E que tal se sairmos agora, e você dirigir devagar?

— Somos assim tão entediados? — ele perguntou, divertido.

— Não são vocês, mas este lugar. É como um açougue — Lissiana observou, com uma careta.

— Tudo bem, menina. — Thomas desarrumou-lhe o cabelo com afeição. Era quatro anos mais velho que ela, e muito mais parecido com um irmão do que os seus irmãos de fato. — Vamos embora. Vou tentar dirigir devagar.

— Claro. — Jeanne Louise bufou. — Como se isso fosse acontecer.

Lissiana sorria enquanto pegavam os casacos e se dirigiam à saída. Thomas gostava de correr, e ela sabia que Jeanne Louise estava certa. Não tinha dúvida de que chegariam cedo e aborreceriam sua mãe, mas estava disposta a se arriscar.

Já tinha se esquecido de padre Joseph ao sugerir que saíssem, mas não viu sinal dele no caminho até o jipe de Thomas. Ou ele desistira ou estava procurando em outro lugar. Voltou a pensar em Dwayne e olhou para as lixeiras quando Thomas passou por

elas, vasculhando as sombras em busca do sujeito. Ele também não estava ali. Ficou um pouco surpresa pela rápida recuperação, mas logo deixou o assunto de lado. Como ele não estava inconsciente no meio do estacionamento, era óbvio que arrumara um táxi para casa.

O tráfego não estava ruim, afinal. O horário já era avançado o bastante para que o pior tivesse passado. Portanto, chegaram à casa da mãe dela, nos subúrbios de Toronto, bem rápido. Até demais.

— Estamos meia hora adiantados — Jeanne Louise avisou, quando Thomas estacionou atrás do pequeno esportivo vermelho de Marguerite.

— Sim. — Ele deu de ombros. — Mas ela não vai se importar.

— Quer dizer, ela não vai se importar depois que você a encantar com todo o seu charme. Você sempre consegue conquistar tia Marguerite — comentou Jeanne Louise.

— E por que você acha que eu gostava tanto de sair com Thomas quando éramos mais jovens? — indagou Lissiana, divertida.

— Ah, entendi! — Thomas riu, enquanto saíam do carro. — Então, essa é a verdade. Você só gosta de mim porque lido bem com a sua mãe.

— Bem, você não acreditou que fosse por eu gostar de estar com *você*, não é? — provocou, ao vê-lo dar a volta no veículo e aproximar-se dela.

— Aquele não é o carro de Bastien? — Mirabeau perguntou. Lissiana olhou ao redor, divisou a Mercedes escura do irmão e assentiu.

— Parece que sim.

— Imagino se mais alguém está aqui — disse Jeanne Louise.

— Não vejo nenhum outro carro. Mas creio que Bastien pode ter arranjado veículos da empresa para deixar os convidados — supôs Lissiana.

— Se ele fez isso, duvido de que as pessoas tenham chegado — Mirabeau falou ao alcançarem a porta da frente. — Não é elegante chegar na hora marcada. Só gente deselegante é pontual.

— Acho que somos deselegantes — Lissiana comentou.

— Não, estamos apenas lançando tendências — anunciou Thomas, e todos riram.

Bastien abriu a porta ao ouvi-los aproximando-se.

— Pensei ter ouvido um carro.

— Bastien, rapaz! — Thomas saudou-o, ruidosamente, e deu-lhe um abraço que o fez enrijecer-se com a surpresa. — Como é que está, hein?

Lissiana teve que morder o lábio para conter o riso, e olhou para Jeanne Louise e Mirabeau, que também estavam tendo dificuldades para se manter sérias ante a súbita mudança de Thomas. Em um instante, ele tinha passado de adulto a adolescente.

— Sim... Bem... Olá, Thomas. — Bastien conseguiu se soltar do exuberante primo mais jovem. Como sempre, parecia desconfortável, sem saber como lidar com o rapaz. E era por isso que Thomas agia daquele jeito. Ele sabia que os dois irmãos mais velhos de Lissiana, um com quatrocentos anos, e o outro com seiscentos, tendiam a vê-lo como um moleque, o que o incomodava. Ser considerado pouco mais que uma criança, tendo mais de duzentos anos, podia ser bastante aborrecido. Portanto, agia como um garoto perto deles, o que os deixava constrangidos e lhe dava uma vantagem. Os irmãos dela sempre o subestimavam por causa dos próprios preconceitos.

Sendo vítima do mesmo preconceito, Lissiana compreendia Thomas. Também gostava de ver seus irmãos desconcertados.

— Então, cadê a festa? — Thomas indagou, alegremente.

— Ainda não começou. Vocês são os primeiros a chegar.

— Não! *Você* foi o primeiro a chegar — Thomas o corrigiu. — E não sabe como isso me deixa aliviado. Porque, se tivéssemos sido os primeiros, seríamos deselegantes, de acordo com Mirabeau. Mas não fomos, você é quem foi.

Lissiana tossiu para encobrir a risada que lhe escapou quando seu irmão percebeu que tinha acabado de ser chamado de deselegante. Ao se controlar, viu que Bastien estava tenso e aborrecido. Ficou com pena e indagou:

— Onde está a mamãe? Podemos entrar, ou devemos esperar aqui fora por mais quinze minutos?

— Não, não... Podem entrar. — Bastien afastou-se para dar-lhes passagem. — Eu acabei de chegar, e mamãe subiu para se trocar depois de me deixar entrar. Ela deve estar de volta em poucos minutos. Talvez vocês devam esperar na sala de jogos. Ela pode não querer que vejam a decoração até que todos estejam aqui.

— Tudo bem — concordou Lissiana, passando por ele.

— E aí, quer jogar uma sinuca? — Thomas convidou, acompanhando a prima.

— Não. Obrigado, Thomas, mas tenho que cuidar dos convidados que chegarem cedo até que mamãe esteja pronta. — Bastien se afastou enquanto falava. — Vou dizer a ela que vocês estão aqui.

— Ele me adora — concluiu Thomas, rindo, quando Bastien saiu. Conduziu-as até a sala de jogos à direita. — Venham, vamos jogar. Alguma de vocês está disposta para uma partida de sinuca?

— Eu estou — Mirabeau se ofereceu, acrescentando: — Lissi, sua meia está com um fio puxado.

— Hein? — Lissiana parou, olhando para suas pernas.

— Atrás, à direita — informou Mirabeau.

— Eu devo ter prendido na lixeira — ela resmungou, vendo o longo rasgo atrás do joelho.

— Na lixeira? — Thomas demonstrou interesse.

— Não pergunte — ela disse com irritação. — Vou ter que trocar antes do começo da festa. Por sorte, mamãe insistiu que eu deixasse algumas roupas no meu antigo quarto quando me mudei. Devo ter um par de meias. Vão jogando que eu já venho.

— Volte logo — Thomas falou, enquanto ela subia correndo as escadas.

Lissiana apenas acenou por sobre o ombro antes de chegar ao andar de cima, mas, enquanto se dirigia ao seu antigo quarto, pensou que aquele era um bom conselho. Marguerite não ficaria contente por terem chegado cedo, porém Thomas logo afastaria a irritação que ela poderia sentir. Por isso, seria melhor estar junto com ele e os demais quando a encontrasse.

— Covarde — censurou-se. Tinha mais de duzentos anos, idade suficiente para deixar de se preocupar em aborrecer a mãe. — É claro. — Sabia que ainda se preocuparia com isso quando tivesse seiscentos. Precisava apenas olhar para os irmãos para saber. Eles eram independentes e ainda se preocupavam em não aborrecer Marguerite Argeneau. — Deve ser de família — concluiu, abrindo a porta do quarto. Começou a entrar, mas parou com os olhos arregalados ao ver o homem na cama. — Desculpe, quarto errado — murmurou, e tornou a fechar a porta.

Ficou parada no corredor, até perceber que não tinha se enganado. *Aquele era o seu quarto.* Passara várias décadas dormindo ali. Só não sabia por que havia um homem lá dentro. Ou, mais importante, por que ele estava amarrado à cama.

Refletiu sobre o assunto por um momento. Sua mãe não aceitaria um pensionista e, se aceitasse, não deixaria de avisar os filhos. Nem o colocaria em seu antigo quarto, que ela ainda usava, embora raras vezes. Além disso, o fato de estar preso afastava a possibilidade de que fosse um hóspede voluntário. Assim como o laço no pescoço, pensou, lembrando-se do colorido que avistara sob o queixo dele quando o homem erguera a cabeça para fitá-la.

Foi esse detalhe, o laço, que a fez relaxar, percebendo que aquele devia ser o presente que a mãe fora buscar. O docinho que Jeanne Louise sugerira. Embora ele parecesse bastante saudável... Mas não havia como saber, até chegar perto o bastante para sentir o cheiro adocicado que os diabéticos não tratados exalavam.

De fato, o sujeito era um bolo de aniversário ambulante. E bastante apetitoso: moreno, com olhos penetrantes e inteligentes, o nariz reto, o queixo forte... O corpo também era muito bonito. Ele parecia alto, esbelto e musculoso, esticado na cama.

Claro que, após a experiência com Dwayne, Lissiana tinha consciência de que podia haver algum enchimento no casaco. Não procurara por pepinos, mas ele não estava bronzeado e, mesmo assim, não parecia anêmico. E era improvável que sua mãe caísse no mesmo engano que ela. Marguerite se certificaria de que ele era exatamente o que queria. Jeanne Louise devia ter razão: o homem tinha diabetes não tratada. Era a única resposta possível. Marguerite não iria dirigir até a cidade em busca de um

sujeito saudável comum, se podia pedir uma pizza e deixar o entregador para Lissiana, que era o que costumava fazer.

Portanto, ele era doce, concluiu, sentindo o estômago roncar. Bem que gostaria de dar uma mordidinha; só um pouquinho, para experimentar, antes que a mãe lhe entregasse o presente. Tentou afastar a ideia. Nem mesmo Thomas conseguiria acalmar sua mãe se ela fizesse isso. Logo, voltar e dar uma mordida estava fora de questão, mas ela ainda precisava trocar as meias.

Sabia que deveria voltar para a sala de jogos sem elas, mas pensou que, uma vez que a surpresa já fora arruinada, seria tolice ficar a noite toda com as meias desfiadas. Estava ali, e só levaria um instante para pegar um novo par.

Greg olhou para a porta fechada. Não acreditava que alguém abrisse a porta, obviamente espantando-se ao vê-lo ali, e depois, desculpando-se, tornara a fechá-la enquanto ele tinha ficado deitado como um idiota, surpreso demais para dizer algo. Não que tivesse tido muita chance de reagir, mas ainda assim...

Os músculos do pescoço começaram a doer no esforço de manter a cabeça erguida para olhar a porta. Suspirando, deitou de volta no travesseiro e começou a amaldiçoar a própria estupidez.

Percebera aquela noite que era um *completo* idiota. Nunca pensara em si mesmo nesses termos. Pelo contrário, sempre se achara um tanto inteligente. Porém, isso fora antes de entrar no porta-malas de uma estranha e se trancar lá dentro, sem nenhum motivo.

— Sem dúvida, uma atitude idiota — resmungou, mas talvez “insana” fosse uma descrição melhor. Estupidez seria ter se trancado *acidentalmente* em um porta-malas. Entrar e fechá-lo com calma combinava melhor com insanidade. Notou também que estava começando a falar sozinho. Pelo jeito, tinha perdido o contato com a realidade. Imaginou quando perdera o juízo e como isso acontecera.

Talvez insanidade fosse algo contagioso, que pudesse ter pegado de um de seus pacientes. Não que já tivesse diagnosticado alguém como insano. Lidava, em sua maioria, com fóbicos, embora também cuidasse de alguns poucos com outras dificuldades. Talvez tivesse as sementes dentro de si o tempo todo e, naquela noite, a loucura por fim havia florescido. Ou, quem sabe, fosse de família. Falaria com a mãe a respeito, para descobrir se tinha algum maluco na árvore genealógica.

Não era apenas o fato de ter entrado no porta-malas que o incomodava. Aquela havia sido a primeira ação insensata da noite, e ele tinha se arrependido assim que fechara a porta. Ficara ali, deitado no espaço escuro e apertado, xingando-se por pelo menos meia hora, até chegarem àquela casa. Então o carro parara, a porta se abriu, e o que ele tinha feito? Saíra, desculpando-se por seu comportamento estranho, e fora para casa? Não. Havia ficado de pé, esperando que a morena do elevador saísse do veículo e se unisse a ele, e a seguira com docilidade para dentro da casa enorme e até aquele quarto.

Greg havia sido confiante como uma criança ao subir na cama e, sem que ela pedisse, abrir as pernas e os braços para que ela o amarrasse. Tinha até sorrido ao ouvi-la anunciar:

— Minha filha vai adorar você. É o meu melhor presente de aniversário de todos os tempos.

Depois que a mulher havia saído do quarto, ele ficara ali, com a mente vazia por alguns momentos antes de começar a perceber a situação na qual se envolvera. Desde então, contemplava, chocado, o que tinha acontecido. Seu comportamento não fazia sentido. Era como se tivesse ficado temporariamente louco, ou perdido o controle de sua mente. Incapaz de resolver a charada, passara a se preocupar com questões mais imediatas, como, por exemplo, o que aconteceria com ele, uma vez que já estava ali.

Minha filha vai adorar você. É o meu melhor presente de aniversário de todos os tempos.

As palavras, e o fato de encontrar-se amarrado à cama, o tinham deixado com medo de que fosse algum tipo de presente sexual. Um escravo, talvez. Aquela possibilidade o fizera imaginar ser violentado por uma mulher enorme, feia e com bigodes, pois só alguém terrivelmente sem atrativos precisaria sequestrar e amarrar um homem para conseguir sexo nos dias atuais.

Quando já estava se apavorando com os horrores imaginados, tentara voltar à realidade. A mulher, a mãe, não podia ter mais que vinte e cinco ou trinta anos. Com certeza, não teria uma filha com idade suficiente para querer um escravo sexual. Nem mesmo para saber o que fazer com um. Além do mais, por que alguém iria desejá-lo como escravo sexual?

Greg tinha uma autoestima saudável, e sabia que era atraente, mas não era nenhum astro do rock ou modelo. Era um psicólogo que usava ternos conservadores, tinha um corte de cabelo conservador, e levava uma vida conservadora, baseada em trabalho, família e pouco mais.

Seus pensamentos foram interrompidos quando a porta do quarto se abriu outra vez. Retesando-se, ele ergueu a cabeça para espiar naquela direção, e viu que era a mesma mulher de instantes atrás. Observou-a com interesse. Exceto pelo cabelo loiro e longo, era muito parecida com a morena que o levara até ali. Era linda, com lábios carnudos, rosto oval, nariz reto e os mesmo olhos azuis da outra. Deviam comprar as lentes no mesmo lugar.

Não, os olhos não eram iguais. Tinham o mesmo formato e cor, mas os da morena refletiam uma tristeza e uma sabedoria que contrastavam com a juventude da aparência. Nessa mulher, tais características estavam ausentes: os olhos eram francos, intocados pelo remorso ou pelo sofrimento. Parecia mais jovem.

No entanto, ela era parente da morena, pensou, enquanto a via ir até a cômoda próxima à cama e abrir uma gaveta. Irmã, provavelmente. Deixou os olhos vagarem pelo vestido preto, curto e justo que ela usava, seguindo para as pernas bem

torneadas, e pensou que era uma pena ela ser velha demais para ser a filha da morena. Não se incomodaria em ser o presente *dela*.

Revirando os olhos ante a ideia, observou-a fechar a gaveta e esperou que ela prestasse atenção nele, o que não aconteceu. Para seu espanto, ela se dirigiu à porta, pretendendo sair sem nem se despedir. Ele ficou tão chocado que sua boca se abriu duas vezes antes que conseguisse dizer:

— Com licença.

A loira parou na porta e voltou-se para olhá-lo com curiosidade.

— Acha que pode me desamarrar? — ele pediu.

— Desamarrar você? — Demonstrando surpresa com o pedido, ela se aproximou da cama.

— Sim, por favor. — Greg notou o jeito como ela olhava para suas mãos. Sabia que os pulsos estavam vermelhos e esfolados de tanto puxar as amarras.

— Por que mamãe não acalmou você? Ela não devia tê-lo deixado assim. Por que...

— Ela parou e piscou, revelando compreensão. — Ah, claro. Ao chegar mais cedo, Bastien deve tê-la interrompido antes que ela pudesse arranjar tudo. Acho que ela iria voltar e terminar com você depois, mas se esqueceu.

Greg não tinha a mínima ideia do que ela estava falando, exceto pelo fato de ela acreditar que a mãe o levara até lá, o que, definitivamente, não era o caso.

— A mulher que me trouxe até aqui era jovem demais para ser sua mãe. Ela se parecia com você, mas tinha cabelo escuro. Sua irmã, talvez?

Por algum motivo, isso a fez sorrir.

— Não tenho irmã. A mulher que você descreveu é minha mãe. Ela é mais velha do que aparenta.

Incrédulo, ele arregalou os olhos ante as implicações da afirmação.

— Então, eu sou o *seu* presente de aniversário?

Ela assentiu, devagar. Depois inclinou a cabeça, intrigada.

— Esse é um sorriso estranho. No que você está pensando?

Greg estava pensando que era o miserável mais sortudo do mundo, enquanto sua mente reajustava as cenas que tinha imaginado com uma mulher enorme e feia tirando a roupa e ajeitando-se sobre seu corpo amarrado, para as mesmas visões, mas com aquela mulher no lugar. Permitiu-se aproveitar a fantasia por um instante, mas notou que seu corpo estava gostando até demais quando uma saliência começou a destacar-se em sua calça. Tentou recuperar a razão. Embora pudesse ser delicioso servir de escravo sexual para ela, tinha planos: uma viagem repleta de praias e dançarinas seminuas. E já estava tudo pago.

No entanto, se após a viagem ela quisesse sair com ele e depois amarrá-lo a uma

cama e tirar vantagem de seu corpo... Bem, ele gostava de pensar em si mesmo como uma pessoa prestativa. Além do mais, nesse caso, ser um escravo sexual poderia não ser tão ruim. Notando que seus pensamentos retomavam o caminho anterior, forçou-se a colocar no rosto uma expressão séria e voltar à realidade.

— Sequestro é ilegal.

— Mamãe sequestrou você?

— Não exatamente — ele admitiu, lembrando-se de como entrara no porta-malas por vontade própria. Pensou em mentir, mas logo desistiu, pois mentia muito mal. — Mas eu não quero ficar aqui, e não sei por que entrei no porta-malas do carro da sua mãe. Pareceu natural naquele momento, mas eu jamais...

Sua voz sumiu ao perceber que a loira não estava prestando atenção. Ao menos, não parecia estar. Estava olhando para sua cabeça, concentrada, com a testa franzida. Também tinha se aproximado ainda mais da cama, embora ele acreditasse tratar-se de uma ação subconsciente. Então ela balançou a cabeça, frustrada.

— Não consigo ler sua mente — murmurou.

— Não consegue ler minha mente? — ele repetiu, devagar. Ela anuiu.

— Entendo... e... isso é um problema? — ele questionou. — Quero dizer, você sempre lê os pensamentos dos outros?

A mulher assentiu de novo, distraída.

Greg tentou ignorar o desapontamento que o invadiu ao reconhecer que a moça era louca ou que, pelo menos, tinha alucinações, se pensava que podia ler mentes. Não devia se surpreender. A mãe não era exatamente normal, ou não permitiria que estranhos entrassem no porta-malas do carro. Estivera atrás dele e, com certeza, o vira entrar. Qualquer pessoa teria saído correndo, chamando os seguranças, em vez de levá-lo para casa.

Pelo visto, a loucura estava à solta aquela noite. Primeiro havia sido o seu próprio comportamento; depois, o da morena; e agora a loira achava que podia ler mentes. Pensou se não haveria alguma loucura coletiva acometendo a cidade. Talvez homens em toda Toronto estivessem embarcando em porta-malas e deixando-se amarrar a camas. Talvez fosse alguma droga, jogada no reservatório municipal de água; um complô terrorista para incapacitar todos os homens no Canadá.

Por outro lado, talvez tudo fosse apenas um sonho esquisito, e ele ainda estivesse em seu consultório, adormecido, com a cabeça sobre a mesa. Greg decidiu que era o cenário mais provável. Seria a explicação mais satisfatória para seu comportamento inexplicável. Claro, isso não fazia diferença nenhuma. Dormindo ou acordado, louco ou não, estava ali e, mesmo que fosse um sonho, queria chegar em casa. Tinha um voo para pegar.

— Ouça, se puder me desamarrar, prometo que vou esquecer tudo isso. Não vou procurar as autoridades, nem nada.

— Autoridades? — ecoou a loira. — Quer dizer, a polícia? Ela parecia espantada, como se a possibilidade não tivesse lhe ocorrido.

— Bem, sim. Certo, talvez eu tenha vindo até aqui por vontade própria — ele admitiu, com relutância. — Mas agora quero ir para casa e, se você não me soltar, trata-se de cárcere privado, e isso é crime.

Lissiana mordeu o lábio. Tinha tentado entrar na mente do homem para acalmá-lo e controlá-lo, como fizera com Dwayne, mas não conseguira. Era como se houvesse uma muralha impenetrável ao redor dos pensamentos dele e, embora já tivesse ouvido falar de casos assim, nunca encontrara nenhum. Nunca havia conhecido um mortal que não pudesse decifrar e controlar. Alguns eram mais difíceis que outros, mas essa dificuldade costumava diminuir ou desaparecer quando se alimentava deles.

Inclinou a cabeça e olhou para seu presente, imaginando se devia alimentar-se dele para penetrar-lhe a mente e acalmá-lo. O único problema era que, se não conseguisse fazer isso, não poderia impedi-lo de sentir dor quando o mordesse. A menos que...

Mirabeau lhe contara a respeito de uma situação similar que havia enfrentado. Dissera que tinha beijado e acariciado o homem, relaxando-o, e conseguira deslizar para dentro da mente dele assim que o mordera.

Considerou a questão. Nunca seduzira ninguém. Nascida e criada na Inglaterra georgiana, sua vida fora muito protegida e, embora a sociedade tivesse ficado mais promíscua nos últimos cinquenta anos, isso não acontecera com a sua vida. Seus pais eram idosos, com valores antigos e crenças difíceis de serem transformadas e modernizadas.

Ainda assim, não podia deixá-lo ali, angustiado. E não se importaria em experimentar seu jantar de aniversário. Seria como lamber a cobertura de um bolo antes de ser servido. Certo, gostaria de algo mais que o equivalente a uma lambida, mas seria uma mordidinha rápida, apenas o bastante para aliviar sua fome.

Claro, ela pensou com sarcasmo. O sujeito parecia apetitoso o bastante para que ficasse tentada a deixá-lo exangue, algo que não sentia havia décadas.

— A corda está mesmo apertada.

Arrancada de seus pensamentos pela queixa dele, Lissiana olhou de novo para os pulsos esfolados e sentiu sua indecisão se esvair. Havia aprendido que era feio brincar com a comida, ou permitir que sofresse sem necessidade. E aquele homem estava sofrendo. Era sua obrigação moral acalmá-lo. Não tinha culpa se não conseguia fazer isso pelas vias normais e tivesse que tentar medidas extremas. Decidida, com a consciência aplacada, sentou-se na lateral da cama.

— Você não deveria lutar, nem se preocupar. Odeio vê-lo aflito desse jeito.

Ele a encarou, como se aborrecido por ela ter percebido sua aflição. Ou talvez estivesse bravo por não estar sendo desamarrado, como pedira..

— Vamos tirar isso — ela sugeriu, colocando no colo a meia que apanhara e debruçando-se para soltar o laço no pescoço dele. Quando o removeu, o homem suspirou, relaxando um pouco. Então ela resolveu tirar também a gravata. — Pronto, está melhor?

Ele começou a mover a cabeça em concordância, mas parou e olhou-a com cara feia quando a viu abrir os três primeiros botões de sua camisa.

— Seria ainda melhor se você me desamarrasse.

Ela sorriu, divertida, ao ver a forma como ele lutava consigo mesmo, e tentou distraí-lo, deslizando os dedos no pedaço de pele revelado pela camisa aberta. Para sua satisfação, sentiu-o estremecer quando o arranhou de leve. Aquele negócio de sedução estava sendo bem mais fácil do que ela havia imaginado.

— Solte-me. — Ele tentou ser firme, mas era óbvio que já não estava tão concentrado apenas em ser desamarrado.

Sorrindo, Lissiana roçou os dedos ao longo do tecido da camisa, parando antes do cinto. A provocação o fez ofegar.

— Mas que diabos! Há coisas piores do que ser um escravo sexual.

Ela piscou, surpresa com o comentário, e decidiu que já o relaxara o suficiente.

— Como se chama?

— Greg. — Ele pigarreou, e depois prosseguiu, com a voz um pouco mais firme: — Dr. Gregory Hewitt.

— Doutor, hein? — Deslizou uma das mãos sobre o peito definido mais uma vez, notando como os olhos dele se desviaram de seu rosto para acompanhar o gesto. — Bem, *doutor...* Você é um homem muito bonito.

Afagou-lhe o cabelo, maravilhando-se com a maciez das mechas escuras. Fitou os olhos castanhos e os contornos dos lábios firmes, enquanto cogitava o que fazer em seguida.

— Você se incomodaria muito se eu o beijasse? — perguntou suavemente.

O dr. Gregory Hewitt não respondeu; apenas a observou com um olhar escurecido enquanto ela lhe traçava os contornos dos lábios com a ponta do dedo. Quando ele abriu a boca, sugando seu dedo para o interior quente e úmido, Lissiana entendeu o gesto como uma permissão. Porém, continuou imóvel, com os olhos presos aos dele, fascinada, notando as chamas que se acendiam ali. Então ele deslizou a língua pela lateral de seu dedo enquanto o sugava, fazendo-a ofegar, surpresa.

Mais de duzentos anos de idade, e eu nunca percebi que o dedo podia ser uma zona erógena, pensou, ao perceber que o fogo que ardia nos olhos dele começava a incendiá-la também.

Gregory Hewitt era um homem capaz de distraí-la, e ela decidiu que era melhor recobrar o controle da situação. Com essa intenção, lentamente retirou o dedo

daquele calor e inclinou-se, roçando o rosto no dele para poder sentir-lhe o cheiro. Era um ato instintivo, de um predador farejando a presa. O aroma picante e almiscarado agradou-a bastante. Sorriu, beijando-o no rosto antes de seguir até os lábios. Pressionou sua boca à dele com suavidade.

Os lábios de Gregory pareciam firmes e rijos, mas eram muito macios. Continuou beijando-o com gentileza, apreciando a carícia erótica, até ele erguer a cabeça, tentando aprofundar o contato. Quando ele deslizou a língua por seus lábios, ela os entreabriu. E arregalou os olhos, surpresa com as sensações que a invadiram.

Lissiana já fora beijada incontáveis vezes naqueles dois séculos. Alguns beijos tinham sido bem-vindos, outros roubados; alguns ela apreciara, outros nem tanto. Mas aquele...

A língua dele era quente, úmida e firme contra a sua. Ele tinha sabor de menta, café e algo mais que ela não pôde identificar. Fechando os olhos, entregou-se às sensações que a dominavam.

O que começara com um esforço para seduzi-lo invertera-se, e era ela quem estava sendo seduzida. Viu-se perdida naquele beijo enquanto a língua dele a acariciava com uma exigência que a fez estremecer. Por um momento, seu propósito foi esquecido. Mudou de posição, deitando-se de encontro a ele, enrascando as pernas nas de Greg e os dedos nos cabelos macios.

Sentiu-o puxando as cordas que o prendiam, mas não pensou muito nisso até que ele afastou a cabeça, interrompendo o beijo.

— Solte-me — murmurou. — Quero tocar você.

Lissiana ficou tentada, mas ignorou o pedido e se concentrou em deixar uma trilha de beijos no rosto dele, enquanto deslizava para baixo. Greg era mais alto que ela e, quando seus lábios alcançaram-lhe o pescoço, os quadris de ambos estavam no mesmo nível. Ele imediatamente se moveu, pressionando-se contra ela, aumentando a excitação dos dois. Greg emitia um gemido ao mesmo tempo frustrado e excitado enquanto sua boca roçava-lhe o pescoço, e mexeu-se, inquieto, sob seu corpo até ela encontrar a jugular, expor suas presas e mordê-lo.

Ele ficou rígido com o choque, mas relaxou, com um gemido longo, quando Lissiana começou a se alimentar. O prazer que explodiu em sua mente foi transmitido para ele. Era uma experiência muito diferente daquela com Dwayne. Normalmente, ela não considerava alimentar-se uma experiência erótica, nem costumava seduzir o doador. Apenas controlava a mente da pessoa e ia direto ao assunto. Dessa vez, não. Os dois estavam excitados, e o sangue que fluía para seu corpo era um elo que conectava as sensações de ambos, pulsando entre eles, amplificando tudo, enquanto a mente de Greg se abria para ela. Mas Lissiana não estava só enviando seus pensamentos; estava também recebendo os dele.

Era como um maravilhoso caleidoscópio colorido. Emoções e pensamentos encheram sua mente, onda após onda. Paixão, desejo, inteligência, bondade, honra,

coragem... Ela abriu uma janela para a alma dele, e aprendeu mais sobre Greg naqueles poucos instantes do que em mil conversas. Não havia mentiras, meias verdades, nada para tentar impressioná-la. Era apenas ele. E então tudo foi para segundo plano, varrido pelo desejo.

Ela esqueceu sua intenção de acalmá-lo. Esqueceu-se de tudo, menos da fome que devastava seu corpo. Além do antigo desejo por sangue, agora era devorada pela nova necessidade do prazer que ele oferecia. Naquele momento, com seus corpos entrelaçados, ambos gemendo e arqueando-se um na direção do outro, só ele parecia capaz de saciar sua fome, e ela poderia ter se perdido, a ponto de tirar-lhe todo o sangue, se a voz de Thomas não a tivesse distraído.

— Não sei por que você está tão chateada. Ela só subiu para pegar meias novas. Logo... — A voz dele, que aumentara de volume quando a porta começara a ser aberta, sumiu.

— Lissiana Argeneau!

Lissiana gelou, abrindo os olhos ao reconhecer a voz da mãe. Retraindo as presas, largou o pescoço de Greg e olhou para trás, culpada. A imagem de Thomas e de sua mãe encarando-a, chocados, da porta, foi o bastante para que se levantasse rapidamente, já arrumando as roupas e o cabelo.

— Eu não acredito! — Marguerite entrou, pisando duro. — Esgueirando-se por aí e abrindo seus presentes antes do aniversário, como se tivesse doze anos! No que estava pensando?

— Bem, tecnicamente, é o aniversário dela, tia Marguerite — Thomas destacou, fechando a porta.

Lissiana sorriu para o primo com gratidão, mas respondeu:

— Eu não estava me esgueirando. Vim só buscar meias novas. E eu não o desembulhei.

Marguerite olhou para o chão. Após acompanhar o olhar da mãe e ver o laço que estivera ao redor do pescoço dele esquecido no chão, Lissiana fez uma careta, admitindo:

— Certo, eu o desembulhei, mas só porque ele estava angustiado, e eu não quis deixá-lo aqui daquele jeito. Presumo que a chegada de Bastien a tenha interrompido antes que pudesse terminar os procedimentos. Ele estava chateado por ter sido seqüestrado, e queria que eu o desamarrasse.

— Eu não o seqüestrei — Marguerite declarou, indignada. — Eu apenas o peguei emprestado. E terminei, sim, todos os procedimentos.

— É mesmo? — Lissiana questionou, surpresa, olhando da mãe para o homem preso à cama. — Parece não ter funcionado.

Marguerite suspirou, e um pouco da sua tensão se esvaiu.

— Sim, ele tem uma mente forte.

— Notei — concordou Lissiana. — Eu não consegui entrar nos pensamentos dele para acalmá-lo de jeito nenhum. Foi por isso que me alimentei dele. Pensei que talvez ajudasse a invadir sua mente e acalmá-lo.

— E isso parece ter funcionado bem — comentou Thomas, divertido. — Embora eu não possa dizer que ele esteja exatamente *calmo*.

Lissiana seguiu a direção do olhar dele, avistando a virilha de Greg e a ereção que lhe pressionava a calça. Enquanto observavam, a saliência começou a diminuir.

— Bom, não é um pepino — Thomas comentou. Lissiana mordeu o lábio para conter uma risada nervosa.

— Sinto muito, mãe — ela murmurou. — Não queria estragar o jantar que você planejou. E não fiz isso. Quero dizer, apesar de não ser mais uma surpresa, foi só uma mordidinha rápida. Eu ainda posso me alimentar muito mais. — Olhando para o homem amarrado, sentiu o corpo formigar ante a idéia.

— Ele não é seu jantar de aniversário.

Com relutância, Lissiana parou de cobiçar seu presente e voltou-se para a mãe, confusa.

— O quê?

— Ele não é seu jantar de aniversário — Marguerite repetiu. — Encomendei comida chinesa, e o entregador deve estar chegando.

— Ah... — Ela mal pôde esconder sua decepção. Comida chinesa nunca matava sua fome por muito tempo, enquanto Gregory Hewitt era forte, saboroso e muito satisfatório. Também era prazeroso de uma forma inesperada. Naquela noite, ela experimentara um pouco da excitação que seus doadores lhe transmitiam enquanto se alimentava deles. Uma excitação que nunca compreendera ou sentira, exceto de fora, como observadora. Ao ter que seduzi-lo, quem terminara sendo seduzida fora ela...

Não que isso tivesse requerido muito esforço. Ele era o homem mais atraente que já vira, o que era notável. Conhecera muitos homens em seus dois séculos de vida, e vários eram esteticamente mais bonitos que Greg, mas não a tinham afetado em nada. Havia algo nele que a encantava... Ele também cheirava bem. E aqueles momentos em que as mentes de ambos tinham se fundido...

Ela nem tentara ler ou controlar os pensamentos dele como pretendia. Tinha estado ocupada demais se deliciando com o momento. Entretanto, por meio daquela breve conexão, conseguira uma visão da mente de Greg. Havia ali uma mescla de confusão, desejo, inteligência, honestidade e caráter que a atraía.

Ciente do silêncio no quarto, Lissiana olhou ao redor. O homem que preenchia seus pensamentos estava deitado na cama, encarando-a, fascinado, o que ela achou muito interessante. Por outro lado, sua mãe e o primo também a olhavam com atenção,

e ela percebeu que aquilo não era bom. Inquieta, lembrou-se de que não bloqueara seus pensamentos, e sem dúvida os dois haviam se intrometido em suas reflexões a respeito do prazer que desfrutara com Greg.

— Então... — disse, abruptamente, ansiosa para desviar a mãe de seus pensamentos.

Thomas ajudou-a, ao perguntar:

— Se ele não é o jantar de aniversário dela, o que ele é?

— Como é?! Jantar de aniversário? — Greg indagou, estupefato.

Ele os fitava, horrorizado. Aparentemente, não prestara atenção ao início da conversa. Agora que se atentara ao que estava acontecendo, encontrava-se angustiado outra vez. Lissiana gostaria de confortá-lo de novo, mas sua mãe a distraiu.

— Ele é seu presente de aniversário, mas não é o jantar. — Quando Lissiana a encarou, sem entender, Marguerite aproximou-se e pegou sua mão. — Era para ser uma surpresa apresentada na festa, mas como já abriu seu presente, eu vou explicar. Querida, este é o dr. Gregory Hewitt. Ele é um psicólogo especializado em fobias, e eu o trouxe até aqui para curar você. Feliz aniversário!

Então ele era um psicólogo, pensou Lissiana. Não tinha lhe ocorrido perguntar qual era o campo de atuação dele quando se apresentara como dr. Gregory Hewitt.

— Ah... — murmurou e fitou-o, surpresa, ao ouvir Greg ecoar seu resmungo, como mesmo tom de decepção na voz. Isso a deixou curiosa. Seu desapontamento estava baseado no fato de que preferia mordê-lo a ter que lidar com algo desagradável como sua fobia. Entretanto, ele parecia tão desgostoso com a idéia quanto ela.

Greg suspirou. Não devia ter se decepcionado com a declaração da morena. Devia estar contente por não ser um escravo sexual ou... o jantar. Ainda tentava entender isso. Lissiana, o nome pelo qual a morena a chamara, tinha imaginado que ele era seu jantar de aniversário. *Como assim?* Aquilo afastou qualquer pensamento luxurioso que ainda restava em sua cabeça. Jantar de aniversário? Seriam canibais?

Deus do céu, ela mordera seu pescoço depois de beijá-lo, mas havia sido só uma mordidinha. Depois começara a sugar, e devia ter lhe deixado uma marca enorme, que ele levaria uma semana tentando esconder, talvez mais. Já não lembrava quanto tempo durava algo do tipo. Só ficara com uma marca parecida na adolescência, mas não recordava de a experiência ter sido tão agradável. Deixaria a loira sugar seu pescoço o quanto quisesse, ou qualquer outra parte de seu corpo pela qual ela se interessasse. Contudo, ser o jantar de aniversário não parecia tão divertido. Deus! Só ele mesmo para entrar no porta-malas de uma canibal... Preferia continuar com o panorama de escravo sexual. Isso definitivamente soava muito melhor.

Tentou se desvencilhar daqueles pensamentos. Estava parecendo alguém desesperado por sexo. O que não estava muito longe da verdade, pois, a despeito dos

esforços da família para arrumar uma namorada para ele, não fazia sexo havia quase um ano. Embora as candidatas que os familiares costumavam apresentar-lhe fossem adoráveis, nenhuma despertara seu interesse, ao menos não o bastante para distraí-lo do trabalho.

Aquilo não o preocupava. Sua vida era plena e ocupada. Sempre dizia a si mesmo que saberia ter conhecido a mulher perfeita quando encontrasse alguém que achasse mais interessante que sua carreira. Enquanto isso, seus familiares continuavam promovendo encontros com todas as solteiras que conheciam, e Greg insistia em não levá-las para a cama, a fim de evitar complicações com as amigas da família. Portanto, restava-lhe envolver-se sexualmente com as mulheres que encontrava por conta própria, quando não estava acompanhando as solteiras conhecidas a jantares ou apresentações.

A última vez que saíra com alguém fora com uma psiquiatra loira da Colúmbia Britânica, que conhecera na conferência sobre saúde mental no inverno anterior. Tinham saído para beber depois de uma das palestras, ele a levava até a porta do quarto, ela o convidara para entrar e haviam feito sexo de forma fria, mecânica e nada excitante... Greg estava certo de que não seria assim com Lissiana.

— Trouxe-o até aqui para tratar minha fobia?

Greg olhou para a loira, notando, pela primeira vez, que ela também parecia desapontada com a notícia.

— Sim, querida.

— Ele não é...

— Não — interrompeu a morena com firmeza, antes de franzir a testa ante a evidente falta de entusiasmo com o presente. — Querida, vai ser ótimo. Ele pode curar sua fobia, permitindo que você leve uma vida normal, sem o inconveniente do abrigo, nem o risco de voltar para casa bêbada duas ou três vezes por semana.

As sobranceiras de Greg se ergueram, e ele tentou descobrir que tipo de fobia podia levar alguém a se embriagar.

— Então — a morena sorriu para ele —, faça isso.

— Como é? — Greg encarou-a.

— Cure minha Lissiana de sua fobia — ela explicou.

Greg desviou o olhar daqueles olhos sábios e antigos para os da filha, mais claros. Eram azuis como o céu, mas com o mesmo brilho metálico dos da mãe. Lindos, pensou, e desejou que não fossem lentes de contato. Incomodava-o que ela imaginasse precisar daquilo para acentuar a beleza.

— Não são lentes — a morena anunciou, de repente, e Greg se assustou. Ela não podia estar lendo seus pensamentos!

— O que não são lentes? — indagou Lissiana, confusa.

— Seus olhos, querida — a mãe respondeu, e voltou-se para Greg. — Apesar do que estava pensando mais cedo, a cor de nossos olhos é natural. Acho que nem existem lentes com essa cor... ainda.

— Natural — Greg repetiu, fascinado, fitando os olhos da loira. Depois, absorveu as palavras. *Apesar do que estava pensando mais cedo?* Será que se referia ao elevador?

A morena assentiu.

— Sim, no elevador.

— Você pode ler a mente dele?

Ele notou que Lissiana soou mais aborrecida do que surpresa e lembrou-se de que a julgara louca quando ela dissera que não conseguia ler sua mente. Ainda assim, a morena parecia estar fazendo exatamente isso. Greg não conseguia definir se estava dormindo e sonhando com tudo aquilo, se estava enlouquecendo, ou se estava, de fato, ali, consciente, com aquela mulher lendo seus pensamentos. Pior ainda, não sabia o que preferia. Não queria estar dormindo, porque isso significaria que Lissiana era apenas uma fantasia, e ele não gostava da idéia de nunca encontrá-la de verdade. Enlouquecer também não era bom, e pensar que a morena podia ler sua mente era um tanto desconcertante... Uma vez que seus pensamentos estavam repletos de imagens eróticas da filha dela.

— E então? — pressionou a morena. Sonhando ou não, ele teria que lidar com aquilo.

— Curar uma fobia não é como tomar uma pílula. Leva algum tempo — Greg informou, para depois perguntar, um tanto impaciente: — Poderia me desamarrar, por favor?

— Não é o que dizia o artigo — a morena retrucou, ignorando seu pedido. — No jornal, você afirmava que os novos tratamentos eram muito eficazes, e que a maioria das fobias poderia ser curada com apenas algumas sessões. Às vezes, até em uma sessão só.

Greg suspirou, compreendendo como fora parar ali. A morena tinha lido a entrevista que concedera ao jornal para um artigo a respeito de fobias, publicado no último fim de semana.

— É verdade. Algumas fobias são tratadas com facilidade — ele começou, tentando manter-se calmo e... bem... paciente, mas aquela situação era bizarra. Estava amarrado a uma cama e aquelas pessoas agiam como se isso, fosse normal. Greg não conseguiu deixar de ficar um pouco irritado. — Sabe, a maioria das pessoas marca uma consulta para me ver — ele disparou, e depois tentou argumentar: — E eu estou com uma passagem comprada para o México para amanhã de manhã. Há coisas que preciso fazer antes de ir. Ficaria muito grato se pudessem me soltar e deixar que eu saia daqui. Não estou com tempo para isso.

Mal ele acabara de falar, houve uma batida na porta, que se abriu. Uma jovem enfiou a cabeça no vão e espiou para dentro do quarto. Era outra morena, com o rosto delicado e bonito. Ela o observou com curiosidade, e depois se voltou para a mãe de Lissiana.

— Tio Victor está aqui, tia Marguerite.

— Obrigada, Jeanne Louise. — Marguerite, a mãe, começou a empurrar Lissiana e Thomas para a porta. — Vamos cuidar disso depois. Não devemos deixar todo mundo esperando. Jeanne, Etienne já chegou?

— Sim, ele estava entrando quando eu subi. — A mulher abriu a porta um pouco mais para que saíssem. — A comida chinesa já chegou, também. Coloquei o entregador na despensa até que vocês estivessem prontos. Mas é melhor não fazê-lo esperar muito.

— Já estamos descendo — anunciou Marguerite, saindo. — Lissiana pode abrir seus outros presentes mais tarde e... — A porta se fechou, encobrindo a última frase da mulher.

Greg encarou a madeira com assombro, incapaz de crer que o haviam deixado ali, amarrado. Era loucura.

Com a cabeça girando, fechou os olhos e tentou entender o que estava acontecendo e o que podia fazer a respeito. Apesar de ele mesmo ter contribuído para chegar ali, estava começando a se considerar seqüestrado. Mas não tinham pedido resgate, e ele não seria o jantar, o que era bom. Não era?

Estava ali para tratar uma fobia. Na verdade, achava que toda a família precisava de tratamento... e não para fobias. Queriam que ele fizesse isso, e ele desejava ser solto. Devia haver algum jeito de entrarem em acordo. Ele concordaria em tratar a linda Lissiana, e prometeria não delatá-los às autoridades, se o soltassem. Depois iria direto para a delegacia.

Ou não.

Ele estava um pouco confuso quanto ao que queria fazer no momento. Parte de si estava furiosa, querendo ir até a polícia para informar que fora retido contra a sua vontade. Porém, se Lissiana voltasse ao quarto para beijá-lo e acariciá-lo como tinha feito antes, talvez ele esquecesse muito de sua raiva. Suspeitava que boa parte da fúria era, na verdade, frustração sexual. Sem aquilo, ele estaria apenas confuso com os acontecimentos. Além do mais, não podia ir até a polícia. O que diria?

Olá, meu nome é dr. Hewitt, e esta noite eu entrei no porta-malas de uma estranha por conta própria, tranquei-me lá dentro para ser levado à casa dela, saí do carro e entrei na casa por vontade própria, chegando a subir as escadas e me deitar para ser amarrado à cama. Mas elas não me desamarraram quando eu pedi, e agora quero prestar queixa!

Claro, aquilo ia dar muito certo. Ele seria motivo de riso para os policiais. E

também não queria colocar aquelas pessoas em apuros. Bem, pelo menos não desejava que Lissiana tivesse problemas.

Passou a língua pelos lábios ao lembrar-se da sensação e do sabor da boca macia. Havia sido tão bom senti-la aninhada contra seu corpo... e ela tinha murmurado baixinho de prazer enquanto se beijavam. Se suas mãos não estivessem amarradas, ele teria rolado para cima dela, tirado cada peça de roupa que a cobria e usado suas mãos e a boca para provocar mais daqueles murmúrios.

A pele dela era pálida como marfim, e Greg não teve dificuldades para imaginar aquele corpo de alabastro arqueando-se na cama, enquanto ele sugava um mamilo intumescido e deslizava a mão pela cintura e pelo ventre, para então mergulhá-la entre as coxas, encontrando a suave e úmida feminilidade. Ela seria quente ao toque, e depois que a fizesse gritar de prazer uma ou duas vezes, ele se ergueria sobre ela e...

Gemendo, frustrado, ele interrompeu seu devaneio ao sentir seu membro doer. Aquilo tinha sido estúpido, pois agora estava ainda mais frustrado que antes.

Suspirando, ergueu a cabeça para espiar a porta fechada, imaginando quando Lissiana voltaria, ou se voltaria. Deduzira estar no quarto dela, já que ela fora buscar as meias ali. Portanto, teria que retornar em algum momento. *Talvez depois da festa*, pensou, reparando no som abafado da música. Lembrou-se de que era a festa de aniversário dela, e imaginou quantos anos teria. Talvez vinte e cinco ou vinte e seis. Dez anos mais jovem que ele. A diferença de idade a incomodaria? Aquele pensamento era inquietante. Ela podia achá-lo velho demais, e não beijá-lo de novo.

Percebendo o rumo de seus pensamentos, Greg reprimiu-se outra vez. Estaria louco? Estava amarrado a uma cama, sendo mantido naquele lugar contra a sua vontade. Pedira para ser solto, mas ninguém o ouvira. E, ainda assim, sua mente era consumida pela linda Lissiana.

— Você precisa definir suas prioridades — disse a si mesmo, com firmeza. — Que tal tentar se soltar e sair daqui? Afinal, tem um voo marcado para amanhã cedo.

Ignorando o fato de, mais uma vez, estar falando sozinho, Greg virou a cabeça para trás, tentando enxergar os nós que prendiam seus pulsos à cama.

— Meu Deus! Estou no paraíso do baby-doll!

Lissiana riu da expressão cômica de Thomas ao entrar na sala onde acontecia a pós-festa de aniversário, uma festa do pijama. Sem querer dirigir após beber, Thomas decidira dormir ali, o que significava que Lissiana, Jeanne Louise e Mirabeau também ficariam. Com os quartos ocupados pelos vários parentes mais velhos que haviam comparecido ao evento e que permaneceriam durante o dia, só lhes tinham restado os sofás da sala maior... junto com a prima Elspeth e suas irmãs gêmeas, Victoria e Julianna. As três tinham vindo da Inglaterra, com a mãe, Martine, e planejavam ficar por duas semanas.

— Thomas! O que você está vestindo? — Jeanne Louise indagou.

— O quê? Isso? — Thomas abriu os braços e deu uma volta, devagar. Estava coberto do pescoço aos tornozelos com um pijama justinho do Homem-Aranha. — Bastien foi gentil em me emprestar esse pijama. Não gostaram? Ele tem um gosto bastante ousado em roupas para dormir, para um sujeito velho.

— Ah, isso não é do Bastien! — Lissiana riu. — Foi um presente de brincadeira para Etienne, quando ele estava ajudando a elaborar um jogo de videogame baseado em quadrinhos.

— Eu não sabia disso, não é? — Thomas sorriu. — Bastien ficou muito sem-graça quando o elogiei pelo bom gosto.

Lissiana sorriu para o primo, imaginando a reação de Bastien ao ver como sua tentativa de embaraçar Thomas tinha virado contra ele. O irmão ficaria mortificado se alguém acreditasse que ele usava um pijama daqueles.

— Mas eu não ligo, eles são mesmo confortáveis — comentou Thomas, observando as garotas. — E vocês, minhas damas, são como um arco-íris de lindas flores.

Lissiana olhou para si mesma, e depois para as demais mulheres. Embora Jeanne Louise e Mirabeau não mantivessem roupas na casa de Marguerite, ela deixava algumas peças suas ali, exceto pijamas, pois gostava de dormir nua. As três estavam usando pijamas emprestados por Elspeth e as gêmeas. E, pelo visto, elas gostavam muito de baby-dolls.

A descrição de Thomas tinha sido boa. Lissiana vestia um baby-doll de renda cor de rosa; Elspeth, um vermelho; Victoria, um pêssego; Mirabeau usava um verde-menta; Julianna, um azul-bebê; e Jeanne Louise, um baby-doll lavanda. Juntas, quase completavam um arco-íris.

— E então? — Thomas perguntou, jogando-se na cama portátil montada para ele e olhando-as com interesse. — O que se faz em uma festa do pijama?

As moças riram da expressão ansiosa dele, enquanto se acomodavam nos sofás.

— Não olhe para mim — disse Mirabeau. — Tenho mais de quatrocentos anos, e esse tipo de coisa não existia no meu tempo. Acho que não existiam nem pijamas, para ser sincera.

Lissiana riu e reclamou:

— Mais de duzentos anos, e ainda sou considerada uma criança.

— Sempre seremos, para mamãe e tia Marguerite — Elspeth falou. — Acho que é tudo relativo. Nós *somos* crianças, comparadas a elas.

— Vocês podem ser velhas, mas nós não somos — intrometeu-se Julianna, e sua irmã, Victoria, concordou.

Lissiana sorriu para as gêmeas. Tinham apenas dezessete anos, o que as tornava

bebês no grupo.

— Então, são jovens o bastante para saber... O que acontece em festas de pijama?

— Coisas divertidas — respondeu Victoria. — Você come um monte de porcaria, como pizza, chocolate e batatas fritas.

Voltando a sorrir, Lissiana pensou que as gêmeas eram jovens o suficiente para ainda se sentir atraídas por comida.

— E você conta histórias de terror e conversa sobre garotos — Julianna acrescentou.

— Hum... Vocês podem pular essa parte de conversar sobre garotos, a menos que seja sobre mim — disse Thomas. — E estou mais do que satisfeito, então não preciso de pizza.

Lissiana não duvidava. Sua mãe encomendara uma porção de bolsas de sangue, assim como alimentação normal para a festa, e ela vira, espantada, a devastação das montanhas de comida e bebida. Pelo que escutara, a quantidade de sangue consumido também fora enorme. Quase não havia mais nada. Ouvira a mãe pedir a Bastien que enviasse mais sangue para o café da manhã no dia seguinte.

— Só sobraram as histórias de terror — observou Mirabeau. Ela ficou em silêncio por um momento, mas como ninguém se ofereceu para começar, acabou olhando para Lissiana. — O que sua mãe foi buscar em Toronto para você? Não me lembro de tê-la visto abrindo seu presente.

— Sim, o que era? — Jeanne Louise perguntou, curiosa. — Também não vi.

— Você o viu, sim — discordou Thomas, divertido, deixando a irmã confusa.

— Não vi, não. Eu... — Deteve-se, ao compreender o que o irmão dissera. — Ele? Quer dizer que tia Marguerite deu uma pessoa para Lissi? Um homem? — Os olhos se arregalaram. — O sujeito no quarto dela! Era *ele* o presente?

— Que sujeito? — Mirabeau pareceu espantada. — Marguerite deu um *homem* para você?

Lissiana olhou para Thomas com cara feia, enquanto todas as moças começaram a falar ao mesmo tempo. A reação era exatamente a que ele queria, claro.

— Não é o que parece — ela disse com calma. — Ele é um doutor, e ela o trouxe até aqui para tratar a minha fobia.

— Sim — Thomas confirmou. — E o fato de Lissiana estar rolando com ele na cama foi só um acidente. Ela não sabia que ele era seu terapeuta.

— Thomas! — gritou Lissiana, enquanto as outras voltavam à carga com mais perguntas e exclamações. Balançando a cabeça com desgosto, ela deu às garotas uma versão editada de seu encontro com Gregory Hewitt. Quando terminou de falar, relaxou e esperou as reações. Mirabeau foi a primeira.

— Então ele vai cuidar da sua fobia?

— Não sei... — respondeu Lissiana. — Acho que não.

— Por que não? — indagou Elspeth, abismada.

— Bem, parece que ele ia sair de férias amanhã. E também há o pequeno problema de mamãe tê-lo seqüestrado — completou, revirando os olhos pelos maus modos da mãe.

— Talvez fosse melhor se ela tivesse marcado uma consulta com ele para você — comentou Jeanne Louise.

— Sim. Foi o que ele disse — Lissiana reconheceu.

— Podemos vê-lo? — Elspeth pediu. Lissiana voltou-se para ela, surpresa.

— Hein? Porquê?

— Vimos todos os outros presentes... — ela argumentou.

— Eu quero vê-lo — anunciou Mirabeau.

— Eu também gostaria de vê-lo — Jeanne Louise disse.

— Mas você já o viu — Lissiana protestou.

— Sim, mas foi só de relance, e eu não sabia que ele era seu presente.

— E que diferença isso faz? — Lissiana perguntou, exasperada, mas a prima só deu de ombros. — Não podemos ficar perambulando por lá. É madrugada, e ele deve estar dormindo.

— Tudo bem. Só queremos dar uma olhada nele — Mirabeau falou, levantando-se.

Lissiana ofegou ao ver as demais se apressando para segui-la. Quando todas se dirigiram à porta, ela saiu da cama e acompanhou-as, cedendo.

— Certo, mas não devemos acordá-lo.

No quarto, as cortinas pesadas estavam fechadas, deixando o ambiente em completa escuridão. Mesmo assim, Lissiana virou-se, emitindo um ruído irritado quando a luz foi acesa.

— Nós viemos para vê-lo, Lissi — Mirabeau assinalou. — Ajuda ter alguma luz.

A irritação de Lissiana desvaneceu ante as palavras sensatas, e ela se moveu com cautela até a cama. Ficou aliviada ao ver que a luz não o despertara, embora fizesse com que se mexesse, inquieto, durante o sono. O grupo se espalhou ao redor da cama.

— Uau! — Elspeth exclamou, espiando o homem adormecido.

— Ele é uma graça — Julianna disse, parecendo surpresa.

— É verdade — Victoria concordou.

— É, sim — opinou Mirabeau. — Por algum motivo, sempre achei que todos os psicólogos fossem parecidos com Freud, mas ele é lindo.

Julianna e Victoria riram, e Lissiana pediu silêncio, olhando em seguida para Greg, a tempo de ver Mirabeau erguer a barra do casaco dele. Arregalou os olhos, incrédula.

— O que está fazendo?

— Bem, ele não tem um bronzado falso — ela respondeu, tranqüilamente. — Pensei em verificar se o casaco tinha ombreira.

— Não tem — informou Lissiana, brava. — Esses são os ombros *dele*.

— Como... Ah, é. Você o beijou, e tudo o mais. — Jeanne Louise sorriu.

— Sim. E pela reação dele aos beijos, e a *tudo o mais*, também descobrimos que o rapaz não está com um pepino escondido — anunciou Thomas, fazendo Lissiana gemer de vergonha ao se lembrar da ereção que ficara em evidência quando sua mãe e seu primo tinham entrado ali... e como murchara depois. Não queria explicar o comentário às outras, mas sabia, pela expressão delas, que uma explicação seria exigida. Nesse momento, decidiu que Thomas não era mais seu primo favorito.

Greg tinha, em geral, um sono profundo, mas com a luz acesa e os sussurros ao seu redor, achou difícil continuar dormindo e sentiu que era arrastado em direção à consciência. Quando, por fim, abriu os olhos, avistou seis lindas mulheres ao redor da cama, nos baby-dolls mais sensuais que já vira. Seu primeiro pensamento foi que ainda estava sonhando. E era um belo sonho, decidiu, absorvendo toda a beleza revelada pelos pijamas minúsculos...

Até seu olhar pousar sobre a sétima figura de pé ao lado da cama.

— Homem-Aranha? — murmurou, confuso.

— Diabos! Vocês o acordaram!

Greg olhou para quem fez o comentário, sorrindo ao reconhecer Lissiana. Não o surpreendia encontrá-la em seu sonho. Seus últimos pensamentos antes de dormir tinham sido sobre o que gostaria de fazer com ela. Aquela mulher o estava transformando em um amontoado de frustração sexual. E a pior parte era que ela nem estava tentando fazer isso. Ele era quem estava causando todo o sofrimento, com sua imaginação.

— É melhor não deixar tia Marguerite ouvi-la falando assim, Lissi — provocou o Homem-Aranha. — Ela vai lavar sua boca com sabão.

— Ah, fique quieto, Thomas! Sou velha demais para isso. — Ela se virou, inclinando-se para falar com Greg. — Sinto muito. Não queríamos acordar você.

Ele sorriu.

— Tudo bem. Você pode surgir nos meus sonhos quando quiser.

— Ah, que gracinha! Ele acha que está sonhando conosco — comentou uma mulher em um baby-doll cor de lavanda, sorrindo.

— Bem, ou ele *tem* um pepino ali, no final das contas, ou ele acha que seu sonho é erótico — anunciou outra, vestindo verde-menta.

Greg piscou, surpreso, ao reparar na cor do cabelo dela: preto, curto e com as pontas fúcsia. Não era algo que ele achasse atraente e, por um instante, perguntou-se o que ela estaria fazendo em seu sonho. Porém, notando o silêncio, olhou ao redor, vendo que todas as atenções estavam concentradas em sua virilha. Erguendo a cabeça, avistou a ereção que distendia sua calça.

— Definitivamente, é um sonho erótico — uma morena bonita, de vermelho, decidiu.

— Talvez devêssemos nos *certificar* de que não é um pepino — sugeriu uma bela ruiva antes de se virar e dar um sorriso malicioso para outra garota idêntica a ela.

Ele se surpreendeu ao constatar que ambas eram muito jovens, horrorizando-se ao perceber como seus corpos preenchiam bem as peças minúsculas que usavam. Imaginou, desolado, quando a aparência das adolescentes tinha mudado daquela forma.

— Ah, parem com isso — disparou Lissiana e o encarou. — Você não está sonhando. Estamos mesmo aqui. E sinto muito por tê-lo acordado, mas as garotas queriam...

— Queríamos ver os presentes de aniversário — a mulher com o cabelo fúcsia terminou por ela. — O que inclui você.

— Sim. Já vimos todos os outros presentes — explicou a de azul. — Era justo vermos você também.

— Somos primas da Lissiana — a morena de vermelho o informou.

— Todas, menos Mirabeau — corrigiu a garota de lavanda, e Greg a encarou. A moça parecia familiar, mas ele levou um momento para reconhecê-la. Fora ela quem se dirigira ao quarto para avisar Lissiana, a mãe dela e um rapaz chamado Thomas que alguém tinha chegado.

Lembrar aquilo fez com que olhasse com mais atenção o Homem-Aranha, percebendo que se tratava de Thomas. Ele não estava sonhando.

— Bem que eu achei ter ouvido vozes vindas deste quarto.

Greg olhou para a porta, enquanto o grupo que o cercava endireitava-se e se virava, todos com expressões culpadas, para encarar a recém-chegada. Vestida em um robe de cetim vermelho, a mulher tinha cabelos loiros como os de Lissiana, mas essa era a única semelhança entre elas. As feições eram muito mais rígidas, o rosto, mais longo, e os olhos, os mais frios que Greg já vira.

— Tia Martine! — Lissiana sobressaltou-se. — Só estávamos... Eu estava mostrando às meninas meu presente de aniversário.

A mulher parou ao pé da cama e observou Greg com interesse.

— Então, este é o psicólogo que sua mãe trouxe para ajudá-la com sua fobia?

— O que está acontecendo?

Outra onda de agitação percorreu o grupo quando a mãe de Lissiana surgiu na porta, vestida com um longo robe de seda.

— Ouvi vozes e vim investigar — declarou Martine. — Lissiana estava mostrando seu presente de aniversário. Ele é bastante jovem, não, Marguerite?

— Não são todos? — Marguerite retrucou, quase enfadada. — Mas, pelo que vi, ele é um dos melhores em sua área.

— Hum... — Martine virou-se para a porta, aparentemente tendo perdido o interesse nele. — Para a cama, meninas. Já amanheceu. Todas vocês deviam estar dormindo.

Houve resmungos e reclamações, mas todas as moças seguiram Martine e Marguerite para fora.

A porta se fechou, mas Greg ainda podia ouvir o murmúrio de vozes femininas se afastando no corredor enquanto as mais velhas censuravam as mais jovens. Só quando escutou um farfalhar de tecido ao seu lado, notou que nem todos haviam saído. O Homem-Aranha ainda se encontrava ali e o encarava com uma expressão determinada.

— Sei que provavelmente está furioso por estar aqui, mas Lissiana não tem culpa, e ela precisa da sua ajuda.

Greg observou-o. Thomas parecia estar terminando a década dos vinte ou começando a dos trinta anos. Era tão bonito quanto todos naquela casa maluca, com cabelo escuro e os mesmo olhos azuis com brilho metálico de Lissiana e Marguerite. Embora só o tivesse visto duas vezes, e em ambas ele estivesse sorrindo, suspeitava de que ele não era o tipo de homem que recorria a apelos com frequência. Ainda assim, no momento, parecia estar fazendo um, pelo bem da prima.

— Lissiana... — Ele hesitou. — Nós somos muito próximos. Minha mãe morreu depois que eu nasci, e meu pai não sabia o que fazer comigo. Então tia Marguerite me acolheu. Fez o mesmo pela minha irmã, Jeanne Louise.

— Vocês dois foram criados com Lissiana?

— Brincamos juntos, fomos à escola juntos... Somos... próximos — ele concluiu.

— Como irmãos — Greg disse, compreensivo.

— Sim. — Thomas sorriu. — Lissiana é como uma irmã para mim, e tia Marguerite, como uma mãe.

— Certo.

— Entendo por que tia Marguerite o trouxe aqui. Sei que ela tem se preocupado muito com Lissiana. A fobia... — Meneou a cabeça, com tristeza. — É muito ruim. Seria

como se você desmaiasse ao ver comida, ficando incapaz de se alimentar. Afeta a vida toda dela, e tem sido assim há tempos. — Franziu a testa. — Não era tão ruim quando Jean Claude estava vivo. Lissiana deixava tia Marguerite colocá-la na intravenosa na época, mas...

— Quem é Jean Claude? — interrompeu Greg.

— O marido de tia Marguerite, pai de Lissiana.

— Por que o chama de Jean Claude, e não de tio, se Marguerite merece ser chamada de tia?

Thomas comprimiu os lábios.

— Porque ele não foi um bom tio. Nem um bom marido, ou bom pai. Era controlador e antiquado, e estou falando de antiquado *de verdade*. Também era mau, e fez da vida das duas um inferno enquanto estava por perto.

— E você?

— Eu o quê? — perguntou Thomas, confuso.

— Você disse que foi criado pela sua tia junto com Lissiana, presumo que também teve que lidar com seu tio. Ele não o infernizou?

— Ele não era tão ruim comigo. Além do mais, não tive que suportá-lo por muito tempo. Saí de casa aos dezenove.

— Lissiana também podia ter feito isso — Greg observou.

— Não. Jean Claude esperava que ela morasse com eles até se casar.

— Ela podia ter se rebelado — sugeriu. Thomas o fitou com incredulidade.

— Não era possível se rebelar contra Jean Claude. E Lissi jamais abandonaria a mãe sozinha para lidar com ele. A mente de Jean Claude estava bastante deturpada no final. Ele era bem assustador.

— Ele está morto, então — Greg murmurou. — Como ele morreu?

— Um incêndio. Ele tomou muito... álcool, e dormiu com um cigarro na mão. Houve um incêndio, e ele morreu. Enfim... Foi a melhor coisa que ele fez pelas duas, mas Lissi ficou em pânico. De repente, ela começou a se preocupar. E se Marguerite morresse? Quem iria alimentá-la? Portanto, decidiu ficar mais independente. Começou a trabalhar no abrigo, e agora saiu de casa e está tentando se alimentar sozinha. Mas tia Marguerite está preocupada, assim como todos nós.

— Com o quê? — perguntou Greg com interesse. Para ele, parecia que a morte do pai deixara Lissiana livre para dar início à vida adulta. Era como um pássaro voando pela primeira vez.

— Que ela vá terminar como Jean Claude.

— Alcoólatra? — Greg indagou, confuso. — Ela está bebendo?

— Não. Pelo menos, não de propósito. Mas é a fobia.

Greg balançou a cabeça, Em algum ponto, perdera o rumo da conversa. Antes que pudesse pedir esclarecimentos, Thomas se enrijeceu, voltando a cabeça para a porta.

— Tenho que ir. Tia Marguerite está vindo. — Andou até a porta, mas parou para dizer: — Sei que você não entende, mas não tenho tempo agora. Tia Marguerite vai explicar tudo de manhã. E quando ela o fizer, tente se lembrar de que nada disso é culpa de Lissiana. Ela não o trouxe até aqui, mas precisa da sua ajuda.

Ele saiu. Um minuto depois, Greg ouviu vozes no corredor, e depois silêncio, seguido por uma porta se fechando à distância. Aparentemente, todos tinham voltado para a cama.

Suspirando, ele tornou a pousar a cabeça no travesseiro e a olhar para o teto, pensando no que Thomas dissera. A bela Lissiana não tivera uma vida fácil. Sorriu, pensando que pouca gente havia tido. Talvez fosse o pessimismo causado por sua profissão, mas após anos aconselhando pessoas sofridas, achava que poucos passavam pela juventude intactos.

Ele mesmo tinha suas cicatrizes. Sua mãe fora amorosa, e suas irmãs eram ótimas, assim como as tias, os primos e o restante da família, mas seu pai havia sido um fracassado. Um namorador, com um temperamento violento. A melhor coisa que ele fizera pela família tinha sido abandoná-la enquanto Greg ainda era jovem, mas aquilo o tornara o pequeno homem da casa. Crescera ouvindo que era "o único homem decente do mundo". Era um peso enorme para um rapaz, e devia ser um dos motivos pelos quais ainda era solteiro. Não queria passar de ser o único decente para o time dos inúteis, caso se atrapalhasse.

Suas meditações foram interrompidas com a porta se abrindo de novo. Erguendo a cabeça, viu a morena de baby-doll vermelho entrando. Ela fechou a porta com cuidado, e depois soltou um suspiro, aparentemente de alívio por ter chegado ao quarto sem ser vista. Aproximou-se da cama.

— Que bom que você está acordado — sussurrou, sorrindo. Greg arqueou uma sobrancelha, imaginando o que viria pela frente, enquanto ela se sentava na borda do colchão, fitando-o.

— Todos acham que eu fui ao banheiro, mas escapei para vir falar com você — ela explicou. — Sou Elspeth, e queria conversar com você sobre minha prima, Lissiana.

Ele assentiu, esforçando-se para não encarar toda a extensão de pele exposta pelo pijama ínfimo.

— Sei que tia Marguerite o trouxe aqui para tratar Lissiana, mas Lissi acha que você deve estar tão bravo pela tática usada por minha tia, que vai se recusar a ajudá-la. E ela precisa muito mesmo da sua ajuda. — Fez uma pausa, cheia de expectativa.

— Entendo — murmurou Greg, mas quando ela apenas o encarou, ele prosseguiu:

— E qual é a fobia de Lissiana?

A morena piscou, surpresa.

— Quer dizer que ninguém contou para você?

Ao vê-lo negar com um gesto de cabeça, ela mordeu o lábio.

— Bem... Talvez seja melhor eu não contar. Quero dizer, Lissiana disse que não consegue ler sua mente, mas tia Marguerite pode e, se ela vir que você já sabe qual é a fobia quando for contar, talvez investigue como você descobriu, e perceba que eu me esgueirei para cá... — Ela arregalou os olhos, horrorizada, e ficou de pé. — Droga! Ela vai poder ver que eu vim aqui!

Greg ficou olhando para ela. Lissiana mencionara não ser capaz de ler sua mente da primeira vez que fora ao quarto, e agora aquela mulher voltava ao assunto. Qual era o problema com aquelas pessoas?

— Bem, é melhor eu ir. E... você poderia ajudar Lissiana, por favor? Ela é doce, gentil, divertida e inteligente, e essa fobia tem sido um fardo. Você devia mesmo ajudá-la. Gostaria muito dela, se a conhecesse melhor. E, se a ajudasse, teria a chance de conhecê-la... Agora, esqueça que eu estive aqui, e tente não pensar a respeito quando tia Marguerite vier vê-lo de manhã, certo?

Elspeth não esperou pela resposta. Abriu a porta, espiou o lado de fora, acenou um adeus e saiu.

Greg colocou a cabeça no travesseiro. Sentia ter caído em um episódio *de Além da Imaginação*, e um ao qual ele não assistira.

Tratar Lissiana? Todos eles precisavam de tratamento, pensou, retesando-se ao ouvir a porta de novo. Dessa vez, nem levantou a cabeça. Esperou com os olhos fechados, ouvindo murmúrios enquanto a porta se fechava. Percebeu que mais de uma pessoa se aproximava da cama.

— Droga, ele está dormindo... — uma delas murmurou, desapontada.

— Teremos que acordá-lo, Mi — outra voz respondeu. — Isso é importante. Ele tem que ajudar a prima Lissi.

— Tem razão, Vicki. — Houve uma pausa. — Como vamos acordá-lo?

Resolvendo não esperar para ver como elas decidiriam despertá-lo, Greg abriu os olhos, deparando-se com as gêmeas ruivas. Estavam uma de cada lado da cama, e ele olhou de uma para a outra, imaginando qual era Juli e qual era Vicki.

— Ei, Vicki, ele acordou! Os olhos estão abertos — a de azul notou, aliviada. Portanto, ela era Juli.

— Bom — respondeu a outra. — Nós íamos acordar você.

— Dissemos aos outros que íamos pegar um copo de água, mas queríamos falar com você — Juli acrescentou.

— Sobre nossa prima — concluiu Vicki.

— Por que será que não estou surpreso? — ironizou Greg, e as gêmeas trocaram um olhar incerto. Em seguida, deram de ombros e se sentaram.

Seria uma longa noite, ele notou, suspirando.

Quinze minutos depois, a porta se fechou atrás delas, e Greg passou a refletir sobre o que haviam conversado. Elas eram encantadoras e admiravam muito a prima. Mas todos os que tinham estado naquele quarto gostavam muito de Lissiana. Incluindo a mãe, que era o motivo de ele estar ali.

Era com os atos de Marguerite que as pessoas pareciam preocupadas. Temiam que ele ficasse magoado com Lissiana pelo fato de a mãe dela tê-lo levado até ali e que se recusasse a tratá-la. Isso servia apenas para confundi-lo. Afinal, ele mesmo entrara no porta-malas e subira as escadas até o quarto. Embora não entendesse por que fizera aquilo, não podia culpar Marguerite. Ou podia?

Incapaz de responder a própria pergunta, Greg olhou para a porta, imaginando quando seria aberta de novo. Lembrava-se de haver seis pessoas com Lissiana no momento em que despertara. Provavelmente, receberia mais duas visitas.

Não estava errado. Instantes depois, uma mulher em um baby-doll lavanda esgueirava-se para dentro.

— Olá! Desculpe incomodar você — ela disse, aproximando-se da cama. — Sou Jeanne Louise, prima de Lissiana, e queria conversar a respeito dela.

— Você é a irmã de Thomas — Ao vê-la assentir, surpresa, prosseguiu: — E todos acham que você está no banheiro, mas veio até o quarto pedir que eu não deixe minha raiva a respeito do modo como vim parar aqui afetar minha decisão de tratar Lissiana. E deseja solicitar que eu a ajude porque ela realmente precisa, e você está muito preocupada com ela.

— Uau! — ela exclamou, com os olhos arregalados. — Você é bom mesmo. Não sabia que psicólogos podiam adivinhar coisas assim, com tão pouco...

— Falei com Thomas, e ele me disse que o nome da irmã era Jeanne Louise — Greg explicou. — Ele também expressou preocupação com a prima e pediu que eu a ajudasse.

— Ah... Lissiana e ele sempre foram próximos.

— E isso a aborrece? — ele indagou, curioso.

— Não. Ela e eu também somos próximas. Minha mãe morreu pouco depois que eu nasci, e tia Marguerite me criou.

— A mesma mãe de Thomas ou...

— Não. Papai não teve muita sorte com as mulheres. Sou a filha da terceira esposa, e Thomas é filho da segunda.

— Há um irmão da primeira esposa dele?

— Não. Ela estava grávida quando morreu.

— Definitivamente, ele teve azar com as mulheres... Então você foi criada com Lissiana e Thomas por tia Marguerite quando sua mãe morreu?

— Thomas já tinha se mudado, mas Lissiana estava aqui. Ela era muito mais velha e ajudou a tomar conta de mim. Acho que, quando eu era criança, Lissi era como uma segunda mãe ou como uma tia. Agora, somos amigas.

Greg encarou-a, recusando-se a aceitar o que ela dizia. Thomas tinha idade para já ter se mudado quando ela nasceria? E Lissiana era crescida o bastante para tomar conta de Jeanne Louise? De jeito nenhum aquilo era verdade. Os três pareciam ter quase a mesma idade, talvez com um ou dois anos de diferença.

Antes que pudesse verbalizar seus pensamentos, a porta se abriu de novo, dando passagem à mulher com os cabelos fúcsia e o baby-doll verde-menta. Ela hesitou ao ver Jeanne Louise, mas, fazendo uma careta, entrou.

— Pensei em vir falar com ele — ela se justificou.

— Eu sei, Mirabeau. Também vim pedir que ele ajude Lissi. Os outros acham que você está no banheiro?

— Não. Eu disse que ia pegar uma bebida.

— E, em vez disso, todos vocês vieram até aqui — Greg disse, surpreendendo-as.

— Todos nós?

— Sim.

— Bem, nesse caso, Mirabeau e eu perdemos tempo e o incomodamos a toa.

— Não foi à toa. Descobri muitas coisas.

Ela fez uma expressão de dúvida, mas não comentou.

— É melhor voltarmos, antes que Martine ou Marguerite notem nossa falta e decidam investigar — disse Mirabeau.

Assentindo, Jeanne Louise disse:

— Você pode melhorar muito a vida de Lissiana se curar a fobia dela.

— Sim, e todos nós seríamos gratos — Mirabeau acrescentou, e as duas saíram do quarto.

Greg recostou-se outra vez à cama. Ainda não fazia idéia de qual era a fobia de Lissiana. Depois da reação apavorada de Elspeth, nem se atrevera a perguntar aos demais. Não que tivesse tido oportunidade de perguntar algo para as gêmeas, pois elas eram tagarelas. Se uma não estava falando, a outra estava.

Segundo as duas, *ele precisava* ajudar a prima, pois isso seria *vital* para o futuro bem-estar dela. Lissiana era uma boa pessoa e não merecia sofrer por causa da

"fobia". E ela não era a única afetada pelo problema; Marguerite estava sofrendo tanto quanto a filha, assim como todos os que amavam Lissi, e aquilo *tinha que* acabar. Torciam para que ele pudesse curá-la, e seriam gratas para sempre se ele conseguisse.

O breve encontro com Jeanne Louise e Mirabeau havia sido tranquilo em comparação ao das gêmeas, mas ele não lhes perguntara qual era a fobia. Imaginara que, àquela altura, já saberia. Thomas dissera que seria como desmaiar ao ver comida. Naquela hora, pensara que talvez fosse força de expressão, mas depois o rapaz mencionara a alimentação intravenosa, e Greg concluíra que ela *de fato* desmaiava ao ver comida, ou que não conseguia comer. Em qualquer dos casos, ela precisava ser curada logo.

Greg não entendia o que o álcool tinha a ver com isso, mas era possível que ela estivesse começando a beber em um esforço para esquecer os problemas.

Não, ele não perguntara qual era a fobia, mas não tinha mentido ao dizer a Jeanne Louise que a visita delas não fora à toa. De fato, descobrira muitas coisas. Ficara sabendo que Lissiana era amada por todos os que a cercavam. Eles a viam como uma pessoa inteligente, gentil, amorosa e boa, e desejavam que ela ficasse bem. Parecia que ela não era adorável só no exterior, mas também no espírito. O que era bom saber, Greg pensou, admitindo que gostaria de ajudá-la. Se fosse honesto consigo mesmo, embora impressionado com a opinião de todos, o episódio do beijo já bastara para convencê-lo.

Revirando os olhos, sentiu uma coceira no ombro e tentou alcançá-lo, sendo impedido pelas cordas nos pulsos. Surpreso, olhou para as amarras antes de fechar os olhos, suspirando. Nove pessoas haviam passado pelo seu quarto aquela noite. Seis mulheres seminuas e um Homem-Aranha, além de tia Martine e Marguerite. Muitos tinham estado ali mais de uma vez, e o que ele fizera? Tentara convencê-los a libertá-lo ou, pelo menos, a desamarrá-lo? Não. Permitira-se mergulhar no drama daquela família louca e perdera de vista qual deveria ter sido sua prioridade: voltar para casa e preparar-se para a viagem.

Censurando-se, olhou em volta, procurando um relógio, mas não havia nenhum. Devia ser cedo. Ainda haveria tempo para embarcar, caso se soltasse logo. Não que fosse conseguir isso sozinho, mas se mais alguém fosse conversar com ele, talvez pudesse persuadir a pessoa a ajudá-lo.

Decidiu que prometeria tratar Lissiana na volta de sua viagem ao México se o desamarrassem, mas em seguida se arrependeu. Talvez fosse melhor que outra pessoa a tratasse. Conhecia vários terapeutas bons que poderiam ajudá-la. Não que se incomodasse de cuidar dela, mas após aquele beijo, e seus pensamentos nada terapêuticos em relação a ela, seria mais ético que fosse outro. Aquilo o deixaria livre para um relacionamento, e para que explorasse aqueles sentimentos.

Porém, não diria nada. Nem se permitiria ter pensamentos a respeito daquilo, já que havia a possibilidade de que Marguerite pudesse lê-los. Concordaria em cuidar do tratamento depois que voltasse. E, quando retornasse, sugeriria outro terapeuta.

Satisfeito com o plano, Greg olhou para a porta, esperançoso. Aquele quarto parecera uma estação de trem nos últimos minutos, com tantas idas e vindas. Tinha certeza de que não precisaria esperar muito até que alguém fosse conversar com ele. Talvez dessa vez fosse a própria Lissiana.

Lissiana acordou ao meio-dia. Não tinha dormido nem cinco horas, mas já estava desperta e pensando no seu presente de aniversário.

— Dr. Gregory Hewitt — murmurou. Sabia que devia estar agradecida pelo presente, mas preferia tê-lo como jantar. O entregador de comida chinesa não a satisfizera, e ela sabia que o dr. Hewitt o faria. Além disso, estava confusa sobre ter que lidar com sua fobia. Em um momento, sentia-se esperançosa, no outro, temerosa.

Sofria de hemofobia desde a adolescência. Tentara superar o problema de forma racional, mas bastava a visão de uma gotinha do líquido vermelho para fazê-la desmaiar.

Uma vampira que desmaiava ao ver sangue... Ridículo! Era uma fraqueza que ela achava humilhante. A cada refeição, sua fobia surgia, forçando-a a se alimentar à moda antiga.

Isso não havia sido um problema em sua juventude. Na época, todos se alimentavam dessa forma. Foi após surgirem os bancos de sangue que a situação se complicou. No começo, apenas alguns se utilizavam desse método, enquanto os outros seguiam com o modo tradicional. Mas cinquenta anos atrás o conselho promulgara uma lei para que todos usassem os bancos de sangue. Era mais seguro, e evitava que fossem descobertos.

Todos tinham passado a utilizar bolsas de sangue. Até mesmo Lissiana se adaptara, permitindo que sua mãe a alimentasse por via intravenosa quando ia dormir. Ficara reduzida à dependência de um bebê, mas parecera a única opção. Terapia era impossível, pois não poderia ir até um psicólogo declarando ser uma vampira com hemofobia. Sua primeira experiência ao se alimentar sozinha fora péssima, e desde então ela desmaiava ao ver sangue. Logo, encurralada entre alimentar-se sozinha ou por via intravenosa, ficara com a última opção, e as coisas tinham corrido bem... até seu pai morrer.

De repente, Lissiana havia se deparado com a realidade de que, embora tivesse vida longa, sua espécie podia morrer. Se o pai se fora, por que a mãe não morreria? O terror que a invadira fora imenso, em parte porque a amava e sofreria com a perda, e em parte por ser dependente dela como um bebê.

Ciente de sua vulnerabilidade, decidira que precisava ser mais independente e descobrir um jeito de se alimentar. Exceções à regra das bolsas de sangue eram abertas para aqueles com certas dificuldades, como ela. Portanto, cursara Serviço Social na faculdade e aceitara um emprego em um abrigo na cidade. Imaginara que o abrigo seria um local em que teria facilidade para se alimentar, uma vez que havia muitas pessoas indo e vindo todos os dias. Estaria até ajudando aqueles de quem se

alimentaria. Parecia justo.

No entanto, seus grandes planos haviam sido baseados em falsas premissas. Embora houvesse muita gente no abrigo, a rotatividade não era tão grande: com frequência, eram as mesmas pessoas por dias seguidos. E haver tanta gente por ali atrapalhava, pois dificultava encontrar alguém a sós e aumentava o risco de ser descoberta.

Seu emprego significava que conseguia um lanchinho aqui ou ali, mas nunca se alimentava direito. Pior: os doadores disponíveis não eram dos mais saudáveis. Vários eram desnutridos ou doentes, e alguns eram alcoólatras ou dependentes de drogas. Tentava evitar alimentar-se deles, mas às vezes não conseguia fazer uma leitura mais profunda da mente dos doadores, e acabava escolhendo a pessoa errada. Embora parasse de sugar assim que percebia o erro, em geral já era tarde, e ela acabava meio tonta ou, como acontecera mais de uma vez, bêbada. Não gostava nem de se lembrar dessas ocasiões. Isso sempre aborrecia sua mãe, e Lissiana acabara se mudando para seu próprio apartamento na esperança de diminuir a preocupação dela, mas sabia que não havia adiantado muito, Marguerite morria de medo de que seguisse os passos do pai. Esse era o motivo do presente de aniversário: sua mãe esperava evitar uma tragédia.

Lissiana entendia e apreciava o gesto, mas depois de duzentos anos padecendo, não tinha muita esperança de se curar da fobia. A idéia de tentar e fracassar a deprimia.

Entretanto, não tinha muita escolha. Levantou-se, pensando em ir ver o que o doutor Gregory Hewitt poderia fazer por ela.

Greg espiou a janela cortinada e suspirou. O tecido bloqueava completamente a luz vinda de fora, tornando impossível adivinhar as horas. Suspeitava que fosse perto do meio-dia; com certeza, bem mais de nove e quarenta e cinco, o horário do voo para Cancún.

Todo aquele dinheiro gasto em uma passagem desperdiçada, pensou, descontente, e se enrijeceu ao ouvir a porta abrir. Vendo Lissiana entrar, sentiu o alívio percorrer seu corpo. Abriu a boca para reclamar sobre quanto tempo ela levaria para retornar, mas a fechou, ao notar que ela ainda usava o baby-doll cor de rosa. Era um complô, decidiu, enquanto o aborrecimento se esvaía, assim como tudo o que planejava dizer ao voltar a vê-la.

— Bom dia. Faz tempo que está acordado? — ela indagou, fechando a porta.

— Não. — Observou-a ir até o closet. Percebendo o que havia acabado de responder, corrigiu-se: — Quero dizer, sim. Não voltei a dormir depois que você saiu hoje de manhã.

Lissiana parou com a porta do closet aberta e o fitou.

— Está acordado esse tempo todo? Você deve estar exausto.

Ele deu de ombros.

— Não muito. Dormi cedo ontem à noite. Depois que sua mãe os apressou para a festa, ouvi a música por algum tempo, mas logo apaguei. Devo ter dormido umas oito horas antes que você e seus primos entrassem aqui de manhã.

— Ah... Que bom... — Ela se voltou para o closet, o que permitiu que Greg a observasse.

Ela estava ao mesmo tempo adorável e sensual naquela roupa. Lissiana era bem do jeito que ele gostava, curvilínea. Também tinha pernas lindas, longas e torneadas, que enlaçariam com facilidade seus quadris...

— Como foi a festa? — perguntou, tentando se distrair daquela visão.

— Boa. — Ela olhou para trás com um sorrisinho. — Festa de aniversário, muita gente da família.

— Ah... — Greg ficou em silêncio, vendo-a revirar o closet.

Thomas dissera que Lissiana se mudara de lá após a morte do pai. Isso queria dizer que aquele era o antigo quarto dela, onde mantinha algumas peças de roupa para ocasiões em que pernoitasse inesperadamente.

Lissiana pegou uma calça e uma blusa; depois foi até a cômoda e abriu a primeira gaveta. Ele viu de relance algo de seda branca, antes que ela fechasse a gaveta e atravessasse o quarto até a outra porta. Greg vislumbrou o interior de um banheiro em azul-claro e branco, enquanto ela entrava e fechava a porta.

Imaginou que ela estivesse trocando de roupa e tentou não visualizar a renda cor de rosa no chão, e Lissiana em pé, nua. Ouviu o som de água e percebeu que ela devia estar tomando banho. O que o lembrou de que ele precisava muito ir ao banheiro. Já estava apertado desde manhã, e tinha segurado, esperando que alguém surgisse. Em alguns momentos, a vontade diminuía, e ele se esquecia um pouco, mas sempre voltava... como agora.

Greg começou a contar de mil até zero de trás para a frente, de sete em sete, para se distrair. Mas estava a ponto de estourar quando Lissiana saiu do banheiro agora cheio de vapor, toda vestida, mas com o cabelo úmido. Sorriu de alívio ao vê-la.

— Pode me desamarrar, por favor?

Quando ela apenas o encarou, Greg ignorou o fato de ter que ir ao banheiro e tentou argumentar para conseguir sua liberdade.

— Sei que sua mãe quer a minha ajuda para tratar da sua fobia, e eu ficaria muito feliz em ajudar, mas nesse momento isso não é muito conveniente. Eu estava com uma viagem programada para Cancún hoje. De férias — acrescentou, ao vê-la arquear as sobrancelhas. — Não saio de férias desde que era criança. Primeiro, foi a faculdade; depois, o consultório... Levei semanas para remarcar todas as consultas e

arrumar tudo para a viagem. Como eu disse, ficaria muito feliz em ajudá-la a se tratar quando voltar, mas preciso mesmo dessas férias.

Terminou o discurso oferecendo um sorriso charmoso, enquanto se parabenizava pelo cuidado na escolha das palavras. Não tinha se comprometido a tratá-la pessoalmente, apenas a ajudá-la. Ainda achava que não deveria cuidar dela; seus sentimentos estavam confusos demais para que aquilo fosse uma boa idéia. Ao ver a indecisão no belo rosto, prosseguiu:

— Se está preocupada com a possibilidade de eu ir até as autoridades, não posso fazer isso. Em primeiro lugar, eu entrei no porta-malas do carro da sua mãe.

Greg viu-a desviar os olhos. Tinha a impressão de que, embora não soubesse por que fizera aquilo, ela sabia. Cogitou pressioná-la a respeito do assunto, mas decidiu que isso não era tão importante quanto convencê-la a desamarrá-lo. Portanto, decidiu continuar argumentando.

— Eu entrei no porta-malas, e isso foi gravado pelas câmeras de segurança do estacionamento. Mesmo que eu quisesse, não poderia dizer que fui seqüestrado. A polícia riria de mim. Por motivos que não entendo, eu também subi até aqui e me deitei para que Marguerite me amarrasse. O máximo que posso alegar é que ninguém me soltou quando eu pedi. Como posso dizer isso à polícia? Vão achar que era algum tipo de jogo sexual que se prolongou mais do que eu pretendia, me fazendo perder o voo e que estou tentando conseguir um reembolso ao prestar queixa. Nem mesmo tenho um nome completo ou endereço para fornecer. Não tenho interesse algum em ir até as autoridades. Entendo que Marguerite só queira vê-la curada, assim como toda a sua família, e estou impressionado com o fato de ser tão querida por todos. Ficarei feliz em arranjar tratamento para você quando estiver de volta. Mas quero muito ser liberado agora. — Ele parou, mas acabou cedendo às exigências de sua bexiga. — Enquanto pensa no assunto, ficaria agradecido se me soltasse para ir ao banheiro. Estou aqui desde ontem à noite, e preciso muito ir.

Lissiana ficou horrorizada e, para seu alívio, correu para desamarrá-lo. Soltou primeiro o tornozelo direito, e acabara de terminar o esquerdo quando a porta se abriu de súbito.

— Aí está você!

Greg quase praguejou ao ouvir a voz de Elspeth. Se ela tivesse chegado só alguns minutos depois... Olhou para Lissiana e suspirou ao ver-lhe a expressão culpada enquanto ela endireitava o corpo.

— Acordei, e você tinha sumido — Elspeth censurou, preocupada. — Quando não a encontrei no andar de baixo, pensei em procurar aqui. Não conseguiu dormir?

— Eu dormi bem — asseverou Lissiana. — Pelo menos durante a manhã. Mas acordei ao meio-dia, e vi que não conseguiria dormir de novo, então subi para pegar algumas roupas.

— O pessoal da limpeza deve tê-la despertado — observou Elspeth.

— Eles estão aqui? — Lissiana indagou, surpresa. — Não vi ninguém.

— Devem ter parado para almoçar. Cruzei com dois deles enquanto subia. Estavam voltando a limpar a bagunça da festa. — Sorriu para Greg. — Bom dia! Como foi sua noite?

— Ele não voltou a dormir depois que o acordamos — respondeu Lissiana.

Porém, Elspeth não estava ouvindo. Tendo visto a corda solta, voltou-se para a prima, atônita.

— O que estava fazendo?

— Ele precisa ir ao banheiro.

— Você não pode deixar. E se ele sair pelo vitrô e fugir? Tia Marguerite teria um ataque.

— Sim, eu sei. Mas... — Lissiana mordeu o lábio. — Você sabia que ele ia voar para o México hoje de manhã, de férias?

— Faz sentido. — O comentário foi de Mirabeau, que estava à porta que Elspeth deixara aberta. Ela atravessou o quarto. — Sua mãe é esperta. Ninguém sentiria falta dele, sabendo que ele estaria de férias.

— Hum... — Lissiana não parecia contente. — Fico pensando se ela colocou na cabeça dele a ideia de viajar, ou se foi apenas sorte.

Greg piscou à sugestão. Planejava aquelas férias por meses, e estava certo de que fora apenas um golpe de sorte para Marguerite. Antes que pudesse explicar isso, Jeanne Louise entrou com as gêmeas.

— O que vocês estão fazendo aqui? — ela indagou.

— Acho que Thomas deve estar subindo também — concluiu Lissiana, exasperada, enquanto as ruivas acenavam para Greg.

— Achou certo. — Thomas bocejava, espreguiçando-se ao entrar. — Quem consegue dormir com aquela bagunça lá embaixo?

— Eles começaram a aspirar o corredor ao lado de onde estávamos dormindo — explicou Jeanne Louise. — Foi o que nos acordou.

— E o que estamos todos fazendo aqui? — Thomas quis saber.

— Lissi estava prestes a desamarrar Greg — anunciou Elspeth.

Lissiana fez uma careta para a prima quando os outros a encararam, chocados.

— Acha que é sábio fazer isso? — Jeanne Louise indagou, preocupada.

— Você não pode! — Juli ofegou. — Ele devia curar sua fobia. Não pode ir embora até fazer isso.

Houve murmúrios de concordância de todos.

— Então vamos mantê-lo aqui contra a vontade? É um pouco difícil que ele queira me curar, estando desse jeito — Lissiana conjecturou, e sete pares de olhos se voltaram para ele.

Greg tentou não fazer uma carranca, mas sua bexiga estava começando a doer.

— O homem deveria estar a caminho de Cancún para as primeiras férias que tira em anos, e não está gostando de ficar preso aqui — Lissiana prosseguiu.

— Não poderia pelo menos esperar tia Marguerite acordar para falar com ela antes? — questionou Elspeth.

Para alívio de Greg, Lissiana negou.

— Não. Até ela acordar, já vai ser hora do jantar.

— E daí?

— Então poderá ser tarde demais para ele conseguir outro voo para Cancún ainda hoje. Ele prometeu me ajudar quando voltar. Tive essa fobia minha vida inteira, e mais uma semana não vai fazer diferença... isso, se ele conseguir me curar — completou, em dúvida.

Greg franziu a testa ao ouvi-la demonstrar aquela falta de confiança. Ele era considerado um dos melhores em sua área. Se alguém tinha condições de curá-la, era ele.

— Ah, tenho certeza de que ele conseguirá fazer isso — Elspeth falou, rapidamente. — Ele a ajudará, Lissi, para que possa se alimentar como o resto de nós.

— E se ele for até a polícia? — Jeanne Louise indagou.

— Ele não vai. Entrou no porta-malas sozinho, e isso foi gravado pelas câmeras do estacionamento. — Lissiana apontou, usando o argumento dele.

— Mas... — Jeanne Louise começou.

— Eu vou desamarrá-lo e levá-lo para casa — Lissiana declarou, decidida, encarando os primos. — Vocês talvez queiram descer enquanto faço isso, para não se meterem em encrencas por terem participado.

Greg prendeu a respiração enquanto eles se entreolhavam. Sua esperança começou a crescer ao ouvir Jeanne Louise pronunciar-se:

— Bem, se está determinada a soltá-lo, eu ajudo.

— Nós ajudamos — Elspeth corrigiu, e todos assentiram. Lissiana sorriu.

— Eu não preciso de ajuda.

— Claro que precisa — contrapôs Thomas. — Em primeiro lugar, vai precisar de uma carona. E, em segundo lugar, isso vai diluir a culpa. Quanto mais de nós estivermos envolvidos, menos problemas para você.

— Thomas, você sabe mesmo como sair de uma encrenca! — Jeanne Louise

parecia impressionada.

— Isso é muito gentil. Mas não precisam...

— Nem você — retrucou Elspeth. — Mas, se vai fazer, nós também vamos.

— Um por todos, e todos por um, hein? — Lissiana indagou, divertida, e cedeu. — Tudo bem, mas se vão participar, é melhor se vestirem.

Greg notou que todos, exceto Lissiana, ainda estavam de pijamas. Engraçado como ele não percebera. Havia muita pele exposta. Contudo, embora tivesse reparado no baby-doll de Lissiana assim que ela entrara, não prestara atenção ao que as outras usavam, o que era um tanto alarmante.

— Vamos trocar de roupa e já voltamos — avisou Mirabeau.

— Não precisam. Podemos nos encontrar no andar de baixo assim que eu terminar de desamarrar Greg — disse Lissiana.

Mirabeau discordou.

— Está se esquecendo da equipe de limpeza. Eles podem ir tagarelar para Marguerite. É melhor voltarmos aqui para ajudá-lo a se esgueirar para fora.

— Ah, isso vai ser divertido — Juli comentou, animada, apressando-se para a porta, com Vicki logo atrás.

— Nós já fomos assim tão jovens? — Jeanne Louise perguntou, enquanto todos saíam.

Lissiana balançou a cabeça e se virou para a cama. Ela estava sorrindo, o que fez Greg sorrir também antes de pedir:

— Pode terminar de me soltar agora? Eu preciso *muito* ir ao banheiro.

— Ah, é! — Para seu alívio, Lissiana retomou a tarefa.

Ele a observou soltar seu pulso, reparando na blusa de seda branca e na calça preta que ela vestia. Estava bonita. Não tão bonita quanto com o baby-doll, mas o bastante para que ele começasse a reagir.

— Qual é a sua fobia? — indagou à queima-roupa, quando ela terminou o primeiro pulso e começou a contornar a cama.

— Você não sabe? — Lissiana perguntou, chegando ao outro lado para soltar a última amarra.

— Não. — Observou-a trabalhar nos nós em seu pulso esquerdo. Ela tinha os dedos longos e flexíveis de uma pianista, bonitos e graciosos.

— Sou hemofóbica — ela admitiu, aflita.

— Hemofóbica? — Greg perguntou devagar, a mente girando. Ele tinha sido seqüestrado para curar uma *hemofóbica*?

Certo, não exatamente seqüestrado, mas fora amarrado. E supostamente porque

desejavam que tratasse uma fobia que *ameaçava a vida* da pessoa. Thomas dissera que seria como desmaiar à visão de comida. Greg entendera aquilo de modo literal, mas o problema não tinha nada a ver com comida. A mulher desmaiava ao ver sangue, pelo amor de Deus! Milhões de pessoas tinham hemofobia e levavam vidas normais.

Ficou ali, lembrando-se das súplicas da família, de quando cada um deles entrara no quarto pára dizer como Lissiana *precisava* dele, como aquela fobia a *atormetava*...

Estava furioso! Teria compreendido se ela tivesse alguma fobia que a impedisse de levar uma vida normal, mas *hemofobia*? Sangue não era algo que se precisava encarar todo dia, nem toda semana. Mal afetava a vida da pessoa. Claro que não era bom, mas mantê-lo ali por causa daquilo era...

— Terminei.

Constatando que estava livre, Greg resmungou um "obrigado", pulou da cama e correu para o banheiro antes que dissesse algo de que pudesse se arrepender. Queria berrar e quebrar coisas de tão bravo que estava por ter perdido seu voo por causa daquilo, mas não podia. Não faria nada que colocasse em risco sua saída daquele hospício.

Capítulo II

Greg estava quieto e tenso enquanto o conduziam pela enorme casa. Continuou assim quando todos entraram em uma espaçosa van azul na garagem. Ouviu Mirabeau explicar a Lissiana que alguém chamado Bastien enviara o veículo para Marguerite usar enquanto tivesse hóspedes, e que a pegariam "emprestada" para aquele passeio, já que não caberiam no jipe de Thomas.

Ele notou o que estava escrito na lateral do veículo antes de acomodar-se no banco do passageiro: *Empresas Argeneau*. Memorizou aquele nome.

O resto do grupo juntou-se a eles em silêncio assim que Thomas ligou a van e usou um controle-remoto para abrir a porta da garagem. Todos estavam tensos enquanto ele manobrava. Greg supôs que temessem que alguém saísse correndo da casa e pulasse diante do veículo para detê-los. Porém, isso não ocorreu, e eles chegaram à rua sem serem perturbados.

— Para onde? — Thomas indagou.

Greg hesitou, relutando em dar o endereço de sua casa. Quando estava prestes

a fornecer o do consultório, percebeu que sua pasta e o terno comas chaves no bolso tinham ficado no quarto de Lissiana. De jeito nenhum se arriscaria a voltar para lá. Com sua sorte, Marguerite os apanharia e impediria sua fuga.

No final, acabou dando o endereço de seu apartamento. Pelo menos ali o porteiro o deixaria entrar e chamaria o zelador para pegar as chaves-reserva. E era um prédio seguro; eles não poderiam entrar e arrastá-lo de lá mais tarde, caso mudassem de idéia.

A viagem pareceu longa, mas, pelo jeito, não foi só para ele. Enquanto as gêmeas falavam sem parar, encarando a situação como uma grande aventura, os adultos estavam quietos. Ao menos, até chegarem à cidade. Então, escutou Elspeth sussurrar o nome de Lissiana, o que o fez se esforçar para ouvir o que ela dizia.

— Lissi? Estou sentindo ondas de raiva vindas de Greg. Aconteceu alguma coisa enquanto estávamos nos vestindo?

— Raiva? — Lissiana repetiu, preocupada. — Tem certeza?

Ah, é raiva, sim!, Greg pensou com sarcasmo. Em seguida, franziu o cenho, imaginando como Elspeth sentira isso. Precisava tomar cuidado perto daquelas pessoas. Ele já acreditava que Marguerite tinha fortes poderes psíquicos. Por que os outros não teriam?

— Ele está quieto desde que foi ao banheiro. — A voz de Lissiana tornou a chamar-lhe a atenção para a conversa que acontecia atrás dele. — Mas eu pensei que estivesse nervoso para sair de casa sem que mamãe nos impedisse.

— Bem, talvez seja isso. — Elspeth soou incerta.

— Quer que eu o leia para você? — interveio Mirabeau.

— O quê? Lissiana, você não o leu? — Aquele sussurro era inconfundível; tinha vindo de uma das gêmeas. Provavelmente de Juli, que parecia ser sempre a primeira da dupla a falar.

— Ela *não conseguiu*, lembra? — Jeanne Louise juntou-se à conversa. — Foi por isso que ela o mordeu.

— Eu queria me alimentar à moda antiga, também — disse Juli, com um suspiro. — Só uma vez, pelo menos, para ver como é. Parece bem mais divertido que bolsas de sangue.

— Você vai experimentar — disse Elspeth. — A mamãe vai levar você quando fizer dezoito anos.

— Sim, sim — respondeu Juli, impaciente. — Para que saibamos nos alimentar dessa forma se houver uma emergência e esse for o único recurso.

Ela repetiu as palavras como se as tivesse decorado de tanto ouvir. Greg tentava entender o que estavam dizendo, mas não fazia idéia. Lissiana não o mordera. Mordiscara, talvez, mas o que mais fizera tinha sido sugar seu pescoço, o que, com

certeza, deixara uma bela marca. Falando nisso, queria ter se lembrado de conferir quando fora ao banheiro, mas esquecera, atordoado com a descoberta de qual era a fobia.

— E se houver uma emergência antes de fazermos dezoito anos? — Vicki perguntou.

— Torça para que não aconteça — redarguiu Elspeth.

— Isso não é justo — queixou-se Juli. — Vocês puderam se alimentar à moda antiga bem antes dos dezoito.

— Juli, na época era o único jeito — Jeanne Louise explicou, pacientemente.

— Quer que eu o leia para você e veja se há algum problema?

Greg tinha certeza de que era Mirabeau falando. As palavras dela acabaram com as reclamações de Juli. Na verdade, com toda a conversa. Greg se viu prendendo o fôlego durante o silêncio que se seguiu e cogitou se conseguiria bloquear aquela intrusão. Talvez se não pensasse em nada ou se...

— Chegamos!

O anúncio levou-o a prestar atenção ao redor. Thomas semi-cerrou os olhos ao olhar pela janela após estacionar. Não que fosse necessário, pois os vidros eram bastante escurecidos, como se o veículo estivesse de óculos escuros. Mesmo assim, o rapaz parecia incomodado com a luz que entrava.

Greg olhou para o edifício residencial. Abriu a porta e desceu, estremecendo com o ar gelado. Quase partiu daquele jeito mesmo, mas algo o fez se virar para a van. Encarou os ocupantes, que devolveram o olhar com expressão solene.

— Muito obrigado pela carona e por me soltarem — ele resmungou. Meneando a cabeça em um cumprimento, fechou a porta e virou-se para entrar no prédio, certo de que eles saltariam e o arrastariam de volta. Foi com um suspiro de alívio que passou pelas portas de vidro do saguão.

— Lissi, sente-se aqui na frente — Thomas convidou, quando Greg entrou no prédio.

Lissiana destravou o cinto de segurança e passou para o banco do passageiro. Assim que prendeu o cinto, Thomas engatou a marcha e voltou ao tráfego.

— Eu li a mente dele no caminho — ele anunciou.

— Você também conseguiu? — Lissiana perguntou, preocupada. Já era ruim sua mãe conseguir, e ela não.. Mas Marguerite era muito mais velha e poderosa. Aceitava também que Mirabeau pudesse fazê-lo, já que a amiga tinha o dobro da sua idade. Porém, Thomas, que tinha apenas quatro anos a mais, também conseguia? Por que só ela não podia ler o homem? Ciente de que as garotas se inclinavam para ouvir o que falavam, perguntou:

— E então?

— Ele *estava* furioso.

— Por quê? — ela perguntou, surpresa.

— Pelo que entendi, ele perguntou qual era a sua fobia depois que fomos trocar de roupa, não é? E você disse que era hemofobia. Foi isso o que o deixou furioso.

— Não entendi — Juli se intrometeu. — Por que isso o deixaria bravo?

— Tia Marguerite interrompeu as férias dele, arrastou-o até em casa, onde o amarrrou à cama, tudo em um esforço para fazê-lo cuidar da fobia de Lissi. Depois, todos nós insistimos que a fobia era muito ruim e estava arruinando a vida dela.

— Bem, e está — confirmou Elspeth.

— Sim, mas hemofobia não seria uma aflição tão grande para um mortal — ele assinalou.

— Mas Lissiana não é mortal — Jeanne Louise rebateu. — Ela precisa de sangue para sobreviver. Sangue é comida para ela.

— Sim — concordou Thomas. — Mas Greg não sabe disso, sabe?

— Ah... — as gêmeas murmuraram.

— Temos que contar a ele que você é uma vampira, Lissi — sugeriu Vicki. — Assim, ele vai entender.

— Claro que vai. — Mirabeau bufou. — Ele vai pensar que somos loucos. E você acha que ele vai nos deixar chegar perto o bastante para contar? O sujeito deve estar aprontando a mudança agora mesmo.

— Mirabeau tem razão — reconheceu Jeanne Louise. — Ele provavelmente vai mesmo se mudar, e não vai nos ajudar. O que eu não entendo, Thomas, é por que o deixou ir, se sabia de tudo isso?

Em vez de responder, ele se voltou para Lissiana.

— Você ainda o deixaria ir?

— Sim — ela confirmou. — Não era possível fazê-lo se acalmar, nem controlá-lo. Mamãe se enganou com esse seqüestro.

De modo geral, podiam subjugar a vontade dos mortais e colocar pensamentos e sugestões na cabeça deles. Marguerite conseguiria manter a maior parte das pessoas cordatas, felizes em estar ali e ansiosas para ajudar. Seria seguro deixá-las livres para andar pela casa, sem temor de uma fuga. E, no fim, ela apagaria todo o episódio da cabeça delas, deixando memórias alternativas no lugar. Estariam roubando o tempo da pessoa, mas ela não sentiria falta daquele período. Lissiana podia ter aceitado isso como um preço para a cura de sua fobia.

Mas Greg não era como a maioria. Era forte e resistia a ser controlado. Teria que ser mantido amarrado o tempo todo, e eles precisariam forçá-lo a tratar sua fobia com ameaças e promessas de liberdade. Isso não era aceitável para ela... E sabia que

sua mãe concordaria, assim que a raiva inicial por terem soltado Greg passasse.

— Sim — repetiu. — Ainda o libertaria, mesmo sabendo que ele não voltaria para me curar.

— Sabia que você diria isso — Thomas declarou e olhou para a irmã pelo retrovisor. — Foi por isso que não impedi a partida dele.

Ninguém falou nada durante todo o caminho de volta. Só quando Thomas estava colocando a van na garagem, Julianna sussurrou: — Hum... Ela parece furiosa.

Lissiana fez uma careta ao avistar a mãe diante da porta entre a garagem e a casa. Marguerite parecia mesmo muito brava. Suspirando, ela soltou o cinto de segurança e começou a sair da van.

— Espere por nós — pediu Juli, abrindo a porta de trás. — Estamos nisso juntos, lembra-se?

Jeanne Louise olhou para Lissiana e sorriu de forma encorajadora.

— Não vai ser tão ruim. Quero dizer, ela não pode estar tão nervosa assim.

Ah, estava sim, decidiu Lissiana ao ver a mãe andando de um lado para o outro. Marguerite esperou até que todos fossem ao seu encontro.

— Venham — ela ordenou.

Levou-os para dentro, até a sala, onde tia Martine aguardava. Uma vez lá, continuou andando de um lado para o outro, inquieta, enquanto exigia uma explicação. Foi Lissiana quem confessou que haviam levado Greg para casa. Vários minutos depois, Marguerite ainda andava pelo aposento, tentando controlar sua ira. Por fim, voltou-se para eles, meneando a cabeça.

— Vocês fizeram o quê? — ela indagou.

Lissiana mordeu o lábio ao ver a expressão horrorizada da mãe. Temia que ela não fosse reagir bem, mas não esperava tamanha fúria.

— Mãe — Lissiana disse, suspirando —, ele estava aflito. Tinha perdido o voo e...

— Ele não teria perdido nada! — Marguerite a interrompeu, irritada. — Eu teria colocado na mente dele lembranças de ótimas férias. Ele teria voltado para casa feliz e relaxado, como se tivesse ido para lá de verdade. — Ela fechou os olhos e suspirou. Então foi até a geladeira que havia atrás do bar e abriu-a. — Então, que lembranças você colocou nele?

— Lembranças? — Lissiana ecoou, olhando para seus cúmplices. Todos pareciam tão perdidos quanto ela.

— Para substituir as lembranças de ter estado aqui — explicou Marguerite, e logo franziu o cenho. — Droga, estamos quase sem sangue! Consumimos praticamente tudo na festa.

— Bastien vai mandar mais hoje — Martine lembrou-a.

— Ah, sim... — Marguerite relaxou um pouco, mas continuou olhando para a geladeira. Provavelmente, desejava enfiar as presas em uma das poucas bolsas de sangue restantes, mas sabia que não podia fazer isso, ao menos se quisesse que a filha continuasse consciente. — E então? Que lembranças você lhe deu?

— Hum... — Lissiana suspirou. — Não fiz isso.

Marguerite fechou a geladeira e virou-se para eles. Se tinha parecido horrorizada antes, não havia como descrever a expressão dela no momento.

— Como é? Você não... Por favor, me diga que não deixou o homem à solta, com pleno conhecimento de nossa existência. Diga-me que apagou a memória dele e lhe deu novas lembranças, como você aprendeu.

Lissiana suspirou de novo. Fora criada escutando que era necessário remover as lembranças dos mortais. Eles não podiam ser liberados com nenhum conhecimento da existência de sua espécie, pois isso seria uma ameaça para todos. Em mais de duzentos anos, era algo que escutara incontáveis vezes. E, mesmo assim, o soltara sem fazer isso.

— Eu não conseguiria, mesmo que quisesse. Não consegui entrar na mente dele, nem ler seus pensamentos, lembra-se?

— Você não conseguiu ler a mente dele? — tia Martine quis saber.

— Não.

Tia Martine olhou para Marguerite, mas antes que a mãe de Lissiana pudesse dizer algo, Elspeth saiu em defesa da prima.

— Tudo bem, tia Marguerite. Greg não sabe nada sobre nós, ou o que somos.

— É verdade. Na cabeça dele, somos um bando de malucos, e não de vampiros — acrescentou Thomas.

— Além disso — Elspeth comentou —, se ele tentar declarar que foi seqüestrado, ninguém vai acreditar nele. Greg entrou no porta-malas de livre e espontânea vontade, e isso foi gravado pela câmera de segurança do estacionamento.

— A única coisa de que ele poderia reclamar seria de ter sido mantido aqui até mais tarde e perdido o voo — disse Jeanne Louise. — E a polícia acharia que foi apenas algum tipo de jogo sexual que se estendeu, e que ele queria conseguir um reembolso para a passagem aérea.

— Esse seria o argumento *dele*, é claro — Marguerite retrucou. Lissiana praguejou em silêncio. Assim que Jeanne falara sobre jogo sexual, sabia que tinha sido um erro. A prima era a mais conservadora do grupo, e a última pessoa que falaria algo parecido.

Marguerite contornou o bar para encará-los.

— E o pescoço dele?

— O pescoço? — repetiu Lissiana, confusa.

— Você o mordeu — Thomas lembrou baixinho, em um tom que deixava claro que ele também havia se esquecido.

— Ah, sim... — Lissiana sentiu o coração afundar no peito.

Costumava colocar na mente do doador que a marca de sua mordida era, na verdade, um ferimento provocado durante o barbear, e que a pessoa devia mantê-lo sob um curativo até que sumisse. No entanto, não pusera aquela lembrança na cabeça de Greg. Tinha se esquecido da mordida, o que era bem ruim. Ele veria aquilo e começaria a questionar. Talvez até fosse a um médico para checar, permitindo que outros vissem a marca. Preocupada, acabou admitindo: — Esqueci completamente que o mordi... Eu não...

— Deixe para lá — Marguerite interrompeu, suspirando. — Eu cuido disso.

— Como? — indagou Lissiana, ansiosa.

— Vou visitá-lo e apagar a memória dele, além de implantar uma explicação razoável para as marcas.

— Sinto muito — ela murmurou, sentindo-se culpada. Não acreditava que tinha se esquecido da mordida. Na hora, fora uma experiência inesquecível.

— Não tanto quanto eu, querida. Estava contando com ele para curar sua fobia. — O desapontamento da mãe só aumentou sua culpa, especialmente quando ela acrescentou: — Quantas vezes já lhe disse que é grosseiro devolver um presente?

— Posso marcar uma consulta com ele para depois das férias — sugeriu Lissiana, tentando consertar as coisas.

— Se fosse tão fácil, eu mesma teria feito isso há muito tempo — Marguerite disse. — Mas você sabe que não podemos mexer com a memória de alguém mais de duas vezes, sem arriscar que a ilusão se desmanche sozinha. Eles desenvolvem resistência. Alguma parte deles reconhece você, e fica cada vez mais difícil. Por isso, eu fiquei tão animada que ele pudesse curá-la com uma ou duas consultas. Pensei que pudesse trazê-lo aqui, deixar que ele a tratasse e mantê-lo por perto até o final das férias só por garantia. Depois, eu apagaria a memória dele e o mandaria de volta.

— Bem, eu vou... Eu marco uma consulta com outra pessoa. Deve haver muitos terapeutas que conheçam a técnica — ela apontou. — Se são necessárias poucas consultas, podemos apagar a memória dela depois.

— Sim, mas quem?

A sala ficou em silêncio por alguns instantes.

— Nós podemos pedir ao dr. Hewitt que nos indique um psicólogo competente que lide com essas coisas antes de apagar a memória dele — tia Martine sugeriu, por fim.

Marguerite virou-se para encarar a cunhada.

— Nós?

— Bem... Não acha que eu a deixaria cuidar disso sozinha, não é? Minhas filhas ajudaram a soltá-lo, e eu a ajudarei a arrumar a bagunça que as crianças fizeram. Não vai demorar. Talvez na volta possamos parar na manicure e fazer algumas comprinhas. Tudo aqui é mais barato que na Inglaterra:

A tensão abandonou os ombros de Marguerite, que concordou.

— Vai ser bom. E podemos passar no mercado. Preciso comprar comida para as gêmeas.

Lissiana começava a relaxar enquanto as mulheres se dirigiam à porta, mas ficou tensa outra vez quando a mãe olhou para trás, fitando-a intensamente.

— Sei que sairá para trabalhar, Lissiana, mas você *vai* voltar para cá, não é? O que acha de ficar aqui essa semana para acompanhar suas primas?

A despeito do modo como fora dito, aquilo não era uma pergunta. E Lissiana, já encrencada, não queria causar mais distúrbios. Portanto, assentiu.

— Bom. Espero você depois do trabalho — a mãe disse, antes de olhar para Thomas e Jeanne Louise. — Não faria mal que vocês dois também passassem algum tempo com suas primas.

— Claro — Jeanne Louise concordou de imediato.

— Você me conhece, tia Marguerite. Fico sempre feliz ao passar meu tempo com jovens adoráveis — respondeu Thomas, sorrindo.

Dando um leve sorriso, Marguerite virou-se para Mirabeau.

— Você também é bem-vinda para ficar, querida.

— Hum... é...

Lissiana conteve um sorriso, ciente de que a amiga procurava uma desculpa polida para recusar o convite. Porém, ela nem teve chance de responder.

— Que bom! — Marguerite exclamou, e seguiu Martine para fora. Thomas riu. — Bem-vinda à família, Mirabeau.

Greg desligou o telefone e recostou-se ao sofá, admirado. Depois de tanto desgaste para pegar o avião para Cancún, ele não perdera nada. O voo tinha sido cancelado por dificuldades técnicas... o que quer que isso significasse.

Tentara remarcar a passagem para o voo seguinte, mas descobrira que só haveria disponibilidade na quarta-feira. Parecera-lhe um desperdício passar a quarta-feira toda entre aeroportos e aviões, para ficar apenas dois dias em Cancún antes de retornar, no sábado. Assim, gastara a última meia hora cancelando o hotel e o voo de volta.

Embora as últimas vinte e quatro horas tivessem sido as mais estranhas de sua

vida, além de estressantes, elas não afetaram em nada sua viagem. As férias estavam fadadas ao fracasso. O destino parecia ter outros planos para ele, que não incluíam sol, areia e mulheres seminuas, pensou, esfregando o pescoço.

Lembrou-se de quando chegara em casa... O zelador fora o primeiro a reparar em seu pescoço, ao saírem do elevador.

— Trancou-se para fora, hein? E o que é isso no seu pescoço? Uma mordida de vampiro?

O homem tinha rido ao perguntar, mas Greg estava sem humor para brincadeiras. Agradecera por ele ter aberto a porta e pedira uma cópia das chaves do apartamento e da entrada do prédio. O zelador havia prometido que as entregaria assim que estivessem prontas e voltara para o elevador. Greg tinha se esquecido da piadinha assim que fechara a porta.

Depois de trancá-la, apoiara-se na madeira sólida, suspirando por estar em casa, para em seguida fazer uma careta ao se lembrar de seu problema. Seu terno, chaves, carteira e pasta haviam ficado para trás. Perder a carteira já era ruim, uma vez que todos os seus documentos e cartões de crédito estavam ali. Porém, perder a pasta onde guardava sua agenda de consultas e seu caderno de anotações era ainda pior.

Sem poder fazer nada a respeito, dissera a si mesmo que tudo aquilo podia ser substituído e fora para o quarto. Depois de passar vinte e quatro horas com aquele terno, e até dormir com ele, precisava tomar um banho e trocar de roupa.

Enquanto se barbeava tinha notado a marca no pescoço. Não era roxa, como imaginara. Havia apenas dois furinhos, separados por cerca de dois centímetros e meio. As palavras do zelador voltaram à sua mente ao examiná-las:

O que é isso no seu pescoço? Uma mordida de vampiro?

Aquilo soara ridículo, e Greg tinha dado uma risada desconfortável, afastando-se do espelho para se vestir. Depois de pronto, ligara para o aeroporto.

Agora, com a tarefa concluída, pegou-se levando os dedos repetidamente ao pescoço. Pior ainda, algumas lembranças começaram a inundar sua mente. Marguerite acusando a filha de mordê-lo ao flagrá-los no quarto antes de explicar que ele não era o jantar. Thomas dizendo-lhe que a fobia da prima era como se a pessoa desmaiasse ao ver comida. Lissiana revelando que tinha hemofobia. E houvera a conversa entre as mulheres no banco traseiro da van. Tinham falado sobre Lissiana ser incapaz de ler a mente dele, o que a levava a mordê-lo. E uma das gêmeas comentara que também desejava se alimentar *à moda antiga*, o que parecia bem mais divertido que *bolsas de sangue*.

Greg continuou a esfregar os furinhos, meditando sobre tudo aquilo, e sendo assaltado pelas idéias mais estranhas. Idéias tão malucas e impossíveis que ele quase tinha medo de pensar nelas... mas que explicariam muito do próprio comportamento, que ele não compreendera e que, na verdade, o alarmara, como entrar no carro de uma

estranha e se deixar amarrar.

Balançou a cabeça, esforçando-se para se livrar daqueles pensamentos. Não conseguiu e acabou pegando um bloco de notas e uma caneta, traçando uma linha vertical para dividir a página ao meio. Escreveu de um lado *vampiro*, e do outro *não vampiro*, e começou a fazer sua lista, incluindo todas as conversas e anotando também as evidências físicas, como a marca no pescoço. Tudo isso foi para o lado *vampiro* da lista. Quando se voltou para o outro lado da página, hesitou antes de escrever: *Loucura, impossível e não existem*. Comparado ao lado *vampiro*, os argumentos eram bem fracos, notou. Riu, abalado. Parecia que tudo relacionado a Lissiana era frustrante, de um jeito ou de outro.

Uma batida na porta interrompeu seus devaneios. Irritado, ele jogou o bloco na mesinha e levantou-se para atender. Ninguém tinha tocado o interfone. Portanto, devia ser o zelador com as chaves. Já era alguma coisa. Isso e as chaves-reserva do carro que mantinha na escrivaninha permitiriam que fosse de táxi ao consultório buscar seu veículo. Talvez até saísse para comer.

Abrindo a porta, ficou paralisado, e seus planos desapareceram ao ver quem estava ali: Martine e Marguerite. Tentou fechar a porta, mas Marguerite colocou um pé no caminho, detendo-o. A seguir, ele foi forçado a recuar enquanto a porta se abria. Redobrou seus esforços para impedir que isso acontecesse, mas foi em vão. A mulher era muito forte. Praguejando, ele recuou para o corredor quando as duas entraram. Marguerite ergueu o que tinha nas mãos.

— Trouxemos suas coisas — ela anunciou.

Greg olhou para a pasta e o casaco, pensando na situação. Elas não deviam estar ali. Aquele era um prédio seguro. O porteiro deveria tê-las parado no saguão e interfonado para saber se ele autorizava a entrada, mas não fizera isso. Pelo visto, permanecera sentado, vendo-as passar.

— Martine, eu não consigo controlá-lo. Você consegue? — indagou Marguerite, de súbito.

Ele percebeu que tinha ficado ali, de pé, encarando-as enquanto resolvia o que fazer. Começou a mover-se para a direita, cogitando a possibilidade de correr para o quarto e, de alguma forma, barrar a porta de lá, mas Martine adiantou-se e tocou seu braço. No mesmo instante, ele ficou calmo e imóvel. Em seguida, teve o impulso de atravessar a sala e se sentar no sofá. Veio do nada, e era impossível resistir.

Virando-se, ele andou devagar pela sala, com Martine ainda segurando-lhe o braço. Afundaram juntos no sofá, e ela não o soltou. Não que ele conseguisse se incomodar; assistia com desinteresse Marguerite se sentar à frente deles.

— Vamos conseguir apagar a memória dele? — perguntou, preocupada, a mãe de Lissiana.

Martine se voltou para fitá-lo, e Greg sentiu um ruflar em sua mente. Era como

se algo se espalhasse por seu crânio. Após um momento, ela olhou para o bloco de notas que ele deixara na mesinha.

— É melhor dar uma olhada nisso, Marguerite — ela avisou.

— Você ainda não parou para comer. Deve estar com fome.

Lissiana sorriu para Debbie James, que entrava em sua sala. Aos cinquenta anos de idade e uma atitude maternal, ela era sua colega de trabalho preferida.

— Estou com fome, mas acho que vou esperar para...

— Alguém disse que está com fome?

Olhando para a porta, Lissiana viu padre Joseph. Lançou um olhar indagativo para Debbie, mas a mulher também parecia surpresa ao vê-lo. Ele trabalhava longas horas no abrigo, mas normalmente saía quando ambas chegavam para o turno da noite. Nunca o via por lá tão tarde... a menos que houvesse uma emergência.

— Algum problema, padre Joseph?

— Não. Por quê?

— Bem, já é tarde, e...

— Ah... Insônia. De vez em quando sofro disso. — Sorriu, mostrando a embalagem de comida que segurava. — Estava cozinhando para passar o tempo e fiz sopa. Como era muita, resolvi trazer um pouco para vocês.

— Eu... já comi — Debbie disse quando ele abriu o recipiente, e o cheiro de alho se espalhou pelo aposento.

— Mas Lissiana, não. — Ele sorriu. — Não é mesmo?

— Eu... hum... — Olhou para a sopa com ar de dúvida. Raramente comia, e o cheiro de alho estava, de fato, muito forte. Porém, não queria magoá-lo. — Obrigada. Seria ótimo.

— Aqui está. — Ele estendeu o recipiente e uma colher, que tirara do bolso.

Lissiana aceitou, forçando um sorriso. Quando o padre a encarou, aguardando, ela tomou uma colherada. Assim que experimentou a sopa, arrependeu-se de ter sido educada. O cheiro estava forte, mas não era nada se comparado ao sabor de alho. Sentiu a boca e a garganta queimarem ao engolir.

— Lissiana! — Debbie gritou, alarmada, ao vê-la engasgar. Correndo para trás da mesa, tirou a vasilha de suas mãos e começou a bater em suas costas.

— Debbie! — padre Joseph gritou. — Deixe-a respirar.

Ele agarrou o braço de Debbie, afastando-a, o que permitiu que Lissiana saísse correndo, rumo ao bebedouro. Encheu um copo de água, que tomou rapidamente. Precisou de três para que sua boca parasse de arder. Começando a melhorar, pegou um

quarto copo e voltou para a sala, parando ao avistar Debbie e o padre aporta.

— Você está bem? — Debbie indagou.

— Sim. A sopa estava apenas um pouco... forte.

Debbie olhou para a tigela que segurava, pegou uma colherada e lambeu com cuidado. O rosto dela ficou vermelho e, em seguida, pálido. Entregando a vasilha para o padre, ela pegou o copo de água de suas mãos e bebeu sufregamente.

Tinham sido necessários três copos de água para apagar o fogo na boca de Lissiana, provocado por uma colherada da sopa. Para a lambidinha de Debbie, haviam sido necessários quatro. Assim que as duas se recuperaram, viraram-se para o padre, que fitava a tigela com um olhar desapontado.

— Acho que não funcionou — ele murmurou.

— Não funcionou? — Debbie repetiu.

— A receita. — Ele suspirou e afastou-se.

— Essa foi a pior sopa que já provei — Debbie comentou assim que ele sumiu de vista.

— Lembre-me de nunca mais experimentar a comida dele.

— Como se fosse possível esquecer isso — Debbie disse, divertida. — Agora, vá comer e relaxe. E não trabalhe enquanto come. Não ganhamos o suficiente para trabalhar nos intervalos.

— Sim, senhora. — Lissiana observou-a se afastar antes de voltar para a sua sala. Sentou-se atrás da mesa, olhou para o que faltava fazer e depois para a porta. Estava mesmo com fome, mas não era um bom momento para se alimentar.

Embora as pessoas estivessem dormindo, ali não havia quartos separados nos quais ela pudesse entrar para se alimentar com privacidade, evitando ser descoberta. Eram seis aposentos grandes, contendo de dez a vinte camas cada. Seria arriscado tentar se alimentar em um deles. Podia haver um ou dois hóspedes acordados, ou que tinham o sono leve e que talvez despertassem. Preferia alimentar-se dos que estavam em movimento, ao aprontar-se para dormir ou ao levantar-se de manhã.

Tentaria encontrar alguém que estivesse sozinho, indo ao banheiro ou algo assim. Eles costumavam começar a se agitar antes de ela sair do trabalho, às seis da manhã. Sentia-se melhor ao tentar nesse horário. Portanto, ignorando a fome, voltou a atenção para a papelada.

Como sempre, atrasou-se para ir embora. Àquela altura, não apenas havia muita atividade no abrigo, mas padre Joseph estava por ali, cheio de energia. Avistando-a, resolveu acompanhá-la até o carro. Sem opção, Lissiana foi forçada a desistir de conseguir uma refeição rápida. Seu corpo sofria com as câimbras provocadas pela fome. Sentindo-se uma idiota, dirigiu-se à casa da mãe.

Precisaria deixar que Marguerite a colocasse na intravenosa, se ela ainda

estivesse acordada. Ou se alimentaria na noite seguinte. De qualquer maneira, tentava evitar a intravenosa, mesmo sofrendo de dores por vinte e quatro horas. Pelo menos, era o que vinha fazendo desde que se formara, conseguira um emprego e fora morar sozinha. Tudo isso, *supostamente*, a tornaria independente.

Fez uma careta. Mesmo que não dependesse mais tanto da mãe, não conseguia se alimentar direito. Com muita frequência, ia dormir sentindo as dores debilitantes causadas pela fome.

Pelo menos, mantinha-se viva. Talvez se saísse melhor se mudasse de profissão. Andava cogitando a possibilidade, mas precisava encontrar uma alternativa viável.

Isso, caso conseguisse se curar de sua fobia...

Permitiu-se fantasiar a respeito: não desmaiar mais ao ver sangue. Ser capaz de se alimentar de bolsas de sangue, como todo mundo. Ir até a geladeira, pegar uma bolsa e encaixá-la nas presas, em vez de ter que caçar sua refeição...

Seria o paraíso. Ela odiava caçar e detestava ser diferente de sua família. Curar-se seria uma bênção, mas parte de si temia que jamais conseguisse livrar-se da fobia, e relutava em ter esperanças, pelo medo se decepcionar.

Talvez sua mãe tivesse boas notícias, pensou, estacionando o carro. Com certeza, ela teria obtido o nome de um bom terapeuta com Greg antes de apagar a memória dele.

Lissiana sabia que era necessário, mas não estava feliz em pensar que ele não se lembraria dela. Era tolice. Mal o conhecia e passara pouquíssimo tempo com ele, mas não conseguia se esquecer daquele beijo e da sensação do corpo dele sob o seu.

Bem, aquilo era irrelevante. O que importava era que sua mãe talvez já tivesse marcado uma consulta com o psicólogo indicado por Greg e, em cerca de uma semana, ela poderia estar livre da fobia que a atormentava.

Animada com esse pensamento, desceu do carro da mãe, que pegara emprestado para ir ao trabalho, e atravessou a garagem. Nem tinha chegado à porta quando Thomas surgiu.

— O que está fazendo acordado? Já é quase de manhã. Achei que todos estariam dormindo.

— Os outros estão. — Ele a deixou entrar, fechou a porta e esperou-a guardar o casaco e as chaves. — Fiz chá.

Lissiana encarou-o, desconfiada. Apesar de poucos deles se interessarem por comida depois de certa idade, apreciavam bebidas comuns. Porém, um chá a dois àquela hora era sinal de que havia algo errado.

— Houve um problema enquanto apagavam a memória de Greg — informou Thomas, em uma resposta ao olhar indagador.

— Que tipo de problema? — ela questionou, preocupada.

— Venha para a sala. O chá está lá — ele avisou, e saiu. Lissiana o seguiu. Thomas lhe entregou uma xícara quando ela chegou ao sofá. Em seguida, sentou-se e tomou um gole da bebida, aparentemente sem pressa para explicar as coisas. Ela, ao contrário, estava impaciente.

— O que aconteceu?

— Elas trouxeram Greg de volta. Ele está na sua cama, amarrado de novo.

— O quê? — Encarou-o, incrédula. — Por que o trouxeram de volta? Elas deviam pegar o nome de outro terapeuta e apagar as lembranças dele, e não trazê-lo aqui.

— Parece que não conseguiram apagar.

— Não conseguiram?

Ele balançou a cabeça, negando.

— Nem mesmo tia Martine? — ela insistiu, espantada. Martine era a irmã caçula de seu pai e de tio Lucian. Era muito mais velha que Marguerite, e uma das mulheres mais poderosas de sua espécie. Não entendia como ela não conseguira apagar as lembranças de Greg.

— Nem ela — confirmou Thomas.

— Minha nossa... E o que elas vão fazer?

— Não nos disseram. Elas o trouxeram de volta, o colocaram no seu quarto e se fecharam no escritório por boa parte da noite. Victoria e Julianna ouviram pelo lado de fora, mas só conseguiram entender uma ou outra palavra. Ouviram tio Lucian e o conselho serem mencionados.

— Ah, não! E Greg? Deve estar furioso.

— Estava mesmo — Thomas reconheceu, sorrindo. — Gritava a plenos pulmões que estava sendo seqüestrado por duas sanguessugas desalmadas. Presumo que estivesse se referindo a tia Marguerite e tia Martine — concluiu, achando graça.

— Ele sabe o que somos? — ela perguntou, horrorizada. — Como?

— O que você acha? Não deve ter sido muito difícil descobrir. Tia Marguerite disse na frente dele que ele não era seu jantar, mas seu terapeuta, e vocês estavam falando a respeito de mordê-lo e de bolsas de sangue a caminho da cidade.

— Ele nos ouviu? — ela indagou, consternada.

— Sim. E deve ter visto as marcas da mordida.

Lissiana gemeu. As marcas. Ela mesma causara parte do problema. Agora ele descobrira a verdade, sua mãe e tia Martine não conseguiram apagar as lembranças dele, e tio Lucian e o conselho talvez fossem envolvidos.

— Vou ver como ele está — Lissiana começou a se levantar, mas o primo segurou-a pelo braço.

— Espere. Quero falar com você antes — ele pediu. — Algo me ocorreu quando voltávamos para cá, e está me incomodando desde então. — Thomas franziu o cenho por um instante, como se estivesse inseguro sobre como abordar o assunto. — O que nos impede de ter um relacionamento sério com um mortal?

— Com nossa habilidade de ler as mentes deles e controlar seu comportamento, eles se tornariam apenas marionetes — respondeu Lissiana, sem precisar pensar. Era um problema que ela vira se repetir por dois séculos. Em alguns aspectos, ser capaz de ler mentes era mais uma maldição do que uma bênção. Todos tinham um pensamento crítico de vez em quando, ou achavam outra pessoa, além do parceiro, atraente. Era difícil não ficar magoada ao ouvir seu namorado pensar, com irritação, que você estava sendo teimosa. Ou que não era boa em algo, ou ainda que não estava em seus melhores dias. Pior ainda era ele notar que a garçonne era bonita e imaginar como ela seria na cama. Ele podia não ter nenhuma intenção de traí-la, e o pensamento podia ser apenas passageiro, mas magoava mesmo assim. Também era difícil resistir ao impulso de controlá-lo quando você quisesse uma coisa, e ele não, ou de fazê-lo mudar de opinião quando estivessem discutindo. Com o parceiro errado, os de sua espécie podiam ser controladores tirânicos. Ela vira acontecer com seus pais.

— E o que tia Marguerite sempre diz a respeito do verdadeiro parceiro eterno?

— Que nosso verdadeiro parceiro eterno será aquele que não pudermos ler — ela retrucou de imediato.

Thomas assentiu.

— Você não consegue ler Greg. Lissiana piscou e meneou a cabeça.

— É diferente, Thomas. *Ele* é diferente. Resistente, de caráter forte. Você acabou de me dizer que nem tia Martine pôde apagar a memória dele, e mamãe sofreu para controlá-lo desde o começo. Ele não é...

— Mas ambas podem *ler a mente dele*, e eu também posso — ele interrompeu.

Lissiana encarou-o, atordoada. Greg, seu parceiro eterno? Não conseguia ler os pensamentos dele, e sua mãe sempre dissera que aquele era um sinal para encontrar o parceiro eterno, mas nem lhe ocorrera que Greg pudesse ser o seu. Agora estava pensando nisso.

Admitia que o dr. Hewitt tinha um efeito diferente sobre ela. Em mais de duzentos anos, Lissiana nunca experimentara tanto prazer e excitação nos braços de outro homem quanto com alguns beijos de Greg. Até encontrá-lo, nunca achara morder um ato que envolvesse erotismo. E era verdade também que, naquele tempo todo, nunca conhecera alguém cujos pensamentos não pudesse ler, mas... Greg era diferente. Sua mãe não era capaz de controlá-lo como fazia com os outros e tia Martine não conseguia apagar sua memória. Não sabia o que pensar. Estava cansada, faminta e sem disposição para aceitar o que o primo sugeria.

— Sei que você está surpresa, mas queria que pensasse no assunto — Thomas

disse, por fim. Inclinou a cabeça, preocupado. — Está pálida. Não se alimentou essa noite, não é?

— Não consegui — ela admitiu, esgotada.

— Tive uma idéia. Espere um pouco.

Lissiana observou-o ir até o bar e olhou ao redor. Fora naquela sala que haviam feito a festa do pijama na manhã anterior, e era onde esperava que fossem se deitar, mas Thomas dissera que todos já estavam dormindo.

— Onde está todo mundo?

— Na cama. Todos foram para casa, exceto tia Martine, as garotas e nós. Portanto, agora há quartos — ele disse, abrindo a geladeira atrás do bar. — Feche os olhos.

— Por quê?

— Confie em mim e mantenha os olhos fechados. — Ele atravessou a sala e sentou-se ao seu lado no sofá. — Abra a boca e estenda as presas. Vou colocar uma bolsa de sangue nelas. Cuidado para não se assustar e abrir os olhos, pois estará gelada.

Mantendo os olhos apertados, ela fez o que ele pediu. Thomas pôs uma das mãos em sua nuca enquanto pressionava a bolsa contra sua boca. Lissiana ficou imóvel enquanto suas presas faziam todo o trabalho, sugando o sangue para dentro de seu corpo. Era muito mais rápido que uma intravenosa. Em instantes, Thomas lhe deu três bolsas. Manteve os olhos fechados até que ele jogasse os recipientes no lixo. Quando, por fim, pôde abri-los, sorriu.

— Já lhe disse que é meu primo favorito, ultimamente?

— Pare ou eu vou corar.

Rindo, ela se levantou e beijou-o no rosto.

— Obrigada.

— De nada. — Afastando-se, ele foi até a porta. — Vou me deitar.

— Vou só dar uma olhada em Greg antes de ir para a cama. Boa noite.

— Boa noite.

Foi o barulho da porta que o despertou. Greg abriu os olhos e virou a cabeça para olhar ao redor. A luz do banheiro estava acesa, e a porta entreaberta impedia que o quarto estivesse um breu total.

Ao reconhecer Lissiana, que se aproximava da cama, acordou de vez. Ela parecia incerta de como seria recebida, e ele não podia culpá-la. Não gostara nem um pouco de ter sido arrastado de volta na noite anterior, e fora bastante enfático a esse respeito. Alguém provavelmente a avisara. Thomas tentara falar com ele, mas não o encontrara receptivo. Por fim, o rapaz tinha desistido, deixando-o sozinho com suas

queixas. Ele resmungara até pegar no sono.

— Você deve me odiar.

Greg surpreendeu-se ao ouvir aquilo.

— E por que deveria odiá-la? Não é você que fica me trazendo para cá. Na verdade, você me libertou.

— Sim, mas foi minha fobia que o colocou nisso.

— Não é culpa sua. Ninguém escolhe ter uma fobia — ele disse com gentileza. Encarando-a, pensou no que ela era: uma vampira. A chegada e as primeiras palavras o haviam distraído, mas agora ele confrontava a verdade. A bela loira de exóticos olhos azuis que o beijara e acariciara era uma vampira.

Mal podia acreditar que estava pensando nessas coisas. Era um psicólogo, afinal de contas! Se um paciente entrasse em seu consultório dizendo ter sido mordido por um vampiro, ele q diagnosticaria como um paranóico com alucinações ou como qualquer outra coisa que, no fim, equivaleria a maluco. E ali estava ele, certo de ter sido arrastado para um ninho de vampiros.

A despeito do rumo de seus pensamentos, Greg não tinha certeza de onde estava se metendo, até o surgimento de Martine e Marguerite em seu apartamento. Nenhuma mulher conseguiria empurrar a porta com tanta força como Marguerite fizera. Havia também a forma como ele se comportara com calma e tranquilidade, sentando-se no sofá da sala. Mas a última gota fora o que Marguerite dissera quando Martine divisara a lista na mesinha:

— Ele sabe o que somos. Isso explica porque está ainda mais difícil controlá-lo. O que faremos agora?

— Bem... Eu dei uma olhada na mente dele e, de fato...

Greg não ouvira mais nada, pois as duas haviam se afastado para prosseguir a conversa. O interessante era que, no momento em que Martine parara de tocá-lo, ele tinha se visto livre da compulsão de permanecer sentado no sofá. Sua mente, que lhe pertencia de novo, enchera-se de pensamentos apavorados de como deveria agir: fugir, chamar a polícia ou fazer as várias perguntas que surgiam a respeito daqueles seres. Estava dividido entre o medo e a curiosidade.

Antes que pudesse se decidir, Martine se encontrava outra vez ao seu lado, e ele havia sido invadido por um novo impulso: deixou o apartamento com as duas, desceu no elevador, saiu do prédio e entrou na mesma van em que Lissiana e suas primas o tinham levado para casa. Dessa vez, sentando-se atrás. Martine ia ao lado dele. Assim que chegaram a casa ele entrou e foi direto para o mesmo quarto de antes, deixando que o amarrassem.

Só começou a gritar e a espernear quando acabaram de amarrá-lo, e Martine soltou seu braço. Voltando a ter o controle de sua mente, ficou furioso e frustrado por ter-se deixado prender outra vez. Tinha reclamado e gritado, mas as mulheres o

ignoraram e saíram. Aquilo, porém, não o impediu de continuar. Gritou até ficar rouco.

Agora estava se sentindo muito mais calmo. Suspeitava que devia estar apavorado, mas era difícil ter medo de Lissiana... ou dos primos dela. Era difícil temer pessoas que já tinha visto de pijama.

— Vocês todos têm uma aparência muito boa para defuntos — ele comentou, afinal.

Lissiana piscou, chocada com as palavras. Porém, não mais chocada do que ele. Greg não acreditava que tinha dito aquilo. Deus! Não era de admirar que sua família achasse que precisava de ajuda com as mulheres.

— Não estamos mortos — Lissiana informou.

Greg parou de se recriminar por sua estupidez para encará-la, sem entender.

— Mas vocês são vampiros. Nosferatu. Os mortos-vivos... — Parou, pensando no que dissera. — Ah... Vocês são mortos-vivos. Agora que você me mordeu, vou virar um vampiro também? Ou vou ficar no estágio Renfield, e começar a comer insetos?

— Você não foi transformado e nem vai sentir vontade de comer insetos — Lissiana asseverou com paciência.

— Isso é bom. Na verdade, tenho fobia de insetos.

— Você trata de fobias, e tem uma?

— É como dizem, casa de ferreiro...

— Espeto de pau — ela completou, divertida, antes de repetir: — Não estamos mortos, Greg.

— Então vocês são vampiros, mas não estão mortos, nem são mortos-vivos?

— Eu não usaria o termo *vampiro* perto da mamãe. Ela odeia isso. A maioria dos mais idosos odeia.

— Por quê? É o que vocês são, não é?

— Vampiro é um termo mortal — ela explicou. — Nós não o escolhemos. E carrega conotações ruins... como Drácula, ou seres demoníacos. .

— É bom saber que vocês não são demônios... Quantos anos você tem?

Lissiana ficou em silêncio por tanto tempo, que ele achou que não fosse receber uma resposta. Então, ela se sentou na cama e fitou as próprias mãos.

— Nasci em 1798.

Ele ficou imóvel, absorvendo a informação. Deus! Lissiana tinha mais de duzentos anos! E ele imaginando que ela poderia achá-lo velho demais...

— Você afirma que não estão mortos, mas é isso o que dizem todos os livros e filmes.

— De acordo com muitos livros e filmes, psicólogos e psiquiatras são assassinos

psicóticos — ela retrucou. — Pense em *Vestida para Matar* ou em *O Silêncio dos Inocentes*.

— *Touché* — concedeu ele, divertido.

— Assim como acontece com quase tudo, as histórias de nossa espécie foram corrompidas através dos séculos.

— Foram muito corrompidas? Vocês são desalmados e amaldiçoados?

Ela sorriu, achando graça.

— Não, não somos amaldiçoados, nem desalmados, e alho e símbolos religiosos não fazem efeito em nós.

— Mas vocês bebem sangue?

— Precisamos de sangue para sobreviver — ela admitiu.

— Isso é loucura — Greg falou, recusando-se a aceitar o inaceitável. — Vampiros, vida eterna, alimentar-se de sangue... É ficção, um mito, uma lenda.

— A maioria das lendas e mitos têm um fundo de verdade.

— Lobisomens também? — ele quis saber, com os olhos arregalados.

— Bem, você é o psicólogo. Deve ter estudado a licantropia...

— Sim, é uma psicose em que o paciente tem a ilusão de ser um lobo.

— Pois é.

O que aquilo significava? Greg não acreditava em lobisomens, mas também nunca acreditara em vampiros. Aquela história toda estava virando suas crenças de cabeça para baixo. Não sabia mais o que pensar.

— Sinto muito por tê-lo mordido.

A voz de Lissiana o arrancou de seus pensamentos, o que foi bom. Poderia enlouquecer com aquelas idéias que ficavam passando por sua cabeça. Logo acreditaria em fadas e duendes.

— Foi um engano — ela continuou, baixinho. — Quando o vi amarrado à cama, com um laço no pescoço, pensei que fosse meu presente de aniversário... E era, mas não como imaginei. Não sabia que você estava aqui para curar minha fobia. Presumi que fosse... um agrado.

— Um agrado? — Greg ecoou com descrença. — Não quer dizer que imaginou que eu fosse o seu jantar?

Ela sorriu e teve a gentileza de corar de vergonha, fazendo Greg se arrepender do que tinha dito. Não estava bravo por ter sido mordido. Era difícil ficar nervoso com algo que apreciara tanto. Só de lembrar, já sentia seu corpo reagir.

— Então, você é uma vampira com hemofobia — ele disse, mudando de assunto.

— Ridículo, não é? — ela murmurou, desgostosa. — Sei que não devia temer

sangue, que não há nada a temer, mas...

— Fobias não são racionais. Tenho um paciente com mais de um metro e oitenta que tem pavor de aranhas minúsculas. — De repente, outro pensamento lhe ocorreu. — E luz do sol? De acordo com as lendas, ela destrói vampiros.

— Bem... Ela causa os mesmo danos aos nossos corpos que aos seus. É um pouco mais perigosa para nós porque nosso corpo usa mais sangue para reparar os danos, o que nos desidrata, fazendo com que precisemos nos alimentar mais. Antigamente, evitávamos a luz do dia para não termos de nos alimentar com mais frequência. Era muito arriscado na época. Podíamos ser descobertos.

— E agora?

— Agora, a maioria de nós usa os bancos de sangue, mas vários ainda evitam a luz do sol por hábito ou por conveniência. Andar por aí, carregando carrinhos térmicos com bolsas de sangue pode ser complicado.

— Se vocês não são nem mortos nem amaldiçoados, o que são?

Lissiana considerou a pergunta por um instante.

— Acho que é mais fácil de entender se eu contar desde o começo — disse, por fim.

— Por favor. — Na noite anterior ele ficara furioso ao ver-se preso outra vez contra a sua vontade. Porém, naquele momento, estava curioso. Do ponto de vista intelectual, era fascinante.

— Já ouviu falar de Atlântida?

Era uma pergunta retórica, mas ele resmungou um "sim", embora um tanto confuso sobre o que o local mítico tinha a ver com vampiros.

— A civilização perdida, Platão, Posêidon, Crítias. Um paraíso de gente abastada que desagradou Zeus ao ficar gananciosa — ele disse, recordando os cursos na universidade. — Zeus os puniu juntando todos os deuses e expulsando-os.

— É o que dizem os livros — Lissiana concordou, divertida.

— E qual a relação entre a Atlântida e os vampiros?

— A Atlântida é tão mítica quanto os vampiros — ela anunciou, — Eles eram uma raça muito avançada e, antes da queda, os cientistas de lá desenvolveram uma espécie de nano.

— Aquelas coisinhas minúsculas de computador?

— Sim. Não entendo completamente. Nunca me interessei por ciência. Meu irmão, Bastien, poderia explicar muito melhor. Mas simplificando: eles juntaram nanotecnologia com bio alguma coisa...

— Bioengenharia?

— Algo assim. Combinaram as duas tecnologias e criaram nanos microscópicos

que poderiam ser injetados na corrente sangüínea, onde viveriam e se replicariam.

— Não entendo o que isso tem a ver com...

— Esses nanos foram programados para reparar tecidos — Lissiana interrompeu. — Eles seriam auxílios medicinais, ajudando a curar pessoas gravemente feridas ou enfermas.

— E funcionou?

— Ah, sim. Melhor do que o esperado. Uma vez no corpo, eles não apenas reparavam tecido danificado, destruíam todo tipo de infecção, e, até regeneravam tecidos mortos.

— Ah... — De repente, Greg compreendeu por que ela estava lhe contando sobre Atlântida. — Esses nanos fazem vocês viverem por tanto tempo, permanecendo jovens.

— Sim. Foi um efeito colateral inesperado. Eles tinham sido programados para se autodestruírem quando os danos estivessem reparados, mas...

— O corpo está sempre sob o ataque da luz do sol, da poluição e do envelhecimento — Greg terminou a frase por ela.

— Isso. Logo, enquanto houver danos a reparar, os nanos vão viver e se reproduzir, utilizando-se da corrente sangüínea. E sempre há danos.

Greg fechou os olhos, absorvendo as informações que ela lhe passara. Aquilo levantava outra dúzia de questões.

— E o sangue? Sua alimentação? É porque os nanos o usam?

— Sim. Eles o utilizam como combustível e para realizar os reparos. Quanto mais danos, mais sangue é necessário. Mesmo com o desgaste do dia a dia, o corpo não é capaz de supri-los de sangue suficiente.

— E você precisa tomar sangue para alimentar os nanos — ele concluiu.

— Sim. Tomar ou fazer transfusões.

— Transfusões? — ecoou Greg, feliz por deparar-se com uma palavra comum naquela conversa. — Então é como hemofilia? Um tipo de doença do sangue... Exceto pelo fato de vocês serem uma raça antiga e avançada. — Ele parou, confuso. — Mas você nasceu há pouco mais de duzentos anos. Não é de Atlântida. Isso é passado de mãe para filho?

— Foi passado para mim por minha mãe, mas ela não nasceu assim.

— E seu pai? Que idade ele tinha?

— Ele, seu irmão gêmeo e os pais deles estavam entre os que fugiram da queda de Atlântida. Tia Martine nasceu uns duzentos anos depois disso.

Ele refletiu sobre a declaração. Quando aquilo acontecera? Não tinha certeza. Antes do Império Romano, antes do nascimento de Cristo... Deus!

— Meu pai inseriu os nanos em minha mãe quando se casaram: — Lissiana acrescentou, quando o silêncio se estendeu.

Greg assustou-se com a informação.

— Então, qualquer um pode...

— Você não precisa nascer vampiro — ela disse, com suavidade. — Eles foram introduzidos no corpo de modo intravenoso, no princípio, e ainda pode ser assim.

— E o sangue nem sempre tem que ser consumido — ele disse, voltando àquele ponto. Não sabia por que, talvez fosse por parecer menos estranho imaginar aquilo como uma hemofilia.

— Sim, mas é muito mais demorado do que se alimentar de forma adequada. Imagine a diferença entre tomar um copo de água, e receber um copo de soro gota a gota por via intravenosa.

— Deve ser inconveniente para você, quando os outros podem apenas tomar o deles. — Ele estava se esforçando para entender.

— Nem é tão inconveniente. Mamãe costumava esperar até que eu me deitasse para descansar durante o dia para colocar a intravenosa e o sangue. Eu me alimentava dormindo. Não era inconveniente, mas... — Ela hesitou. — Eu me sentia dependente como uma criança, vulnerável como os filhotes de pássaros que precisam das mães para alimentá-los. Eu *era* dependente.

— E não é mais?

— Agora eu me alimento sozinha — ela declarou, com orgulho, para confessar em seguida: — Nem sempre muito bem, mas me alimento.

— Se é hemofóbica, como se alimenta? Ela suspirou.

— Greg, não acho...

— Como? — ele insistiu, embora já soubesse a resposta. Se ela desmaiava ao ver sangue, a única opção restante era mordendo, como fizera com ele.

— À moda antiga — ela admitiu, por fim.

— Estou ouvindo uma ponta de culpa em sua voz? — ele questionou, surpreso. Embora preferisse que ela se alimentasse de bolsas de sangue como os outros, em vez de sair por aí como uma versão feminina do Drácula, não tinha imaginado que isso a incomodasse.

— Bancos de sangue se tornaram o principal meio de alimentação para minha espécie há cinquenta anos. Todos os adotaram, e eu comecei a me alimentar por via intravenosa. Após tantos anos sem se alimentar diretamente dos mortais, você quase se convence de que eles e a bolsa presa à intravenosa não têm nada em comum. Os mortais viram apenas vizinhos, amigos e...

— Entendo — interrompeu Greg. Compreendia mesmo. Devia ser algo parecido

com o que as pessoas experimentavam ao comprar a carne cortada e embalada, podendo esquecer que o que comiam vinha das lindas vaquinhas de olhos meigos no pasto.

Voltou a meditar sobre a conversa que tivera com Thomas na primeira noite ali, quando ele suplicara pelo bem de Lissiana, explicando que eles se preocupavam que essa fobia a levasse a seguir os passos do pai. Pensou a respeito, juntando as informações que possuía. Lissiana lutara para ficar menos dependente da mãe, se formara, tinha conseguido um emprego e seu próprio apartamento. Ela...

— Você trabalha no abrigo — ele disse, compreendendo.

— Sim — ela concordou, cansada.

— E se alimenta lá. — Não era uma pergunta. Era a única coisa que fazia sentido. Se ela havia se formado e conseguido um emprego para se alimentar à moda antiga, devia ter escolhido uma carreira que facilitasse isso.

— Pensei que poderia ajudar as pessoas e cuidar das minhas necessidades ao mesmo tempo — Lissiana explicou.

Greg assentiu. Fazia sentido. Diminuiria a culpa que ela sentia.

— Também pensei que os hóspedes do abrigo mudassem toda noite.

— E não é assim?

— Infelizmente, não. Em geral, são as mesmas pessoas por meses, embora alguns venham e vão.

— Mas vários dos sem-teto têm problemas com drogas ou bebida — ele adivinhou, entendendo a preocupação da família. Se eles tinham problemas, e ela estava se alimentando deles...

— Sim, mas não todos. Álcool e drogas levaram alguns para as ruas: eles perderam a família, o emprego, o lar... Outros, por algum motivo, perderam tudo, e agora bebem ou usam drogas para esquecer a situação. Mas nem todos são dependentes.

Greg sorriu do tom defensivo usado por ela. Lissiana se importava com eles, mais do que como seu jantar. Era bom saber.

— Vários não são saudáveis — ela prosseguiu. — Têm pouco ou nenhum dinheiro, e não estão comendo bem. Alguns fazem só uma refeição por dia, que é o café da manhã que o abrigo oferece.

— E é por isso que sua família está preocupada e quer que eu a cure — concluiu Greg. — Se você não está se alimentando de gente com álcool ou drogas no corpo, está fazendo isso com pessoas que não estão comendo direito. Logo, você não está se alimentando direito também.

— Sim. Sobrevivo com o equivalente a comida fast-food: satisfatória, mas com pouquíssimos nutrientes. Mas acho que isso não incomoda tanto minha mãe quanto o

álcool.

Greg assentiu, sem conseguir desviar o olhar da boca de Lissiana. Nunca prestara muita atenção aos dentes dela. Estava sempre concentrado demais nos lábios, e no que gostaria que ela fizesse com eles.

— Posso ver seus dentes?

Lissiana ficou rígida, encarando-o.

— Por quê?

— Bem... Eu acredito que vocês sejam mesmo o que estão dizendo que são. Vi as marcas da mordida, sei que fui controlado, mas...

— Você quer mais provas. Evidências físicas — ela concluiu.

— Desculpe, mas estamos falando de algo inacreditável. Vampiros de Atlântida que não são nem amaldiçoados nem desalmados, mas vivem para sempre, permanecendo jovens e saudáveis? É como se me pedisse para acreditar no coelhinho da Páscoa.

Ela assentiu, compreendendo a situação, mas hesitou um pouco antes de abrir a boca e mostrar os dentes. Eles eram perfeitos e brancos, mas...

— Sem presas — ele disse, desapontado.

Em resposta, Lissiana aproximou-se um pouco mais, inclinando-se. As narinas dela se dilataram quando respirou fundo, e os caninos se transformaram, deslizando para fora com suavidade. Duas presas compridas e agudas projetaram-se de sua boca.

Greg sentiu-se empalidecer.

— Isso... — Ele pigarreou. — Isso dói? Lissiana retraiu as presas.

— A retração e expansão dos dentes?

Ele assentiu, ainda olhando a boca de Lissiana.

— Não.

— Como eles...

— Acho que é como as garras dos felinos — ela disse, dando de ombros. — Pelo menos, é o que diz meu irmão Bastien.

— Você nasceu com elas? — Greg perguntou e, ao vê-la anuir, continuou: — Mas seus ancestrais da Atlântida não tinham presas, não é?

— Não, meus ancestrais são tão humanos quanto os seus. — Viu a expressão de dúvida no rosto dele e insistiu: — Nós somos apenas... — Lissiana procurou os melhores termos. — Nós apenas evoluímos de um modo diferente. Os nanos nos forçaram a desenvolver algumas características que nos ajudaram a sobreviver. Precisamos de sangue, logo...

— Logo, as presas.

Ela assentiu, tornando a bocejar.

— Eu devia ir dormir.

Greg franziu a testa. Para ele, era de manhã, e estava desperto e curioso para continuar a conversa. No entanto, sabia que ela trabalhava à noite no abrigo, e que precisava dormir. Lutou com sua consciência por um momento, mas seu egoísmo venceu.

— Não pode ficar mais um pouco? Sente-se aqui ao meu lado, e se apoie na cabeceira. Vai ficar confortável — sugeriu, afastando-se até onde conseguia com as mãos amarradas.

Lissiana relutou, mas fez conforme ele havia dito. Afofou o travesseiro, colocou-o sobre o braço de Greg e se ajeitou ali.

Ele a fitou, mas só conseguia prestar atenção em como ela cheirava bem. Lissiana estava perto o bastante para ele sentir o calor que ela, irradiava. Depois de um instante, conseguiu voltar às questões que giravam em sua mente.

— E o que mais? De que outros modos os nanos os fizeram evoluir?

— Temos excelente visão noturna, e somos mais rápidos e mais fortes que vocês.

— Para ver e caçar a presa. Os nanos os tornaram os predadores noturnos perfeitos.

Ela se encolheu com a descrição, mas anuiu.

— E o controle mental?

— Facilita a alimentação. Permite que controlemos nossos doadores, e podemos apagar as lembranças que eles têm da experiência. Podemos impedi-los de sentir dor enquanto nos alimentamos, e fazê-los esquecer o que aconteceu. O que é mais seguro para os dois.

— E o que deu errado comigo? — Greg perguntou, curioso.

— Alguns mortais são mais difíceis de controlar que outros. Você deve ser um deles.

— Porquê?

— Talvez tenha a mente mais forte. Na verdade, não sei. Embora já tivesse ouvido falar, é a primeira vez que encontro alguém assim. Tudo o que sei é que não consigo nem ler sua mente, quanto mais controlá-la, e mamãe se esforçou para conseguir fazer isso desde o começo.

— Ela falou algo sobre não conseguir me controlar quando elas entraram no meu apartamento, mas pelo jeito não teve muita dificuldade em me trazer para cá de novo — Greg disse. — Ou talvez fosse a tal Martine. Ela veio o caminho inteiro tocando meu braço. Mantive a mão nele até terminarem de me amarrar e, assim que me soltou, minha mente voltou ao normal. Mas na noite anterior, eu levei alguns minutos depois que sua mãe saiu do quarto para voltar à consciência e perceber o que tinha acontecido.

Lissiana esfregou os olhos, exausta.

— Elas devem precisar tocá-lo agora para penetrar no seu pensamento, para fazer a conexão.

Greg achou, pela expressão dela, que isso não era boa notícia. Ele discordava. Não gostava de ser controlado. Era ótimo que fosse cada vez mais difícil.

Olhou para ela para comentar a respeito, mas Lissiana já estava dormindo.

Lissiana estava sonolenta e nem um pouco disposta a acordar, mas algo lhe dizia que precisava fazê-lo. Tentou se afundar mais nos travesseiros e sob a coberta antes de notar que não havia nada daquilo na cama. Franzindo o cenho, esforçou-se para abrir os olhos.

Sua mente semidesperta levou um instante para dar-se conta de que sua cabeça não estava sobre um travesseiro, mas sobre um peito. Adormecera enquanto conversava com Greg e, em algum momento, havia se aninhado junto a ele. Ofegando, começou a se afastar, só para gelar ao avistar as primas, o primo e a amiga. Os seis rodeavam a cama, encarando-a com interesse.

Olhou para Greg, que estava acordado, fitando-a. Sentou-se e se virou para os intrusos.

— Qual é o problema?

— Estamos com fome — Juli anunciou. — Não comemos nada desde a sua festa.

— As gêmeas não estão habituadas a uma dieta líquida, e a dor da fome as despertou — Elspeth desculpou-se. — Elas foram até a cozinha, mas tia Marguerite não fez compras como tinha planejado porque trouxe Greg de volta. Então me acordaram para ver se eu estava de acordo em pedir algo para comer.

— Mas a pizzeria e o restaurante chinês só abrem daqui a algumas horas, e tia Marguerite mora tão longe que ninguém além deles faz entrega aqui — Jeanne Louise completou a explicação. — Sugeri que acordássemos Thomas para ver se ele as levaria a um restaurante para o desjejum, e de lá, para o mercado.

— E por que você estava acordada? — Lissiana quis saber.

— Elas confundiram o quarto de Elspeth com o meu e me acordaram por engano. Quando me contaram o plano, eu me juntei a elas.

Lissiana grunhiu. Aquilo explicava por que elas estavam despertas, mas não como Mirabeau acabara ali. Porém, antes que pudesse perguntar algo, a amiga disse:

— Meu quarto fica entre o de Elspeth e o de Jeanne Louise, e a bagunça me acordou.

— E quando vieram me pedir carona, falei que talvez você e Greg estivessem com fome também, e viemos conferir — Thomas acrescentou.

— Ah... — Lissiana voltou-se para Greg. — Ele está faminto — anunciou

Mirabeau.

— Você também consegue ler a mente dele? — Lissiana perguntou, lembrando da conversa com Thomas na noite anterior.

— Ele tinha acabado de dizer que estava morrendo de fome antes de você acordar, mas consigo, sim.

Lissiana ficou chocada com a notícia e olhou para os demais.

— Vocês conseguem ler os pensamentos dele? Com certeza, não sou a única que...

— Eu consigo — afirmou Juli. — Ele acha que você é linda quando acorda, mesmo com o cabelo todo bagunçado.

Ela levou a mão ao cabelo, notando que estava todo desganhado e cheio de nós.

— Ele está imaginando se você tem mau hálito de manhã — Vicki acrescentou, com uma risadinha.

Lissiana fechou a boca; era provável que tivesse, mesmo.

— Greg está feliz em saber que não somos mortos, e acha que, para um bando de sanguessugas, somos uma família muito simpática. — Elspeth sorriu para ele. — Também gostamos de você.

— Obrigado — ele murmurou.

— Ele quer ver você curada, mas prefere que outra pessoa faça a terapia, porque está interessado em você de um modo que seria antiético para um terapeuta — arrematou Jeanne Louise, provando que também conseguia lê-lo. Voltou-se para Greg. — Admiro sua ética, mas esse não é um caso padrão, certo? Quero dizer, você não pode se ater às mesmas regras que usaria se ela surgisse em seu consultório como paciente.

— Eu... — Ele balançou a cabeça. — Eu venho de uma família muito unida, mas acho que isso é um pouco demais.

— Deixem-no respirar, meninas — Thomas pediu, divertido.

— O pobre-coitado não está acostumado com essas coisas. Além disso, eu também consigo ler a mente dele, e ele não estava brincando sobre estar morrendo de fome. A última vez que comeu foi na sexta-feira à tarde. E não pretende fugir. Logo, sugiro que o levemos conosco ao restaurante e ao mercado.

— Thomas, não acho que seja uma boa idéia — Mirabeau objetou.

— Você pode ler a mente dele. Faça isso — ele sugeriu.

Mirabeau hesitou, mas encarou Greg. Lissiana imitou-a, tentando de novo entrar nos pensamentos dele. Impossível. Ficou alarmada. Se todos conseguiram, por que ela não? O comentário de Thomas, de que ele poderia ser seu verdadeiro parceiro eterno, veio-lhe à mente. Antes que pudesse meditar a respeito, contudo, Mirabeau

concordou: ele podia ir. O que quer que tivesse visto a convencera de que ele não iria fugir.

— Precisamos tomar banho e trocar de roupa — disse Juli.

— E nos maquiar — acrescentou Vicki.

Lissiana viu as duas saírem correndo ainda em seus baby-dolls, e então notou que todos ainda usavam roupas de dormir.

— Vamos nos encontrar aqui em meia hora? — perguntou Thomas, dirigindo-se à porta.

— Só pode estar brincando. — Elspeth bufou, acompanhando-o. — As gêmeas levarão esse tempo só para decidirem o que vestir. Melhor que seja em uma hora.

— E Greg? — Foi a vez de Jeanne Louise. — Ele dormiu com as roupas que estava usando e deve querer tomar banho e se trocar.

Lissiana olhou para Greg, envergonhada por não ter pensado naquilo. Ele ainda estava com o jeans e a camiseta que vestia quando ela chegara em casa. As roupas que usava ao ser seqüestrado.

— Ele é um pouco maior do que eu, ou eu emprestaria as minhas — desculpou-se Thomas. Embora os dois fossem mais ou menos da mesma altura, Greg tinha o peito e os ombros mais largos.

— Ele deve caber nas roupas dos seus irmãos — Jeanne Louise lembrou. — Eles também mantêm roupas aqui. Vou pegar algumas quando estiver voltando para cá.

— Obrigada — Lissiana disse, vendo os quatro deixarem o quarto. — É melhor eu me aprontar também — murmurou, evitando encontrar o olhar de Greg enquanto saía da cama. Imaginava sua aparência, com a roupa amassada, o cabelo bagunçado, o rosto sem maquiagem. Não que usasse muita, mas...

Ela foi até a cômoda, pegou calcinha e sutiã na primeira gaveta, parou no closet para apanhar uma calça jeans e uma camiseta e foi para o banheiro.

Quinze minutos depois, estava banhada, com roupas limpas, dentes escovados e batom nos lábios, prestes a secar o cabelo, quando se lembrou de que deixara Greg amarrado na cama. Largando o secador, correu para o quarto.

— Sinto muito, Greg. Eu deveria ter soltado você em vez de sair daquele jeito.

— Tudo bem... Fico feliz que tenha se lembrado. Estou mesmo precisando usar o banheiro — ele admitiu, enquanto ela começava a desamarrá-lo.

— Ali tem toalhas, se quiser tomar banho — ela avisou, quando Greg estava saindo da cama.

— Obrigado.

— Ah, e vou lhe trazer uma escova de dente. Mamãe sempre tem algumas de reserva para hóspedes.

— Higiene bucal deve ser uma prioridade para vocês — Greg comentou, atravessando o quarto em direção ao banheiro.

Lissiana ainda estava tentando decidir se ficava ofendida ou não quando ele olhou para trás, sorrindo.

— Foi uma brincadeira.

— Ah... — Ela relaxou e sorriu, mas ele já tinha saído. — Idiota, claro que era uma brincadeira. Acorde!

Saiu em busca da escova de dente, distraída, tentando adivinhar que horas seriam. Pouco depois do meio-dia, era seu palpite, o que queria dizer que dormira apenas cinco horas outra vez. Estava virando um hábito.

Procurou nos diversos lugares possíveis, mas descobriu que os hóspedes haviam usado as últimas escovas de dentes extras. Ao voltar ao quarto, escutou Greg assoviando no banheiro, mas não havia som de água caindo. Bateu na porta e o chamou, o que interrompeu o assovio.

— Sinto muito, estamos sem escovas.

— Tudo bem. Posso usar a sua? Afinal, já compartilhamos saliva, não? — respondeu ele.

Lissiana ficou diante da porta, um pouco confusa com a resposta, quando ele abriu a porta e a fitou.

— Foi outra brincadeira, Lissiana — ele disse.

— Ah, sim — ela murmurou, sem ouvi-lo. Sua atenção estava voltada para o peito de Greg. Achava que ele ainda não tomara banho, pois não havia escutado som de água, mas devia ter se banhado enquanto ela procurava a escova de dente fora do quarto. O cabelo estava molhado, e ele usava apenas uma toalha ao redor dos quadris. Deus! O homem era lindo!

— Isso quer dizer "Ah, sim, pode usar minha escova de dentes" ou "Ah, sim, nós compartilhamos saliva"? — Greg indagou. Ao ver que ela continuava a encará-lo, aparentemente sem entender, comentou: — Você não é uma pessoa matutina, não?

Lissiana fechou os olhos e deu as costas para ele, enquanto ainda conseguia pensar.

— Tem alguma lâmina de barbear para me emprestar? — ele pediu.

— Sim. — Virando-se de novo, ela passou por Greg para abrir a gaveta. Pegou a lâmina e a entregou para ele.

— Obrigado.

— Acho que não temos creme de barbear.

— Posso usar a espuma do sabonete. — Ao vê-la saindo do banheiro, segurou-a pelo braço e indicou o secador largado na pia. — Você ia secar seu cabelo, não ia?

— Ah, sim. — Ela tinha acabado de pegar o secador quando se lembrara de que não o havia soltado.

— Estou só me barbeando. Podemos usar o espelho ao mesmo tempo, se quiser. Tem espaço para os dois.

Lissiana hesitou, tímida com a idéia de compartilhar o banheiro com ele. Porém, percebendo que estava sendo tola, concordou.

— Muito bom. — Greg ajeitou-se na pia da direita.

Nem meia hora antes, o banheiro parecera espaçoso. Havia um grande gabinete ao longo de uma das paredes, com duas pias e o espelho logo acima. Contudo, assim que ficou ali com ele, o lugar pareceu encolher. A princípio, sentiu-se desconfortável e atrapalhada enquanto pegava a escova e o secador, estendia o fio e o ligava na tomada, tomando cuidado para não esbarrar nele ou aproximar-se demais.

Greg, no entanto, não parecia notar a redução de espaço. Aliás, ele mal a notava ali, concentrado em fazer espuma com o sabonete. Censurando-se por agir de modo tão juvenil, Lissiana pôs-se a secar o cabelo, esforçando-se para não ficar encarando o peito dele pelo espelho.

Seu cabelo era ondulado e caía bem ao natural, e ela só se incomodava em secá-lo quando saía no frio, como planejava fazer. Por isso, apenas tirou o excesso de umidade. Quando estava quase seco, desligou o aparelho e começou a enrolar o fio para guardá-lo.

— Você tem reflexo.

Lissiana parou e olhou para ele através do espelho.

— Sim.

— De acordo com as histórias, vampiros não têm reflexo — ele apontou. — Mais uma coisa em que se enganaram.

— É... — ela concordou, terminando de enrolar o fio.

— Eu queria fazer uma pergunta... Thomas disse que seu pai tinha problemas com álcool. Então, vocês podem beber outros líquidos além de sangue?

— Sim, podemos, mas ele não bebia assim.

— É mesmo? — Os olhos dele eram curiosos no espelho. — E como seu pai...

— Sangue — ela disse, adiantando-se à pergunta. — Sangue doado por bêbados.

— A maioria dos bancos de sangue não aceita doações de dependentes...

— Eles não, mas nós temos nossos próprios bancos de sangue. É um negócio legítimo, e serve tanto a hospitais e clínicas quanto a nossa gente.

— E eles aceitam sangue de alcoólatras?

— Sim. Chamam de Vinho Vermelho, mas nunca vai para hospitais ou

organizações, humanas. É reservado para o consumo de nossa espécie.

— E usuários de drogas? Eles aceitam esse sangue também?

— Sim. Temos uma ampla variedade: Nas Alturas, Doce Êxtase, Gostosura.

— O que é...

— Chega — Lissiana interrompeu-o. — Já respondi a uma tonelada de perguntas suas hoje. Agora é minha vez.

— Certo, é justo. O que quer saber? — Greg concordou, deslizando a lâmina no rosto.

Tudo, pensou Lissiana.

— Bem, estou imaginando que não seja casado, ou teria sido mais complicado para minha mãe ter estragado suas férias. E, aliás, sinto muito por isso.

— Não fique chateada. Ela me poupou de uma longa espera no aeroporto para nada. O voo foi cancelado, mas, pelo que entendi, só avisaram isso depois de três horas.

— É mesmo? — ela interrogou, surpresa.

— Sim. Irônico, não?

Ela sorriu ao ver o bom humor dele.

— E por que você não está bravo? Não ficou assustado?

— Eu fiquei muito bravo no começo — ele admitiu, parando de se barbear. — Afinal, ser seqüestrado duas vezes em vinte e quatro horas e descobrir que seus captores são vampiros pode ser um pouco preocupante. Mas... Thomas estava usando pijamas do Homem-Aranha. — Ao vê-la piscar, confusa, Greg riu. — Sei que isso é estranho, mas é difícil ficar bravo ou ter medo de um sujeito usando um pijama do Homem-Aranha. Ou de vocês, garotas, vestindo baby-dolls. Por isso, não me senti ameaçado. E sua família me lembra da minha.

Ela arqueou uma sobrancelha, achando inacreditável que a família dele pudesse parecer com a sua.

— Até Marguerite — ele acrescentou. — Minha mãe também é a chefe da família. Ela ficou viúva quando éramos pequenos e assumiu tudo. Assim como sua mãe, ela faria qualquer coisa para proteger ou ajudar um de seus filhos. É óbvio que há muito amor aqui e... bem... Precisa admitir que é muito interessante. Fascinante, até.

Lissiana não sabia nada sobre a parte de ser fascinante, mas crescera daquela forma, com sua família por perto. Para ela, era tudo normal.

— Você também tem uma família grande?

— Não muito. Quero dizer, ninguém teve dez ou doze filhos, nem nada assim. Três é a média, e a maioria é de mulheres. Minha mãe tem três irmãs, das quais apenas uma ainda está com o marido. Uma é divorciada, e a outra é viúva, como mamãe. Eu

tenho duas irmãs, cerca de oito primas e um primo. Nós, rapazes, estamos em minoria.

— E do lado de seu pai?

— Eles não se incomodaram muito conosco depois que papai fugiu com a secretária.

Lissiana franziu a testa.

— Pensei que você tivesse dito que sua mãe era viúva...

— Ele morreu antes do divórcio — Greg explicou. — Ele e a namorada foram mortos uma semana depois de fugirem. O marido dela bateu no carro em que estavam.

— Por que você virou psicólogo?

— Por quê? Acho que gosto de ajudar as pessoas. Não há satisfação maior do que saber que você ajudou alguém a superar algo, tornando a vida dessa pessoa um pouco melhor.

Lissiana sentiu sua admiração aumentar.

— Isso é...

— Antes que diga algo gentil, deve se lembrar de que sou pago para ajudar

Ela riu e balançou a cabeça, sabendo que ele estava sendo modesto, e que não queria parecer muito nobre,

— Você podia ganhar dinheiro do mesmo jeito em vários outros empregos, sem ajudar ninguém.

Greg encolheu os ombros e voltou-se para o espelho.

— Por que não se casou?

Lissiana assustou-se com a questão. Chegou a abrir a boca para responder, mas parou. Era *e/a* quem estava fazendo as perguntas.

— Por que *você* não se casou?

Seus olhares se encontraram no espelho, e ela achou que Greg fosse dizer que perguntara primeiro. Em vez disso, ele falou:

— Quase me casei, uma vez.

— Quase?

Ele assentiu, sem deixar de se barbear.

— Meredith. Eu a conheci na minha primeira semana na faculdade. Resgatei-a de um namorado abusivo do lado de fora de um bar local e logo começamos a namorar. Nossa relação durou dois anos, e todos começaram a achar que íamos nos casar. Por isso, acabei pedindo a mão dela, e todo mundo enlouqueceu planejando o casamento.

— O que houve?

Greg suspirou e baixou o olhar para a pia, enquanto enxaguava a lâmina.

— Quanto mais a data se aproximava, mais ansioso eu ficava. Todos diziam que era nervosismo, e eu fui levando. Porém, um mês antes do casamento, meu professor de Psicologia me disse que eu parecia distante e perguntou qual era o problema. Eu despejei tudo, de uma forma pouco coerente. Ele me levou para a sala dos professores, me serviu um café e me fez falar. Ficamos lá muito tempo, e quando saí eu sabia que não podia me casar com Meredith. No dia seguinte, terminei tudo com ela e mudei de curso, para o de Psicologia.

Lissiana arregalou os olhos.

— Você não estava estudando Psicologia na época?

— Jornalismo. E, embora eu gostasse bastante, acho que aquele professor me poupou de muita tristeza. Eu quis fazer o mesmo por outros.

— Depois de apenas uma conversa com ele, foi capaz de ver que Meredith não era a pessoa certa para você?

— Não exatamente. Aquela conversa me fez olhar para as coisas que me incomodavam fazia meses, para os motivos pelos quais eu estava ansioso sobre o casamento.

— Que eram...

Ele fez uma careta e suspirou.

— Ela era dependente demais... Eu disse que a conheci ao resgatá-la de um namorado abusivo, mas, depois daquilo, resgatá-la era uma constante. Nada tão dramático quanto aquela situação, mas ela sempre vinha com pequenos problemas, esperando que eu os resolvesse. Meredith queria alguém para cuidar dela. Até chegou a admitir que não estava na faculdade para estudar, e sim para encontrar um marido. Ela queria ser dona de casa e cuidar dos filhos. Comecei a ter pesadelos em que me afogava... — Greg meneou a cabeça. — Isso deve parecer estranho, já que acabei de dizer que queria ajudar os outros, como meu professor de Psicologia me ajudou.

— Talvez um pouco. Mas é o que você faz, afinal. Ajuda as pessoas a resolverem seus problemas.

— Ah, esse é o segredo: eu as *ajudo*. Elas é que fazem o serviço pesado. Eu apenas as guio e auxilio. Meredith queria que alguém resolvesse por ela. É a diferença entre dar o peixe e ensinar a pescar. Meus pacientes querem aprender a pescar, ser independentes, tomar conta de suas necessidades... como você. Meredith só queria o peixe... várias e várias vezes. Ela apreciava a própria dependência. Disse, com todas as letras, que precisava de mim. Não tinha opinião nem sobre as coisas pequenas, como a que restaurante ir. Todas as decisões eram minhas. Alguns homens gostariam disso em uma mulher, mas não era o que eu desejava em uma esposa. Para mim, o casamento é uma parceria. Como se pode amar alguém de quem se tem que cuidar o tempo todo, como se fosse uma criança? Uma esposa deveria ser uma companheira, e companheiros se ajudam quando necessário, mas devem estar juntos por *vontade*, e não por que um

precisa do outro. Com Meredith, eu sempre teria que ser o mais forte e carregar o fardo. E eu queria...

— Uma igual — completou Lissiana.

— Sim. — Greg encontrou o olhar dela no espelho e depois balançou a cabeça, assombrado. — Isso tudo é muito estranho. Eu sempre me esqueço o que você é.

Lissiana ficou tensa.

— E isso importa?

— Sim e não — ele admitiu. — Não parece afetar o modo como a vejo, ou não ficaria me esquecendo de sua natureza. Por outro lado, é como conhecer um astro do rock. Afinal, quantas pessoas podem afirmar que conheceram um vampiro de verdade?

— A questão é: quantos sobreviveram para contar?

Lissiana e Greg se viraram ao ouvir o comentário, e encontraram Mirabeau, vestida e pronta para sair, na porta.

— Aí estão vocês! — Jeanne Louise surgiu atrás dela e abriu um sorriso para os dois. — Trouxemos roupas. Mirabeau e Elspeth ajudaram. Venham ver!

— Não sabíamos o que você gostaria de vestir, Greg — Elspeth disse, colocando o último conjunto de roupas na cama ao lado dos outros. — Trouxemos uma seleção completa.

Lissiana foi com ele até a cama para olhar as roupas, de estilos variados. Ele poderia escolher entre jeans e camiseta, terno ou calça social e camisa. Também havia uma pilha de cuecas de vários tipos. Greg apanhou o jeans e a camiseta e virou-se.

— Obrigado, garotas — disse, voltando para o banheiro. Elspeth olhou para Jeanne Louise e encolheu os ombros.

— Acho que nenhuma das duas ganhou a aposta.

— Que aposta? — perguntou Thomas, entrando no quarto.

— Sunga ou boxer — respondeu Jeanne Louise. — Apostei na boxer, e Elspeth pensou que seria uma sunga. Mas ele não pegou nenhuma.

— Talvez ele não quisesse usar a cueca de outra pessoa — sugeriu Lissiana, distraída pela idéia de que ele estaria andando por aí sem nada por baixo.

— Está frio lá fora — Elspeth comentou. — Tomara que ele não pegue friagem.

Elas ficaram em silêncio quando a porta do banheiro se abriu e Greg saiu.

— O jeans está um pouco apertado, mas coube.

Lissiana percorreu-o com o olhar. O homem estava incrivelmente sensual.

— Ficou bem em você — Elspeth assegurou.

— Bom, então vamos. Estou faminto.

— Hum... Eu também estou querendo *beliscar* alguma coisa — Mirabeau murmurou, e Lissiana voltou-se para a amiga, chocada. Sorrindo, ela caminhou até a porta. — Ora, ora! Alguém está bastante protetora com o humano, hein?

Foi apenas um sussurro, e Greg não tinha como ouvir, mas Lissiana corou enquanto as primas se viravam para observá-la, achando graça. A audição delas era tão boa quanto a sua, e elas obviamente haviam escutado a provocação.

— Tem certeza de que devíamos fazer isso? Não acho que mamãe e tia Marguerite vão ficar felizes com o fato de o levarmos junto — observou Elspeth.

— Então deviam ter pensado em trazer comida para ele — Lissiana declarou. — Além disso, elas nunca vão saber que saímos. Estaremos de volta antes que acordem.

— Ela está acordada!

Todos na van deram um pulo quando Vicki gritou, inclusive Thomas, que ficou assustado a ponto de pisar no freio.

— Meu Deus! — resmungou Lissiana, grata por estar usando o cinto de segurança.

— Vicki, meu bem — Thomas disse ao estacionar —, se você fizer isso de novo enquanto eu estiver dirigindo, vou quebrar esse seu lindo pescocinho.

— Desculpe, Thomas. — Ela não parecia muito arrependida. — Eu só me espantei ao ver tia Marguerite esperando por nós. Afinal, Lissiana achou que estaríamos de volta antes que elas acordassem.

— E ela parece furiosa — Juli comentou.

Lissiana tinha que concordar. Sua mãe parecia irada, em pé diante da porta entre a casa e a garagem. Apesar de ver Greg na van.

Ele estava no banco da frente outra vez, por recomendação de Thomas. Os rapazes, dissera ele, deviam ir na frente. Uma decisão sexista, segundo Juli, mas Lissiana não tinha se incomodado, pois isso lhe dizia que Thomas gostava de Greg. Por algum motivo, isso a agradava.

— Certo. — Thomas desligou o motor e desafivelou o cinto de segurança. — Ajam de modo casual. Não há motivos para tia Marguerite estar brava. Acenem para ela e sorriam. Depois, descarregamos as mercadorias e entramos juntos. Entendido?

— Sim — todos responderam, e começaram a se mexer, abrindo as portas.

— Obrigada — murmurou Lissiana quando Greg tomou-lhe a mão para ajudá-la a descer.

Ele apertou seus dedos de leve antes de voltar-se para a próxima pessoa a descer, enquanto ela seguia Mirabeau até a parte de trás da van. Lissiana lançou um olhar esperançoso para à porta, mas sua mãe ainda estava ali. Suspirou, triste por

terem que voltar. As últimas duas horas tinham sido relaxantes e divertidas, com todos gracejando e rindo. Greg se mostrara um cavalheiro. No restaurante ao qual Thomas os levara, ele abrira as portas e puxara as cadeiras, com um charme antiquado que faltava na maioria dos homens.

Juli, Vicki e Greg foram os únicos a comer. Os outros apenas tomaram café ou suco e assistiram, divertidos, enquanto os três devoravam o café da manhã como se não comessem nada havia dias.

Depois da refeição, haviam passado no mercado, enchendo o carrinho praticamente apenas de guloseimas. Doces, salgadinhos, refeições prontas, como cachorro-quente e hambúrguer, além de congeladas, e três tipos diferentes de refrigerante. Greg e as gêmeas pareciam estar planejando uma festa do pijama de um mês.

— Nossa — murmurou Lissiana, quando ela e Mirabeau chegaram à traseira da van ao mesmo tempo em que Thomas abria as portas duplas para dar acesso às compras. — Não acredito que compramos tanta coisa. Quem vai comer isso tudo?

— Parece que vamos ficar um mês, não é? — comentou Elspeth.

— Não é tanto assim — protestou Vicki.

— Aqui tem comida suficiente para alimentar uma família de dez pessoas — Mirabeau disse.

— Ou duas garotas em fase de crescimento e um mortal grande e forte, com um bom apetite — contrapôs Juli.

— Um mortal grande e forte com um apetite por porcarias — Jeanne Louise declarou, olhando para Greg. — Posso entender as meninas comerem essas coisas, mas você não deve comer desse jeito em casa, não é?

— Não — admitiu ele, sorrindo. — Eu como coisas saudáveis: frutas, vegetais, arroz e frango grelhado. — Ele se debruçou para pegar duas das três caixas de compras, esperou Thomas pegar a última e usou o cotovelo para fechar uma das portas. — Mas estou de férias esta semana, então pensei em relaxar. Semana que vem eu volto a comer coisas saudáveis e fazer exercícios.

— Vocês, mortais... — Thomas riu, empurrando a segunda porta para fechá-la. — Passam uma ou duas semanas por ano de férias, comendo tudo de que gostam, e as outras cinquenta se arrependendo. Deve ser uma droga.

— Hum... — Greg fez uma careta, enquanto todos seguiam na direção da porta onde Marguerite os esperava. — Acho que vocês não têm que se preocupar em ganhar peso, por causa de sua dieta com sangue, mas eu vou ficar com os salgadinhos e a pizza.

Lissiana ainda sorria do comentário quando chegaram à sua mãe. O sorriso morreu ao notar-lhe a expressão zangada.

— Olá, mãe. Acordou cedo.

— Fazendo compras? — Marguerite indagou, gesticulando para que Lissiana a acompanhasse pela garagem. Ela passou por dois carros, antes de chegar ao seu esportivo e virar-se para a filha.

— Eu sei — Lissiana começou. — Você está aborrecida porque levamos Greg, mas não tinha comida em casa, e ele e as gêmeas estavam famintos. E ele se comportou direitinho o tempo todo. Não tentou fugir nem quis nos convencer a levá-lo para casa de novo. — Parou um instante para tomar fôlego. — Mãe, você não pode deixá-lo amarrado na cama o tempo todo. Isso é seqüestro. Você devia apagar a memória dele, é não trazê-lo de volta.

Marguerite suspirou, a raiva cedendo.

— Era o que eu pretendia. Infelizmente, ele tem uma mente muito forte. Pior, ele descobriu o que nós somos, o que dificultou ainda mais.

— Sim, já sei. Ele fez várias perguntas hoje de, manhã, e eu expliquei algumas coisas.

— Bem, esse conhecimento e a cautela dele tornam quase impossível controlá-lo agora. Martine é a única que ainda consegue, e é um esforço. Enquanto está dentro da mente dele, consegue que ele a obedeça. Mas assim que ela o solta... Ele nem fica cativo por mais alguns instantes. E não conseguimos apagar-lhe a memória.

— Droga. — Lissiana olhou para a porta, onde os outros a esperavam. Eles ainda não tinham desistido do "todos por um" e estavam por perto, caso ela precisasse de ajuda. Ficou contente por aquele apoio. — E agora?

— Nós o trouxemos aqui para que seu tio Lucian dê uma olhada nele.

—Tio Lucian? — Lissiana se recostou ao carro da mãe, pois suas pernas quase cederam de preocupação. Chamarem tio Lucian para alguma coisa costumava ser um mau sinal.

— Não entre em pânico — Marguerite pediu. — Lucian é idoso, e tem muito mais habilidade e poder. Espero que possa ajeitar tudo, que consiga apagar o que nós não conseguimos.

Lissiana também torcia para que ele conseguisse. Sabia muito bem que, se não pudesse fazê-lo, ele não hesitaria em matar Greg para proteger todos.

— Quando ele vem? — perguntou, ansiosa, e estreitou os olhos ao ver a mãe morder o lábio.

— Bem, há um pequeno problema. Não estamos conseguindo falar com ele.

— O quê?

— Bastien prometeu encontrá-lo para mim. E, enquanto está aqui, o dr. Hewitt pode tratar sua fobia.

Ela revirou os olhos ante a persistência da mãe. A mulher não desistia nunca.

— Não sei se ele vai ficar à vontade para fazer isso, preso aqui contra a vontade.

— Ele vai superar — Marguerite garantiu. — Parece ser um homem muito razoável. E, como você afirmou, ele foi fazer compras com vocês e se comportou muito bem, voltando para cá sem causar problemas. — Olhou para Greg. — Inclusive, acho que já está superando.

Lissiana o fitou. Greg as observava com seriedade, e era óbvio que estava ciente de ser o assunto em debate. Forçando um sorriso para ele, virou-se para a mãe.

— Você não tem idéia de quanto tempo Bastien vai levar para localizar tio Lucian, não é? Pode demorar.

— Sim — Marguerite reconheceu.

Tio Lucian tinha uma tendência a sumir por períodos prolongados. Ninguém sabia para onde ele ia, e ele sempre aparecia quando uma emergência exigia sua presença. Mas será que aquela era uma dessas ocasiões? Afinal, Greg estava sob controle, e não seria uma ameaça enquanto estivesse ali.

— Você não pode mantê-lo amarrado — avisou Lissiana.

— Lissiana...

— Mamãe, não pode! Ele não é um animal e não pode sofrer porque vocês não conseguem colocá-lo em transe.

— Sim, mas...

— Eu vou falar com ele. Se ele prometer não fugir...

— Eu conversarei com ele — Marguerite a interrompeu com firmeza. — E depois resolverei o que fazer.

Lissiana hesitou, mas sua opinião não valia muito no final. Acabou assentindo, porém não sabia o que faria se a mãe resolvesse que ele devia permanecer amarrado. Não suportaria aquilo calada. Se o amarrassem outra vez, provavelmente o soltaria.

— Aí vêm elas.

Greg meneou a cabeça ao ouvir o murmúrio de Thomas.

— Tia Marguerite já não parece tão zangada — Juli disse, esperançosa.

— Não, mas Lissi também não está contente — Vicki notou.

— Ela parece aflita. — Jeanne Louise também aparentava estar preocupada.

Greg percebeu que o grupo o olhava com apreensão. Achou que estivessem inquietos a respeito de destino. Ele também estava.

— Bem, o que estão fazendo aí de pé? — Marguerite sorriu, enquanto Lissiana se juntava aos outros. — Suas compras vão estragar desse jeito. É melhor guardá-las

logo.

Greg piscou, surpreso, quando ela pegou de sua mão as duas caixas que carregava. Ergueu-as como se não pesassem nada e virou-se para entregá-las a Vicki, que estava por perto. Ficou ainda mais espantado quando a adolescente pegou as duas em uma só mão, levantando-as como uma garçonete faria com a bandeja. Greg meneou a cabeça, devagar. Teria que perguntar a Lissiana quanta força extra os nanos forneciam. Àquelas caixas estavam bem pesadas.

— Venha, dr. Hewitt. — Marguerite segurou-o com firmeza pelo cotovelo, virando-o na direção da porta. — As crianças vão guardar tudo. Enquanto isso, gostaria de falar com você, caso não se importe.

A despeito do pedido educado, Greg sentiu-se uma presa afastada do rebanho por um predador enquanto ela o separava dos demais.

— Assim que acabarmos de guardar as coisas, eu vou também — alertou Lissiana, e Greg olhou para trás, vendo ela dar um sorriso para animá-lo. Com esforço, ele conseguiu retribuir.

— Não há nada com o que se preocupar — Marguerite o tranqüilizou, enquanto entravam. — Só vamos ter uma conversinha.

Greg nem respondeu. Não fazia sentido mentir e dizer que não estava preocupado, pois ela podia ler seus pensamentos. Porém, seu coração afundou ao ver que ela o conduzia para o segundo andar. Estava guiando-o de volta ao quarto, e não duvidava de que fosse tornar a amarrá-lo. Ele não seria capaz de agüentar ser atado à cama de novo, depois da liberdade que experimentara aquela tarde.

Fez uma careta ante o rumo de seus pensamentos e suspirou quando Marguerite o levou para o quarto onde passara boa parte dos últimos dois dias amarrado.

— Por que não nos sentamos no sofá? — ela sugeriu, quando ele se dirigiu automaticamente para a cama.

Greg tentou esconder a surpresa ao ir até o sofá que ficava próximo à janela.. Sentou-se em uma das pontas, e Marguerite, na outra. Esperou, imaginando o que viria. Para seu espanto, a mulher parecia insegura a respeito de como começar e relutou por vários momentos.

— Lissiana me falou que lhe explicou algumas coisas sobre nós esta manhã — ela disse, por fim.

— Sim, ela respondeu muitas perguntas.

— Há algo que tenha se esquecido de perguntar, e que queira esclarecer?

Greg hesitou. O fato de ter passado bastante tempo com os mais jovens fez com que, de súbito, se conscientizasse da diferença no modo de falar de Marguerite. Lissiana e os outros tinham um suave sotaque para seus ouvidos, apenas uma pequena diferença na pronúncia, denunciando a origem estrangeira. Marguerite, por outro lado,

tinha um sotaque mais forte, e evitava gírias e modernismos, o que o deixou curioso.

— Você não é canadense, é?

— Eu nasci na Inglaterra.

Greg franziu a testa. Jamais adivinharia que o sotaque era de lá. Não se parecia com o inglês britânico que ele conhecia.

— Estou viva há muito tempo e morei em vários lugares.

— Quanto tempo, e em quantos lugares? — ele devolveu de pronto, fazendo-a sorrir ante a objetividade.

— Nasci em 4 de agosto de 1265. Boquiaberto, ele meneou a cabeça.

— Impossível. Você teria mais de setecentos anos. Marguerite sorriu.

— Entretanto, é verdade. Quando nasci, a Inglaterra estava em uma guerra civil, e Henrique III era o rei. Não havia encanamentos, e cavalheirismo era mais do que uma resposta de palavras cruzadas. Embora, claro, só fosse permitida aos ricos e poderosos.

— E você era uma das ricas e poderosas?

— Não. Eu era camponesa. Fui a bastarda indesejada de um dos vários nobres que visitavam o castelo onde minha mãe era serva.

— Indesejada? — Greg indagou.

— Infelizmente, sim. Temo que o único motivo pelo qual ele se lembrava da data do meu nascimento era por ter acontecido durante a batalha de Evesham. Passei a trabalhar no castelo assim que comecei a andar e teria morrido lá, e jovem, se Jean Claude não tivesse aparecido e me tirado de tudo aquilo.

— Ouvi dizer que Jean Claude tinha problemas com álcool.

— Sim, e isso o matou. Ele tomou muito sangue de um homem bêbado e desmaiou. Não acordou nem quando a casa pegou fogo. Morreu queimado.

— Thomas mencionou que ele faleceu em um incêndio. — Ergueu a sobrancelha. — Então vocês podem morrer?

— Ah, sim. Não é fácil, mas podemos morrer. E fogo é uma das coisas que pode nos matar.

— Não é um bom modo de ir, creio eu — Greg murmurou.

— Não, e eu gostaria que Lissiana não seguisse os passos do pai.

— Que foi a razão para ter me trazido até aqui. Você não quer que ela se alimente...

— À moda antiga — completou Marguerite, — Ela poderia continuar fazendo isso, claro, mas é perigoso. Além de aumentar os riscos de sermos descobertos, também existe o perigo de alimentar-se do doador errado e sofrer os efeitos

colaterais.

— E por "doador errado" está se referindo aos moradores do abrigo?

— Não estou sendo esnobe, dr. Hewitt, mas as pessoas que procuram o abrigo não são os indivíduos mais saudáveis. O sangue deles não é o melhor, pelo aspecto nutricional.

— E o efeito colateral que a aflige é o fato de ela chegar bêbada?

— Sim. Lissiana voltou do abrigo alcoolizada ou alterada por drogas várias vezes depois de se alimentar da pessoa errada enquanto morava aqui, e sei que isso ainda acontece. Não se pode detectar essas coisas até ser tarde demais. Os que usam bebidas alcoólicas ou narcóticos desenvolvem certa resistência. Ela, não. O que os afeta de forma leve pode deixá-la completamente embriagada.

Greg tentou imaginá-la bêbada, mas não conseguiu. Não combinava com ela.

— E o que você acha da minha filha?

Surpreso com a mudança de assunto repentina, Greg retesou-se enquanto uma miríade de pensamentos o invadia. Achava Lissiana linda, inteligente, doce, gentil, generosa, e ela cheirava bem e... A lista era interminável, mas antes que ele pudesse escolher algo dentre as coisas agradáveis que pensava dela, Marguerite meneou a cabeça e indagou:

— Como está sendo para você saber sobre nossa espécie? Sei que pode ser desconcertante.

Greg sorriu de leve com o eufemismo. Desconcertante? Com certeza. Ter seu sistema de crenças virado de cabeça para baixo podia ser um tanto desconcertante, de fato, mas também muito interessante. Ainda mais depois que Lissiana lhe explicara algumas coisas.

Seu interesse podia soar estranho para os outros, mas... Bem, aquelas pessoas eram incríveis, com habilidades e conhecimentos cuja extensão ele só podia imaginar, e estavam no mundo havia muito tempo. Marguerite afirmava ter mais de setecentos anos. Os eventos históricos que ela devia ter testemunhado, os avanços tecnológicos, as pessoas que devia ter conhecido... figuras históricas que tinham feito coisas grandiosas, coisas sobre as quais Greg e outros só podiam ler. E mesmo Lissiana, com mais de duzentos anos, devia ter visto coisas que o deixariam boquiaberto.

De certa forma, sentia-se quase grato por ter sido levado até aquela casa. Era muito mais interessante do que ficar à beira do mar ou jogando vôlei.

Percebendo que Marguerite aguardava uma resposta, Greg levantou o olhar, mas antes que pudesse dizer algo, ela assentiu outra vez.

— Estaria disposto a permanecer aqui como nosso convidado e a tratá-la?

Greg encarou-a, percebendo de súbito que ela estava lendo as respostas em sua mente e que, por isso, não aguardava que ele as verbalizasse. Tinha se esquecido dessa

habilidade, mas agora, ao recordar-se, estava mais divertido que irritado. Isso o poupava de encontrar um jeito delicado de dizer o que pensava. Contudo, imaginou que devia estar alarmado, uma vez que nem todos os seus pensamentos e sentimentos em relação a Lissiana eram tão puros.

— Dr. Hewitt? — pressionou Marguerite.

— Pode me chamar de Greg — ele murmurou, notando que ela parecia impaciente, e até mesmo frustrada. Pelo jeito, seus devaneios eram difíceis de ler. Interessante...

— Vai tratar Lissiana? — ela repetiu. Ele sorriu.

— Diga-me você.

Os olhos dela se estreitaram frente ao desafio. Marguerite inclinou a cabeça e ficou em silêncio. Greg passou os momentos seguintes tentando manter sua mente vazia, testando, a fim de saber se conseguiria bloqueá-la. Quando viu o rosto dela expressar impaciência de novo, quase se convenceu de que tinha conseguido. Porém, um instante depois, ela se endireitou e assentiu.

— Você gostaria que outra pessoa cuidasse das necessidades terapêuticas dela enquanto a corteja, mas também quer ajudá-la, e sente que Jeanne Louise tem razão, e que não deve se ater à ética normal neste caso. Portanto, irá ajudá-la — ela disse com calma e se levantou. — Agora, como dormi muito pouco esta manhã, devo voltar para a cama até que o sol se ponha.

— Cama? — ecoou Greg, sem pensar, horrorizado ao constatar como ela lera com exatidão o que estava sentindo. Marguerite era o pesadelo de qualquer sujeito: uma mãe que sabia exatamente o que o camarada queria e não podia ser enganada com boas maneiras e mentiras polidas.

— Não dormimos mais em caixões, Greg. Houve um tempo em que caixões e criptas eram os locais mais seguros para dormirmos, protegendo-nos do sol e de quem nos perseguisse, mas isso é passado. Dormimos em camas, em quartos com janelas tratadas para bloquear os raios solares e com cortinas pesadas sobre elas como proteção adicional. Você não percebeu que estava no quarto de Lissiana?

— Hum... sim — ele disse, sentindo-se um idiota. — E não acreditei de verdade que dormissem em caixões, mas...

— Mas não tinha certeza. Pode ficar tranquilo. Não há caixões — Marguerite asseverou, indo para a porta. — Lissiana está no corredor há algum tempo, não querendo interromper. Vai ficar aliviada ao encontrá-lo solto. Aproveite o resto da tarde. Espero que seja produtiva.

— Esta é Marguerite?

Lissiana virou-se para trás, vendo Greg parado na frente de um retrato

pendurado na parede do corredor. Espiou a mãe, em um vestido medieval.

— Sim. Meu pai o encomendou como presente de casamento.

— Ela era bastante jovem — ele comentou.

— Mamãe tinha quinze anos quando se casaram.

— Quinze? Era só uma criança.

— Eles se casavam cedo naquela época.

— Existe alguma pintura de você quando era jovem?

— Sim. Na sala de retratos.

Os olhos dele se iluminaram de entusiasmo.

— Vocês têm uma sala de retratos?

Ela não precisava ler a mente dele para saber que Greg gostaria de conhecer o cômodo em questão, como não fora necessário para perceber que a conversa com sua mãe o deixara atônito. Quando ela entrara no quarto, ele estava balançando a cabeça e resmungando sozinho. Lissiana não sabia o que tinha causado aquela reação, mas ficara tão contente que a mãe o tivesse deixado livre para andar pela casa, que só havia perguntado se estava tudo bem. Quando ele dissera que sim, ela sugerira que retornassem para junto dos outros na sala de recreação, para assistir a um filme.

Os filmes tinham sido alugados em uma locadora perto do mercado. Idéia de Thomas, para manter as gêmeas ocupadas. Enquanto guardavam as compras, ele sugerira assistir a alguns deles depois que Marguerite tivesse acabado a conversa com Greg. Lissiana achara uma boa idéia, mas no momento decidiu que fugiriam do filme, a fim de conhecer a sala de retratos. Entretanto, estava certa de que Greg se arrependeria ao notar quantos retratos havia ali. Era o equivalente a um álbum de família, que tinha início com o retrato da mãe antes do casamento, em 1280, e continuava até surgirem as câmeras, nos idos de 1800.

— Venha — convidou-o, subindo as escadas. — Vou lhe mostrar o lugar antes de nos juntarmos aos outros.

Originalmente, a sala de retratos fora o salão de bailes. Quando eles tinham saído de moda, a família colocara os retratos ali, em vez de deixá-los guardados. Havia muitos, e Greg parecia determinado a examiná-los um por um. Estava fascinado com as informações históricas reveladas pelas roupas e ambientes.

— Você tem uma família bonita — ele observou.

Marguerite arrumara os retratos em ordem cronológica, começando com os dela e os de Jean Claude. Em seguida, havia pinturas dos três filhos, Luc, Bastien e Etienne e, por fim, de Lissiana.

— Como era a vida naquele tempo? — Greg indagou.

Ele olhava para o retrato que seu pai encomendara como presente pelo seu

vigésimo aniversário. Lissiana estava sentada sob uma árvore, usando um longo vestido azul. Ela pensou na resposta, assombrada pela força de suas memórias.

— Era uma época de delicadeza, bailes de gala, passeios no parque... Mas não havia televisão, computador nem microondas, e as mulheres valiam tanto quanto os escravos.

— Como assim? — questionou ele, franzindo a testa.

— Não tínhamos permissão de possuir propriedades nem riquezas, e vivíamos sob o tacão de nossos pais até nos casar. Mulheres da classe alta deveriam se casar e ter filhos, e então tudo o que possuíssemos, incluindo nossos corpos e os filhos que tivéssemos, seriam de propriedade de nossos maridos, para fazerem o que bem entendessem com eles.

— Hum... — Greg não pareceu impressionado com aquilo.

— As mulheres de todas as outras classes começavam a trabalhar entre os oito e os doze anos. E também se casavam, passando tudo o que era seu aos maridos. Hoje em dia é muito melhor. — Notando o desapontamento dele, Lissiana sorriu. — Você tem a visão romântica que eles mostram em filmes e livros. Temo que meu ponto de vista seja marcado pelas lembranças, e pelo fato de eu ser mulher. É mais fácil ser mulher agora. Não precisamos nos casar se não quisermos e não podemos ser forçadas a ter filhos. Podemos estudar, ter uma carreira, propriedades e riqueza. Quando eu nasci, tudo o que esperavam de nós, ou que nos era permitido, era ser boas filhas, nos casar e nos tornarmos boas esposas e mães.

— Você não se casou nem teve filhos — ele disse. Depois inclinou a cabeça. — Não é?

— Não.

— Por quê? Tem mais de duzentos anos. Lissiana sorriu de leve.

— Você me faz parecer uma solteirona! Tudo é relativo. Quando se tem a perspectiva de viver dois mil anos ou mais, não há pressa para o casamento.

— Sim, mas... nesse tempo todo, você nunca se apaixonou?

— É difícil se apaixonar quando todos que você conhece não passam de belas marionetes.

— Não entendo. Por que belas marionetes? Lissiana hesitou.

— Você poderia amar minha mãe?

A expressão dele já era resposta o bastante, mas Greg declarou:

— Não sou controlador, mas gosto de poder controlar ao menos a mim mesmo na maior parte do tempo. Ela me faz sentir...

— Inferior, como uma criança; nada além de uma marionete que anda e fala.

— Sim. Entendi. A relação nunca poderia ser equilibrada. Como Meredith e eu,

você sempre estaria no comando.

— E, assim como você, eu preciso de igualdade. Trocaram um sorriso, e Greg voltou a se concentrar nas pinturas que mostravam Jean Claude Argeneau.

— Thomas disse algo sobre seu pai e controle. Isso tinha algo a ver com...

— Minha mãe era uma empregada do castelo, com apenas quinze anos — interrompeu Lissiana. — Papai podia lê-la. Ele chegou em seu alazão, forte e bonito, e ela se apaixonou. Mamãe o adorava, o achava perfeito e, sem dúvida, isso era muito lisonjeiro. Ele a transformou e se casou com ela com rapidez, e as coisas foram boas por um curto período. Porém, assim que a paixão acabou, ela viu que ele não era perfeito, e seus pensamentos já não eram tão lisonjeiros. Papai, claro, podia ler os pequenos pensamentos críticos com tanta facilidade quanto lera o encanto anterior, e ficou magoado e frustrado. Começou a beber e a namorar outras mulheres, sem dúvida tentando melhorar sua autoestima abalada.

— Ele podia controlar sua mãe como ela faz comigo?

— Sim. Era mais fácil antes que ele a transformasse, mas depois disso ele ainda conseguia. Contudo, ela passou a saber quando ele a controlava. E também podia ler os pensamentos *dele*. Ao menos, quando ele não os estava protegendo. Papai não conseguia, ou não se importava em fazê-lo, quando estava bêbado.

— Ela sabia sobre a bebida e as mulheres — Greg percebeu, horrorizado. — E sabia, e se ressentia, toda vez que ele a controlava.

— Pior, mamãe descobriu que ele tinha se casado com ela porque ela parecia com sua falecida esposa de Atlântida, mas que ele tinha se desapontado porque, claro, as duas eram diferentes. Ele havia cometido um erro do qual se arrependia, e a punia de propósito ao não proteger os pensamentos.

— Parece um pesadelo! Por que sua mãe não foi embora?

— Era uma situação difícil. Ele era o criador dela.

— Criador?

— Dizem que a transformação é tão dolorosa quanto o nascimento, e que é como se o transformado nascesse de novo. Por isso, quem fez a transformação é o criador da pessoa.

— Ah, entendi. — Ele meditou a respeito por um instante. — É doloroso, então? Lissiana anuiu com seriedade.

— Nunca testemunhei uma transformação, mas dizem que é *muito* dolorosa.

— E foi por isso que ela ficou?

— Bem, em parte. Acho que ela se sentia em dívida com ele por isso. Ele lhe dera uma nova vida, assim como filhos, e todo o conforto e riqueza de que ela desfrutava. Sem ele, mamãe teria continuado sendo uma empregada no castelo onde

havia nascido, e teria trabalhado até morrer, bem jovem... Algo de que ele a relembra toda vez que ela parecia estar chegando ao limite da paciência.

— Manipulador. E qual é a outra parte do motivo para ela ter ficado?

— A mesma razão pela qual a maioria das mulheres continuava com seus casamentos infelizes naquele tempo. Ela não tinha nada. Ele era todo-poderoso, e tudo era dele enquanto vivesse. Além disso, ele podia puni-la com a bênção da lei e da sociedade se ela o deixasse. Por sorte, meu pai se entediava com rapidez e podia sumir por décadas, com uma mulher ou outra. Infelizmente, sempre voltava. Éramos muito mais felizes quando ele estava longe. Suspeito que mamãe também.

— E, tendo testemunhado isso por tantos anos, acho que você deve relutar em se sujeitar ao casamento e à possibilidade de sofrer do mesmo jeito.

Lissiana olhava sem ver um dos retratos, pensando naquelas palavras. Nunca refletira sobre como o casamento de seus pais a afetara, mas, na verdade, tinha pavor de cometer um erro e sofrer por quase sete séculos, como ocorrera com a mãe.

— Entendo que ela não tivesse se divorciado na época medieval ou na vitoriana. Não se fazia isso naquele tempo. Mas hoje em dia é comum — Greg disse, distraído-a. — Se ele estivesse vivo, será que Marguerite não teria...

— Não — ela interrompeu.

— Por quê?

— Divórcio é algo sério para nós.

— Por quê? — ele repetiu.

— Só temos permissão para criar um indivíduo na vida. Para a maioria das pessoas, esse indivíduo é o parceiro eterno. Sendo assim, é melhor demorar e se certificar de que seja a pessoa certa.

— Vocês só têm permissão para transformar *uma* pessoa durante a vida inteira?
— Greg indagou, espantado. — E se escolherem a pessoa errada?

Ela encolheu os ombros.

— A maioria fica junta de qualquer maneira. Os poucos que se separam ou ficam sozinhos ou encontram parceiros de nossa própria espécie, para não precisarem transformar ninguém. Há também os que passam a vida indo de um amante mortal a outro, nunca conseguindo ficar mais de dez anos com cada um, para esconder o fato de não envelhecerem.

— E se você transformar o seu parceiro eterno, e ele morrer? Pode transformar outro?

— Deus do céu, não! — Lissiana riu da sugestão. — Os parceiros começariam a sofrer todo tipo de decapitações "acidentais" se isso fosse permitido.

— É... Mas por que só podem transformar um?

— Controle populacional. Não seria bom que o número de vampiros ultrapassasse o de doadores. É o mesmo motivo pelo qual só podemos ter filhos de cem em cem anos.

— Nossa! Isso significa que há uma bela diferença de idade entre você e seus irmãos. — Olhou para os quadros. — Etienne, então, tem mais de trezentos anos.

— Sim. Bastien, quatrocentos e nove, creio eu, e meu irmão mais velho tem cerca de seiscentos e dez.

Greg ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Seiscentos e dez? Por que o intervalo tão grande?

— Só porque não se pode ter mais de um a cada século, não quer dizer que se seja obrigado a ter um a cada cem anos.

— É verdade.

— Quem cuida para que vocês transformem apenas um e tenham um filho a cada cem anos?

Ela hesitou. Não estava habituada a falar sobre aquelas coisas. Sua espécie já conhecia as regras e, por isso, não havia motivo para discutir o assunto. Mas decidiu que não havia por que não contar a ele. Quando tio Lucian terminasse com Greg, ele não se lembraria de nada, mesmo... Pelo menos, era o que ela esperava. A alternativa, se não conseguissem apagar a memória dele, era insuportável para ela.

— Temos um conselho, que faz e aplica as leis — ela respondeu.

— Sua mãe e seus irmãos estão nele?

— Não. São jovens demais.

Os olhos dele se arregalaram, incrédulos.

— Sete séculos é ser jovem demais? Lissiana sorriu.

— Mamãe é relativamente jovem para nossa espécie.

— É... — ele concordou, provavelmente recordando que o pai de Lissiana era muito mais velho.

— Tio Lucian é o chefe do conselho.

— Seu tio? E o que eles fazem se alguém desobedece e cria mais de um vampiro?

Lissiana ficou desconfortável com o assunto.

— Só ouvi falar de um caso assim.

— E o que seu tio e o conselho fizeram?

— O indivíduo que fez a transformação foi... exterminado.

— Nossa! Exterminado? Como?

— Ele foi amarrado a céu aberto para que o sol o devastasse, e foi queimado

depois que o sol se pôs.

— Deus do céu! — Ele ofegou. — Seu tio é brutal.

— Isso aconteceu séculos atrás, e todos eram brutais naquela época — ela retrucou, depressa. — Era para servir de exemplo aos outros, para evitar que infringissem as regras.

— Bastante persuasivo — ele resmungou. — E o que houve com a pessoa transformada?

— Nada, até onde sei. Ela obteve permissão para viver. Sua vida deve ter substituído a de seu criador.

— Hum... Mas o que eles fazem se uma mulher tenta ter filhos com intervalo menor?

— Aqui, eles são um pouco mais tolerantes. Alguns têm filhos com noventa e cinco anos de diferença, mas, nesse caso, a mãe deve esperar cinco anos a mais para a próxima gestação.

— E se tentarem com cinquenta anos de intervalo, ou um em seguida ao outro?

— Isso não é permitido. A gravidez deve ser interrompida.

— Vocês podem abortar seus bebês? — Ao vê-la assentir, indagou: — E antes que os abortos existissem?

Lissiana suspirou. Esse era o tipo de coisa em que ela não gostava de pensar, e muito menos de discutir.

— Antes que os procedimentos fossem feitos de forma adequada, os bebês eram retirados da barriga da mãe ou mortos ao nascer.

— E eles também eram amarrados sob o sol e queimados depois?

— Não, claro que não! — ela negou, com tristeza, sabendo que estava dando uma impressão ruim de seu povo. — O conselho não teria motivos para torturar uma criança inocente.

— E como eles faziam, então?

— Não tenho certeza. Não conheço ninguém que tenha tentado quebrar essa regra. Seria tolice. Uma gravidez não é algo fácil de esconder.

— Que outras leis o conselho criou?

— Não podemos matar ou roubar um ao outro.

— Um ao outro? — ele perguntou, cortante. — E mortais?

— Não sem um bom motivo — ela asseverou.

— Um *bom motivo*! — Fitou-a, boquiaberto. — E o que seria isso?

Ela suspirou de novo, sabendo que devia ter esperado aquilo.

— Bem, para proteger a nós mesmos ou a outros de nossa espécie.

— O que mais?

— Para nos alimentar, em caso de emergência — ela admitiu.

— Que tipo de emergência permitiria que um de vocês matasse ou roubasse um mortal?

— Aconteceu no passado que, em viagem, alguém de nossa espécie, por acidente ou engano, se encontrasse ferido e sem sua provisão de sangue. Nesse caso, ele pôde roubar um banco de sangue local. Se estivesse na selva ou em algum lugar onde fosse possível recorrer apenas à fonte, ele... poderia tomar o que necessitasse — Lissiana completou, com delicadeza.

Greg não se deixou enganar pelas palavras sutis.

— Quer dizer que se estiverem voando para algum lugar e o avião cair, e ficarem feridos no meio do nada com apenas um ou dois sobreviventes, eles poderiam sugá-los até a morte, certo?

— Sim, esse tipo de coisa. Mas só se não houvesse outro jeito.

— De outro modo, eles só podem se alimentar direto da "fonte" por motivos de saúde, como sua fobia?

— Sim.

— Há outro problema de saúde que permitiria isso?

— Na verdade, há alguns. Tenho um tio e um primo que não conseguem sobreviver de sangue embalado. Os corpos deles precisam de uma enzima específica que existe apenas enquanto o sangue está no corpo. Eles podem tomar bolsas e bolsas de sangue e, ainda assim, morrer de inanição.

— Não achei que os nanos permitiriam a continuidade de uma condição como essa.

— Os nanos reparam danos e atacam doenças, mas não corrigem um estado natural ou genético, que é o caso deles.

— Entendi.

Capítulo III

— Se eu pedisse para me levar para casa, você levaria? Lissiana tirou os olhos da revista que estava folheando e fitou Greg. Ele estava mexendo o chili sem olhar para ela, o que era bom, porque, se sua expressão revelasse seus sentimentos, estaria

bastante confusa. Libertara-o da primeira vez por se sentir culpada. Ainda se sentia assim. Até mais, porque sabia que tio Lucian estava sendo arrastado para lá, o que colocava Greg em uma situação precária. Se ele argumentasse de modo convincente, Lissiana temia que, a despeito da fúria da mãe e da ameaça que isso representaria para sua espécie, ela o levaria embora.

— Isso me colocaria em maus lençóis — foi tudo o que ela disse.

Porém, o sorriso nos lábios dele sugeria que Greg sabia que poderia persuadi-la a libertá-lo.

— Não se preocupe, eu não vou pedir.

— Por quê? — ela indagou, espantada.

Greg considerou a questão, enquanto checava as batatas fritas. Ele era um mago na cozinha, o que era ótimo. Se fosse depender dela para cozinhar, iria morrer de fome.

Para sorte dele e das gêmeas, embora não costumasse haver muita comida na despensa, a cozinha era moderna e bem equipada. Às vezes, Marguerite oferecia festas, e gostava de estar prevenida para qualquer eventualidade.

— É difícil explicar — Greg falou, por fim. — Descobrir sobre sua espécie é como encontrar alienígenas amigáveis. Quem não gostaria de saber mais a respeito de vocês?

Lissiana anuiu. Ela o compreendia e devia ter previsto aquela curiosidade. Não tinha coragem de dizer que tudo o que ele descobrisse duraria pouco tempo, já que sua mãe esperava que tio Lucian apagasse as memórias dele.

— Por que as gêmeas comem, e o resto de vocês, não?

A mudança de assunto foi tão abrupta que Lissiana levou um tempo para responder.

— Elas ainda são jovens. Quando somos crianças, é preciso comer para amadurecer. Porém, depois que se chega à idade adulta, não é mais necessário.

— Então vocês *podem* comer, mas... param?

— Sim. Após algum tempo, a comida fica tediosa, e ter que comer e se alimentar de sangue acaba virando um incômodo. Logo, a maior parte de nós para.

— Comida? Um incômodo tedioso? — Ele estava chocado. — Até chocolate?

Lissiana riu.

— Chocolate não é comida, é maná dos deuses. Nunca fica entediante.

— Graças a Deus por isso! Mas ainda acho difícil pensar em comida ficando entediante. Há tanta variedade: francesa, mexicana, italiana, indiana... — Ele suspirou, pensando em tudo aquilo. — Quando foi a última vez que comeu chili?

— Acho que nunca provei. Nunca quis ir ao México, e parei de comer no meu

centésimo aniversário. A comida mexicana não tinha chegado ao Canadá ainda.

— Por que nunca quis ir para lá? — Greg soou quase ofendido, e só então ela se lembrou de que era para onde ele viajaria de férias.

— É ensolarado.

— Ah, é mesmo... — Ele suspirou. — E como foi que parou de comer? Acordou um dia e resolveu: "É isso, chega de comida para mim"?

Lissiana riu da incredulidade de Greg. Era óbvio que ele gostava de comer.

— Meus pais tinham se cansado de comida muito antes de eu nascer, assim como meus irmãos. Portanto, só eu e Thomas comíamos. Quando ele saiu de casa, eu comia sozinha. Começou a parecer algo longo e aborrecido. Então, aos poucos, fui parando. Agora, só como em festas, como o restante da minha família.

Greg parou de mexer a panela e fitou-a.

— Você come em festas?

— É uma coisa social.

— Como beber socialmente, só que com comida. Lissiana sorriu.

— Bem, se nunca provou chili, não vai ser tedioso para você — ele disse. — Por que não experimenta? Preciso que alguém faça isso, de qualquer jeito.

Ela viu Greg pegar uma colherada de chili e caminhar em sua direção, levando-a com cuidado, com a mão sob a colher para evitar respingos.

Ajudara-o a fazer a comida, picando cebolas e champignons enquanto ele fritava a carne. Também havia lhe feito companhia enquanto Greg mexia e temperava o chili. O aroma que vinha da panela durante a última hora era delicioso. Porém, a comida que sua colega Debbie levava ao trabalho também cheirava bem, mas não despertava seu apetite.

— Eu não... — ela começou, insegura.

— Vamos, só um pouquinho — ele incentivou.

Lissiana cedeu e tentou pegar a colher. Porém, Greg afastou sua mão e meneou a cabeça.

— Abra a boca.

Ela obedeceu, consciente de que ele a observava enquanto deslizava a colher por entre seus lábios. Fechou a boca, aceitando a comida e deixando a colher ser retirada. Sentiu-a sobre a língua por um instante, apreciando a explosão de sabores antes de mastigar e engolir.

— O que achou? — Greg indagou.

— É bom — ela admitiu, sorrindo.

— Viu? — Obviamente satisfeito, ele meneou a cabeça, voltando ao fogão. —

Comida, entediante! Improvável.

— Você não diria isso se tivesse comido de tudo umas cem vezes. Veria mais uma obrigação do que um prazer.

— Nunca — protestou ele. — Ei, vocês se preocupam com seu peso enquanto ainda consomem comida?

— Não. Os nanos destroem qualquer gordura extra. Eles o mantêm no pico de sua forma física.

Ele tornou a balançar a cabeça.

— Droga... Viver para sempre, continuar jovem e nunca se preocupar com o peso? Minha nossa!

— Aí estão vocês. — Marguerite entrou, surpreendendo os dois.. Parecia descansada, e era evidente que tinha acabado de se alimentar. Estava corada e sorrindo, enquanto olhava de um para o outro. — E como está indo a primeira sessão de terapia? Você já está curada?

Os dois trocaram um olhar culpado.

— Vamos tentar a dessensibilização sistemática — Greg anunciou.

Lissiana observou-o, assentindo de forma polida, e Greg reparou que ela parecia mais alarmada do que impressionada com a novidade. Não se surpreendeu. O medo era algo terrível, com o que era muito difícil de lidar. E era o que iam fazer: lidar com o medo de Lissiana e, com sorte, curar a fobia.

Havia outras coisas que ele gostaria de fazer com Lissiana, mas Marguerite ficara, tão chateada ao descobrir que eles não haviam feito nenhum progresso enquanto ela dormia, que Greg prometera trabalhar nisso assim que terminassem de jantar. E ali estavam, na biblioteca, para o que Lissiana se referira como sua primeira sessão de tortura.

— Isso vai funcionar?

— Deveria. É muito efetivo com fobias — ele assegurou.

— Tudo bem. — Ela respirou fundo, endireitando os ombros. — O que tenho que fazer?

— Quero que pense em situações que lhe causem ansiedade e...

— Eu não sinto ansiedade em relação ao sangue — ela interrompeu. — Eu só desmaio.

— Sim, mas... — Greg parou e inclinou a cabeça. — Tem alguma idéia de por que reage assim ao sangue? Acho que não é muito comum em sua espécie. Quando começou?

Lissiana baixou o olhar, e Greg acompanhou o movimento, notando que ela remexia as mãos no colo. Sangue podia fazê-la desmaiar, mas ela também estava se

sentindo ansiosa ao falar sobre o início da fobia. Após um longo silêncio, ela o fitou.

— Depois da minha primeira caçada — admitiu, com relutância.

A expressão torturada no rosto dela era quase insuportável. Já a vira antes em outros pacientes, mas aquilo era diferente. Greg queria abraçá-la e dizer que nunca mais precisava pensar naquilo de novo, que ele a manteria em segurança. Não fez isso, claro. Lissiana queria ser independente. Era o que a diferenciava de Meredith, e uma das coisas que mais apreciava a respeito dela.

— Conte-me sobre sua primeira caçada.

— Bem, eu tinha treze anos — ela disse, devagar.

Greg conteve-se para não se encolher. Só treze! Uma criança. Contudo, lembrou-se de que era uma habilidade que ela precisara dominar, que a manteria viva se algo acontecesse a seus pais e ela tivesse de sobreviver sozinha.

Se ele estava tendo problemas em ouvir aquilo, sabia que para ela era ainda pior. Decidiu dar a Lissiana a chance de se acostumar à idéia de falar a respeito do assunto e, ao mesmo tempo, satisfazer sua curiosidade.

— Como se alimentava antes disso? — perguntou, e parte de sua tensão sumiu ao vê-la relaxar um pouco.

— Antes dos bancos de sangue, eu costumava ter o equivalente a amas de leite para um vampiro. Eu mordia os pulsos ou o pescoço delas. — Ao vê-lo fazer uma careta, acrescentou: — Agora que existem bancos de sangue, elas não são mais necessárias.

— Você podia controlar mentes quando era criança?

— Só quando cheguei aos oito ou nove anos. Antes disso, um dos pais ou um guardião controlava as mentes dos doadores para que não sentissem dor.

— Certo. — Greg examinou a expressão dela. Parecia mais relaxada, mas sabia que mudaria quando ele perguntasse o que precisava saber. — Suponho que não estivesse sozinha na sua primeira vez.

— Não. Um guardião sempre vai junto das primeiras vezes. É necessário. São muitas coisas para se levar em consideração — ela explicou. Era óbvio que não estava pronta para abordar sua primeira caçada, e generalizava. — Não importa quantas vezes se pratique controlar mentes com suas amas de leite, é sempre na privacidade e segurança de sua casa. Quando se sai à caça, você deve controlar a mente da pessoa e tomar cuidado com os arredores, no caso de aparecer alguém. Também tem que prestar atenção ao tempo durante o qual se alimenta, para não tirar sangue demais. Quando você está com as amas, pode tirar mais sangue. Se elas ficarem fracas ou desmaiarem, poderão descansar depois. Mas, quando está caçando, tem que consumir menos. — Lissiana o encarou, parecendo mais calma. — Costumávamos nos alimentar de mais de um doador por noite, de modo a não afetar nenhum deles. Não seria bom deixar alguém tropeçando pela rua. Eles tinham que ir embora sentindo-se bem. Então, quando os de nossa espécie saem pela primeira vez, precisam aprender por quanto

tempo é seguro se alimentar. Os acompanhantes servem para assegurar que a pessoa não perca a noção do tempo. — Ela fez uma careta. — É muito para se prestar atenção. Tentar cuidar das três coisas ao mesmo tempo pode ser avassalador, no começo.

— Entendo. Imagino que a pessoa fique nervosa nas primeiras vezes, o que apenas pioraria tudo.

— Sim.

— Foi seu pai quem a acompanhou?

Ela levantou a cabeça, chocada.

— Como sabia?

— Porque acho que sua mãe não permitiria que nada desse errado — Greg declarou, e era verdade. Estava certo de que Marguerite teria feito de tudo para que as coisas corressem bem para Lissiana. Independentemente do que pudesse pensar da mulher, o amor pela filha era indiscutível.

— Não. Mamãe nunca permitiria que algo desse errado, se pudesse evitar.

— Então, seu pai a acompanhou?

— Sim. Mamãe não queria que ele fosse, mas ele estava bêbado e teimoso. Infelizmente, eu não ajudei muito. Era convencida, e tinha certeza de que não precisava de ninguém comigo. — Lissiana sorriu, descontente consigo mesma.

— Conte-me.

— Deu tudo certo, a princípio. Eu estava nervosa, mas muito animada também. Fomos ao Hyde Park, e escolhi um jovem, um ou dois anos mais velho que eu e... tudo deu certo, no começo — ela reiterou e, em seguida, franziu o cenho.

— O que houve?

— Bem, eu estava concentrada, controlando a mente dele e tentando cuidar dos arredores para que ninguém nos visse... e perdi a noção do tempo. Em geral, o acompanhante avisa que está na hora de parar, mas...

— Mas seu pai estava bêbado.

— Ele não falou nada, não avisou, só me agarrou pelo ombro e me arrastou para longe. Meus dentes ainda estavam no pescoço do garoto — ela terminou, pálida.

Greg se encolheu, imaginando a cena terrível.

— Por sorte, mamãe tinha nos seguido — Lissiana prosseguiu. — Ela não confiava no papai. Conseguiu salvar o garoto, mas... foi por pouco. Ele quase morreu, e perdeu tanto sangue... Desde então, nunca mais consegui suportar a visão de sangue. — Voltou o rosto aflito para ele. — Eu quase matei aquele menino.

— Mas não o fez, Lissiana. Você não o matou. — Aproximando-se, ele cedeu à tentação e abraçou-a. Manteve-a junto a si, deslizando a mão para cima e para baixo em suas costas, confortando-a. Queria que Jean Claude ainda estivesse vivo para

poder socar o cretino. Em apenas um momento irrefletido, o idiota alcoolizado causara quase dois séculos de tormento para a filha. Afastou-se com delicadeza. — Lissiana?

O rosto dela estava pálido quando o ergueu. Greg ficou tentado a beijá-la, mas tinha que saber a resposta para algo que acabara de lhe ocorrer.

— Isso quer dizer que você nunca matou alguém de quem se alimentou? Não sai por aí, sugando todo o sangue da pessoa?

— Claro que não! — ela retrucou, espantada.

Greg sorriu, relaxando. Ficou tão feliz com a resposta que poderia tê-la beijado. E pensar naquilo o fez olhar para os lábios dela. Aproximou-se.

Lissiana não se afastou, nem tentou impedi-lo. Fechou os olhos instantes antes de sua boca roçar a dela. Ambos suspiraram, e foi como abrir uma comporta. Greg sentiu o desejo extravasando. Introduziu a língua entre os lábios macios, mas ficou paralisado ao ouvir a voz de Thomas.

— Não acredito que tenha achado que sugamos todo o sangue das pessoas. Seria algo estúpido, como matar a vaca leiteira. Não se tira leite de uma vaca morta.

Greg e Lissiana se separaram e viraram-se para o rapaz, que saía de trás das cortinas que cobriam as portas venezianas na parede mais distante.

— Thomas! O que está fazendo? — A voz de Lissiana sumiu ao ver as outras primas e a amiga saindo do mesmo lugar.

— Queríamos ver como seria a primeira sessão de terapia — Mirabeau explicou, dando de ombros. — Não esperávamos que terminasse com carícias.

Lissiana não sabia o que dizer. Greg sabia. Afrontado, encarou Thomas.

— Você disse mesmo o que eu ouvi? Comparou humanos a vacas?

— Não humanos, mortais. Humanos, nós também somos — corrigiu Thomas, divertido. — Que vergonha, Lissiana! Você não devia brincar com a sua comida — ele a provocou.

— Comporte-se, Thomas — Jeanne Louise disse antes de voltar-se para Greg. — Ele só está provocando. Sinto muito que estivéssemos espionando. Queríamos sair sem interromper quando as coisas... bem... — Gesticulou para eles.

Greg viu que Lissiana estava corando. Mais de duzentos anos, e ela ainda enrubescia ao ser pega beijando alguém! Aquilo o encantou.

— Mas está ficando tarde, e sabemos que Lissiana tem que ir trabalhar — Jeanne Louise prosseguiu.

— Ah, é! — Lissiana levantou-se em um instante. — Nossa, não percebi que era tão tarde. É melhor eu ir.

Greg franziu a testa ao vê-la saindo. Não queria deixá-la ir dessa forma. Porém...

Está esperando o quê? Vá atrás dela. Dê um beijo em sua namorada, para que ela se lembre de você no trabalho.

Greg virou-se para encarar Thomas, enquanto Lissiana saía da sala, sabendo que era dele que aquela idéia tinha surgido. De tudo o que ele podia ter dito, o que saiu foi:

— Ela não é minha namorada.

Thomas desprezou a negação.

— Você está dormindo na cama dela... onde ela se juntou a você ontem à noite. Vocês estão rondando um ao outro o dia todo, escapulindo para ficarem sozinhos, e essa é a segunda vez que os interrompo quando estão se beijando. E, da primeira vez, pareceu que ia muito além de um beijo. O que mais é necessário para fazer dela sua namorada?

Espantando-se com as palavras do outro, Greg meneou a cabeça e foi atrás dela. Não tinha tempo de argumentar, se quisesse alcançá-la antes que ela sumisse no quarto. Como se houvesse o que discutir... Greg não se incomodava com a idéia de que todos pensassem que ela era sua namorada. Para ser honesto, gostava disso.

Depois de beijá-la, faça com que ela lhe explique sobre os verdadeiros parceiros eternos.

Greg não parou ao receber a sugestão em sua cabeça. Em vez disso, apressou-se. Embora estivesse curioso, podia perguntar... *depois* de beijá-la. Queria muito um beijo adequado, sem estar amarrado e sem que ninguém os interrompesse.

Apesar de ser rápido, Greg só alcançou Lissiana quando ela chegou ao quarto. Que agora era dos dois, percebeu, o que era uma desculpa para tê-la seguido. Ela parou com a mão na porta.

— Eu estava pensando... — Greg se aproximou. — Todas as suas roupas estão aí. Talvez eu devesse me mudar para outro quarto. Seria mais conveniente para você do que dormir em outro lugar e ter que vir aqui pegar suas coisas.

— Ah... — Ela pareceu surpresa, mas logo concordou. — Sim, acho melhor trocarmos. Eu deveria ficar no quarto rosa, mas...

Foi o máximo que ele permitiu que Lissiana falasse. Não conseguia se controlar. Precisava beijá-la. Por isso a seguira, afinal. Segurando-lhe o rosto entre as mãos, ele a puxou para a frente e inclinou a cabeça para cobrir a boca tentadora com a sua. Suspirou de alívio quando ela se derreteu contra ele, entreabrindo os lábios.

Greg achou que não devia se espantar por ela beijar bem, depois de dois séculos de prática. No entanto, Lissiana era incrível. Ele tinha a intenção de dar um beijo rápido, mas logo estava fora de controle, pressionando as costas dela contra a porta, tocando-a por todo o corpo. Ela não protestou. Arqueou-se, passando as mãos por seus cabelos, intensificando o contato enquanto ele a esmagava contra si.

Provocando-a com a língua, ele deslizou a mão sob a blusa, buscando-lhe a pele.

Tocou o ventre liso e subiu até o sutiã de seda, acariciando o seio através do tecido macio.

Se uma porta não tivesse se fechado no corredor, trazendo-o de volta à razão, Greg suspeitava de que tentaria fazer amor com ela ali mesmo, contra a porta. Mas o barulho foi como um balde de água fria, e ele interrompeu o beijo, recuando.

— Você tem que se preparar para o trabalho.

— Sim — ela murmurou.

Ele assentiu, esperando que Lissiana entrasse no quarto, mas ela continuou ali, olhando para ele. Começava a imaginar o motivo quando ela pigarreu.

— Será que você poderia soltar meu...

— Ah! — Ofegando, Greg tirou a mão do seio dela. Embaraçado, começou a se afastar. — Logo vou para a cama.

Lissiana assentiu, sorrindo.

— Mas estarei acordado quando você chegar. Ela tornou a anuir.

— Talvez eu lhe faça uma surpresa.

— Certo — ela murmurou. — Vou esperar ansiosa. Greg continuou a recuar.

— Tenha uma boa noite.

— Você também. — Ela abriu a porta. Sorrindo, Greg se virou com um suspiro enquanto ela entrava no quarto.

* * *

Lissiana sorriu ao cumprimentar Debbie.

— Quais são as novidades? — perguntou.

— Nada demais — disse Debbie, acompanhando-a até sua sala. — O de sempre. O velho Bill está rabugento hoje, e acabou de ir para a cama. Dois dos mais jovens brigaram, e se acertaram algumas vezes antes que conseguíssemos apartá-los. E padre Joseph ainda está sofrendo de insônia.

— Ainda?

— Sim. E está começando a falar sozinho. Ou isso, ou começou a benzer os bebedouros. Acho que a insônia o está afetando.

— Provavelmente — Lissiana concordou, dirigindo-se à sala.

— É estranho ter você por aqui num domingo — Debbie comentou ao segui-la. — Mas é muito agradável. Não gosto daquela Claudia, que cobre o seu turno nas suas noites de folga.

— Hum... — Lançou um olhar compreensivo para a colega ao pendurar o casaco e

virar-se para ir até sua mesa. Na verdade, também não gostava da garota. Claudia a substituíra duas vezes por semana, e ficava no lugar de Debbie outras duas. Portanto, Debbie e ela trabalhavam juntas três noites. — Então, padre Joseph ainda está aqui ou ele foi... — A pergunta de Lissiana terminou em um gritinho de surpresa quando, ao sentar-se, sentiu que havia algo em sua cadeira.

— O que foi? — Debbie indagou, aproximando-se. Levantando-se, ela se virou para checar no que se sentara.

As duas fitaram, emudecidas, a cruz sobre a cadeira.

— O quê...

— Uma liquidação de cruzes? — Debbie sugeriu.

Fitando-a, confusa, Lissiana percebeu que a mulher não mais olhava para a cadeira, e sim para a profusão de cruzes espalhadas por seu escritório. Grandes, pequenas, de madeira, de metal. De todos os tipos e tamanhos, elas estavam sobre os móveis... em todo lugar.

— Meu Deus... — ela murmurou, espantada; e um movimento chamou sua atenção para a porta, onde padre Joseph se encontrava, mordendo o lábio. Virou-se para ele. — O que está... — Gesticulou para o aposento.

— Eu estava separando as cruzes — ele explicou.

— Na minha sala?

— Sim. Era a única que estava vazia hoje. — Ele entrou. — Esperava terminar antes da sua chegada. Sinto muito. — Olhou ao redor e esticou a mão. — Se você puder me entregar a que está em sua cadeira, começarei a tirá-las daqui.

Lissiana pegou a cruz e entregou-a para ele. Padre Joseph pegou-a, encarou-a em silêncio e então se virou para a porta.

— Vou pegar uma caixa para colocar as demais. Você pode começar a recolhê-las enquanto eu faço isso?

Assim que ele saiu, Debbie arqueou a sobrancelha.

— Ele não está bem mesmo, não é?

— Não. Espero que ele supere logo essa insônia. Deve estar muito aborrecido com alguma coisa para não conseguir dormir.

Debbie assentiu e começou a ajudá-la a recolher as cruzes. Quando padre Joseph retornou com uma caixa, elas a encheram com os objetos. Lissiana observou-o sair, notando os ombros curvados e os passos pesados. O homem estava exausto, pensou.

— Ele precisa dormir.

— Sim — Debbie concordou com um suspiro. — Vou falar com ele a respeito de ele tomar calmantes ou algo do tipo. Isso tem que acabar.

Esse era um sentimento que Lissiana experimentou com intensidade ao final de seu turno, quando rondava em busca de um candidato para se alimentar e tornou a encontrar o padre vagando pelo local. Ela podia ter inserido entre os pensamentos dele o desejo de ir embora, mas evitava entrar na mente de pessoas com quem trabalhava. Tinha que vê-las todos os dias, e não queria descobrir algo que a deixasse desconfortável ao lidar com elas.

Decidindo que não a mataria ficar um dia sem se alimentar, especialmente uma vez que se alimentara tão bem na madrugada anterior, graças a Thomas, ela permitiu que ele a acompanhasse até o carro, desejou-lhe um bom-dia e ligou o motor.

Assim que estava na estrada, sua mente voltou-se para Greg. Ele prometera estar acordado quando chegasse. Dormiria durante o turno dela, depois tomaria café e teria uma *surpresinha* pronta para ela, na volta. Não fazia idéia do que seria. Suspeitava que fosse alguma comida de que ele gostasse, embora ele parecesse gostar de tudo. Não se importava com o que seria. Só a perspectiva de tornar a vê-lo já a animava.

Gostava dele, de falar com ele, e o sujeito ainda beijava bem demais... como descobrira antes de sair para o trabalho na noite anterior. Claro, eles já tinham se beijado antes, mas daquela vez não houvera interrupções, nenhuma corda a prendê-lo, e o homem a fizera derreter. Estava ansiosa para ficar daquele jeito de novo.

Lissiana sorriu, estacionando. Contudo, só quando saiu do carro e se dirigia à porta da cozinha notou o Porsche preto parado ao lado do esportivo vermelho de sua mãe. Aquilo a fez reduzir os passos, sentindo o coração acelerar. Tio Lucian estava ali. Engolindo em seco, correu para dentro de casa e subiu as escadas, rapidamente. O temor por Greg comprimia seu peito.

Entrou em seu quarto, esperando encontrar a mãe, Greg e tio Lucian ali, mas não havia ninguém. Jogou a bolsa na cama e estava prestes a sair quando ouviu uma porta se fechando no corredor.

— Vou precisar ligar para o conselho, Marguerite. — Era a voz grave de tio Lucian.

— Pode usar o telefone na despensa — a mãe respondeu, baixinho.

Lissiana ficou paralisada pelo choque, enquanto os passos retrocediam até a escada. Sua cabeça estava um caos. Ele teria que ligar para o conselho? Por quê? Isso não era bom...

Saindo para o corredor, ela se apressou até o quarto rosa e entrou, quase com medo do que encontraria ali. Se Lucian não tivesse conseguido apagar a mente de Greg, ele já podia estar...

Sua respiração saiu entrecortada ao ver Greg encarando-a da cama. Eles o haviam amarrado de novo... e seu tio estava chamando o conselho. Aquilo não era nada bom.

— Sabia que era você. — As palavras de Thomas a fizeram virar-se para a porta, por onde todo o grupo estava entrando. — Ouvi seu carro.

— Lissi, você está transmitindo ondas de pânico. É melhor se controlar antes de atrair Marguerite e Lucian para cá — aconselhou Mirabeau, preocupada.

Lissiana sufocou o pânico que a invadira ao ver Greg amarrado, e se forçou a respirar devagar, concentrando-se em proteger seus pensamentos. Emoções fortes eram as mais fáceis de ler. Pareciam se transmitir, de modo que alguém de sua espécie não precisava nem se concentrar para recebê-las. A última coisa de que precisava era que sua mãe, Martine e tio Lucian percebessem suas emoções e fossem investigar. E tinha que garantir que Greg também não transmitisse seus pensamentos, se quisesse tirá-lo daquela confusão.

Greg ficou aliviado ao rever Lissiana... até notar o modo como ela empalideceu ao vê-lo amarrado. Temera que aquilo não fosse um bom sinal, o que a reação dela tinha confirmado. Olhou para os outros, que agora o espiavam com a mesma expressão. Ele puxou as cordas que o prendiam.

— Isto é ruim, não?

Ninguém respondeu. Após hesitar por um instante, Lissiana aproximou-se e começou a desamarrar os pulsos dele.

— Preciso que você não pense.

— Não pensar? Como vou fazer isso?

— Recite alguma coisa.

— Recitar o quê?

— Eu não ligo — ela respondeu, com impaciência, mas logo se obrigou a acalmar-se um pouco. — Um poema, uma canção infantil, qualquer coisa... Não importa, desde que esteja concentrado no que está recitando. É o único jeito de impedir que você emita o que está pensando para minha mãe e Lucian, permitindo que eles saibam o que está acontecendo. Se quiser sair daqui, preciso que faça o que estou pedindo. Entendeu?

— Sim. Mas não sei se consigo.

— Vai ter que conseguir, se quiser sair vivo daqui — ela disse.

— Recite "um elefante incomoda muita gente" — sugeriu Thomas, indo ajudá-la a soltar as cordas.

— Thomas, não pode me ajudar. Você... — Olhou ao redor, para todos os outros. — Vocês têm que descer agora, e ficar fora disso.

Mirabeau bufou e foi desamarrar um tornozelo de Greg. — De jeito nenhum.

— Mirabeau, é sério. De verdade. Não estamos apenas desafiando minha mãe agora. Tio Lucian...

— Ah, cale-se, Lissi! — disparou Elspeth, partindo para o outro tornozelo. — Por que só você pode se divertir?

— Além do mais — Juli afastou-a e terminou de soltar o pulso que Lissiana começara a desamarrar —, um por todos, e todos por um, lembra?

— Gostamos de Greg — Vicki anunciou, afagando-lhe o ombro para acalmá-la. — Nenhum de nós quer vê-lo passar por um "conselho de três".

A tensão era palpável, e as expressões sérias de todos, assustadoras, mas era a de Lissiana que o preocupava mais. Ela estava com medo, e Greg achava que ela estava com medo por ele, e não por si mesma.

— O que é um conselho de três? — perguntou, desconfiando de que não gostaria da resposta.

— Três membros do conselho se fundindo com a mente de um mortal ao mesmo tempo — Vicki esclareceu. — Alguns mortais podem bloquear um indivíduo de nossa espécie, mas ninguém consegue fazer isso com três trabalhando juntos.

— E o que isso faz?

— Destrói a psique. A pessoa se torna um Renfield.

Greg supôs que essa fosse a descrição de alguém enlouquecido por causa das alterações na mente. Não pôde ter certeza porque, quando abriu a boca para questionar, Mirabeau advertiu:

— Recite.

— Um elefante incomoda muita gente... — começou Greg, e prosseguiu enquanto eles continuavam a trabalhar nas cordas. Era difícil. Não estava habituado a não pensar, e havia muitas perguntas que queria fazer. A maioria referente à sua falta de vontade de se tornar um "Renfield".

Estava no oitavo elefante quando a última corda foi solta.

— Alguém tem que descer, descobrir o que está acontecendo e garantir que eles não saibam que Lissiana já voltou — Thomas disse, enquanto Greg se sentava na cama.

— Eu vou — ofereceu-se Mirabeau. — Sou a mais velha e consigo lê-los com mais facilidade.

— Certo, mas vá rápido — concordou Thomas. — Recite — ele ordenou a Greg, enquanto ela saía.

Notando que tinha parado, Greg voltou a recitar, sua voz preenchendo o silêncio do quarto. Mirabeau não demorou a voltar, e sua expressão era dura quando chegou.

— Eles sabem que ela está em casa e que estamos aqui em cima. Lucian enviou Martine para a garagem para olhar os carros, e Marguerite mandou chamar Vittorio, Maria e Julius.

Greg parou de recitar.

— Quem são eles?

— Maria é a empregada de mamãe, e Vittorio é o seu marido., que cuida do jardim. Você não os conheceu porque eles têm os fins de semana de folga — Lissiana explicou. — Eles moram em um chalé nos fundos da propriedade.

— E Julius é o cachorro de tia Marguerite — Juli completou.

— Juli tem medo de cachorros. Por isso, Maria fica com ele enquanto estamos visitando — Vicki elucidou.

— Não deve ser um dos pequenos... — adivinhou Greg.

— Recite — exigiu Mirabeau, e ele obedeceu.

Lissiana esfregou a testa e andou de um lado para o outro antes de parar e fitar os outros.

— Vocês vão me ajudar mais se continuarem por aqui e descobrirem o que está acontecendo. Vou ligar hoje à noite para saber o que descobriram.

— Talvez você devesse conversar com eles antes, Lissiana — Jeanne Louise sugeriu. — Talvez não seja necessário tirá-lo daqui.

— Se eu levá-lo agora, estarei desobedecendo apenas a mamãe. Se conversar com eles, descobrir que planejam um conselho de três e só então levá-lo, estarei conscientemente indo contra o conselho.

— Como vai tirá-lo daqui? — indagou Thomas. — Estão vigiando os carros.

Lissiana pensou alguns instantes, e teve a idéia.

— A bicicleta!

— E nós? — indagou Elspeth.

— Terão de ficar. Descubram o que está havendo, e eu ligo depois. — Lissiana pegou a mão de Greg.

Assim que ela o tocou, ele parou de recitar, provocando um olhar atravessado dela. De imediato, redobrou sua concentração.

— Recite em sua cabeça — Lissiana instruiu ao abrir a porta. — Não podemos fazer barulho.

Greg fechou a boca e passou a recitar em silêncio, mas achou muito mais difícil não se distrair daquele jeito. Ela o levou para baixo, por uma escada oposta à escadaria principal. Ele começou a articular as palavras, sem fazer nenhum som, mas aquilo não detinha seus pensamentos. Estava preocupado com o que todos temiam tanto, com o local para onde iriam, e se conseguiriam chegar lá sem serem detectados. E, principalmente, preocupava-se com o que aconteceria se não alcançassem o destino, qualquer que fosse ele, sem serem notados.

A escada terminava em um corredor escuro. Ele não conseguia enxergar nada, mas confiou em Lissiana e seguiu-a nas pontas dos pés até parar diante de uma porta.

Quando ela a entreabriu, Greg percebeu que tinham chegado na cozinha. A princípio, achou que o cômodo estivesse vazio e imaginou por que ela não se movia. Porém, logo um homem baixo e corpulento entrou em seu campo de visão, indo para a porta, em direção à garagem.

— Aonde está indo? — Uma voz feminina, com um leve sotaque italiano, veio do outro lado da cozinha.

— Lucian quer que eu vigie os carros com Martine — ele respondeu, parando para calçar um par de botas e vestir um casaco pendurado atrás da porta.

— Por quê?

— Não sei — disse o homem. — Ele só disse: *"Ajude Martine com os carros, Vittorio. Ninguém sai sem minha ordem."* Então, é para lá que eu vou.

— Hum... Qual será o problema? — cogitou Maria, preocupada. — Eles não nos chamariam mais cedo se não houvesse algum problema. Espero que a srta. Lissi não...

Greg não ouviu o restante da frase, pois Lissiana escolheu aquele momento para fechar a porta da cozinha. Ela o levou pelo corredor até outra porta. Dessa vez, não parou. Entrou no cômodo de uma vez, arrastando-o junto. Greg não tinha idéia de que lugar era aquele, pois estava cercado pela escuridão. Hesitou, puxando a mão de Lissiana, mas ela o segurou com firmeza e seguiu em frente.

Foi só quando ela perguntou, em um murmúrio, se ele estava recitando, que ele percebeu ter parado. Cerrando os dentes, voltou aos "elefantes".

Pareceu uma eternidade até que eles parassem de novo. Lissiana abriu as cortinas. Ainda estava escuro do lado de fora, mas havia luz suficiente para ele avistar as portas francesas que ela expusera. Lissiana estendeu a mão para a maçaneta, e os dois gelaram ao ouvir o rosnado abafado que veio de fora. Greg levou um momento para discernir o enorme cão negro no gramado. Julius.

Ouviu Lissiana praguejar, e depois ficar em silêncio. A imobilidade dela durou tanto tempo que ele se assustou quando ela o encarou, de repente.

— Quero que me espere aqui. Vou até o outro lado do aposento e abrirei uma porta lá. Quando Julius entrar por aquela porta, quero que saia por esta, está bem?

Greg assentiu.

Lissiana saiu, sumindo nas trevas, antes de ser outra vez revelada ao abrir as cortinas do outro lado. As portas francesas deviam percorrer toda a extensão do cômodo; logo, estavam na biblioteca, percebeu Greg. Ele conhecera o aposento no dia anterior.

— Prepare-se.

Greg ouviu-a sussurrar e estendeu a mão para a maçaneta, fixando o olhar no cachorro do lado de fora. Escutou o clique da outra porta se abrindo. A cabeça do animal voltou-se naquela direção, e a fera disparou. Greg quase abriu a porta e fugiu

na mesma hora, mas conseguiu se conter ao ver que, se fizesse isso, o cão ainda poderia mudar de idéia e ir por ali.

— Agora — Lissiana murmurou.

Ele abriu a porta e, enquanto deslizava para fora, viu o cachorro passar por Lissiana e correr em sua direção. Fechando a porta, notou que ela escapulia pelo outro lado, prendendo o animal dentro de casa.

Em um instante, ela estava ao seu lado. Greg não teve tempo de imaginar como ela se movera com tamanha velocidade, pois Lissiana já pegara sua mão e o arrastava para os fundos da casa. Ele correu para acompanhá-la, só se lembrando de recitar na metade do caminho, Não sabia aonde estavam indo, até avistar uma casinha. Supôs tratar-se do chalé de Maria e Vittorio, e pensou que ela o estava levando para lá. Contudo, ela virou à direita e correu para uma garagem fechada com um cadeado.

Lissiana pegou o cadeado e puxou. Houve um som como o de pregos sendo retirados de madeira e, embora o cadeado continuasse preso à dobradiça, a dobradiça já não estava presa a porta.

— Sem chaves, é? — ele perguntou, tanto impressionado quanto um pouco invejoso de tamanha força.

— Recite — ela ordenou, abrindo a porta para revelar uma bicicleta, um cortador de grama e outras máquinas. Ela pegou a bicicleta pelo guidão e arrastou-a para fora.

— O que vai fazer com isso? — ele perguntou, espantado.

— Fugir.

— Em uma bicicleta?

— Só até chegarmos à rua. Martine e Vittorio estão vigiando os carros. Eu poderia controlar Vittorio, mas não Martine.

— Sim, mas... É uma bicicleta de menina! — Era cor de rosa, com um cestinho, fitas de plástico coloridas no guidão e até um sininho! Não acreditava que fariam sua grande fuga naquilo.

— Sim, é da neta de Maria. Sinto muito se não combina com você. Posso deixar isso para trás, se preferir tentar ultrapassar Julius a pé. Quer experimentar?

Os olhos de Greg se arregalaram, e ele espiou o caminho que tinham percorrido.

— Julius está trancado na casa.

— Ele deve estar latindo à beça. Alguém vai ouvir, perceber que escapamos e soltá-lo. Podemos ter sorte, e eles não o ouvirem da frente da casa até que chegemos à rua. Mas se Maria ainda estiver na cozinha... — Ela parou ao ouvir um latido. Vinha da direção da biblioteca, mas definitivamente do lado de fora. — Suba na bicicleta.

Fugir de bicicleta já não parecia uma idéia tão ruim. Com certeza era melhor

que ser mordido por um cão enquanto tentava correr.

— Eu pedalo — ela avisou, sentando-se diante dele. — Abrace minha cintura.

Greg mal tinha obedecido, e ela já disparava pela entrada de veículos.

— Quando foi a última vez que andou de bicicleta? — ele perguntou, desconfiado, enquanto oscilavam.

Lissiana nem respondeu. Greg olhou para a casa da qual fugiam. Iludo o que podia ver eram algumas janelas iluminadas, mas não precisava enxergar para saber que o cachorro se aproximava. O latido estava mais alto a cada segundo.

Voltou-se para a frente, aliviado ao ver que, enquanto se distraíra, Lissiana tinha ganhado velocidade.

— Eles não vão vir atrás de nós com um carro?

— Sim.

— Sim — ele repetiu em um murmúrio. Como se aquilo fosse normal. Estavam em uma maldita bicicleta, e ela não parecia preocupada em ser perseguida por um bando de vampiros mais poderosos de carro.

— Só precisamos chegar até a rua — ela falou.

— O que acontece quando chegarmos lá? — Olhando para trás, ele viu as portas da garagem se abrirem. — Estão vindo!

Lissiana não se abalou. Continuou pedalando, e ele notou que estavam quase na rua. Greg começou a olhar de um lado para o outro, como em uma partida de tênis: da porta da garagem por onde saía o carro de Marguerite, para a rua, que se aproximava. O carro estava no meio do caminho para alcançá-los quando chegaram à rua. Antes que ele perguntasse qualquer coisa, percebeu que Lissiana ia de encontro a um veículo que se aproximava.

Greg gritou um alerta, e ela apertou os freios. O carro também freou, tentando evitá-los e, surpreendentemente, todos conseguiram parar sem que nada acontecesse.

— Venha! — Lissiana desceu da bicicleta e correu até o carro.

Greg não hesitou. Com o som do carro de Marguerite acelerando, pulou da bicicleta, jogou-a na calçada e seguiu Lissiana, que entrara no banco traseiro do veículo que quase os atropelara.

— Ei! Você não pode... — O adolescente que dirigia parou de gritar, virou-se no assento e engatou a marcha com calma.

— O que está fazendo? — o colega dele perguntou, espantado, do banco do passageiro. Gritou, atônito, quando o amigo pisou no acelerador e disparou pela rua.

— Ele está nos ajudando a fugir — Greg disse ao rapaz, tranqüilamente, fitando Lissiana. Ela olhava para a estrada, concentrada como se estivesse dirigindo, e ele suspeitou que fosse isso mesmo. Devia estar controlando o motorista adolescente.

Greg virou-se para olhar o esportivo vermelho de Marguerite, que alcançara a bicicleta. Jogá-la no caminho tinha sido uma atitude esperta. O carro estava parado no final da saída de veículos, com a bicicleta presa sob o pára-choque. Marguerite e Lucian haviam descido e assistiam à fuga dos dois.

Lissiana saiu do banheiro feminino e olhou para a praça de alimentação, mas não viu Greg.

Tinham fugido sem bolsa nem carteira, embora ela não houvesse se lembrado disso até serem deixados pelos garotos no Eaton Center. Sua maior preocupação havia sido o fato de estarem sem casacos e de fazer frio. O Eaton Center ficava no centro da cidade. Grande e sempre cheio, fazia parte do Corredor, um complexo subterrâneo, que ligava quase trinta quilômetros de lojas e serviços em Toronto. Casacos não faziam falta ali, e a luz do dia podia ser evitada, desde que se permanecesse nos níveis mais baixos. Era o lugar perfeito para um homem sem casaco e uma vampira ficarem durante o dia, enquanto descobriam o que fazer em seguida.

Na verdade, o Eaton Center e o Corredor eram lugares perfeitos para vampiros. Só havia um problema: Lissiana conhecia vários de sua espécie que trabalhavam ali embaixo, podendo mover-se durante o dia sem medo de se expor à luz.

Mesmo assim, parecera a melhor opção. Um local seguro onde ficar até planejarem o próximo movimento. Depois de discutirem qual seria, Greg e Lissiana tinham passado a manhã inteira vagando pelos corredores, parando em várias lojas para olhar, e depois seguindo em frente, até Greg comentar, preocupado, que ela parecia exausta. Cinco minutos depois, ele a levava até a praça de alimentação e a forçara a se sentar, mas Lissiana havia dito que precisava ir ao toalete e fugira para jogar água no rosto, na esperança de melhorar seu aspecto.

A água não a deixara melhor, nem mais alerta. Estava exaurida. Já era de tarde, e ela não tinha dormido. Depois de vários dias com poucas horas de sono, ficar sem dormir e passar cinco horas perambulando para matar o tempo estava começando a pesar em seu corpo. E não comia desde o dia anterior.

Lissiana não era a única a passar fome. Greg também não havia comido, mas não estava reclamando. Um assovio chamou sua atenção para o centro da praça de alimentação, e sentiu-se aliviada ao vê-lo acenando para ela da mesa.

— Fiquei com medo de ter perdido você — ela admitiu, sentando-se em frente a ele. Só então reparou na bandeja de comida entre os dois. — Onde conseguiu isso? Pensei que tivesse esquecido a carteira.

— E esqueci, mas meu consultório é perto daqui, e sou cliente assíduo daquele restaurante. — Ele indicou um lugar pequeno. — Os donos são um casal de idosos, muito gentis. E, como me conhecem, venderam a crédito para mim. Vão mandar a conta para o consultório.

Lissiana observou-o abrir um sanduíche, sopa e uma bebida para ela.

— Coma — Greg ordenou, avançando em sua própria refeição.

— Eu não como — ela disse.

— Lissiana, não posso arranjar sangue para você, mas comida vai fazê-la reconstruir o seu. Talvez ajude.

Com uma careta, ela pegou a colher oferecida e mergulhou-a no líquido, para experimentar um bocado, ficando surpresa ao perceber que era saboroso.

— O que é? — indagou.

— Creme de couve-flor e queijo. — Greg ergueu uma sobrancelha.— Que tal?

— Está gostoso. Acho que nunca comi isso antes.

Ele sorriu e se concentrou em continuar comendo. Lissiana terminou antes dele. Após anos em uma dieta líquida, não tinha mais muito espaço em seu estômago. Mal conseguira tomar metade da sopa, e comera menos da metade do sanduíche. O que ela não consumiu, Greg terminou. Surpreendentemente, a comida a fez mesmo sentir-se um pouco melhor. Mais desperta, ao menos. Jogaram fora o lixo acumulado sobre a bandeja e começaram a vagar por ali, indo parar na seção de móveis de uma loja de departamentos.

— Este é o sofá mais feio que já vi.

Lissiana começou a rir da expressão assustada de Greg, o que fez com que ele levantasse as sobrancelhas.

— Você não concorda?

— Ah, sim, é feio mesmo. Só acho divertido termos um gosto tão parecido.

Ele sorriu.

— Eu sei. No começo, pensei que estivesse concordando só para ser simpática.

— Não sou Meredith — declarou ela.

— Eu sei. Parei de comentar por um tempo para sondar, mas você ainda gostava das mesmas coisas que eu. Acho que temos o mesmo gosto.

— Clássico — murmurou Lissiana. — Gosto de clássicos eternos. Cores sólidas e estilos consagrados, em vez de estampas e estilos que envelhecem com o tempo. Também aprecio móveis confortáveis.

Greg sorriu, assentindo.

— Clássico. Não saberia nomear, mas é do que eu gosto, também. — Olhou por sobre o ombro dela e fez uma careta, tomando-lhe o braço para levá-la adiante.— Vendedor pegajoso se aproximando.

Lissiana olhou para o local de onde tinham saído, e sentiu seu rosto congelar ao ver o homem de terno escuro que ia atrás deles.

— O que foi? — perguntou Greg, acompanhando seu olhar.

— Aquele não é um vendedor. — Ela ofegou, pegando a mão dele e apressando-o na descida, desculpando-se ao esbarrar em outras pessoas.

Greg não discutiu, nem perguntou nada. Apertou a mão dela e a seguiu, somando suas desculpas às dela enquanto desciam.

Chegando ao andar inferior, Lissiana correu para a saída.

— Ele ainda está nos seguindo — Greg avisou, enquanto abriam caminho por entre a multidão.

Lissiana começou a se mover um pouco mais rápido, enviando pensamentos para aqueles à frente deles para abrirem caminho. O fato de não ter feito isso desde o começo era um sinal de sua exaustão.

— O que estamos fazendo? — Greg perguntou momentos depois, quando ela o arrastou para dentro de um cinema.

Ela não desperdiçou energia explicando, pois estava controlando as mentes dos bilheteiros para que os deixassem entrar. Havia vários filmes em cartaz, e ela leu as emoções da audiência enquanto passavam pelas portas, parando ao sentir uma onda de ansiedade ser emitida da terceira sala. Greg a seguiu em silêncio até se sentarem.

— Um filme? — ele indagou, incrédulo.

— Um filme de terror — ela corrigiu, olhando para a porta. — A ansiedade deles vai encobrir a nossa. Eu lhe disse que o medo é transmitido, e ele pode seguir nossa ansiedade. Mas, com a reação da platéia, espero que ele nos perca.

— Ah... — Greg também olhou para a porta. — Quem era ele?

— Valerian. Um imortal.

— Primo? Irmão? Qual a relação com ele?

Lissiana o encarou, surpresa.

— Nenhuma. Não somos todos parentes, Greg.

— Pensei que todos os vampiros em Toronto fossem aparentados.

— Toronto é muito popular entre os de nossa espécie.

Greg ficou quieto enquanto digería a informação.

— Por causa do Corredor? Isso tornaria Toronto atrativa para os vampiros. Eles podem se mover durante o dia e...

— Quem você acha que encorajou a construção do Corredor? Eles têm algo parecido em Montreal, que chamam de Cidade Subterrânea. Pode-se encontrar muitos de nossa espécie lá, também. — Ao ouvir a platéia gritar, ela se voltou para a tela.

— É um filme de vampiro — Greg comentou, divertido.

— Sim — ela concordou, franzindo o cenho ao notar que ele se acomodava

melhor no assento. — Você não quer sair daqui?

— E ir para onde? Não podemos ir ver aquela sua amiga...

— Debbie — completou Lissiana. Sua colega de trabalho fora a única pessoa a quem lhe ocorrera pedir ajuda e, embora relutante em envolvê-la, não tinha mais para onde se voltar. Greg sugerira ir até a casa da irmã dele, mas ela rejeitara a idéia. Qualquer pessoa da família dele estava fora de questão. Seria o primeiro lugar em que sua mãe e seu tio procurariam. Assim como toda a sua família e amigos... ao menos, os amigos vampiros. Debbie parecia ser a única solução.

— Só podemos ir até ela em cerca de duas horas. Podemos muito bem ficar por aqui e relaxar. E você pode tirar uma soneca.

Também os manteria longe de outros vampiros, Lissiana percebeu, e relaxou na cadeira. Não tinha pensado em dormir, mas só descansar um pouco já lhe faria bem.

Greg tinha levantado o joelho e ficado de lado no assento para observar Lissiana adormecida, quando ela abriu os olhos de súbito. O filme acabara, e o cinema estava quase vazio. Ela se voltou para Greg devagar.

— Por que não me acordou?

— Você precisava dormir.

— E você ia deixar que eu ficasse dormindo? Ele encolheu os ombros.

— Até alguém vir nos expulsar. Como você está?

Lissiana se ajustou, sentando-se mais reta e evitando os olhos dele.

— Do mesmo jeito.

— Isso quer dizer que não melhorou em nada, não é?

Ela não negou nem confirmou.

— Você precisa de sangue. Está mais pálida, até mesmo sob a pouca luz.

— Bem, você não precisa se preocupar, a menos que eu comece a brilhar no escuro — ela disse. Quando ele arregalou os olhos, assustado, acrescentou: — Estou só brincando, Greg.

— Ah... — Ele se levantou para segui-la para fora do cinema, tomando-lhe o braço e procurando um relógio perto da bilheteria. — São quatro e quinze — reparou, aliviado. — Podemos ligar para sua amiga agora?

— Sim.

— Nenhum de nós tem um celular, nem moedas para o telefone público. Pode colocar alguém em transe e convencê-lo a nos emprestar o celular?

— Sim, mas acho que vou pedir antes — Lissiana murmurou, afastando-se.

Greg começou a segui-la, inseguro quanto a onde ela estava indo, até vê-la parar junto a um homem que acabava de desligar o celular. Aprumou os ombros e encheu o

peito de leve ao notar que o estranho parecia um modelo. Tinha cabelo loiro curto, olhos azuis e o corpo musculoso. *Deve ser gay*, imaginou, mas fez uma carranca quando o sujeito sorriu com interesse para Lissiana. Estava longe o bastante para não ouvir o que ela disse ao pedir para usar o telefone, mas viu a hesitação no rosto do homem.

— É uma chamada local, e vai ser rápida. — Ele ouviu Lissiana dizer enquanto se aproximava. — Só preciso ligar para uma amiga vir me buscar.

— Tudo bem — O sr. Modelo não estava empolgado, mas pegou o celular no bolso e até sorriu ao entregá-lo.

— Muito obrigada. — Lissiana pegou o telefone.

— Sempre disposto a ajudar uma linda moça — disse o rapaz, decidindo-se a explorar a situação, já que cederia o celular.

Ah, por favor... Greg parou atrás de Lissiana, pousando a mão sobre o ombro dela de um jeito possessivo que surpreendeu até a si mesmo. Sua vergonha por esse sinal de ciúme foi substituída por satisfação ao ver o desapontamento no rosto do modelinho quando percebeu que ela não estava sozinha.

Ignorando o sujeito, Greg observou-a ligar para a amiga. Ela esperou, mordendo o lábio e erguendo as sobrancelhas. Parecia estar ouvindo algo do outro lado da linha, e ele achou que fosse a secretária eletrônica, pois ela disse:

— Debbie, se você estiver em casa, atenda, por favor. — Ela esperou mais um pouco. — Certo. Acho que não está. Eu ligo depois.

— Sem sorte, hein? — o sr. Modelo perguntou, quando ela desligou e devolveu o celular.

— Sim, mas obrigada mesmo assim — ela murmurou.

— Obrigado — acrescentou Greg, e tomou o braço de Lissiana para levá-la para fora do cinema. Juntaram-se de novo aos frequentadores do Corredor. — Será que ela saiu?

— Não sei — ela admitiu, distraída. Estava examinando os rostos que passavam por eles, o que o lembrou do encontro com o vampiro Valerian. Ela estava preocupada em ser vista outra vez.

— Temos que achar algum lugar onde ficar, caso não consigamos encontrar sua amiga Debbie.

— Sim.

Ela parecia cansada, o que o deixou preocupado. Também estava abatida, como se os nanos estivessem com pouco sangue e tivessem começado a devorar qualquer gordura que houvesse no organismo dela. Imaginou se isso seria possível. Prestando atenção ao rosto de Lissiana, esqueceu a questão. Ela cerrava os dentes, e havia pequenas rugas nos cantos dos olhos, sinais de dor. Ela estava sofrendo.

— Você tem que se alimentar — ele disse.

— O que você sugere? — A voz dela era inexpressiva. Greg, então, percebeu que, caso estivesse sozinha, ela já teria se alimentado muito tempo atrás. Na verdade, se não fosse por ele, Lissiana não estaria naquela situação. Mas era óbvio que ela não tinha mordido ninguém para evitar chateá-lo.

— Alimente-se — ele falou com firmeza. Ela parou para encará-lo, insegura.

— Sério?

— Sim. Você já me disse que não toma mais do que um gole por pessoa. Eles não vão sentir falta, e você precisa. Portanto, vá até o toalete feminino e encontre uma doadora... Ou três — acrescentou, achando que ela precisava de umas seis ou sete pessoas. — Eu espero na praça de alimentação.

— Obrigada por entender — ela disse, com simplicidade. Ele deu de ombros.

— Estou começando a pensar nisso como hemofilia, Lissiana. Você só usa outro tipo de intravenosa e ignora o banco de sangue.

Ela sorriu e se ergueu nas pontas dos pés para dar-lhe um beijo repleto de gratidão. O leve roçar de lábios o fez desejar mais. Abraçou-a, aprofundando o beijo.

— Greg?

Ele reconheceu seu nome, mas não prestou atenção.

— É você *mesmo*! O que está fazendo aqui?

Greg ficaria feliz em ignorar a irritante interrupção, mas Lissiana se afastou dele e voltou-se para quem estava falando. Suspirando, ele também se virou e encarou a morena baixinha que os fitava. Ficou tão aparvalhado ao ver a irmã, Anne, que demorou a responder.

— E então? — ela pressionou, impaciente.

— E você, o que está fazendo aqui? — ele contrapôs.

— Compras — explicou ela, erguendo as sacolas que carregava.

— Nós também — replicou Greg.

A irmã olhou para as mãos vazias dos dois, e depois sorriu para Lissiana.

— Olá, sou a irmã dele, Anne. E você é...

— Lissiana — ela respondeu, devagar, olhando de um para o outro.

— Mas que nome lindo! Porém, é um pouco longo — ela comentou, com a franqueza habitual. — Posso chamá-la de Lissi?

— Claro — concordou Lissiana, o sorriso saindo mais natural.

— Bom. — Anne virou para Greg. — E então? O que está fazendo aqui? Você disse que ia para o México essa semana.

— Meu voo foi cancelado. Quando tentei remarcar, só consegui outro na quarta-feira. Então cancelei a viagem.

— Hum... — Ela não parecia ter acreditado. — E não me ligou porque...

Quando Greg apenas encarou, Lissiana respondeu por ele:

— Isso foi culpa minha, Anne. Temo que o tenha mantido preso, entre uma coisa e outra, nos últimos dias.

Greg quase engasgou com o modo como ela falou. Preso, de fato...

— É mesmo? — Anne abriu um amplo sorriso. Uma casamenteira nata, podia sentir o cheiro de romance.

— Vou deixá-los conversando — disse Lissiana, sorrindo para ela. — Preciso ir ao toalete. Com licença.

Greg observou-a sair e voltou-se para a irmã.

— Desembuche — Anne exigiu.

— O quê? — indagou ele, sentindo-se acuado.

Ela suspirou, descontente, e entregou-lhe as sacolas de compras.

— Aqui. Segure isso e vá procurar uma mesa na praça de alimentação. De repente, senti vontade de ir ao toalete, também.

— Não, Anne, eu... Droga! — ele resmungou.

Sua irmã iria pressionar Lissiana, cobrindo-a de perguntas e impedindo-a de se alimentar. A menos que ela se alimentasse de Anne. Greg piscou ao pensar nisso. Até que gostava da ideia. O que era maldade de sua parte. Balançando a cabeça, foi até a praça de alimentação em busca de uma mesa vazia.

Foi difícil, mas encontrou um lugar vago e colocou ali as sacolas da irmã. Sentou-se e olhou para a porta do banheiro bem na hora em que Anne e Lissiana saíam de lá.

— Bem, devíamos tomar um café — disse Anne, alegremente, ao chegar à mesa.

— Não podemos, mas obrigado, Anne — ele respondeu.

— Não seja bobo, claro que podem! Eu perguntei, e Lissi falou que vocês não têm nenhum plano.

Greg olhou para Lissiana, que ofereceu um olhar de desculpas. Estava preocupado com a palidez dela. Como temera, ela não tivera tempo de se alimentar. Voltou-se para a irmã.

— Sim, mas...

— Não aceito um "não" como resposta. Você vai tomar um café comigo, não é, Lissi?

Lissiana forçou um sorriso.

— Viu? — disse Anne, aceitando aquilo como um "sim". — Venha, Greg. Você pode me ajudar a pegar o café enquanto Lissi cuida das sacolas e descansa. A pobrezinha parece prestes a desmaiar.

Greg olhou de uma para a outra. Quando Lissiana lhe lançou um olhar solidário e o dispensou com um aceno, ele suspirou e foi atrás da irmã.

— Ela é bonita — Anne comentou, assim que ele a levou à cafeteria.

— Sim — ele resmungou.

— Mas está pálida. Esteve doente?

— Ah... gripe — mentiu Greg.

— Nota-se. — Anne assentiu, séria. Ela foi até o balcão, pediu um *capuccino* e um *croissant* de chocolate e olhou para ele. — O que Lissiana vai beber?

Greg a encarou.

— Não tenho dinheiro — ele falou.

— Como é? — Anne espantou-se.

— Esqueci minha carteira. — Era verdade, mas aquilo lhe deu uma idéia. — Sabe, talvez seja bom que tenhamos nos encontrado. Você poderia me emprestar algum dinheiro, por um ou dois dias?

— Claro. — Ela abriu a carteira. — Quanto você quer?

— Poderia me emprestar duzentos dólares?

Ela levantou a cabeça, surpresa, mas acabou assentindo.

— Terei que passar em um caixa eletrônico. Faremos isso depois do café. Eu pago as bebidas.

Greg suspirou, enquanto ela pedia mais dois *capuccinos* e dois *croissants* de chocolate. Pagou e o encarou enquanto aguardavam.

— Há quanto tempo conhece Lissiana?

— Não muito — Greg respondeu de forma evasiva.

— Eu perguntei qual era a profissão dela, e Lissi disse que trabalha em um abrigo.

— Sim, ela é assistente social.

— Hum... — Anne sorriu. — Serviço Social, Psicologia... Coisas próximas, hein? Vocês devem ter muito em comum.

— Ah... sim — concordou Greg, aliviado ao ver o pedido já pronto.

Ele pegou a bandeja e a levou até a mesa onde Lissiana esperava. Ficaram quietos enquanto arrumavam as bebidas e afastavam a bandeja.

— Hum, isso é gostoso — elogiou Anne, provando o *croissant*. Olhou de Greg para Lissiana. — Como vocês se conheceram?

Os dois responderam ao mesmo tempo:

- Trabalho — disse Greg.
- Família — Lissiana falou. Anne riu.
- Qual dos dois?

Greg e Lissiana se encararam.

— Os dois — ele respondeu, por fim. — A mãe dela me consultou a respeito de uma fobia, e conheci Lissiana através dela.

- Ah... Então você já conheceu a mãe dela?

Greg suspirou, sabendo que ela os questionaria sem piedade. E assim foi: ele passou a meia hora seguinte respondendo o melhor que pôde, sempre com evasivas, às indagações intermináveis da irmã. Foi um consolo quando ela olhou para o relógio.

- Puxa, vejam que horas são! Nós temos que ir.

- Nós? — espantou-se Lissiana.

— Sim. — Anne sorriu. — Tenho que apanhar mamãe. Vamos nos encontrar com meu marido no Casey's para jantar. Mas antes preciso parar em um caixa eletrônico para pegar aquele dinheiro para o Greg... aquele que estou devendo.

Lissiana o fitou, e ele sorriu. No entanto, o sorriso congelou quando Anne continuou:

— Na verdade, GrEg, se eu parar em um banco, vou me atrasar para apanhar a mamãe. Já que não planejaram nada, por que não se juntam a nós? — Ela não o deixou responder. — Já faz tanto tempo que você não vai jantar com mamãe, e tenho certeza de que ela adoraria conhecer Lissiana. Claro, John e eu vamos pagar, e depois podemos passar para pegar seu dinheiro. Seria muito mais fácil para mim.

Sentindo-se culpado, ele acabou concordando.

— Sinto muito — Greg murmurou vários minutos, depois, quando estavam no banco traseiro do carro da irmã. Juntara-se a Lissiana com a desculpa de não ter que trocar de lugar quando a mãe entrasse no carro, mas o que queria mesmo era a chance de conversar com ela.

- Tudo bem.

— Não teve tempo de se alimentar com Anne perseguindo-a até o toalete, não é?

Ela meneou a cabeça, suspirando.

— Estava cheio, de qualquer maneira. Muitas adolescentes. Não conseguiria controlar todas.

— Bem, quando entrarmos no restaurante, vá até o banheiro e tente outra vez. E, se Anne for atrás de você de novo, pode mordê-la.

Lissiana se espantou com a sugestão, mas antes que pudesse responder, Anne

avisou:

— Estamos chegando!

— E se estiverem vigiando a casa da sua mãe, esperando por nós? — Lissiana sussurrou.

Ele se assustou, pois não pensara naquilo. Por um momento, ficou em pânico, sem saber o que fazer. Lissiana soltou os cintos de segurança de ambos e puxou-o para se abaixar no banco, enquanto fazia o mesmo. Greg sentiu o carro virar à direita e parar.

— O que vocês dois estão fazendo? — Anne indagou. Greg e Lissiana olharam para cima e a viram inclinar-se acima do banco.

— Uma... surpresa para a mamãe — ele respondeu e viu a irmã sorrir.

— Que grande idéia! Ela vai adorar. Fiquem escondidos. Eu vou trazê-la aqui.

Greg respirou fundo quando ela se afastou, fechando a porta. Olhou para Lissiana, ajoelhada no chão, com a cabeça apoiada no banco de trás. Ela começou a rir.

— O que é tão engraçado?

— Olhe para nós. Já tinha imaginado algo assim antes de toda essa loucura começar, na sexta-feira?

Ele sorriu. Nunca imaginara nada parecido. Sua vida tinha sido previsível e aborrecida. Agora, não sabia mais o que era. Fitou o rosto cansado, que, ainda assim, era bonito. Inclinando-se, beijou-a suavemente.

— Aqui estamos — Anne anunciou, ao entrar com a mãe.

— Olá, mãe!

Houve várias exclamações de surpresa, enquanto Greg explicava sua presença ali e apresentava Lissiana. Em seguida, dirigiram-se ao restaurante. Como ele tinha esperado, sua mãe gostou de Lissiana de imediato, e conversou muito com ela, dando-lhe as boas-vindas, como se ela fosse da família. John chegou pouco tempo depois, e Greg tornou a apresentá-la. Eles fizeram seus pedidos, e as bebidas já haviam chegado, quando Lissiana pediu licença para ir ao toalete.

Anne não a seguiu, para alívio de Greg, que começou a relaxar pensando que agora ela poderia se alimentar. Sua mãe voltou-se para ele, preocupada.

— Ela é adorável, filho, mas está muito pálida. Tem certeza de que ela não está doente?

— Vai melhorar depois que se alimentar — ele respondeu, com franqueza. — Ela é hipoglicêmica — mentiu.

Foi um erro.

Lissiana apressou-se até o toalete, mas parou de modo abrupto ao notar que não havia ninguém ali.

— Não acredito — resmungou, virando-se e saindo. Parou no pequeno corredor que levava aos banheiros. Estava faminta. Dolorosamente faminta, e não conseguiria manter uma fachada feliz para a família de Greg sem se alimentar, pelo menos um pouco. Droga! Por que Anne não a seguira daquela vez? Greg tinha dito que podia mordê-la. Não que fosse bom morder a irmã de seu namorado assim que a conhecia, mas...

Admirou-se com o que lhe ocorreu e apoiou-se na parede. A irmã de seu *namorado*! Greg não era seu namorado. Bem que ela queria que fosse assim. Gostava dele. Gostava de beijá-lo, e imaginava como seria ir além dos beijos.

— Ah, você está encrencada, mocinha — murmurou, e era verdade. Ela era um caso perdido. Tinha se apaixonado pelo psicólogo. Por outro lado, ele parecia também gostar dela. Notara o jeito possessivo como ele colocara a mão em seu ombro quando estava falando com o rapaz do celular. Sorriu, pensando que talvez tudo desse certo. Talvez ele fosse seu verdadeiro parceiro eterno. Podia imaginar-se passando o resto da vida com ele. Tinham muito em comum, gostavam das mesmas coisas e...

— Olá, gracinha!

Ela se afastou da parede, distraída pelo comentário feito em tom sedutor. Um homem alto e moreno, vestindo um jeans e uma jaqueta de couro, estava à sua frente no pequeno corredor. Ele era bonito, e sabia disso. Olhava para Lissiana como se ela fosse um petisco delicioso.

— Está esperando alguém, coisa linda? Se for isso, eu estou disponível.

Ela o encarou, incrédula, imaginando se ele costumava abordar mulheres na porta do banheiro. E se aquela cantada funcionava. Estava a ponto de colocá-lo para correr quando se lembrou de sua fome e do banheiro feminino vazio.

— Você vai servir. — Pegou-o pela mão e o levou até o banheiro.

O sujeito sorria feito um idiota enquanto ela o guiava até a última divisória.

— Eu sabia que você era do tipo ardente no instante em que a vi — ele declarou, avançando assim que ela trancou a porta.

Lissiana sorriu e deslizou a mão pelo cabelo dele, segurando-o enquanto lhe invadia os pensamentos, controlando-o. Enfiou os dentes no pescoço dele, mas mal começara a se alimentar quando ouviu a porta do banheiro se abrir. Virando-se, sentou na privada e colocou-o em seu colo, com os pés levantados para não serem vistos do lado de fora. Ficou feliz por ter feito isso ao ouvir a voz da sra. Hewitt.

— Lissiana?

Com o coração aos saltos, retraiu as presas e lambeu os ferimentos para garantir que não houvesse sangue visível quando fosse voltar a se alimentar.

— Sim?

— Você está bem, querida? Estava tão pálida, e demorou para voltar... Greg

disse que você é hipoglicêmica. Eu fiquei preocupada, e achei melhor dar uma olhada para garantir que está tudo bem.

Lissiana revirou os olhos. Não era mesmo seu dia.

— Estou bem. É que o banheiro estava cheio quando cheguei, e eu tive que esperar.

— Estava cheio? — indagou a sra. Hewitt, e Lissiana não pôde culpá-la por não acreditar.

— Sim, mas todas saíram juntas — ela mentiu.

— Entendo. Bem, se está tudo bem com você...

Lissiana esperou ouvir a porta do banheiro se abrir e fechar, mas, em vez disso, ouviu a porta da cabine ao lado da sua. Quase gemeu de frustração. Não podia se alimentar com apenas aquela fina barreira entre elas. Mas o sujeito estava ali, em seus braços. Ele diminuiria seu sofrimento e lhe daria mais energia. Além disso, ela não fazia muito barulho ao se alimentar. Voltou a enfiar os dentes nele.

— E um belo restaurante, não? Retirou os dentes.

— Sim. — Sua voz estava um tanto tensa.

Quando não veio nenhuma resposta, voltou a se alimentar, suspirando ao sentir a dor diminuir.

— Está com fome? — perguntou a sra. Hewitt, de repente. *Ah, Deus, muita!*, pensou, mas apenas resmungou uma concordância contra o pescoço do doador.

— Eu também. Espero que nossos pedidos já estejam lá quando chegarmos.

Lissiana não se incomodou em responder e, um instante depois, retraiu as presas, tendo se alimentado o máximo que ousava daquele homem. Poderia com facilidade ter sugado mais três ou quatro doadores, mas teria que se contentar com ele no momento. Talvez depois de se despedirem da família de Greg pudessem ir a alguma danceteria.

Suspirando, concentrou-se em apagar a memória do sujeito e implantar na mente dele sugestões de como fora parar no banheiro feminino. Ansiosa para sair de seu cubículo antes que a mãe de Greg saísse do outro, Lissiana ficou de pé e virou-se para colocar o doador sentado na privada.

Deu a descarga, instruiu o rapaz a ficar encolhido até ouvir a porta do banheiro se fechar quando elas fossem embora e saiu, mandando que ele trancasse a porta.

— Sabe, acho que você já está um pouco mais corada — comentou a sra. Hewitt, unindo-se a ela junto a pia. Conversaram enquanto lavavam e secavam as mãos, e depois saíram, dando passagem a uma idosa que entrava no banheiro.

Ciente de que o doador devia estar saindo da cabine naquele instante, Lissiana fez uma careta, mas seguiu em frente. Não podia fazer nada. Bem, até podia, mas não

queria gastar sua energia tendo que voltar para evitar que a senhora encontrasse um homem no toalete feminino. Assim o sujeito aprenderia a não paquerar estranhas nas portas dos banheiros. Um pouco de embaraço não era nada... Ela poderia ter sido uma assassina.

A refeição já estava na mesa quando chegaram, mas Greg não se encontrava ali. Antes que ela pudesse perguntar, Anne disse que ele tinha ido ao toalete. Ela mal terminara de falar quando ele retornou e acomodou-se.

— Desculpem pela demora. Houve uma confusão quando eu estava saindo do banheiro. Um sujeito tinha entrado no toalete feminino por engano, e uma mulher estava batendo nele com a bolsa, gritando "estupro". Foram necessárias várias pessoas para acalmá-la e afastar o pobre rapaz.

— Ah, é? — indagou Lissiana. Ela comeu sem pensar, apreciando os sabores e texturas na boca após tanto tempo de dieta líquida. Contudo, ainda não conseguia ingerir tanto quanto os outros, e a quantidade de comida que sobrou em seu prato chamou a atenção e despertou comentários a respeito de sua palidez.

O toque de um telefone encerrou os murmúrios preocupados, e todos ficaram em silêncio enquanto John atendia a uma ligação que era, obviamente, de trabalho. Por fim, sem conseguir escutar o interlocutor por causa do barulho no restaurante, ele se retirou da mesa.

— John e eu estávamos conversando quando todos vocês saíram — disse Anne —, e ele sugeriu que eu o levasse para casa quando formos embora. Assim não precisaria pegar dinheiro emprestado, Greg.

Lissiana percebeu que Greg ficou tenso ao seu lado, e entendeu o problema. Não podiam ir até o apartamento dele, pois devia estar sendo vigiado. Mas ele não podia explicar isso à irmã. Ela afagou-lhe a perna sob a mesa, tentando tranquilizá-lo.

— O carro dele está na minha casa — mentiu. Tivera mais de duzentos anos para aperfeiçoar a habilidade de mentir, e isso lhe servia bem agora. — Tomamos o bonde até o centro.

— E onde você mora, Lissi? Poderíamos deixar vocês dois lá para Greg pegar o carro.

Sem hesitar, Lissiana deu o endereço de Debbie. Se Greg não podia pegar dinheiro emprestado, não tinham outro lugar para ir.

— Obrigada, Debbie. Agradeço muito mesmo — Lissiana disse com sinceridade, enquanto a acompanhava até a porta da frente.

— Sem problemas, Lissi. Também já fui jovem. Minha mãe não aprovava ninguém que eu namorasse. Inclusive meu marido, que foi um príncipe até o dia de sua morte. — Ela parou na porta, voltando-se para Lissiana e olhando de relance para o batente da cozinha, onde Greg esperava. Abriu um sorriso. — E seu Greg parece um príncipe

também: bonito, educado e um *médico*. Muito bem, mocinha!

— Um psicólogo, na verdade — ela corrigiu, sorrindo, agradecida por Debbie estar em casa quando a irmã de Greg os deixara ali.

Debbie tinha ficado surpresa ao vê-la surgir com Greg a reboque. Ela poderia ter controlado a colega, fazendo-a deixar os dois entrarem, mas não quisera agir assim. Preferira se arriscar e pedir ajuda. Não dera muitas explicações. Contara apenas que estava dormindo na casa da mãe enquanto seu apartamento era pintado, e que tinham discutido. Portanto, precisava de um lugar para pernoitar. Debbie tirara as próprias conclusões, presumindo que a discussão fora sobre ele. Empática, doce, e com uma queda por romances, ela dera aos dois às boas-vindas a seu lar.

— Você não comentou que estava pintando o apartamento, e muito menos que estava apaixonada.

— Não estou apaixonada — Lissiana protestou. Debbie riu, suavemente.

— Lissi, querida, eu reconheço o jeito como vocês se olham. É como meu Jim e eu costumávamos nos olhar. — A expressão ficou triste ante a lembrança do falecido marido, mas ela afastou a melancolia e sorriu. — De maneira nenhuma vai me convencer de que não o ama.

Lissiana hesitou. Não estava pronta para usar a palavra *amor* ainda, mas confessou:

— Eu gosto muito dele, Deb.

— Mas?... Escutei um "mas" aí.

— Mas como saber que ele é a pessoa certa? Quero dizer, minha mãe achou que meu pai fosse o homem certo quando se casou com ele e acabou sofrendo por um longo tempo.

— Uma vez, você me disse que sua mãe era muito jovem quando os dois se casaram.

— Quinze anos — confirmou Lissiana.

— Quinze! Isso não é ser jovem. É um crime!

— Minha avó deu uma permissão especial — mentiu Lissiana.

— Bem, docinho, não pode deixar que o erro de sua mãe a assuste. Ela era uma criança quando conheceu seu pai. Com quinze anos, você é governada pelos seus hormônios e não pode tomar decisões que afetem sua vida toda. Mas você é um pouco mais velha, e muito madura para sua idade. Acho que devia confiar em si mesma. Você é capaz de identificar se um homem é o que diz ser, ou não.

— Sim — concordou Lissiana, considerando que inclusive tinha uma vantagem nessa área. Outras mulheres julgavam um pretendente baseadas em atos ou palavras antes de se casarem. Embora ela não pudesse ler a mente de Greg, já tinha estado na mente dele ao mordê-lo, e sabia como ele era. *Sabia* que ele era um bom homem.

— Ouça sua cabeça, compare com o que diz seu coração, e pese tudo isso. E lembre-se: ninguém é perfeito, inclusive você. — Debbie sorriu. — Vai dar certo. E você, sortuda, vai ter minha casa até amanhã cedo, já que prometi visitar minha mãe esta noite antes do trabalho.

— Agradeço muito mesmo, Deb. Não sei o que faríamos se você não...

— Fico muito feliz em ajudar — ela assegurou. — Há bastante comida na cozinha, e deve até ter uma garrafa de vinho em algum lugar. Fique à vontade. Agora é melhor eu ir, antes que minha mãe fique impaciente e comece a telefonar. — Debbie abraçou-a e saiu.

— Ela parece gentil. Gostei dela — comentou Greg, indo para a sala assim que a anfitriã partiu.

— Ela é gentil. — Lissiana trancou a porta. — E ela também gostou de você.

— Achei que sim — ele murmurou.

— Estava escutando a conversa, é? — ela perguntou, divertida, largando-se no sofá. Estava exausta. Eram oito da noite, e só tinha conseguido dormir durante aquele curto período no cinema.

— Você parece esgotada. — Greg se ajeitou no sofá ao seu lado.

— E estou, mas devo ligar para Thomas e descobrir o que está acontecendo em casa. — Ela começou a se levantar, mas Greg a pegou pelo braço, fazendo-a sentar-se outra vez.

— Isso pode esperar. Estamos a salvo, por enquanto.

— Talvez. Mas não podemos ficar aqui para sempre. O que faremos amanhã?

— Vamos nos preocupar com isso amanhã cedo — ele respondeu, decidido. — Até lá, estamos protegidos.

— Não tenho certeza — ela contrapôs, triste. — E se mamãe resolver ir até o abrigo para investigar?

Greg ficou quieto por instantes, depois suspirou.

— Você teme que ela leia a mente de Debbie e descubra onde estamos.

Lissiana assentiu.

— Certo. Isso pode acontecer, mas você está exausta. Nunca vi ninguém tão cansada quanto você parece estar. Precisa descansar.

— Mas...

Greg ergueu a mão para silenciá-la.

— Debbie só vai chegar ao abrigo em algumas horas. Assim, você pode parar de se preocupar e dormir por esse tempo, pelo menos.

Ela mordeu o lábio.

— Nada do que eu disse aliviou seus temores, não é?

— Não — ela confessou.

— Certo. Então só relaxe por dez minutos. Foi um dia estressante, entre o shopping e minha família.

— Gostei da sua família — Lissiana disse, sorrindo. Ele fez uma careta.

— Elas também gostaram de você. Enquanto estava no toalete, mamãe e Anne me disseram que você era uma boa moça, e que eu devia prendê-la.

O sorriso dela sumiu.

— Elas não diriam isso se soubessem o que eu sou, diriam?

Ela esperou a resposta, curiosa.

— Acho que diriam, sim. Se achassem que você me faria feliz, diriam. E eu acho que você poderia me fazer feliz.

Lissiana respirou fundo ao escutar a frase dita de modo tão solene, Ainda estava absorvendo seu impacto e significado quando ele franziu a testa.

— Você ainda está bastante pálida. Um doador não foi o bastante, não é?

— Não importa. — Ela deu de ombros, desconfortável com o assunto. — Não há muito que eu possa fazer a respeito agora.

Greg levantou-lhe o queixo com um dedo, fazendo-a encará-lo.

— Há, sim. Você tem a mim.

Lissiana engoliu em seco. Ele estava se oferecendo, e ela ficou tentada a aceitar, mas...

— Não, eu não deveria... Não posso... — Meneou a cabeça, confusa.

— Pode, sim — ele redarguiu com firmeza. — Não é como se nunca tivesse feito isso antes.

— Sim, mas aquilo foi diferente. Eu não conhecia você.

— Então tudo bem sair por aí beijando e mordendo estranhos, mas não amigos? — ele indagou, incrédulo.

— Eu não costumo beijar para me alimentar. Você foi diferente. Eu não conseguia entrar em sua mente.

— Certo, deixe-me mudar a pergunta. Por que você podia se alimentar de mim quando não me conhecia, mas agora acha que não pode?

Ela encolheu os ombros, tentando entender o que se passava em sua cabeça de modo a explicar para ele. Não que não *quisesse* mordê-lo... Tivera vontade de fazer isso a cada minuto que passara ao lado dele desde a primeira mordida, mas ele não era mais apenas um estranho com um laço no pescoço. Era Greg, um homem de quem ela gostava, com quem apreciava passar seu tempo e a quem queria desesperadamente

manter a salvo de sua mãe e de seu tio.

— Ajudaria se eu dissesse que apreciei da última vez?

Lissiana olhou para ele, engoliu em seco de novo e lambeu os lábios, ficando imóvel quando Greg estendeu a mão e deslizou um dedo sobre a umidade deixada ali.

— E então? — pressionou ele, a voz ficando mais profunda e rouca. — Posso ousar esperar que vá satisfazer a nós dois, e se alimentar de mim?

Quase com medo de falar, ela respondeu entreabrindo os lábios e tomando entre eles o dedo de Greg, como ele fizera na primeira noite com ela. Sugou de leve, roçando a língua na pele macia. O brilho que surgiu nos olhos dele lhe disse que havia sido uma boa resposta. Ele retirou o dedo e o substituiu pela língua, ao cobrir sua boca com a dele.

Seu corpo consumiu-se em chamas, e foi como se todas as horas entre o primeiro beijo e aquele não tivessem acontecido. Abraçou-o. Queria, sim, satisfazer aos dois. Em seguida, perdeu a habilidade de raciocinar, enquanto a mão dele subia por seu ventre em direção ao seio.

Ofegou quando ele alcançou o seio, gemendo e arqueando-se de encontro ao toque ao mesmo tempo firme e gentil. Quando ele apertou de leve o mamilo rijo através do sutiã, pensou que talvez fosse bom que ele tivesse estado amarrado da primeira vez. Caso contrário, sua mãe e Thomas teriam encontrado muito mais do que um beijo e uma mordida.

O medo e a ansiedade de Lissiana quanto à segurança deles começaram a sumir enquanto ele a acariciava. Até sua exaustão pareceu sumir quando Greg soltou seu seio para abrir os botões da blusa. Ela o teria autorizado a arrancar a peça, mas ainda estavam se beijando, e não quis interromper. Começou a puxar a camiseta dele para cima. Não havia chegado nem à metade do caminho quando parou para deslizar as mãos sobre a pele que expusera.

As costas de Greg eram macias, amplas e rijas, deliciosas sob seus dedos. Porém, logo isso já não era o bastante, e ela tornou a puxar a camiseta mais para cima, até não ter mais para onde puxar. Antes que pudesse ficar frustrada, Greg interrompeu o beijo. Ela afastou as mãos, acariciando-o com os olhos, enquanto ele despiu a camiseta.

O homem podia ser um psicólogo que ficava sentado no consultório o dia todo, mas ninguém diria isso vendo o peito sólido. Lissiana suspirou de prazer e inclinou-se à frente para correr as mãos sobre aqueles músculos enquanto ele jogava a camiseta longe, mas isso foi tudo o que Greg lhe permitiu. Tirando suas mãos do caminho, ele pegou a blusa que acabara de desabotoar e a retirou. Lissiana ficou apenas com a calça preta e o sutiã de renda branco.

— Linda — Greg murmurou, erguendo as duas mãos para afagar-lhe os seios.

Ela respirou fundo, projetando o corpo na direção dele e envolvendo-o pelos

ombros enquanto seus lábios se encontravam de novo. Greg beijou-a apenas uma vez antes de passar a acariciar com os lábios o rosto e a orelha, que mordiscou de leve, fazendo-a gemer.

Ele continuou descendo, usando dentes e lábios para abrir um caminho ardente ao longo de seu pescoço. Só percebeu que ele a estava deitando ao sentir as costas se apoiarem no sofá. Greg também se deitou, a boca voltando à sua, distraíndo-a de tal modo que ela quase não percebeu quando os dedos dele afastaram a alça do sutiã de seus ombros. Estremeceu de leve ao sentir o contato do ar frio em seu mamilo quente e teso. Então, ele interrompeu o beijo para baixar a cabeça até seu seio.

Lissiana suspirou de prazer, enfiando os dedos entre os cabelos escuros quando sentiu os lábios dele se fecharem sobre seu mamilo. Estava tão excitada e sensível que as carícias tornaram-se quase insuportáveis de tão intensas. Gemia e arqueava-se sob ele, inconscientemente esfregando-se na perna que ele deixara entre as suas. Greg reagiu, mudando de posição, de modo que ela roçasse a rígida evidência da excitação dele, ao mesmo tempo em que mordiscava o mamilo delicado, fazendo-a soluçar de prazer e comprimir-se de encontro ao corpo forte. Dessa vez, ele também gemeu, pressionando-a contra o sofá. Ela o enlaçou pela cintura com as pernas para poder senti-lo com mais intensidade e apertou os calcanhares nas costas dele, instando-o a prosseguir. Greg atendeu-a, pressionando o corpo contra ela, várias vezes, antes de parar, de repente, e levantar a cabeça.

— Lissi... temos que ir mais devagar...

— Não — ela murmurou, tentando puxá-lo contra si. — Por favor... Eu preciso de você.

— Não o bastante — ele assegurou, silenciando seus protestos com um beijo.

Lissiana sentiu que ele abria o zíper de sua calça. Em seguida, ele ficou em pé e ajudou-a a se levantar.

— O quê... — ela começou, insegura. Ficou em silêncio ao vê-lo sorrir, enquanto deslizava sua calça para baixo. Quando a peça chegou ao joelho, ele se abaixou para retirá-la.

Lissiana achou que ele fosse se levantar, mas, em vez disso, ele se sentou sobre os calcanhares e a observou. Aquele olhar parecia queimar sua pele, devorando o corpo coberto apenas pela calcinha de renda branca e pelo sutiã, que envolvia apenas um seio naquele momento.

— Tire o sutiã — ele exigiu com voz rouca.

Ela hesitou, mas abriu o fecho na parte de trás e escorregou a peça pelos braços, deixando-a cair. Ficou parada, terrivelmente consciente de estar quase nua enquanto ele ainda vestia a calça jeans.

Greg apreciou-a, sem pressa, voltando o olhar para sua calcinha. Achou que ele pediria para tirá-la, mas, em vez disso, ele estendeu as mãos, puxou-a pelos quadris e

inclinou-se para a frente, depositando um beijo no triângulo de renda.

Lissiana respirou fundo, mordeu o lábio e fechou os olhos, sentindo a respiração quente sobre o tecido. Ao notar que as mãos dele se moviam, abriu os olhos e observou-o segurar o elástico. Ele retirou a última peça com toda a calma do mundo.

Assim que a renda branca se juntou ao resto das roupas no chão, Greg voltou a admirar o que tinha revelado. Ergueu-se um pouco, apenas o bastante para poder beijar o suave triângulo outra vez, agora sem o tecido rendado entre eles.

Lissiana segurou-o pelos cabelos para manter-se equilibrada enquanto Greg separava suas pernas um pouco mais e, em seguida, erguia uma delas, pousando-a sobre, o ombro. Segurando-a pelo traseiro com firmeza, manteve-a no lugar. Ela ofegou, surpresa, e chegou a puxar os cabelos dele, chocada pelo imenso prazer que ele disparou em seu corpo ao encontrar o centro de sua feminilidade com a boca, e devorá-la com investidas longas e amorosas.

Ela não conseguiria ficar naquela posição por muito tempo.

Quanto mais sua excitação aumentava, mais difícil era manter o equilíbrio. Percebendo sua dificuldade, Greg deitou-a no sofá. Ela tentou puxá-lo pelos ombros para cima de seu corpo, mas ele se ajoelhou para terminar o que havia começado. Continuou atormentando-a daquela forma até fazê-la gritar o nome dele, atingindo o êxtase.

Tonta de prazer, Lissiana observou com olhos semicerrados Greg afinal se levantar e abrir o jeans, o que a fez fitá-lo intensamente. Sentiu o resto de sua letargia desaparecer, sendo substituída por curiosidade. Por que ele estaria hesitando? No momento seguinte, Greg debruçou-se e pegou-a no colo, tirando-a do sofá.

Arfando, ela envolveu-lhe os ombros com os braços enquanto era carregada até o quarto. O sol já tinha se posto, e o cômodo estava imerso em sombras, mas havia bastante luz vinda da rua para guiá-lo. Greg a levou até a cama, mas não a deitou ali de imediato. Em vez disso, beijou-a com gentileza, para só então soltar suas pernas, permitindo-lhe alcançar o chão enquanto a beijava de novo.

Ela o afagou nos cabelos antes de deslizar as mãos pelo pescoço, ombros, peito e abdômen firme. Deteve-se na cintura e, interrompendo o beijo, agachou-se para retirar-lhe a calça. Parou para contemplá-lo, como ele havia feito com ela. Não era especialista em anatomia masculina, mas tinha certeza de que ele era um dos mais belos espécimes. Quando estendeu a mão e tomou-o entre os dedos, Greg aprumou-se, ofegando. Quando deslizou a mão ao longo de sua extensão, ele gemeu. Mas ao envolver-lhe a ereção com os lábios, ele se arqueou, segurou-a pelos cabelos e se afastou.

— Não dessa vez — resmungou, levantando-a.

Lissiana deixou que ele a interrompesse, sabendo que era melhor assim. No

momento em que o tivera em sua boca tomara consciência do sangue pulsando sob a pele quente, e sua fome havia disparado, dando-lhe vontade de morder. Melhor deixar para agradá-lo em outra ocasião, quando sua fome estivesse sob controle. Levantou-se, e Greg usou as mãos mergulhadas em seus cabelos para puxá-la para a frente e beijá-la. Dessa vez, não foi gentil. Ela havia despertado a fera.

A boca de Greg se moveu sobre a sua, tão exigente quanto a mão que ele introduziu entre suas pernas. Lissiana ofegou, mas não havia ar para absorver; apenas Greg. A língua dele invadia sua boca, o corpo pressionava o seu. Uma das mãos segurava sua cabeça, mantendo-a no lugar, e a outra estava entre suas pernas, primeiro deslizando um dedo, e depois o mergulhando em seu corpo, levando-a a picos inauditos de excitação.

Ela gemeu, enquanto o desejo que pensara estar saciado voltava à vida, clamando por mais. Inserindo a mão entre os dois, Lissiana tomou o membro ereto entre os dedos, afagando, apertando de leve, fazendo um gemido escapar da garganta de Greg. Sabia que estava brincando com fogo, mas voltou a deslizar a mão para cima e para baixo, sorrindo contra os lábios dele, triunfante, quando ele parou de acariciá-la, pegou-a pela cintura e a ergueu.

Lissiana abraçou-o, enlaçando-lhe a cintura com as pernas. Greg começou a soltar o corpo dela, penetrando-a, fazendo-a arquejar ao ser preenchida. Dando um passo à frente, ele apoiou a maior parte de seu peso na cômoda ao lado da cama. Ela gemeu ao senti-lo ajustar a posição para poder mergulhar em seu corpo o mais fundo que pudesse. Puxando-a para a beirada da cômoda, ele se inclinou sobre ela de um jeito que a deixou reclinada, segurando-se nele, o rosto pressionado contra um dos ombros fortes enquanto ele a invadia vezes sem conta.

Quando ele segurou as pernas dela por trás, erguendo-as de leve, Lissiana suspirou com o novo ângulo, e virou-se para o pescoço dele, roçando a pele com os dentes. Greg estremeceu.

— Vá em frente... Faça isso... — ele murmurou.

— Não. — Ela gemeu, tentando resistir. Porém, sua fome de sangue começava a se confundir com seu desejo por ele.

— Lissi, faça isso... por favor... — Greg sussurrou em seu ouvido e, sem parar para pensar, Lissiana cravou os dentes no pescoço dele.

Greg lançou a cabeça para trás e gritou, pressionando-a com o corpo enquanto suas mentes se fundiam, seus prazeres se mesclavam e ecoavam entre os dois. Era cada vez mais intenso, até deixá-la tonta. Ela o segurou com força, os braços e as pernas ao redor dele, enquanto ambos desfrutavam as intensas ondas de prazer que os envolviam. O êxtase pareceu se prolongar por uma eternidade, pulsando entre os dois, em um ritmo que atravessava seus corpos da cabeça até a ponta dos pés.

Greg apertou-a com desespero, e ela marcou-lhe as costas com as unhas. Estava começando a achar que aquele prazer quase intolerável poderia ser eterno quando

Greg oscilou, fazendo-a perceber que ainda estava com os dentes no pescoço dele, tomando-lhe o sangue.

Soltou-o de imediato, e ouviu-o murmurar um protesto. Sentiu o desapontamento dele quando a junção das mentes começou a se apagar e acabou... levando também o prolongado êxtase. Desabaram nos braços um do outro, com a respiração entrecortada.

— Nunca me senti tão próximo a ninguém como agora, com nossas mentes unidas. Foi como se estivéssemos um diante do outro, nus de corpo e alma. Sinto como se conhecesse tudo sobre você. Você também se sente assim, não é?

— Sim — ela admitiu. — Você está bem?

Assentindo, ele recuou, deslizando para fora de seu corpo.

Vendo-lhe a palidez, ela desceu da cama, afastou os cobertores da cama e o fez deitar-se. Começou a endireitar o corpo, mas ele a puxou para perto, sem querer abrir mão da proximidade. Lissiana cobriu a ambos e deixou que ele a abraçasse. Aninhou-se junto ao peito dele, pensando em como seria feliz se pudesse ficar entre os braços fortes daquele jeito para sempre. Ficaram assim por vários minutos, até Greg olhar, para ela.

— Lissiana, o que é um verdadeiro parceiro eterno? Ela ficou rígida, espantada pela questão.

— Onde você ouviu isso?

— Thomas disse que eu devia lhe perguntar, mas me esqueci.

Lissiana ficou em silêncio por um instante, e depois pigarreou.

— Minha mãe sempre disse que cada um tem seu verdadeiro parceiro eterno. É a pessoa que foi feita para ser sua companheira.

— Sua mãe parece uma romântica — ele disse, divertido.

— Talvez.

Depois de outro silêncio, ele pediu:

— Fale-me sobre seu tio. Ela se ergueu para encará-lo.

— Por quê?

— Porque você e todos os seus primos parecem ter medo dele, e eu queria saber o motivo.

Lamentando a volta à realidade, ela suspirou e tornou a se deitar.

— Ele é velho e frio, como diz Thomas.

— Velho e frio — ecoou Greg.

— Não é que seja cruel, é só que... Ele está vivo há muito tempo, Greg. Vários milênios. Foi um guerreiro em Roma e na Inglaterra medieval... — Encolheu os ombros.

— Já viu muita gente nascer e morrer, e deve ter matado muitos em batalha durante esse tempo. Agora está no conselho e faz o que for preciso para manter nossa espécie segura.

Greg ficou em silêncio por um minuto.

— Não quero ser um Renfield — disse, por fim. Lissiana acariciou-lhe o peito.

— Não vou deixar que isso aconteça — ela prometeu.

— Sei que vai tentar não deixar. Mas se o seu tio tentou apagar minha memória esta manhã e não conseguiu, como vocês suspeitam, ele vai querer fazer aquele tal de "conselho de três" comigo, não é?

Ela ficou em silêncio, mas nem precisava responder. Já tinha explicado o suficiente para que ele soubesse que aquele era o caso. E ela não queria que isso acontecesse. A idéia de destruírem a mente de Greg era dolorosa demais. A mente dele era uma das coisas que mais apreciava. Embora o corpo também não fosse nada mau.

— Quais são as minhas chances de escapar com o cérebro intacto?

— Não pense nisso, Greg. Não vou deixar que aconteça.

— E como pode impedir? Esse conselho comanda sua espécie, não é? São como a polícia.

— Sim — ela reconheceu.

— E, como você evitou responder, suponho que minhas chances de evitar o conselho sejam mínimas. — Ele mudou de posição, quase impaciente. — Se eles podem controlar qualquer um, podem entrar em qualquer escritório ou banco e descobrir as informações necessárias para me encontrar.

— Sim. — Ela suspirou.

Ficaram em silêncio por alguns instantes.

— O que farão com você por ter me tirado de lá? — ele indagou.

— Não há nada que possam fazer. Mamãe pode gritar comigo, mas o conselho não pode me punir, já que não falei com meu tio e, portanto não sabia o que...

— Isso é um detalhe técnico — Greg a interrompeu. — Embora pudesse funcionar em um tribunal humano, duvido que vá funcionar com o conselho. Especialmente porque seu tio pode ler seus pensamentos e descobrir que você já sabia o que eles pretendiam fazer.

Sem poder argumentar contra aquilo, Lissiana não respondeu.

— Logo, se tentarmos fugir, eles vão nos encontrar e me tornar um Renfield, e fazer sabe-se lá o que com você.

— Talvez — ela admitiu. — Mas pode haver um jeito de protegê-lo.

— Qual? Mudar de sexo e ir morar no Timbuktu? — Greg indagou com ironia, acariciando os cabelos dela.

— Não, isso não funcionaria. Eles o encontrariam.

— Então, como...

— Eu poderia transformar você.

A mão de Greg ficou imóvel nos cabelos dela. Lissiana ouvia o coração dele batendo, a respiração lenta, o relógio ao lado da cama. Finalmente, ele voltou a mover a mão.

— Transformar? Tornar-me um de vocês?

— Se fosse um de nós, eles nunca precisariam temer que você falasse a nosso respeito ou revelasse nossa presença. Nossa segurança seria a sua segurança. Não tentariam um conselho de três.

— Você me tornaria seu parceiro eterno para me proteger?

As palavras eram suaves. Lissiana não sabia dizer se ele havia gostado da ideia ou não, mas não queria colocá-lo na posição de escolher entre viver com a mente intacta ou ser seu parceiro eterno para sobreviver.

— Transformar você não o torna automaticamente meu parceiro eterno.

Greg ficou imóvel de novo.

— Não?

— Claro que não! Embora a maioria de nós transforme seu parceiro eterno, nem sempre é assim. Ocorrem transformações por outros motivos.

— Mas, se você conhecer alguém que seja seu parceiro eterno depois, não poderá transformá-lo.

Lissiana deu de ombros. Depois se levantou e saiu da cama.

— Lissi? — Greg chamou, inseguro, enquanto ela se dirigia, nua, para a porta.

Voltando-se, ela o viu sentar-se na cama, preocupado, e sorriu.

— Vou deixá-lo sozinho para que pense a respeito.

— Eu...

Ela ergueu a mão, silenciando-o.

— Greg, preciso que você esqueça de mim ao pensar sobre isso. Esta questão não diz respeito a mim, mas a você e a suas opções. O que eu faço ou deixo de fazer não importa. Esta decisão é algo com o qual você precisa ficar feliz sozinho. Não é como fazer um *piercing* ou associar-se a um clube. Precisa pensar nisso com seriedade. Você consegue abrir mão da liberdade de andar ao sol, e tornar-se uma criatura noturna? Vai ser capaz de consumir sangue? Se houver uma emergência, poderá se alimentar de alguém para sobreviver? Conseguiria abrir mão da sua família?

Ele se assustou.

— Minha família?

— Sim — ela confirmou, pesarosa. — Não poderá dizer-lhes o que se tornou. O conselho não permitiria.

— Não, claro que não, mas...

— E, quando você não envelhecer, como vai poder explicar? Não vai poder. Assim, você teria mais cinco ou dez anos, com sorte, e depois precisaria desaparecer da vida deles. Teria que forjar sua morte e nunca mais vê-los. — Vendo a expressão chocada dele, Lissiana assentiu. — Não tinha pensado nisso, não é? Só na parte do jovem para sempre. — Ela suspirou. — Há um lado negativo em tudo, e você precisa ter certeza de que pode aceitar isso, porque é irreversível. Quando você se transforma, é bem provável que seja *para sempre*.

Greg encarou-a, o coração pesado com as implicações que não havia considerado.

— Vou dormir no sofá — ela avisou, afastando-se. — Conversaremos de novo amanhã.

Greg observou-a fechar a porta e voltou a se deitar com um suspiro. Abrir mão de sua família. Nunca lhe ocorrera que teria que abrir mão de algo para se tornar como eles. Pensara... Bem como ela havia dito, pensara apenas no lado bom: viver séculos, talvez milênios, nunca envelhecer, ser mais forte, mais rápido, talvez até mais inteligente... testemunhar a história em primeira mão ao longo do tempo... E imaginara tudo isso com Lissiana ao seu lado, como sua parceira eterna. Mas ela dissera que isso não era uma certeza.

Estaria falando aquilo por que não o queria como parceiro, ou por que não queria que ele se sentisse preso à obrigação de ser? Não sabia.

O que Greg sabia era que nunca conhecera alguém como ela, a quem pudesse admirar e de quem gostasse daquela maneira. Ela era protetora com aqueles a quem amava, bondosa, inteligente, bonita, e mantinha um traço de criança vivo dentro da mulher. Tinha mais de duzentos anos e, com frequência, parecia ter a maturidade correspondente à idade. Porém, quando relaxava e se esquecia de ser a boa filha ou a prima responsável, havia uma malícia infantil em Lissiana, um brilho nos belos olhos. Mas fora ao ser mordido por ela que tivera a certeza de que aquela era a mulher perfeita... pelo menos para ele. A experiência havia sido mais do que física. Quando tinham se unido daquela forma, sua cabeça fervilhara com os pensamentos dela, quase como se uma janela tivesse sido aberta para a alma de Lissiana. E ela tinha uma linda alma, suave, mas forte, generosa, livre de julgamentos. Quando se misturaram, ele se sentira forte e amado. Sentira-se completo.

Tinha certeza de que podia trocar vinte ou trinta anos com a família que o amara e apoiara a vida toda pela eternidade com Lissiana. Mas não era bem aquilo que ela estava lhe oferecendo. Ela havia dito que transformá-lo não o tornava

automaticamente seu parceiro eterno. Se ele se deixasse transformar, conseguiria depois persuadi-la a ficar com ele? Ou ela estava fazendo a oferta apenas por culpa? Achava que não. Vira a alma dela, e não identificara nada semelhante a isso.

Suspirando, passou as mãos pelo cabelo, inquieto. Tinha muito no que pensar.

Foi o frio que a despertou. Lissiana murmurou uma queixa sonolenta, envolveu-se melhor na coberta e encolheu-se, em um esforço para se aquecer. Porém, foi em vão. Suspirando ao perceber que precisaria levantar-se e ligar o aquecimento, ou pelo menos encontrar mais um cobertor, abriu os olhos e virou de costas, paralisando, aterrorizada, ao avistar o vulto escuro acima dela.

Por um instante, seu corpo liberou adrenalina, mas logo disse a si mesma que devia ser Greg, e relaxou. Esperou que ele falasse algo, mas percebeu que cometera um erro quando o braço que ela não notara estar erguido, de repente, abaixou-se, e ela sentiu uma estaca afundar em seu peito.

Era meia-noite, e Greg ainda agonizava pela escolha que teria de fazer. Estava deitado de costas, com os tornozelos cruzados e as mãos sob a cabeça, quando o som de vidro partindo-se interrompeu suas considerações tortuosas sobre o futuro. Abrindo os olhos, escutou com atenção, mas não ouviu mais nada.

Achando que Lissiana devia ter derrubado algo, quase ignorou o barulho, mas acabou decidindo dar uma espiada. Talvez ela tivesse se cortado ou precisasse de ajuda. Afastando os cobertores, levantou-se e cruzou o quarto.

A escuridão silenciosa que encontrou no corredor o deteve, mas foi a brisa fria que o atingiu que fez os pelos de sua nuca se arrepiar. Havia algo errado.

Ele quase voltou para vestir o jeans, mas um súbito temor por Lissiana o impediu. Em vez disso, seguiu pelo corredor em silêncio, aguçando os ouvidos e os olhos para identificar qualquer ameaça.

Dera apenas alguns passos quando escutou o suave deslizar das portas da sala. O som o fez parar, com cautela, e o cessar da brisa que o alarmara momentos antes levou seu coração a disparar, ao perceber que alguém acabara de sair da casa.

— Lissiana? — ele chamou, apressando-se. — Lissi?

O medo o invadiu quando não obteve resposta. Parando na porta da sala, procurou o interruptor. Acendeu a luz e piscou, tentando se ajustar à mudança.

— Lissiana? — Apesar de suspeitar que o intruso já havia saído, olhou ao redor para ter certeza de que estavam a sós. Quando seu olhar pousou sobre a figura imóvel de Lissiana, o coração quase parou ao avistar a estaca enfiada no peito dela. — Ah, Jesus! — sussurrou, indo na direção do sofá.

Sentiu aguilhoadas de dor no pé quando chegou à mesinha de centro, e lembrou-

se de que o som de vidro quebrado o atraía até ali. Ao que parecia, o barulho não tinha sido causado pelo invasor quebrando a janela para entrar. Pulando sobre o pé que não estava ferido, olhou para o copo de água partido no chão. Quem quer que tivesse feito aquilo, devia ter batido na mesa, derrubando o copo.

Greg arrancou o pedaço de vidro de seu pé, jogou-o de lado e seguiu para o sofá. Parou ali, sem saber o que fazer. Lissiana estava imóvel, com o rosto completamente desprovido de cor. Olhou do rosto para o peito. A manta que a cobria estava manchada de vermelho, uma mancha que parecia crescer a cada segundo.

— Meu Deus! — Ele hesitou, e então, sem saber o que mais podia fazer, agarrou a estaca e arrancou-a do corpo dela. Atirou-a para o lado, em um movimento que pouco serviu para aliviar a ira que sentia.

Lissiana estava quieta e pálida demais, e ele temeu que estivesse morta. Porém, seu coração não aceitaria essa possibilidade. Ela não podia morrer quando acabara de conhecê-la. Tinha esperado por trinta e cinco anos para encontrar uma mulher como ela, e nunca encontraria outra. Precisava conseguir ajuda... Precisava salvá-la. Mas primeiro, tinha que se vestir.

Abaixando-se, pegou sua camiseta, a única peça de roupa ainda largada por ali, e a colocou. Seu jeans estava no quarto, e Lissiana tinha se vestido antes de se deitar. Pegando-a no colo, virou-se para voltar ao quarto.

Colocou-a na cama com gentileza, sem tirar os olhos do rosto dela, enquanto vestia a calça. Iria levá-la para seu apartamento e daria alguns telefonemas. Conhecia muita gente na área da saúde e tinha ligações no hospital. Daria um jeito de conseguir uma intravenosa e sangue para ela, e os nanos iriam curá-la. Tudo daria certo, assegurou a si mesmo.

Lissiana insistira para que evitassem seus apartamentos, pois seriam os primeiros lugares nos quais procurariam, mas tampouco podiam ficar na casa de Debbie. A família dela a encontraria ali. E, com certeza, se já tinham conferido o apartamento dele, agora seria seguro ir para lá.

Greg não estava certo disso, mas não tinha muita opção no momento. Sua agenda era o único lugar onde contava com todos os telefones de que precisaria para salvá-la. *Tinha* que ir para lá, e não a deixaria para trás. Sendo assim, ela teria que ir também.

Ao terminar de se vestir, voltou para o lado dela, examinando-a. Precisariam pegar um táxi até seu apartamento, mas não podia levá-la daquele jeito. Qualquer taxista se apavoraria ao vê-la e chamaria de imediato a polícia e uma ambulância. Tinha que limpá-la e fazer um curativo no ferimento, antes de poder alegar que ela desmaiara por causa da embriaguez, ou algo assim.

Foi até o banheiro da suíte e pegou diversas toalhas brancas.

Deixou-as sobre a cama e dirigiu-se ao closet para escolher uma camisa limpa. Optando por uma blusa preta, que ajudaria a esconder o sangue, ajoelhou-se ao lado de

Lissiana.

Fitou-a na face, procurando desesperadamente por algum sinal de vida, mas não havia nenhum. Respirando fundo, afastou a manta e abriu-lhe a blusa, tentando não olhar para a seda branca ensopada de sangue.

A primeira visão do buraco no peito de Lissiana e do sangue que escorria da ferida o abalou. Tentando não pensar no fato de que ninguém sobreviveria a algo tão grave, engoliu a bile em sua garganta e limpou depressa o máximo de sangue que conseguiu.

O ferimento era quase no centro do peito. Greg pressionou uma pequena toalha de mão sobre ele, enfiando metade do tecido sob o sutiã para mantê-lo no lugar. Em seguida, colocou-a sentada e apoiou-a com uma das mãos, enquanto terminava de retirar a blusa manchada com a outra. Pegou a camisa limpa e vestiu-a.

Assim que terminou, deitou-a de novo no colchão e foi até o telefone pousado no criado-mudo, do outro lado da cama. Morando na cidade, ele só usava seu carro para viagens longas e para trabalhar, pois havia estacionamento no edifício. De modo geral, achava mais conveniente andar de táxi. Dessa maneira, sabia de cor o telefone de uma empresa local, para a qual ligou.

Enquanto dava o endereço, Greg ficou grato por ter reparado no nome da rua e no número quando haviam chegado ali. Ficou grato também ao saber que o táxi chegaria depressa. A última coisa de que precisava era de tempo para pensar no que acontecera e preocupar-se ainda mais com Lissiana.

Desligando, deu a volta na cama e ergueu-a nos braços. Inclinando-se para alcançar a maçaneta com a mão sob as pernas dela, abriu a porta. Endireitou-se e terminou de abri-la com o pé. Dirigiu-se rapidamente até a porta de entrada. Parando ali, olhou para a rua deserta, e depois para Lissiana. Franziu o cenho ao notar que a toalha branca era perceptível sob a blusa negra.

Sem querer chamar a atenção do taxista para o estado dela, Greg recuou, detendo-se ao ver o armário onde ficavam os casacos. Acomodando-a em um banco perto da porta da frente, pegou um casaco xadrez. Agradeceu mentalmente a Debbie, prometendo pagar-lhe por aquilo assim que pudesse.

Conseguiu vestir o casaco em Lissiana e carregá-la até a rua antes que o táxi chegasse. Ficou de pé na calçada, com ela ao seu lado, aparentemente de pé e apoiada nele, até o carro estacionar. Na verdade, ele a mantinha de pé. Rezando para que aquilo funcionasse, moveu-se para entrar no táxi. O corpo de Lissiana começou a deslizar no mesmo instante. Forçando uma risada, ele a levantou e foi até o carro.

— Acho que você bebeu demais, querida. — Ele abriu a porta de trás e conseguiu fazer com que ambos se sentassem.

— Ela está bem? — indagou o motorista, desconfiado. Greg posicionou-a de forma que a cabeça dela se apoiasse em seu pescoço.

— Está, sim — mentiu. — Ela só bebeu demais em sua festa de aniversário.

— É mesmo? — O motorista olhou para a casa.

Greg acompanhou o olhar do homem, ficando aliviado ao notar que as luzes da sala e do quarto estavam acesas, disfarçando o vazio que havia ali dentro.

— Nós íamos dormir aí depois da festa, mas minha irmã tem um sofá-cama desconfortável demais — prosseguiu Greg, nervoso. — E eu preciso dormir um pouco para ir trabalhar amanhã. Você entende, não é, meu bem? — Ele olhou para o topo da cabeça de Lissiana, apoiada em seu peito. — Mum, acho que ela apagou.

— Festa de aniversário, hein? — o taxista questionou, definitivamente desconfiado.

Compreensível, pensou Greg, uma vez que era uma noite de segunda-feira, e a maioria das pessoas evitava festas durante a semana.

— Sim. Trinta anos. Ela não está aceitando bem. Acho que deveriam ter feito a festa no fim de semana, mas ela e a irmã insistiram que tinha que ser no *dia* do aniversário. Mulheres... — concluiu, com certo desprezo, e ficou em silêncio, à espera da reação do motorista.

O sujeito ficou quieto pelo que pareceu um longo tempo, e depois se virou para trás, com a sobancelha arqueada.

— E então, vai me dizer para onde levá-los, senhor? Soltando o fôlego preso, Greg sorriu e forneceu o endereço de seu apartamento. Então se recostou e observou Lissiana.

A corrida até lá pareceu demorar uma eternidade, mas Greg sabia que isso era reflexo de sua preocupação. Só quando pararam diante de seu prédio, ele se lembrou de que não estava com a carteira. Tinha dinheiro no apartamento, mas precisaria acordar o zelador outra vez para conseguir entrar. Ia começar a explicar a situação para o taxista quando a porta do carro se abriu, e ele viu-se diante de Thomas Argeneau.

— O que aconteceu? — o rapaz indagou, olhando para a prima com preocupação.

— Lá dentro eu explico — murmurou Greg, saindo do carro. Thomas estendeu os braços para pegar Lissiana, mas ele balançou a cabeça, sem querer soltá-la.

— Pode, por favor, pagar o motorista para mim? — Greg pediu.

Thomas abriu a porta da frente para perguntar o valor da corrida enquanto Greg se endireitava, segurando Lissiana. Depois de pagar pela corrida, Thomas fechou as portas do veículo e segurou o braço de Greg, que começava a se dirigir ao prédio.

— Você não pode entrar. Tem uma pessoa esperando no corredor de seu apartamento, caso você apareça. Venha comigo.

Greg não hesitou em segui-lo. Sabia, sem sombra de dúvida, que o rapaz amava Lissiana e que faria o possível para ajudá-los.

— O que aconteceu? — ele perguntou de novo, assim que Greg se acomodou no banco do passageiro do jipe, com Lissiana no colo..

— Eles nos encontraram — Greg anunciou e fez a pergunta que o preocupava desde que a encontrara. — Todos os livros e filmes estavam errados a respeito de alho e cruzeiros, mas e quanto a estacas?

— O quê? — Thomas fitou-o, confuso.

— Vocês podem ser mortos por estacas?

Thomas arregalou os olhos e se inclinou para abrir o casaco de Lissiana. Greg ficou quieto e tenso enquanto o rapaz desabotoava um pouco a camisa e afastava a toalha.

— Parece um pouco menor — Greg notou, aliviado, após espiar a ferida.

— Deus do céu! Isso é menor? — indagou Thomas, incrédulo. — Quem fez isso? — Ele colocou a toalha no lugar e fechou a blusa, mas não se preocupou em abotoá-la.

— Acho que um de vocês.

— Não pode ter sido.

— Quem mais estaria atrás dela? — Vendo que Thomas não estava convencido, prosseguiu: — Bem, podemos nos preocupar com isso mais tarde. Agora, ela precisa de sangue. Eu apreciaria sua ajuda, mas só se prometer não ligar para seu tio ou Marguerite e nem nos levar para lá. Se não puder prometer, vou levá-la embora agora mesmo e...

— Certo, eu prometo — cedeu Thomas ao ver que Greg colocava a mão na maçaneta. — Prometo — repetiu. Apanhou a chave no bolso e ligou o carro, mas relutou antes de sair.

— O que foi?

— Estou decidindo para onde levá-la.

— Não de volta para a casa da mãe — Greg exigiu. Não lhes daria a oportunidade de terminar o que haviam começado.

— Eu não poderia levá-los para lá, de qualquer forma. Lissiana nunca me perdoaria se algo acontecesse com você — Thomas declarou, engatando a marcha e saindo para o trânsito matutino de Toronto.

— Aonde estamos indo? — quis saber Greg.

— Para a casa de Mirabeau. Depois que Lucian e Marguerite terminaram de nos dar a bronca por permitirmos que vocês dois fugissem, Mirabeau achou que já estava na hora de voltar para casa. Eu a levei para lá hoje cedo. Ela vai ajudar.

Greg assentiu e relaxou no assento, sabendo que tudo daria certo. Mirabeau os ajudaria e, mais importante, ela teria sangue.

Capítulo IV

— Não tenho sangue.

— O quê?! — Thomas e Greg perguntaram ao mesmo tempo, encarando Mirabeau com descrença e horror. Ambos estavam ao lado da cama em que Lissiana se encontrava.

Mirabeau vivia em uma cobertura, não muito distante do apartamento de Greg. Tinham levado apenas alguns minutos para chegar. Percebendo que havia um porteiro ali, ele ficara preocupado. Enquanto a blusa preta de Lissiana disfarçava o sangue, sua camisa branca revelava uma enorme mancha vermelha, onde ele a apoiara de encontro ao corpo. Tivera certeza de que, após ver aquilo, e o rosto pálido de Lissiana, o homem chamaria a polícia. No entanto, esquecera-se de quem o acompanhava.

Thomas apenas olhara para o sujeito, que tinha retornado ao posto sem perguntar nada. O primo de Lissiana o colocara em transe, e o porteiro nem olhara na direção deles depois daquilo.

— Eu estava esperando uma entrega no sábado de manhã, mas fiquei na casa de tia Marguerite — disse Mirabeau.

Greg olhou para Lissiana com preocupação. Ela havia começado a gemer pouco depois de ser deitada na cama, arrancando um murmúrio preocupado de Thomas.

Quando Greg perguntara o que estava acontecendo, Thomas explicara que, ao não encontrar sangue suficiente nas veias dela, os nanos tinham começado a atacar os órgãos internos para conseguir o que precisavam. Lissiana sofreria dores terríveis até que a alimentassem.

— Você não tem nadinha? — Thomas insistiu.

— Ainda havia duas bolsas quando cheguei, mas... eu estava com fome.

— Droga! — Thomas passou uma das mãos no cabelo. — Ela precisa de sangue.

— Pegue algum do banco de sangue dos Argeneau — sugeriu Mirabeau.

— Não — disse Greg.

— Por que não? Ele tem a chave.

— Greg acha que tio Lucian está por trás disso.

Mirabeau arregalou os olhos antes de menear a cabeça.

— Não acredito. Não poderia ser um dos nossos. Quero dizer... Por que fariam isso? E, se fosse o caso, por que não terminaram o trabalho? Se fosse um de nós, a pessoa saberia que ela se recuperaria de um golpe como esse. E por que não fizeram nada com você, Greg? Afinal, você é a ameaça.

— Não sei — Greg admitiu. — Mas também não sei de ninguém mais que pudesse querer feri-la.

— De jeito nenhum Marguerite permitiria que alguém machucasse um de seus filhos. Ela...

— Não importa, Mirabeau — Thomas a interrompeu. — Prometi a Greg que não chegaria perto deles, e não vou fazê-lo. Teremos que encontrar sangue em outro lugar.

— Estamos perdendo tempo — disse Greg, impaciente. — Lissiana precisa de sangue. Tem algum em sua casa, Thomas?

— Sim, tenho — respondeu ele, surpreso por não ter pensado nisso antes. — Não tanto quanto ela vai precisar, mas pelo menos duas bolsas. Isso deve deixá-la consciente, e então buscaremos doadores.

— Doadores?

— O porteiro, e talvez uns dois vizinhos — explicou Thomas.

— Que tal uma intravenosa? — indagou Greg. — Sei que, quando ela estiver consciente, vai poder se alimentar sozinha dos doadores. Mas ela vai precisar de uma intravenosa para as bolsas de sangue. Você tem uma?

— Não, mas isso não é problema. As presas dela vão sugá-lo, estando ela consciente ou não — esclareceu Thomas, indo para a porta. — Só vai ficar mais fácil para ela se alimentar dos doadores depois de consciente porque vai poder controlar a mente deles. Volto assim que puder.

— Thomas? — Mirabeau o seguiu. — Você tem um...

A porta se fechando impediu que Greg ouvisse o restante da frase, mas ele não estava interessado. Olhava para Lissiana, que gemia. Não era um som normal. Ela estava imóvel, parecendo quase morta, mas emitia um grunhido praticamente inaudível, que vinha do fundo da garganta. A imensidão da dor em que devia estar mergulhada para fazer aquele som partia seu coração, e os gemidos agora eram emitidos em intervalos menores. Era evidente que a dor estava se intensificando.

Greg abriu a blusa dela e afastou a toalha do peito para olhar a ferida. Estava quase fechada. Enquanto em parte ele se sentia aliviado ao ver que ela se curava, sabia também que o corpo estava usando sangue, e ela precisava manter o máximo possível até o retorno de Thomas. Quanto mais perdesse, maior a dor.

Outro gemido chamou sua atenção para o rosto dela. Greg hesitou, mas decidiu que tinha que fazer algo. Aproximando-se, tomou o rosto dela em suas mãos e abriu-lhe a boca com os polegares.

— O que está fazendo? — indagou Mirabeau ao entrar.

— Abrindo a boca de Lissiana.

— Por quê?

— Como faço para expor as presas dela?

— Por que quer expor as presas dela? — Mirabeau foi até o outro lado da cama, olhando da amiga para Greg, preocupada.

— Porque posso doar um pouco de sangue, e aí poderíamos trazer o porteiro aqui e quem mais encontrarmos. Ela pode terminar de se recuperar com as bolsas de sangue quando Thomas voltar, em vez de sofrer esse tempo todo, enquanto ele não chega.

— Você não quer fazer isso, Greg.

— Ela está sofrendo.

— Sim, mas está inconsciente.

— E ainda assim consegue sentir dor. Só não consegue se debater e gritar porque está fraca, mas está sentindo. Não é? É por isso que está gemendo. Certo?

— Sim. — Ela suspirou e se sentou na beirada da cama, relutante. — Vai doer.

— Não doeu da última vez que ela me mordeu.

— Sim, mas ela beijou você e o fez relaxar e, quando o mordeu, conseguiu passar para você todo o prazer que estava sentindo. Lissi não vai poder fazer isso agora, Greg, e vai doer. Confie em mim.

— Então que doa — ele declarou.

Mirabeau encarou-o, e ele sentiu o familiar ruflar em sua mente. Sabia que ela estava tentando ler seus pensamentos, e fez o possível para deixá-los acessíveis. Precisava que ela o ajudasse com aquilo.

— Muito bem — ela concordou, por fim, e gesticulou para que ele se afastasse.

Ela pegou a toalha ensopada de sangue que estava sobre a ferida e segurou-a perto do rosto de Lissiana, que estremeceu e respirou fundo. Em seguida, sua boca se abriu sozinha enquanto os caninos se estendiam.

Greg levou o pulso, até os dentes dela de imediato.

— Precisa garantir que os dentes atinjam a veia — instruiu Mirabeau. — Posso ajudar?

— Por favor.

Inclinando-se para a frente, ela posicionou o pulso dele sob as presas de Lissiana. Hesitou, fitando-o.

— Tem certeza?

Assim que ele assentiu, Mirabeau forçou seu braço para cima, pressionando seu pulso contra os dentes de Lissiana. Greg ofegou ao ser atingido pela dor. Definitivamente, aquilo não era nada parecido com as duas vezes em que ela o mordera. Nem com doação de sangue, pois os dentes eram muito maiores do que as agulhas usadas pelas equipes médicas.

Quando a primeira onda de dor retrocedeu, ele notou outra dor, mais profunda, enquanto ela sugava com mais velocidade do que seu corpo podia fornecer. Era uma sensação de esvaziamento, e ele cerrou os dentes para suportar a dor, mas se manteve imóvel.

— Eu avisei — Mirabeau falou, suavemente. — Quer parar? Ele meneou a cabeça, rígido.

— Conte-me o que aconteceu — ela pediu.

Greg sabia que era um esforço para distraí-lo da dor e ficou grato por isso. Relatou os eventos desde que ouvira o ruído de vidro se partindo.

— Acho que deixei uma bagunça lá — ele concluiu. — A amiga de Lissiana vai ficar chocada quando voltar e encontrar o sangue e o vidro quebrado. Provavelmente, vai chamar a polícia.

— Não se preocupe. Nós vamos cuidar disso.

Ficaram em silêncio por algum tempo. Ele estava começando a ficar tonto quando Mirabeau disse:

— Acho que ela está voltando a si... Greg!

Mirabeau afastou o pulso dele da boca de Lissiana e contornou a cama, segurando-o antes que ele caísse.

— Lissiana já tinha mordido você esta noite, não é? — ela exigiu saber.

Greg anuiu e logo se arrependeu, pois o movimento aumentou sua tontura.

— Droga! Por que não me avisou? Você nunca deveria... Deite-se. — Ela o ajudou a se acomodar ao lado de Lissiana. — Descanse. Vou pegar um suco, ou algo do tipo. Vou ver se minha vizinha tem um pouco. E posso trazê-la para Lissiana. Ela está voltando a si, e vai estar louca de fome e dor.

Greg olhou para Lissiana enquanto Mirabeau saía, aliviado ao ver os olhos dela se abrirem.

— Greg? — A voz não passava de um sussurro. Ele se apoiou em um cotovelo para observá-la.

— Estou aqui, Lissiana. Como está? — Uma pergunta idiota, Greg imaginou. Era visível que ela sofria. — Mirabeau vai trazer alguém para você se alimentar, amor. Não vai demorar muito.

— Mirabeau? — Ela estava confusa.

— Sim. Estamos na casa dela. Thomas nos trouxe aqui.

— Ah... E quem fez isso?

— Você não viu?

— Estava escuro. Era um homem. Achei que você tivesse ido falar comigo, mas então eu vi a estaca.

— Parecia seu tio?

— Meu tio? Não. Ele... — Parou de falar, gemendo e encolhendo-se.

— Mirabeau deve voltar logo. — Greg tentou encorajá-la. Depois, ficou em silêncio, sentindo-se impotente ao vê-la lutar contra a dor.

Os olhos de Lissiana estavam fechados com força, as mãos em punho, os dentes cerrados, a respiração entrecortada. Tudo culpa dele. Se ela não o tivesse levado embora, tentando salvá-lo do que temia que fariam com ele...

Sabia que nem Lissiana nem Mirabeau acreditavam que Lucian estava por trás daquele ataque. Porém, o homem fazia parte de um conselho que cometera diversos atos cruéis no passado. Greg podia muito bem imaginar que o sujeito quisesse punir a sobrinha por tê-lo desafiado. Não tinha idéia do motivo de não terem sido levados de volta para a casa de Marguerite, a fim de enfrentá-lo, o que gerava dúvidas a respeito de ele ter sido o responsável. No entanto, não sabia de mais ninguém que pudesse ter motivos para atacar Lissiana. Ela não se relacionava muito com mortais. A única coisa que fazia era trabalhar no abrigo.

— Greg?

— Sim?

— O que você decidiu?

Ele não precisou perguntar a que ela se referia. Lissiana estava perguntando se ele queria ser transformado ou não. Greg estendeu a mão e acariciou-lhe o braço com gentileza.

O que tinha decidido? Decidira que ela era linda, inteligente e corajosa. Era uma mulher que arriscara tudo, inclusive a família, para fugir com ele e mantê-lo em segurança. Mesmo que os outros não tivessem se aliado a Lucian e ao conselho ainda, no final das contas seriam obrigados a fazê-lo para sobreviver. Também tinha certeza de que Lissiana os forçaria a isso quando chegasse a hora.

Até ali, ela pagara por seus esforços com dor... E, se ele se recusasse a se transformar, sabia que ela se sacrificaria ainda mais.

Já resolvera que ela era uma mulher por quem valia a pena abrir mão da família. Tudo o que precisava fazer agora era convencê-la a passar a eternidade com ele. Esperava que, uma vez transformado, conseguisse fazer isso. Olhou para Lissiana.

— Do jeito que as coisas estão, não poderei protegê-lo se resolverem fazer um

conselho de três — ela disse. — Esta noite, provei que não posso nem cuidar de mim mesma. Eu nem mesmo acordei até que ele cravasse a estaca em mim.

— Lissiana...

— É verdade. Mas há uma forma de protegê-lo. — Levando o pulso até a boca, ela mordeu a própria veia, fechou os olhos para não ver o sangue e estendeu o braço para Greg. — A escolha é sua.

— Eu não tenho sangue suficiente para um aqui, muito menos para dois!

Greg levantou a cabeça do pulso de Lissiana ao ouvir as palavras de Thomas, e descobriu que Mirabeau também retornara. Ao ver as três bolsas de sangue nas mãos de Thomas, começou a dizer para Lissiana não abrir os olhos, mas era tarde demais. Com um murmúrio, ela afundou no colchão, desmaiada.

— Por que não me disse que ia fazer isso? — indagou Mirabeau, irritada. — Podia ter me poupado o trabalho de despertar três vizinhos procurando suco.

Só então Greg viu a loirinha ao lado de Mirabeau. Suco de laranja não era tudo o que ela havia trazido de volta. Supôs que a garota fosse uma das vizinhas que ela prometera para alimentar Lissiana. Seguindo a direção do olhar dele, Mirabeau suspirou.

— Sente-se, Mary — ordenou, colocando o copo de suco sobre a cômoda e atravessando o quarto, enquanto sua vizinha sentava-se com o rosto impassível na cadeira ao lado da porta. — Quanto você tomou? — ela perguntou para Greg.

Ele balançou a cabeça, e ia dizer que não sabia ao certo, mas o movimento fez o quarto girar. Fechando a boca, deitou-se ao lado de Lissiana sem dizer nada.

— O bastante, pelo visto — disse Thomas. Juntou-se a Mirabeau ao lado da cama e olhou para o casal. — Você já supervisionou uma transformação?

— Não. E você?

Ele balançou a cabeça.

— Isso vai ficar feio — Mirabeau comentou.

— Acho que você não tem vizinhos suficientes para esta situação.

Eles se entreolharam, e Thomas quebrou o silêncio.

— Tia Marguerite?

— Sim. Agora não há mais motivos para fugir dela. Lissiana se certificou disso.

— Voltou-se para a moça sentada à porta. — Ainda vamos precisar da Mary?

— Melhor não. Ela não vai ser o bastante para os dois, e só vai nos atrasar.

— Então vou levá-la para casa — anunciou Mirabeau, adiantando-se para guiar a moça.

— Enquanto você faz isso, vou ligar e avisar que estamos indo. Isso vai dar a tia Marguerite chance de encomendar mais sangue.

Greg ficou em silêncio enquanto os dois saíam do quarto. Seu coração batia com força e ele tentava ignorar a dor crescente no estômago. Lissiana dissera que chamavam quem provocava a transformação de criador, pois se tratava de um renascimento doloroso. Ele suspeitou de que o leve desconforto que estava experimentando não era nada comparado ao que viria.

— Como está se sentindo agora?

Greg fez uma careta à pergunta. Thomas a repetira nos últimos vinte minutos, enquanto se dirigiram à casa de Marguerite. Gostaria que ele parasse. A cada vez que o rapaz indagava, ele parecia tomar mais consciência da dor que crescia e se espalhava dentro de si. Começara no estômago, em um nível tolerável, mas piorava a cada instante, propagando-se como um vírus ou um câncer, devorando-o com dentes afiados.

Tinha piorado tanto na última meia hora desde que tomara o sangue de Lissiana que ele suava, com as mãos em punhos e os dentes cerrados com força para sufocar a dor. Suas respostas às questões de Marguerite ao chegarem haviam sido, no máximo, monossilábicas. Estava muito difícil pensar em algo além da agonia que o consumia.

— Leve o dr. Hewitt para o quarto rosa, Thomas — ela instruiu, abrindo a porta do quarto de Lissiana para que Lucian levasse a sobrinha para lá. — Eu devo voltar em um momento. Só quero colocar a intravenosa em Lissiana, e irei cuidar de Greg.

— Posso colocar a intravenosa, tia Marguerite — ofereceu-se Jeanne Louise.

Marguerite hesitou, olhou para o rosto pálido de Greg, que era praticamente carregado por Thomas, e assentiu.

— Obrigada, Jeanne Louise. Solicitei a Maria que trouxesse a intravenosa e o sangue logo depois que Thomas telefonou. Se puder começar para mim, virei vê-la assim que for possível.

— Sim, tia Marguerite.

Greg viu Jeanne Louise acompanhar o tio até o quarto de Lissiana antes que Thomas o arrastasse para o quarto ao lado.

— Coloque-o na cama, Thomas — pediu Marguerite, seguindo-os para dentro.

Após olhar de relance para as cordas presas à cama, Greg fitou Marguerite, que fechava a porta antes que as gêmeas e as outras primas pudessem entrar. Vendo a expressão dele, Marguerite fez uma careta, aproximando-se da cama.

— Essas cordas são para evitar que se machuque durante a transformação, Greg. Juro que não é um prisioneiro.

Relaxando, ele permitiu que Thomas o acomodasse na cama. Assim que se deitou, Marguerite sentou-se na beira do colchão e examinou seus olhos, embora ele não soubesse o que ela estava procurando.

— Quanto tempo faz desde que Lissi ofereceu o sangue?

— Mais ou menos meia hora — Thomas replicou, quando Greg apenas a encarou sem conseguir responder.

Marguerite assentiu e soltou um suspiro.

— Então ainda não começou. Está apenas nos estágios preliminares.

Greg sentiu o coração acelerar ao ouvir aquilo. Ainda não tinha começado? A agonia que estava sofrendo era só o estágio preliminar? Deus do céu!

— Thomas, pedi para Bastien ligar para o laboratório e enviar alguns remédios para cá, para auxiliar Greg a enfrentar isso — ela avisou, enquanto a porta se abria para dar passagem a Lucian e Martine. — Você poderia descer e esperar por eles?

— Remédios — Lucian disse com desprezo, enquanto Thomas saía do quarto. — No meu tempo, não usávamos drogas para facilitar. Era um rito de passagem, e nós o aceitávamos como homens... Mas creio que hoje em dia os homens estejam mais moles. Não conseguiriam suportar a dor.

— Não preciso de remédios. — O orgulho fez Greg morder a isca que o outro jogara. Lucian Argeneau parecia ter sentido uma antipatia imediata por ele durante a conversa que haviam tido na manhã de sua chegada, embora Greg não fizesse ideia do motivo. A única coisa em que podia pensar era que o sujeito vasculhara sua mente e vira suas intenções menos nobres para com Lissiana.

— Lucian, pare com isso — Marguerite disparou antes de se voltar para Greg. — Você precisa dos remédios, sim.

— Não preciso, não — ele insistiu, levado pela expressão de superioridade no rosto de Lucian.

— Precisa, sim — a mãe de Lissiana o informou com firmeza. — Você vai tomar os remédios, e vai me agradecer por isso.

— Pensei que tivesse dito que eu não era seu prisioneiro — Greg disse, com teimosia.

— E não é — anunciou Lucian. — Marguerite, ele é adulto. Se não quer os remédios, você não devia forçá-lo.

Ela fitou Lucian, exasperada. Então, suspirou e virou-se para Greg.

— Tem certeza? — indagou mais uma vez. — É uma experiência extremamente dolorosa e desagradável sem eles.

Greg não tinha certeza de nada. Já sentia dor suficiente para aceitar os remédios com alegria, mas com Lucian a olhá-lo com desprezo do pé da cama, preferia arrancar a língua a admitir isso.

— Eu agüento — afirmou.

A mãe de Lissiana abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas Martine

aproximou-se e pousou a mão no ombro dela.

— Deixe estar por enquanto, Marguerite. Os remédios estarão aqui, caso ele mude de ideia.

— Sim — concordou Lucian. — Será interessante ver quanto tempo ele vai levar até começar a chorar como um bebê, implorando pelos remédios.

— Você vai esperar bastante — Greg prometeu, torcendo para que fosse verdade.

— E então? Conseguiu alguma coisa?

Lissiana reconheceu a voz de Mirabeau ao voltar à consciência, assim como a de Thomas, quando ele respondeu:

— Não, eles nem abriram a porta dessa vez. Mas eu fiquei no corredor por um minuto, ouvindo.

— E?... — Jeanne Louise incentivou.

— Ele está incoerente ainda, gemendo e, às vezes... — Thomas parou, enquanto um grito abafado vinha de outro lugar da casa, para em seguida concluir: — ...gritando.

— Pobrezinho — Juli sussurrou, compadecida.

— Faz a pessoa ficar grata por ter nascido um de nós, e não precisar passar por isso, não é?

Lissiana abriu os olhos, encarando Elspeth, que finalizava o último comentário. De pé na ponta da cama, a prima olhava para a porta, mas ao virar-se, gelou quando percebeu que ela estava consciente.

— Você está acordada.

Os primos e Mirabeau imediatamente cercaram a cama, e Lissiana olhou de um rosto preocupado para o outro, confusa.

— O que está havendo? Quem está gritando? Houve uma pausa enquanto o grupo trocou olhares.

— Como está se sentindo? — Jeanne Louise perguntou, ignorando a questão.

Ela pensou na pergunta, imaginando por que a prima estava tão preocupada. A memória foi voltando aos poucos. Lembrou-se de ter sido atacada. Depois, recordou vagamente de ter acordado uma vez antes. Estava sofrendo, e pensara ter ouvido Greg dizer que estavam na casa de Mirabeau. Tinha certeza de que algo importante acontecera ali, mas não conseguia se lembrar o que era. Estava tudo muito confuso.

Deixando aquilo de lado por um instante, mudou de posição na cama, aliviada por não sentir dor. Seu peito parecia estar totalmente curado, e ela não sofria de fome.

— Estou bem — assegurou, e percebeu que nenhum deles devia estar ali. Porém, olhando ao redor, deu-se conta de que se encontrava em seu antigo quarto na casa da mãe, e que era *e/*a quem não devia estar ali. De súbito, recordou-se do que conversara

com Greg... e de ter oferecido seu sangue a ele... e de ele ter aceitado. Sua sonolência evaporou, e ela se sentou na cama.

— Greg! Ele está bem?

— Está ótimo — Jeanne Louise assegurou, depressa, saindo do caminho quando Lissiana afastou os cobertores.

— Nós achamos que sim — acrescentou Thomas, enquanto ela se levantava.

Outro grito fez com que Lissiana parasse, olhando para o rosto deles, horrorizada.

— É ele? — indagou.

Seis cabeças se moveram, confirmando, e Lissiana sentou-se na borda do colchão, trêmula.

— Há quanto tempo estou inconsciente? Há quanto tempo ele está assim?

— Nós chegamos aqui há três horas — informou Thomas.

— E ele está assim há... bem, ele tem gritado há pelo menos duas.

O olhar de Lissiana pousou nas bolsas vazias no criado-mudo. Encarou Thomas, inquisitiva.

— Eu não posso ter tomado tudo isso em três horas.

— Nós estávamos encaixando-as em suas presas, além de colocá-las na intravenosa — Mirabeau explicou. — Você já estava inconsciente mesmo, e não tinha como desmaiar.

— E com os dentes é muito mais rápido do que com a intravenosa — Jeanne Louise lembrou.

— Você sentia muita dor e nós tentamos repor seu sangue o mais rápido possível — Elspeth completou.

Lissiana assentiu, e até conseguiu sorrir. Estava contente por todos terem cuidado dela.

— Quem está supervisionando a transformação de Greg?

— Minha mãe, a sua e tio Lucian — respondeu Elspeth.

— E quanto ao ataque? Vocês sabem o que aconteceu? Quem foi?

— Você não acha que foi alguém enviado por tio Lucian, não é? — indagou Thomas.

— O quê? — Lissiana encarou-o, surpresa. — É claro que não. Ele saberia que aquele golpe com a estaca não me mataria. Além disso, seria uma punição dura demais por eu ter tirado Greg daqui.

— Greg achou que ele fosse o responsável — Mirabeau disse.

— Bem, ele soube o que o conselho faz, e deve ter uma imagem ruim de tio Lucian.

— Tia Marguerite, tia Martine e tio Lucian ficaram muito aborrecidos quando contei o que aconteceu. Tenho certeza de que vão investigar — Thomas falou.

Lissiana anuiu e levantou-se, fazendo uma careta ao sentir o cheiro de sangue na blusa. Por sorte, o tecido era escuro, ou ela teria desmaiado outra vez.

— Talvez você devesse tomar um banho — sugeriu Elspeth.

— Não. Quero ver Greg primeiro.

— Lissi, eles não vão deixá-la entrar — Thomas disse com paciência. — Todos nós tentamos vê-lo, e eles nem abrem mais a porta. Só gritam que está tudo bem e nos mandam embora.

— Preciso vê-lo. Onde ele está?

— No quarto ao lado — murmurou Elspeth.

Assentindo, ela saiu para o corredor, ciente de que os outros a seguiam. A presença deles a incentivara, de modo que, ao chegar ao quarto, ela não hesitou nem bateu na porta, simplesmente abriu e entrou.

Seus olhos se arregalaram, apavorados, quando absorveu a cena que se desenrolava. Greg se debatia na cama, com as mãos e os tornozelos amarrados. Temendo que as cordas não fossem o bastante, sua tia Martine estava de um lado da cama e tio Lucian do outro, segurando-o para mantê-lo imóvel enquanto Marguerite tentava inserir uma agulha no braço dele.

— Está tudo bem? — perguntou, preocupada.

Como se as palavras dela fossem a deixa, Greg gritou de novo e redobrou os esforços para se soltar. Surpreendentemente, ele quase conseguiu livrar-se dos dois.

— Feche a porta! — rugiu Lucian.

Lissiana obedeceu de pronto, lançando um olhar de desculpas para os primos e Mirabeau, que ficaram do lado de fora. Voltou-se para a luta que travavam para manter Greg na cama.

— Os nanos já o deixaram forte assim? — perguntou, espantada, aproximando-se da cama.

— Não. Ele está assim por causa do medo e da dor. — Marguerite ofegou, desistindo de tentar acertar o braço dele.

— Medo? — Lissiana contornou o local onde estava seu tio para tocar a testa de Greg, murmurando-lhe o nome.

Greg pareceu se acalmar um pouco ao ouvi-la. Lágrimas assomaram aos seus olhos ao ver a agonia nos dele, quando Greg a encarou.

Já ouvira dizer muitas vezes que a transformação era dolorosa. Os nanos eram

uma força invasiva, devorando sangue a uma velocidade incrível enquanto se multiplicavam e se espalhavam pelo corpo, penetrando em cada órgão e célula. Ela ouvira dizer que era como se o sangue se tornasse ácido, e esse ácido corroesse a pessoa aos poucos. E também que a dor não era a pior parte. O pior eram os pesadelos e alucinações que a acompanhavam, terríveis visões de tortura e morte, em que a pessoa se via queimando viva.

Lissiana sempre acreditara que eram exageros, mas ao ver Greg naquele estado, reconsiderou. Olhou para a mãe.

— Não há nada que possa dar a ele para aliviar a dor?

— Ele queria passar por isso sem remédios. — Marguerite suspirou.

— Mas só porque Lucian o atormentou com aquela história de que "vampiros de verdade enfrentam isso como homens". — Martine lançou para o irmão um olhar cheio de veneno. — Eles podiam não ter anestésicos fortes em Roma ou nos tempos medievais, mas você não vai me convencer de que uma sociedade tão avançada a ponto de desenvolver esse tipo de coisa não inventou também um anestésico para facilitar a introdução dos nanos no corpo. Além do mais, você já nasceu vampiro, assim como eu.

Lissiana viu o sorriso brincando nos lábios do tio, e rosnou de fúria ao se virar para a mãe.

— Dê algo a ele!

— Ele disse que queria passar por isso sem auxílio — Lucian comentou, tranqüilamente. — Você não pode...

— Isso não é da sua conta! — gritou Lissiana. — Ele não é mais uma ameaça. Eu posso transformar um indivíduo, e foi o que fiz, e nem você nem o conselho podem machucá-lo agora. — Ela parou por alguns instantes, ofegando. — Ele é meu. Eu o transformei, e estou dizendo para dopá-lo *agora!*

Houve um silêncio absoluto por um momento. Até mesmo a luta de Greg diminuiu a quase nada, como se ele sentisse a tensão no ar enquanto Lissiana encarava o tio. Ninguém falava com Lucian Argeneau daquele jeito. Ela, pelo menos, nunca soubera de uma situação semelhante.

— Ora, ora — o tio disse, afinal, muito sossegado. — Marguerite, nossa gatinha descobriu suas garras.

— Lucian... — começou Marguerite, insegura.

— Faça como ela disse. Ele é *dela*.

Lissiana olhou para a mãe, e depois para o braço de Greg, onde ela estivera tentando colocar a agulha. Só então viu o sangue que manchava o braço, assim como a cama ao redor, e entendeu que ela não estivera tentando inserir a agulha, mas *reinseri-la*.

— Ah, droga — resmungou, quando o quarto começou a girar.

— Ah, droga — ecoou seu tio, ao soltar Greg para apanhá-la antes que chegasse ao chão.

Lissiana abriu os olhos para descobrir que estava deitada em sua antiga cama. Primeiro, imaginou que estivesse sozinha, mas logo seu tio surgiu e fitou-a, carrancudo. Ela o encarou.

— Como se sente?

— Bem — ela disse. Ia perguntar sobre Greg, mas ele se adiantou.

— Seu Greg está bem. Marguerite o entupiu de remédios, e ele está inconsciente, alheio a qualquer sofrimento.

— Isso o deixa desapontado?

— Na verdade, não. Os gritos dele estavam me dando dor de cabeça, e contê-lo estava ficando cansativo — ele admitiu, sorrindo. — Logo me arrependi de tê-lo provocado a provar o seu valor.

— Bem feito — ela comentou, sentando-se.

— E é mesmo — reconheceu Lucian. — Mas fico contente por tê-lo desafiado. Seu juvenzinho me surpreendeu. Muitos teriam gritado pelos remédios no instante em que os nanos chegassem aos testículos. Os gritos ficaram mais agudos, mas ele não pediu os remédios nenhuma vez. Merece minha sobrinha.

Lissiana ainda tentava entender se aquilo era um elogio quando ele inclinou a cabeça e disse:

— Apesar do que você possa pensar, eu não mandei ninguém atacá-la com uma estaca. Sempre me esforcei para proteger minha família, e isso inclui meu irmão, a esposa dele e cada um de seus filhos. Não a puni por ter me desafiado.

— Não achei que tivesse feito isso. Greg pensou que sim — ela admitiu. — Por que você fala assim?

— Assim como?

— Acabou de dizer: "Sempre me esforcei para proteger minha família, e isso inclui meu irmão, a esposa dele e cada um de seus filhos", quando poderia ter dito "meu irmão, Marguerite e cada uma de vocês, crianças".

— Isso importa? — ele indagou, rígido.

— Acho que sim. É como se você não visse nenhuma relação nossa com você, que não seja através dele. Como se mantivesse uma distância emocional, ao falar de nós objetivamente.

Ele pareceu perturbado ao ouvir aquilo, mas Lissiana não tinha acabado.

— Por que nunca tornou a se casar? Tia Luna e as crianças morreram na queda da Atlântida. Deve ter conhecido alguém durante todo esse tempo que valesse a pena amar, não? Ou apenas é covarde demais para se permitir amar de novo?

— Acha que eu tenho medo de amar? — ele indagou, surpreso.

Ela assentiu.

— Bem... talvez — ele concedeu. — E talvez seja verdade que você só reconhece seus iguais.

— O que isso significa?

Lucian balançou a cabeça, como se dissesse que não tinha importância. Olhou-a com curiosidade.

— Você não tem nenhum medo de mim, não é? — ele indagou.

Suspirando, ela baixou o olhar e deu de ombros.

— Eu costumava ter.

— E o que mudou?

— Estou cansada de sentir medo. Isso não é jeito de viver.

— Seu pai — adivinhou ele, triste.

— Você se parece com ele. — Era uma coisa tola de se dizer. Claro que eram parecidos. Afinal, eram gêmeos. Mas só agora ela percebia que talvez fosse por isso que se encolhia na presença do tio. Ele a lembrava de seu pai, e Lissiana sempre temera Jean Claude Argeneau. Por isso, temera também tio Lucian.

— Podemos ser parecidos, Lissiana, mas não sou como ele — Lucian afirmou, sentando-se na cama. — Eu sabia que era difícil conviver com ele, e que ele dificultou sua vida e a da sua mãe, mas nunca percebi o quanto. Sinto muito.

— Não havia nada que pudesse fazer.

— Havia, sim. Temo que eu o tenha protegido além do que devia. Seu pai teria sido executado séculos atrás pelo comportamento dele se eu não tivesse interferido.

Lissiana se espantou ao ouvir aquela declaração, e suspirou.

— Ele era seu irmão, e laços de sangue são fortes. O amor nos leva a fazer coisas que talvez não devêssemos, coisas das quais podemos nos arrepender depois. Veja o que Thomas e as meninas fizeram por mim.

— E o que você fez por Greg.

— Isso foi diferente. Eu não amo... — Ela se interrompeu, corando sob o olhar do tio.

— Pelo menos, não consegue se forçar a mentir sobre seus sentimentos. Agora só precisa tomar coragem para admiti-los para ele — concluiu o tio, divertido.

Quando Lissiana demonstrou sua perplexidade, ele falou: — Sua mãe disse que sabia que ele tinha sido feito para você no instante em que os viu juntos. Quando descobriram que Greg ficou sabendo o que nós somos e não sentiu repulsa, Martine e Marguerite decidiram que não deviam apagar você da memória dele. Elas o trouxeram

aqui para dar a vocês dois, tempo de descobrir o que elas já sabiam.

— Então por que ela chamou você?

— Ninguém me chamou. — Ele riu. — Eu só passei para visitar. Já fazia tempo que não via Martine e as meninas. Quando Thomas quase engoliu a língua ao me ver, as mulheres tiveram que se explicar, e me apresentaram para Greg.

— E?...

— E eu não tive certeza, até você chegar em casa de manhã. Seu pânico ao me ver aqui foi enorme, e toda a sua energia estava concentrada em Greg.

— Então por que o amarrou e decidiu envolver o conselho? — Lissiana quis saber, confusa.

— Foi sua mãe quem o amarrou, não eu. E eu estava ligando para o conselho para informar que logo ele estaria se juntando a nós. O conselho mantém um registro de todos, como você sabe. Depois que o tirou daqui, sua mãe admitiu que estava torcendo para você entender tudo errado. Ela esperava que o medo de que ele fosse submetido a um conselho de três fosse forçá-la a encarar seus sentimentos por ele. No entanto, em vez disso, você o pegou e fugiu.

Lissiana encarou-o, chocada. Tinha sido tudo uma armadilha? Sua mãe a manipulara para uni-los? Aquele tempo todo ela estava bancando o *Cupido*?

— Então Valerian não estava nos seguindo no shopping? Você não colocou ninguém para nos vigiar?

— Bem, eu cheguei a colocar alguns rapazes para vigiá-los, só para garantir que não fugissem do país, mas não soltei os cachorros em vocês nem nada disso.

— Exceto Julius.

— Sabe que Julius nunca a machucaria. Aquele cão é um cordeiro perto de você e da sua mãe. Ele poderia ter ido atrás de Greg, claro, mas nós sabíamos que você acharia um jeito de se livrar dele. E achou.

Lissiana respirou fundo, pensando em tudo aquilo. Era bom saber que o tio não mandara atacá-la. Por outro lado, alguém fizera isso.

— Então... — disse Lucian, acompanhando seus pensamentos. — Essa Debbie, em cuja casa você ficou, é uma colega de trabalho?

— É uma amiga.

— Você não acha que ela pode estar por trás do ataque?

— Não. Ela é uma amiga, e devia estar no trabalho ontem à noite, quando tudo aconteceu. Além disso, ela não tem ideia de que sou uma vampira. Ninguém no abrigo sabe. Apostaria minha vida nisso.

— Você *está* apostando sua vida nisso. Atacar um vampiro com uma estaca é um truque dos mortais, Lissi. Alguém da nossa espécie teria cortado sua cabeça.

— Sim, mas... Tio Lucian, sou muito cuidadosa. Não sei quem poderia ter ideia do que eu sou.

— Eu vou investigar e ver o que descubro, e ficarei aqui até que isso seja resolvido. — Ele ergueu a sobrançelha. — Não quer ir vê-lo agora?

— Sim, por favor. — Ela sorriu.

— Vamos.

Lissiana saiu da cama e ficou de pé ao lado dele. Lucian segurou-a pelo cotovelo e a acompanhou até a porta.

— Aliás, seus primos e aquela amiga sua ouviram você gritar comigo no outro quarto. Agora você é a heroína deles, tanto por me desafiar e tirá-lo daqui, como por ousar gritar comigo. — Ele não pareceu contente ao informá-la. — Talvez eu tenha insinuado que viria até aqui para vociferar com você, e colocá-la em seu devido lugar.

Lissiana assentiu solenemente, mas um sorriso curvou seus lábios.

— Sua reputação está a salvo comigo. Não direi nada do que aconteceu aqui.

Lucian Argeneau sorriu.

— Boa menina.

* * *

O sono de Greg foi povoado de pesadelos. Ele flutuava em um mar de sangue, entre cadáveres meio submersos. Um deles passou com o rosto voltado para ele, e Greg encolheu-se ante a visão macabra. Sangue negro se empoçava nas órbitas vazias onde deveriam estar os olhos, e enchiam a boca escancarada, silenciando o eterno grito de agonia e horror.

Na margem, ele divisava cruzeiros alinhadas, com figuras crucificadas. Todas voltaram a cabeça para vê-lo passar, sorrindo de modo doentio, sem dar atenção aos dois vultos que lhes arrancavam as peles.

Uma risada o fez virar a cabeça, e ele viu um barquinho a acompanhá-lo. Lucian Argeneau estava na proa, segurando uma tocha. Sob os olhos de Greg, o vampiro sorriu e soltou a tocha, que atingiu o líquido viscoso. Lucian desatou a rir enquanto o mar sangrento explodia em chamas.

Greg berrou quando o fogo correu em sua direção, sabendo que ele não deixaria nada além de um monte de cinzas.

— Calma, está tudo bem. Você está seguro.

A voz suave de Lissiana despertou-o, e ele abriu os olhos para uma escuridão profunda. Por um momento, temeu ter ficado cego, e o pânico o invadiu, mas logo começou a divisar formas e sombras, e percebeu que as luzes estavam apenas apagadas.

— Durma — murmurou Lissiana, e Greg sentiu a cama ceder quando ela se deitou ao seu lado. Ao senti-la tocar seus dedos, agarrou-lhe a mão, grato pelo contato. — Durma — ela repetiu. — O pior já passou, mas você precisa dormir para se recuperar. Da próxima vez que acordar, já vai se sentir melhor. Vou ficar aqui com você.

Greg quis resistir e ficar acordado. Tinha milhões de perguntas para fazer a ela, mas não conseguia controlar as necessidades de seu corpo e voltou a dormir. Dessa vez, entretanto, não foi acossado por pesadelos. Em vez disso, sonhou com Lissiana. Ele a perseguia pela floresta do tempo, rindo enquanto corria atrás dela sob galhos baixos e a derrubava em um monte de folhas.

Gargalhando, ela jogou punhados de folhas nele enquanto rolavam na folhagem macia. Greg finalmente pegou as mãos dela, acabando com a luta, e ficaram deitados ali, ofegantes, a risada diminuindo. Quando a respiração de ambos voltou ao normal, fitaram-se solenemente.

— Eu amo você — ele disse.

— E eu amo você, Greg. Eu lhe dei meu sangue e, com ele, meu futuro. Bebemos um do outro, e agora estamos ligados para sempre. Se você estiver em perigo, eu saberei. Quando precisar de mim, estarei presente. Estamos conectados.

As palavras de Lissiana encheram seu coração de alegria, e Greg soltou as mãos dela para segurar-lhe o rosto com gentileza. Cobriu os lábios dela com os seus e a beijou com todo o amor e paixão que sentia.

Lissiana gemeu contra sua boca, e o som o deixou faminto por mais, Greg arqueou-se de encontro a ela, deliciando-se com o corpo macio.

— Humm...

Ele piscou, sonolento, quando o murmúrio de prazer o despertou do sonho. Abrindo os olhos, notou que estava em um quarto escuro, com um pouco de luz vinda de algum lugar atrás de si. Virando a cabeça, viu que a luz do banheiro estava acesa e a porta tinha sido deixada entreaberta. Com aquela iluminação, pôde enxergar a intravenosa ao lado da cama, com uma bolsa vazia que já não estava conectada ao seu braço. A transformação devia ter acabado.

Um sussurro sonolento desviou sua atenção para a mulher em seus braços. Lissiana. Eles estavam encaixados um no outro, o traseiro dela pressionando-lhe a virilha, o ombro diante de sua boca. Ela suspirou e se mexeu um pouquinho, mas o bastante para fazê-lo notar a ereção aninhada contra o corpo macio. Greg suspeitou que, ao mesmo tempo em que se arqueava contra ela em seus sonhos, fazia isso na vida real.

Ficou imóvel por um instante, dando à rigidez uma chance de ir embora. Enquanto esperava, inalou o perfume dela, apreciando a sensação do corpo quente contra o seu. Podia ver que Lissiana vestia uma camiseta, e logo começou a imaginar o que ela estava usando embaixo. Hesitou, mas acabou deixando a mão que enlaçava a cintura dela deslizar em direção ao quadril.

Lissiana gemeu e pressionou-se contra ele ainda dormindo, enquanto sua mão passava do tecido para a pele. Piscando, surpreso, voltou a subir a mão, dessa vez sob a camiseta larga. Por alguns instantes, tivera certeza de que ela vestia apenas aquela peça, mas logo encontrou a seda fina da calcinha. Passou os dedos sobre o ventre liso, subindo pela lateral do corpo.

Quando alcançou o seio, descobriu que o mamilo já estava rijo. Cobriu-o com a mão, e Lissiana tornou a gemer, movendo-se de uma forma que intensificava o contato entre eles.

— Greg? — Ela ofegou, meio adormecida, mas, ainda assim, virou a cabeça para procurá-lo.

Ele mudou de posição de leve para conseguir beijá-la, sem deixar de acariciá-lhe o seio. Quanto mais ela despertava, mais ardentemente reagia. Soube que ela tinha acordado quando tentou se virar de frente para ele. Porém, não permitiu que ela fizesse isso. Prendendo-a no lugar com seu corpo e sua boca, ele deslizou a mão sobre o ventre e inseriu-a sob o tecido da calcinha.

Lissiana arquejou quando seus dedos alcançaram-lhe a intimidade e estremeceu contra ele quando Greg passou a acariciá-la. Ela fechou a mão sobre seu pulso, mas não tentou acelerá-lo, nem afastá-lo. Era como se precisasse tocá-lo, mas não conseguisse ir além daquele ponto na posição em que estava.

Greg ajustou o ângulo de sua mão de forma a poder continuar a acariciá-la com o polegar, enquanto a penetrava com um dedo, e achou que Lissiana tinha gostado, pelo jeito como passou a beijá-lo. No momento seguinte, ela interrompeu o beijo com um arquejo, e enfiou o rosto no travesseiro. Ao ouvir o tecido se rasgar, soube que ela o estava mordendo para reprimir um grito.

Quando ela se mexeu de encontro a ele, Greg gemeu, também se movendo, e mordeu-a de leve no ombro. Queria estar dentro dela, sentir o calor de Lissiana ao seu redor.

— Greg...

Seu nome, um gemido abafado pelo travesseiro, era uma súplica que ele ficou feliz em atender. Retirando a mão do centro úmido de Lissiana, arrancou-lhe a calcinha e penetrou-a por trás. Ouviu-a gritar e ficou imóvel, com medo de tê-la machucado. Quando ela esticou o braço para segurar-se na cabeceira da cama, usando-a como apoio para mover-se de encontro ao seu corpo, Greg voltou a investir. Mergulhou em Lissiana repetidas vezes, e voltou a acariciá-la, fazendo-a gemer.

Ela agarrou sua mão outra vez, em frenesi, penetrando sua pele com as unhas, e Greg soube que ela estava prestes a explodir. Vê-la tão excitada aumentava seu desejo. Começou a beijá-la no pescoço e, ao ouvi-la gritar, estremeceu em seus braços e inclinando a cabeça para trás, Greg não pensou: respirou fundo, aspirando o cheiro dela, sentiu algo mudar em sua boca e cedeu ao instinto, afundando os dentes no pescoço tentador.

Ela sussurrou algo, mas Greg não ouviu o que era. Logo ambos estavam gemendo enquanto eram varridos por um prazer incomensurável. Sua mente foi subitamente preenchida por ela. Os pensamentos, os sentimentos, o prazer de Lissiana explodiram dentro de si.

Experimentara aquilo na casa de Debbie, mas dessa vez era diferente. Embora avassalador a princípio, após um instante já não era apenas um borrão de sensações. Ele começou a diferenciar as coisas: podia sentir o prazer de Lissiana com o que ele fazia, algo à parte, mas ao mesmo tempo mesclado ao seu, e viu-se brincando com aquilo, mudando seu ritmo e ajustando seu toque até encontrar a carícia perfeita, o ritmo ideal para ambos.

Ela gemeu e levantou a mão, arqueando-se de modo a alcançar seu cabelo, prendendo-o, puxando-o enquanto mergulhava no êxtase que os devorou. Greg tirou os dentes do pescoço dela, gritando ao investir nela uma última vez, o corpo vibrando com as sensações que o percorriam. Podia sentir que o mesmo ocorria com ela; o corpo de Lissiana estremeceu, contraindo-se ao redor do seu.

E então a porta se abriu.

— Lissiana, tia Marguerite está indo para a cama e quer saber... Ah... é....

Greg e Lissiana tinham ficado imóveis ao ouvir a porta se abrindo. Ainda estavam assim quando Thomas chegou ao lado da cama e finalmente parou. Foi só então que Greg percebeu que os cobertores haviam escorregado para baixo dos quadris dos dois, deixando-os quase completamente expostos... E foi assim que Thomas viu o que estava interrompendo.

Suspirando, Greg tirou a mão de onde estava, entre as pernas de Lissiana, e puxou os cobertores para cima. Ouviu-a gemer de vergonha. Abraçou-a com força, tentando diminuir-lhe o embaraço.

— Ah, sim... Isso é um tanto embaraçoso, não?

Greg viu que Thomas tinha se virado e estava se dirigindo a porta.

— Bem, acho que isso responde a uma questão. Greg acordou — disse Thomas.

Lissiana ergueu a cabeça para fitar o primo enquanto ele atravessava o quarto, e Greg fez o mesmo atrás dela.

— Vou dizer a tia Marguerite que ela não precisa vir checá-lo antes de dormir. É óbvio que está se sentindo *muito* melhor.

Lissiana gemeu, e Greg não precisou olhar para saber que ela estava corando.

— Também vou pedir a Mirabeau e às outras para não virem até aqui antes de se deitarem. Direi que você está... se recuperando. — Thomas riu enquanto fechava a porta.

Lissiana voltou a se deitar, resmungando. Greg fez o mesmo, e o movimento o fez notar que ainda estava dentro dela. Começando a relaxar, ele a afagou no ombro,

depositando ali um beijo antes de examinar-lhe o pescoço. Ficou aliviado ao ver que as marcas estavam pequenas, e diminuindo. Mesmo assim, indagou:

— Você está bem?

— Sim — ela admitiu, baixinho. — Eu é que devia ter perguntado isso a você quando acordou.

— Você estava distraída — ele disse, sorrindo.

— Estava — concordou ela, acariciando-o. — Você está bem?

— Estou bem.

— Nenhuma dor, nem...

— Estou bem — ele repetiu, puxando-a de encontro a si.

— Muito bem, na verdade. Agora.

— Foi bem ruim, não?

Greg fez uma careta, com o rosto enterrado nos cabelos dela. *Bem ruim* nem começava a descrever a transformação. A dor fora insuportável. Em vários momentos, achara que ia morrer. E quando as dores tinham acabado, os pesadelos haviam sido terríveis.

— Foi ruim, mas valeu a pena.

— Não se arrepende?

— Não. Estamos vivos, e a salvo. Não preciso mais temer que alguém venha atrás de mim para me silenciar, e você não precisa temer retaliações por me proteger.

— Greg... Ontem à noite, na casa de Debbie, eu o deixei pensando se queria se transformar ou não. O que você tinha resolvido?

— Eu ainda não tinha decidido. Mas estava muito inclinado a aceitar.

— É verdade? — Algo no tom dela o alertou de que aquilo era importante.

— Sim. Eu estava sonhando antes de acordar.

— Estava? Com o quê?

— Com você.

— Comigo? E como foi o seu sonho?

— Estávamos brincando de pega-pega na floresta do tempo.

— A floresta do tempo...

— Sim. Era uma floresta normal, mas eu sabia que era a floresta do tempo. E eu peguei você, e rolamos em uma pilha de folhas e você, claro, começou a jogar punhados de folhas em mim.

— Claro que sim.— Ela riu.

Ele sorriu e beijou-a na testa, hesitando.

— E o que aconteceu depois? — ela perguntou.

— Eu disse que amava você.

Lissiana ficou imóvel nos braços dele. Greg podia jurar que ela nem respirava.

— E você disse que me amava, também.

Não era sua imaginação. Ela estava mesmo prendendo a respiração, Greg percebeu, divertido.

— Então você me disse que tinha me dado seu futuro junto com seu sangue, e que estávamos conectados porque tínhamos bebido um do outro. Que saberia quando eu estivesse com problemas e que, quando eu precisasse de você, você estaria presente. — Greg franziu a testa ao terminar, querendo relembrar as palavras exatas. Achou que se lembrava da essência, mas tinha parecido mais oficial quando ela dissera em seu sonho, quase como uma promessa... ou um voto. Notando o silêncio dela, afagou-lhe o braço. — Você saberia mesmo se eu estivesse em risco?

— Dizem que há um tipo de comunicação entre os nanos.

— Faz sentido. Eles trabalham juntos, é de se imaginar que possuam alguma comunicação.

— Hum... Dizem que as mães têm uma ligação especial com seus filhos por transmitirem seus nanos a eles. E que o mesmo acontece quando o criador passa seus nanos para seu verdadeiro parceiro eterno.

— Dizem, é? E é verdade?

— Minha mãe sempre sente quando eu ou meus irmãos estamos com algum problema, ou tristes.

— Ela soube que você estava com problemas quando foi atacada?

Lissiana anuiu.

— Thomas me fez companhia quando fiquei no lugar de mamãe, tomando conta de você, e me contou. Disse que ela estava muito agitada quando ele ligou para avisar que precisavam de sangue, porque estávamos vindo para cá. Ele falou... que as primeiras palavras dela ao atender o telefone foram que havia algo errado comigo e que eu precisava de ajuda. Antes mesmo que ele mencionasse que eu estava ferida.

— Ela sabia. Então... você pode saber, no futuro, quando eu estiver com problemas — Greg concluiu.

— Talvez. Ou talvez isso tudo seja lenda, e mamãe só saiba que estamos encrencados porque é mãe.

— Você também fica sabendo se ela está com problemas?

— Bem... não sei. Ela nunca esteve encrencada, pelo menos desde que eu nasci.

— Lissiana... Ontem à noite, você me disse que me transformar não me tornaria automaticamente seu parceiro...

— Greg — ela o interrompeu e respirou fundo. — Por favor, chega de conversas sérias por hoje. Amanhã podemos... Esta noite, esqueça isso. Temos todo o tempo do mundo para nos preocupar com a eternidade.

Greg hesitou, mas acabou sorrindo e relaxando. Tinham mesmo todo o tempo do mundo. E, enquanto esperava, podia demonstrar-lhe como seria divertido passar esse tempo com ele, decidiu.

— Você não chegou a me contar... O que aconteceu?

Lissiana olhou para Debbie, que entrava em sua sala, sem entender.

— O que aconteceu com o quê?

— Como assim? Quando saí de casa na tarde de segunda, vocês estavam se ajeitando para pernoitar lá. Quando voltei na terça, a casa estava mais limpa do que quando saí, havia um buquê enorme de rosas na mesa da cozinha e um bilhete de agradecimento, mas nem sinal de vocês. Podia ter me deixado um recado dizendo o que aconteceu...

— Sinto muito — murmurou Lissiana. Thomas lhe dissera que Mirabeau mencionara a bagunça em que tinham deixado a casa de Debbie. Pelo jeito, ela também contara a Lucian, que tomara providências. Quem quer que ele houvesse enviado para lá, devia ter feito um belo trabalho com a limpeza, o que não a surpreendia: seu tio não aceitaria menos que aquilo. Mas as flores a espantaram. Ninguém dissera nada a respeito. — Sinto muito — ela repetiu. — Eu devia ter pensado em deixar um recado.

— Sim, devia — replicou Debbie, rindo. — Principalmente porque não veio trabalhar ontem à noite, e sua mãe ligou avisando que estava doente. Estou morrendo de curiosidade há dois dias! Conte-me tudo. Pelo que entendi, você e sua mãe se entenderam. Isso significa que ela aceitou Greg?

— Sim, aceitou — Lissiana respondeu, com um sorrisinho.

Todos haviam aceitado Greg. Depois de passar o dia fazendo amor e dormindo, os dois tinham acordado no fim da tarde e encontrado a cama cercada por seus primos e Mirabeau.

— Ainda na cama? — Thomas indagava, divertido. — Fico feliz que tenham descansado pelo menos um pouco. Achei que você ia esgotar o pobre Greg enquanto o resto de nós tentava dormir.

— Tentava dormir? — perguntara Greg.

— Sim, e foi bem difícil. Eu não parava de ouvir gritos vindos deste quarto. — Thomas observara Lissiana ficar vermelha como um pimentão, antes de prosseguir: — Imaginei que deviam ser aqueles pesadelos terríveis que dizem acompanhar a

transformação.

— Sim, Greg teve pesadelos. — Lissiana agarrara-se àquela desculpa.

— Hum... Foi o que pensei — o primo murmurara. — Mas percebi que você também estava gritando, Lissi. — Ele abriu um sorriso enorme. — Vocês dois são *barulhentos demais* na cama. Já ouvi gatos no cio mais discretos!

Lissiana enterrara a cabeça no travesseiro enquanto os primos caíam na risada, e Greg tentara dispersar o grupo avisando que ia se levantar e que, se não quisessem vê-lo nu, era melhor que saíssem.

Jeanne Louise, Mirabeau, Elspeth e as gêmeas não pareceram muito incomodadas com a idéia, mas Marguerite entrara naquele momento e, depois de confirmar que Greg já estava bem, espantara todos do quarto para que os dois pudessem se levantar.

O restante da tarde se passara na mesma atmosfera familiar caótica, Com todos felizes e conversando muito, contando a Greg tudo o que achavam que ele devia saber para ser um deles.

Lissiana tinha ficado triste ao ver que já estava na hora de ir trabalhar, e invejara Thomas e Jeanne Louise por estarem de folga aquela semana.

Greg também parecera desapontado por ela ter que ir, e a havia acompanhado até o quarto para "ajudá-la" a tomar banho e a se trocar. Os esforços dele a tinham feito demorar muito mais, e teria se atrasado para o trabalho se Thomas não tivesse ido bater na porta, oferecendo-se para dar-lhe uma carona.

Saindo da cama, com o cabelo ainda úmido, Lissiana se vestira às pressas e correria para o andar de baixo, com Greg logo atrás. Ele a acompanhara até a cidade, dando-lhe um beijo de despedida, e fora com Thomas até o apartamento, a fim de buscar mais roupas para levar até a casa de Marguerite. Tinham combinado que ele ficaria ali até se ajustar a todas as mudanças pelas quais passaria.

Lissiana imaginou que Greg devia estar cercado por seus primos naquele momento, recebendo um curso intensivo em vampirismo.

— Terra para Lissi, Terra para Lissi... — disse Debbie, arrancando-a de seus devaneios.

— Desculpe — ela murmurou. — Eu estava pensando.

— Pensando? — Debbie arqueou uma sobrancelha. — Benzinho, divida esses pensamentos comigo, porque quero saber o que foi que a fez sorrir desse jeito.

Ela corou ao ouvir a provocação e fez uma careta. — Sinto muito mesmo por ter saído sem deixar recado, Deb. Você foi muito gentil, ajudando daquele jeito.

— Sem problemas. Posso até perdoá-la completamente, desde que me conte o que aconteceu.

— Bem, Greg chamou meu primo Thomas, e ele e uma amiga chamada Mirabeau

esclareceram tudo. — Aquilo era o mais próximo da verdade que poderia chegar. — Mamãe está feliz, eu estou feliz... Tudo está dando certo.

Debbie examinou o rosto dela com atenção.

— Você não parece muito segura.

Lissiana baixou a cabeça, sem saber o que dizer. Não estava mesmo muito segura. Estava feliz, mas...

— Está com medo? Ansiosa? Agora que sua mãe não opõe resistência, está tendo dúvidas?

Ela começou a negar, mas percebeu que seria mentira. Estava com medo.

Debbie não a forçou a admitir. Em vez disso, declarou:

— Eu não me surpreenderia se fosse isso. Senti-me assim quando meu Jim e eu nos casamos. Era medo, puro e simples. Eu temia que ele não fosse tão maravilhoso como parecia, que algo aconteceria para estragar tudo, que eu fosse ficar com o coração partido... — Ela suspirou. — E tinha razão.

Lissiana ergueu a cabeça, surpresa, fazendo a amiga sorrir ante sua expressão chocada.

— No dia em que ele morreu, meu coração se partiu. A vida não é sempre fácil, Lissiana. É cheia de decisões difíceis e de dor, e nem sempre as coisas saem do jeito que queremos. A vida não vem com garantias. E, embora às vezes consigamos evitar um coração partido ao deixarmos de nos aproximar de alguém, também podemos nos distanciar das melhores coisas da vida dessa forma. Não tenha medo de amar.

Lissiana recostou-se em sua cadeira quando Debbie saiu da sala, ouvindo as palavras em sua cabeça.

Não tenha medo de amar. Isso a lembrava de sua conversa com tio Lucian. Acha que eu tenho medo de amar?, ele indagara. Bem, talvez... e talvez seja verdade que você só reconhece seus iguais.

Ela respirou fundo, percebendo que tinha medo mesmo. Havia sido por isso que não discutira a "eternidade" com Greg na noite anterior. Temia se magoar. Não pela rejeição, pois sabia que ele queria ser seu parceiro eterno, e sabia que isso não se devia ao fato de tê-lo transformado. Greg a amava. Podia sentir isso toda vez que suas mentes se fundiam. Temia o futuro, e o que poderia acontecer com o amor dos dois.

A vida não vem com garantias, afirmara Debbie; o amor também não. Ninguém sabia o que o futuro reservava, mas Lissiana sabia que o período desde que conhecera Greg tinha sido o melhor de sua vida. Também sabia que, se permitisse que o medo a impedisse de ficar com ele, o preço seria abrir mão da oportunidade de muitos anos tão maravilhosos quanto aqueles dias. Não valia a pena ter medo de amar, pensou, e decidiu que aquela noite teriam uma conversa. Estava pronta a se arriscar.

— Lissiana?

Ela ergueu os olhos ao escutar seu nome, e viu padre Joseph parado à porta.

— Pois não, padre?

— Há um cavalheiro que deseja vê-la — ele anunciou antes de acenar para que alguém entrasse.

Ninguém nunca fora vê-la no abrigo, e ela franziu a testa, confusa, antes de avistar Greg.

— Greg! — Empurrou a cadeira para trás e levantou-se, mas se controlou para não seguir seu instinto e atirar-se nos braços dele. Tentando manter uma atitude profissional diante do padre, acalmou-se. — O que está fazendo aqui?

— Vim buscá-la. Está pronta para ir?

— Oh... — Olhando para o relógio, ela percebeu que passava da hora de ir. Como sempre, perdera a noção do tempo. Vendo os papéis sobre a mesa, fez uma careta, — Preciso deixar um bilhete para a garota que faz meu trabalho durante o dia...

— Vá em frente — Greg interrompeu-a. — Não me importo de esperar.

Ela sorriu e olhou para o padre.

— Obrigada por trazê-lo até aqui.

— Está tudo bem?

— Sim. Ele é um amigo.

— Ah... Bom. — Padre Joseph afastou-se quando Greg entrou na sala. — Vou apenas... — Acenando vagamente com a mão, virou-se e foi embora.

Lissiana observou-o com preocupação. Ele ainda não estava dormindo e encontrava-se muito abatido, o que começava a preocupá-la. Suspirando, fechou a porta e voltou-se para Greg, ofegando, surpresa, quando ele a envolveu entre os braços e beijou-a.

— Hum... — ele murmurou ao finalizar o beijo. — Olá!

— Olá — ela sussurrou. — Está esperando há muito tempo?

— Trinta e cinco anos, mas valeu a pena.

Rindo suavemente, ela lhe deu um beijo na ponta do nariz.

— Quis dizer hoje à noite.

— Você quis dizer esta manhã. Embora ainda pareça noite, pois o sol não nasceu.

— É um pouco confuso ter os horários opostos aos de todas as pessoas, não?

— É, sim. E, respondendo à sua pergunta, estou esperando há cerca de meia hora. Cheguei cedo à cidade, mas parei em uma cafeteria. Assim, não pareceria pateticamente ansioso ao ficar parado no estacionamento.

— Pateticamente ansioso, é? — ela indagou, divertida, relaxando nos braços fortes e brincando com os botões da camisa dele. — É bom que você tenha passado na cafeteria. Duvido que estivesse nesse bom humor se eu o tivesse feito esperar esse tempo.

— Você não sabia que eu estava aqui.

Lissiana assentiu, distraída, fitando o botão no qual mexia até que Greg apertou-a de leve.

— Reconheço esse olhar. É o seu olhar de preocupação. O que está acontecendo?

— Eu estava apenas imaginando...

— Preocupando-se... — ele a corrigiu.

— Hum... Você já pensou em como tudo o que aconteceu vai afetar sua profissão?

— Ah... Está preocupada com o fato de que isso tudo afete minha profissão, fazendo eu me ressentir com você por ter me transformado.

— Você é bem espertinho, não?

— Esperto o bastante para reconhecer uma mulher incrível quando a vejo. — Beijou-a na testa. — Na verdade, eu pensei nisso, e não é uma preocupação. A maior parte dos meus pacientes trabalha e prefere consultas à noite. Eu geralmente passava a maior parte do dia escrevendo meu livro, e os finais de tarde e noites atendendo. A partir de agora, aceitarei pacientes apenas a partir das cinco horas e escreverei o livro enquanto você está no abrigo, podendo dormir de dia.

— Então você trabalhará enquanto estou livre, e escreverá enquanto estou trabalhando?

Greg piscou.

— É mesmo... Você vem pára o abrigo às onze da noite, e eu provavelmente atenderia até as dez. Nunca nos veríamos. Talvez eu pudesse...

— Espere! Você não atenderá aos sábados e domingos. Então, se eu trocar minhas noites de folga para segundas e terças, não nos veríamos muito somente às quartas, quintas e sextas.

— Eu a veria apenas metade da semana? Acho que não — ele disse, descontente, antes de começar a sorrir.

— O que foi?

— É bom saber que você quer continuar me vendo. Não tinha certeza de como ficaríamos. Você não parecia disposta a discutir o futuro.

— Sinto muito. Eu estava um pouco...

— Temerosa? — ele sugeriu.

— Sim, talvez. E um pouco confusa, também. Afinal, tudo aconteceu muito rápido. Mas poderemos conversar quando chegarmos em casa.

— Certo. — Ele se afastou e deu-lhe uma palmada no traseiro. — Agora vá escrever seu bilhete para que possamos sair daqui. O sol nascerá em breve, e já estou com fome de novo. Não deveria estar, pois consumi uma bolsa de sangue antes de sair.

— Você sentirá bastante fome nos próximos dias.

— Sim. Sua família está me alertando a respeito de tudo o que pode acontecer. — Ele a observou sentar-se e pegar um bloco de notas. — Thomas também prometeu que me ensinaria a caçar à noite, para que, em caso de emergência, eu saiba me alimentar à moda antiga.

Lissiana se enrijeceu e fitou-o.

— É mesmo?

— Lissiana, meu amor, estou vendo um toque de ciúme nesses lindos olhos?

Ela fez uma carranca ante a provocação.

— Tenho impressão de que sabe muito bem como se alimentar à moda antiga. Você certamente praticou o suficiente em mim.

— E então, como está esse bilhete? — ele perguntou, sorrindo.

Ela voltou a atenção para o papel e continuou escrevendo.

— Podemos fazer um acordo — Greg disse. — Você promete morder apenas outras mulheres de agora em diante, e eu prometo que, quando sair com Thomas, vou morder apenas outros homens.

Lissiana fitou-o, surpresa com a sugestão, e descobriu que ele estava franzindo o cenho ante as próprias palavras.

— Bem, talvez seja melhor mudar um pouco isso... Posso treinar apenas o controle sobre outras mulheres, sem mordê-las.

Como disse, posso praticar essa parte com você, e eu realmente prefiro não me aproximar tanto de outro homem.

Ela sorriu, divertida, terminando o bilhete e se levantando.

— Mas você não se importa que eu chegue tão perto de outra mulher?

— Hum... — Ele suspirou. — Certo. Segunda correção. Eu vou curar sua fobia para que não precise morder ninguém e...

— Greg... — Ela o interrompeu com gentileza enquanto pegava a bolsa e o casaco. — Podemos discutir isso quando chegarmos em casa. Agora precisamos ir, pois o sol nascerá em breve.

— Certo. — Pegou-a pela mão, e foram até a porta.

Padre Joseph estava parado no fim do corredor quando saíram da sala, e

Lissiana, constrangida, soltou a mão de Greg antes que ele os visse.

— Tudo certo? — p padre indagou.

— Sim — ela respondeu. — Estou apenas surpresa com o fato de Kelly não ter chegado. Ela ligou para avisar que estava doente? — Enquanto Claudia a substituíu em suas noites de folga, Kelly era a garota que fazia o turno do dia, e costumava ser bastante pontual.

— Não. Eu lhe disse que você estava com alguém em sua sala, e ela foi tomar um café.

— Ah, certo. — Lissiana sorriu. — Até mais tarde.

— Tenha um bom dia — padre Joseph disse antes de olhar para Greg. — Foi um prazer conhecê-lo.

— Igualmente, padre — Greg respondeu, abrindo a porta para Lissiana.

— Onde está o jipe de Thomas? — ela perguntou.

— Eu não vim com o jipe. Quando Thomas me levou até o apartamento para que eu fizesse uma mala, aproveitei para ir buscar o meu carro. Faz com que eu me sinta menos...

— Prisioneiro? — ela indagou.

Greg fez uma careta, mas assentiu enquanto a conduzia até o BMW escuro. Abriu a porta do passageiro para que ela entrasse antes de dar a volta e acomodar-se no lugar do motorista. Virou a chave na ignição, erguendo as sobrancelhas ao ver que nada acontecia. Tentou de novo, mas o motor não ligava.

— Que diabos... — Após mais uma tentativa frustrada, praguejou.

— Talvez possamos chamar um táxi — ela sugeriu.

— Estava funcionando bem no caminho até aqui.

Um ruído no vidro os assustou. Ao erguerem os olhos, viram padre Joseph na calçada, do lado do motorista. Greg abriu a janela.

— Algum problema?

— O motor não está funcionando.

— Eu estava saindo para pegar algumas coisas e posso dar uma carona a vocês — o padre ofereceu. — Para onde estão indo?

— Obrigada pela gentileza, mas provavelmente é muito fora do seu caminho — respondeu Lissiana, dando, em seguida, o endereço da mãe.

— Ah! — exclamou padre Joseph. — Não é longe do lugar para onde vou. Isso deve ser obra da Providência divina. Venham! Deixo vocês em casa em um instante. — Virando-se, sem esperar uma resposta, ele andou até a van com o logotipo do abrigo.

Greg fitou-a de forma indagadora.

— Está ficando tarde — ele disse. — Posso ligar para a oficina para que venham pegar o carro enquanto dormimos.

Suspirando, ela concordou.

— Espero que não se importem, mas, como o local fica no caminho, pensei em pegar os suprimentos — disse padre Joseph.

Lissiana olhou para fora. Pelos seus cálculos, estavam a menos de cinco minutos da casa da mãe.

— Acho que seria rápido parar na volta — ele prosseguiu. — Porém, seria bom ter uma ajuda para carregar a Van. Vocês não se importam, não é mesmo? Posso voltar se...

— Claro que não, padre — Greg o interrompeu. — Apreciamos a carona. É justo que o ajudemos.

Ela sorriu de leve ante as palavras educadas. Sabia que Greg estava desapontado com o atraso. Contudo, seria rude que se recusassem a auxiliá-lo.

— Chegamos — padre Joseph anunciou.

Lissiana franziu o cenho ao avistar uma longa entrada para carros, que levava a uma enorme casa branca. Não havia indicações de que fosse um lugar comercial. Ficava no meio do nada, pelo que conseguiu perceber, pois não havia outras casas à vista. Começou a sentir-se desconfortável.

— Aqui vive a senhora que borda nosso logotipo em todas as toalhas, lençóis e fronhas — explicou padre Joseph ao estacionar. — Ela é uma das minhas paroquianas. Uma senhora muito amável.

— Ah... — ela murmurou, relaxando.

— O trabalho demora um pouco mais para ficar pronto aqui do que em outros lugares, mas ela é viúva e precisa do dinheiro. Portanto, trago todos os lençóis e toalhas para ela quando recebo um lote novo.

— É bastante gentil de sua parte — Greg disse.

— Na verdade, fico feliz que estejam comigo. Ela sempre insiste que eu fique para o chá, e hoje terei uma boa desculpa para ir embora.

Lissiana murmurou uma resposta educada e soltou o cinto de segurança enquanto o padre abria a porta e descia da van.

— Ele parece um sujeito agradável, mas é bem falante, não? — Greg comentou assim que ficaram sozinhos.

— Ele tem sofrido de insônia na última semana — ela explicou. Porém, na verdade, não sabia se o padre era falante mesmo quando dormia bem. Como trabalhavam em turnos alternados, mal o conhecia.

— Bem, quanto mais rápido pegarmos esses lençóis, mais rápido chegaremos em

casa. — Virou-se para abrir a porta, mas antes perguntou: — Quanto sol eu posso tomar nesse estágio?

— Não sei — ela respondeu, vendo que amanhecia. — No entanto, isso não deve demorar muito, e estamos a cinco minutos de casa. Você vai ficar bem.

Assentindo, ele abriu a porta e desceu, oferecendo a mão para ajudá-la a sair. Era óbvio que a amável senhora que bordava os lençóis aguardava-os, pois a porta já estava aberta, e padre Joseph entrava na casa enquanto Greg fechava a porta da van.

Eles se apressaram para alcançá-lo e o ouviram falar algo conforme se aproximavam. Ao chegarem à entrada, o padre virou-se, encarando-os.

— Ela disse que está tudo pronto. Precisa apenas terminar de embalar a encomenda — informou-os. — Foi lá atrás colocar o restante nas caixas. E por aqui.

Lissiana fechou a porta da frente e caminhou atrás dos dois pelo corredor. Padre Joseph se deteve e abriu uma das portas, indicando que eles entrassem na frente. Ela seguiu Greg para dentro de um pequeno cômodo, iluminado apenas por uma lâmpada sobre a mesa. Quase se chocou com Greg quando ele parou de súbito.

— Continuem — disse o padre.

Olhando para trás, Lissiana ficou paralisada ao avistar uma arma na mão dele. Confusa, virou-se. Não se surpreendeu ao perceber que não havia nenhuma velha senhora que bordava à vista. Espantou-se, contudo, ao reconhecer o homem parado diante deles, apontado uma segunda arma para o peito de Greg.

— Bob! — ela exclamou.

— Dwayne — ele a corrigiu com irritação, fazendo-a recordar que o chamara de Bob aquela noite no estacionamento, e que ele também a corrigira na ocasião.

— Você conhece esse sujeito? — Greg indagou, afastando-se para o lado e puxando-a junto, de forma que eles encarassem os dois homens armados, em vez de ter um adiante, e outro atrás.

— Sim. — Ela se concentrou em ler os pensamentos de Dwayne enquanto o observava ir até o padre Joseph, de modo que ambos bloqueassem a porta. Incapaz de ultrapassar o temor e a cautela na mente dele, suspirou, dando-se conta da pergunta de Greg e de como respondera. — Não.

— Sim ou não? — ele quis saber.

— De certa forma.

Ele revirou os olhos antes de virar-se para Dwayne ao ouvi-lo dizer: — Fui o jantar da sexta-feira.

Erguendo uma sobrancelha, Greg fitou-a.

— Achei que eu tivesse sido o jantar da sexta-feira — ele sussurrou.

— Meu jantar foi comida chinesa na sexta-feira — respondeu baixinho,

exasperada com o fato de ele se importar com isso em um momento como aquele. — Você foi um aperitivo inesperado, e Bob era anêmico.

— Dwayne — Greg corrigiu-a.

— Ei, estou segurando uma arma aqui! — o sujeito disse, chamando a atenção dos dois.

— Tudo bem, Dwayne. — Padre Joseph virou-se para Greg. — Nós nos conhecemos na sexta-feira, do lado de fora de um bar. Bill, um dos homens que recebemos no abrigo, me disse que havia um novo garoto nas ruas, que estava comendo das lixeiras atrás do bar. Quando fui até lá procurá-lo, encontrei Lissiana. Fiquei surpreso ao vê-la e a cumprimentei. Conversamos, e ela disse que estava comemorando o aniversário com os primos. Expliquei por que estava lá, e ela se ofereceu para ajudar, mas eu lhe disse para entrar porque estava frio. Quando fui checar ao redor da lixeira, encontrei Dwayne.

Greg virou-se para ela, erguendo uma sobrancelha, como se dissesse: "Você o pegou em um bar?"

— Sim, eu sei. — Ela suspirou. — Foi idéia de Mirabeau.

Voltando o olhar para os dois homens à frente, Lissiana se repreendeu pela própria estupidez. Não por pegar estranhos em bares, mas ela realmente fizera uma confusão aquela noite. Esquecera que Dwayne estava perto da lixeira ao correr de volta para o bar, evitando as perguntas do padre. Aquilo explicava como o homem anêmico já tinha se recuperado e saído do estacionamento quando os primos e ela deixaram o bar, instantes depois.

— Dwayne não estava bem — padre Joseph prosseguiu. — Fraco por falta de sangue e confuso. Coloquei-o na van, achando que estava bêbado e que precisava de ajuda. Ia levá-lo até o abrigo, mas ao entrar no veículo notei as marcas no pescoço e levei-o até a casa paroquial. — Ele fitou Lissiana. — Já tinha visto marcas daquele tipo antes... nos pescoços de algumas das pobres almas no abrigo. Quando lhes perguntava a respeito delas, sempre davam as respostas mais ridículas: haviam se ferido por acidente com um garfo, ou tinham caído em um lápis... duas vezes.

Greg olhou-a com incredulidade, fazendo-a revirar os olhos.

— Tente pensar em uma explicação, se é tão esperto — ela sussurrou, sem querer que os outros a ouvissem.

— A explicação de Dwayne — continuou o padre — era que ele tinha puxado da tomada o carregador de seu equipamento para aumento de pênis pelo fio e que a ponta o atingira no pescoço.

Ao ver Greg encará-la, boquiaberto, Lissiana encolheu-se.

— Bem, o homem tinha um pepino dentro da calça e um bronzado falso — ela disse com irritação, esquecendo-se de manter a voz baixa dessa vez.

— Eu não tinha! — Dwayne gritou, corando, e então arruinou a negativa ao perguntar: — Além do mais, como você sabe a respeito do pepino? Fizemos alguma coisa atrás das lixeiras, afinal?

— Não — ela retrucou, depressa, mais para Greg do que para ele. — Eu soube da mesma forma que soube que ele era anêmico — sussurrou para Greg.

— Mordendo-o? — ele indagou, incrédulo. — Aonde exatamente você o mordeu?

— Lendo a mente dele — ela murmurou, irritada.

— Ah, certo — disse Greg, aparentemente lembrando-se de que todos, exceto ela, tinham lido sua mente.

— Comecei a juntar as coisas enquanto Dwayne comia os biscoitos e bebia o suco que lhe dei — padre Joseph explicou. — As marcas de mordida nas pessoas no abrigo e as marcas nele, sua presença no abrigo e no estacionamento aquela noite. Juntei tudo, e a única coisa que fez sentido foi que você era... — ele fez uma pausa — uma vampira.

Lissiana controlou-se para não revirar os olhos ante o tom dramático.

— Soube então que você me foi enviada por Deus. E que eu era o único que poderia manter meu rebanho a salvo do demônio desalmado que você é. No entanto, eu não a conhecia bem. Você trabalha à noite, e eu raramente a vejo, mas você parece tão... agradável. — Ele pronunciou a palavra com certo horror, obviamente desolado pelo fato de ela não corresponder à imagem que ele tinha de uma cruel sanguessuga. — E a idéia da existência de vampiros era incrível. Impossível. Mas que outra explicação haveria? Tudo se encaixava. Ainda assim, eu precisava ter certeza antes de fazer algo drástico.

— Então você levou a sopa de alho para o abrigo, benzeu os bebedouros e encheu meu escritório de cruzes — Lissiana concluiu.

— Ele fez tudo isso? — perguntou Greg, espantado. — Você nunca comentou.

Dando de ombros, ela desejou ter falado a respeito do assunto. Talvez Greg tivesse se dado conta da desconfiança do padre. Analisando a situação, supôs que ela mesma devia ter percebido que havia algo errado, mas ele sempre tinha uma explicação razoável. Além disso, antes da semana anterior, ela mal vira o homem, embora tivesse ouvido falar muito sobre ele, especialmente quanto ao fato de ser fervoroso na devoção a Deus. E algo que ela aprendera ao longo dos séculos era que não havia nada mais perigoso que um fanático. Não duvidava de que, para ele, vampiro equivalia a demônio. Convencê-lo de que era uma "boa" vampira estava fora de questão, mas talvez conseguisse persuadi-lo de que não era uma vampira. Afinal, todos os testes que ele aplicara haviam falhado.

— Sim, eu fiz tudo isso — ele respondeu. — Imagine meu espanto quando nada funcionou.

— Nada funcionou porque não sou o que acha que sou — ela afirmou tranquilamente.

— Você mordeu o pescoço dele. Dwayne estava pálido pela perda de sangue. Se eu não tivesse chegado, você poderia te-lo sugado até a morte. Deve ter escutado quando eu me aproximei.

— Não, padre, eu não escutei — ela disse, exasperada. — Ele estava pálido porque é anêmico.

O padre olhou para Dwayne.

— É verdade — o sujeito assentiu, desconfortável. Franzindo o cenho, padre Joseph virou-se de novo para ela e insistiu:

— Você tem se alimentado das pessoas no abrigo, pobres almas que já perderam tudo.

Lissiana mexeu-se, sentindo-se culpada. Colocado daquela forma, parecia mesmo horrível. O fato de ela esperar ajudar as pessoas não parecia compensar o que fazia.

— Veja bem, padre... — Greg deu um passo adiante, mas parou quando o homem ergueu a arma.

— Sei que armas não podem fazer muito estrago. Mas farão algum, e estas estão carregadas com balas de prata, se é que isso faz alguma diferença.

— Com certeza, faz, se você é um lobisomem — Lissiana disse, revirando os olhos.

— Onde você conseguiu balas de prata? — Greg perguntou.

— Na internet — Dwayne explicou.

— Bem, as balas pelo menos vão afetá-los para que possamos cravar as estacas em vocês — o padre falou. — E estacas, como vimos a outra noite, são muito eficazes... embora obviamente não sejam fatais.

— Foi você? — Lissiana gelou. — Disse que precisava ter certeza antes de tentar algo drástico. Passei nos testes, e ainda assim você me atacou?

— Eu escutei... — Ele se mexeu, parecendo desconfortável.

— Escutei Claudia, a garota que trabalha com você, dizer para Debbie que precisava pedir-lhe para trocar de turno com ela, mas que não conseguia falar com você. Debbie disse que você passou o fim de semana na casa da sua mãe, mas que dormiria na casa dela aquela noite e que lhe daria o recado.

Lissiana respirou fundo. Sempre tivera certeza de que Debbie não poderia estar por trás do ataque, mas nunca lhe ocorrera que ela tivesse comentado aquilo com alguém.

— Liguei para Dwayne. Ele ia até lá apenas observar você.

— E eu pretendia fazer só isso — Dwayne falou. — Só peguei a estaca para o caso de eu ter sorte. — Ao notar o olhar duvidoso de Lissiana, prosseguiu: — De verdade. Vampiros são criaturas da noite, e eu imaginei que precisaria esperá-la

deitar-se ao amanhecer. Achei que iria só inspecionar o local, descobrir em que quarto você estava dormindo e qual era o de Debbie quando vocês duas fossem para a cama. — Ele sorriu.

— Mas, quando cheguei lá, as cortinas estavam abertas, e eu vi vocês dois no sofá antes de irem para o quarto. Então eu fui até a janela do quarto para espiar o resto da ação.

Lissiana sentiu-se corar das pontas dos pés à cabeça. Em seguida, ficou brava com a idéia de que aquele sujeito os observara em sua primeira vez juntos.

— Vi quando o mordeu, e foi a prova de que eu precisava. — Ele deu outro sorriso. — Não acreditei na minha sorte quando você o deixou no quarto e foi dormir no sofá. E, quando eu mexi na porta de correr da sala e descobri que estava destrancada... Era bom demais para ser verdade. — Olhou para o padre e sorriu. — Quase como uma graça de Deus.

— Mas não funcionou — ela disse. — Se fosse o desejo de Deus que você me matasse...

— Foi culpa minha — padre Joseph interrompeu. — Eu não devia ter mandado o garoto. Devia ter ido eu mesmo. Também devia ter pesquisado mais. Se tivesse feito isso, estaríamos preparados para aproveitar a oportunidade que Deus proporcionou. Em vez disso, ainda estávamos contando com o que sabíamos dos filmes e livros. Eu ainda não tinha aprendido a minha lição.

O padre estava pálido e exausto pela falta de sono. Ele não descansara muito na última semana, dobrando o turno, trabalhando no abrigo durante o dia e dedicando-se a proteger o rebanho à noite. Lissiana sabia que privação de sono podia levar a ansiedade extrema e alucinações, entre outras coisas. Suspeitava que, em relação ao padre, aquilo causara um distanciamento da realidade. Devia tê-lo afetado demais, se ele realmente acreditava que Deus a pusera no caminho dele para que a matasse.

— Então, como eu dizia... — Dwayne chamou a atenção de todos para ele de novo. — Entrei na casa, e você nem se mexeu. Mas estava deitada de lado, e eu estava pensando em como a faria virar-se quando, de repente, você se virou.

— Eu estava com frio — ela resmungou. — Eu me virei para ir atrás de outro cobertor.

— Foi um milagre — afirmou o padre. — No começo, fiquei muito aborrecido com o ataque, até ele me explicar que tinha visto você morder seu amigo. Então, soube que era o desejo de Deus. Não consegui acreditar quando sua mãe ligou para o abrigo a noite seguinte, dizendo que você não iria trabalhar porque estava doente. Você tinha de estar morta! Àquela altura, eu até pensei que fosse mentira, mas... Foi quando eu finalmente fiz a pesquisa que devia ter feito desde o início.

— Eu fiz a pesquisa — Dwayne o corrigiu, irritado. — Você nem sabe acessar a internet.

— Bem, eu usei os recursos que Deus me enviou e chamei meu amigo aqui para fazer a pesquisa. Dwayne encontrou muitas informações. Claro que havia o mesmo de sempre a respeito de cruzes, água benta e alho, o que já sabemos que não funciona, mas havia também sugestões de como derrotar os de sua espécie. Alguns sites dizem que basta cravar uma estaca no coração, mas outros alegam que, assim que a estaca é removida, o vampiro pode ressuscitar... como aconteceu com você. Esses sites explicam que se deve cortar a cabeça de um vampiro para eliminá-lo. Sabendo que eu não conseguiria fazer isso sozinho, pedi a ajuda de Dwayne de novo, e nós preparamos esta casa e planejamos atrair vocês até aqui esta manhã. Eu esperava que você tivesse ido ao trabalho com seu próprio carro, como normalmente faz. Quando foi de carona ontem à noite, temi que o plano precisasse ser adiado, mas então seu amigo apareceu. A Providência divina deu uma mãozinha outra vez. — Ele suspirou, satisfeito. — Enquanto ele estava na sua sala, liguei para Dwayne, que me explicou como mexer no carro para que não desse a partida. Ele veio para cá esperar nossa chegada... e aqui estamos. Claro que, quando concebemos o plano, esperávamos apenas Lissiana. Portanto, temo ter trazido apenas uma estaca.

— Que pena... — disse Greg. — Isso quer dizer que vamos ter de deixar isso para outro dia, certo?

— Não será necessário. Tenho um pouco de madeira na van, e logo poderemos fazer outra estaca... Ou talvez possamos usar a mesma nos dois, um de cada vez. Primeiro em Lissiana. Depois, nós a decapitamos antes de fazer o mesmo com você.

— As damas primeiro, é? — ela indagou com sarcasmo.

— Farei isso da forma mais rápida e indolor possível — o padre garantiu, solenemente. — Seria mais fácil que vocês não lutassem e permitisse que eu acabasse logo com isso. E depois vocês encontrariam a paz. — Fazendo uma careta, ele acrescentou: — Seria muito mais simples do que atirar em vocês meia dúzia de vezes, e então usar a estaca enquanto estivessem fracos.

— Padre, eu dificilmente permitirei que crave uma estaca em meu peito — Lissiana disse com paciência.

— Eu tinha medo de que você nos forçasse a fazer isso da forma mais difícil. Não tema. Estamos preparados. Dwayne, chegou a hora.

Ao ouvir aquelas palavras, o rapaz tirou um controle-remoto do bolso.

— Ele armou isso hoje — padre Joseph informou. — É muito esperto.

Lissiana ficou tensa, alerta para qualquer eventualidade. Quando Dwayne pressionou um botão no controle, um estrépito a fez olhar para cima. A impressão que teve foi que uma camada se desgrudava do teto. Ela observou, estupefata, quando a cobertura começou a deslizar pelo telhado inclinado em direção às paredes.

Percebeu, então, que se tratava de um gigantesco tecido negro que fora pendurado de forma a cobrir o telhado e as paredes, e preparado para soltar-se

quando Dwayne pressionasse um botão no controle-remoto. O pesado tecido escorregava para revelar que o quarto escuro no qual se encontravam era, na verdade, um aposento ensolarado, com teto e paredes de vidro, com exceção da que estava atrás de padre Joseph e de Dwayne. Durante aquela conversa, o sol tinha nascido e brilhava, penetrando o quarto.

— Não está acontecendo nada com eles — Dwayne murmurou quando a cobertura negra caiu totalmente no chão do lado de fora.

Padre Joseph fez uma carranca, e pegou no bolso seu telefone, que começara a tocar.

— Fique vigiando os dois — ele orientou, aproximando-se da porta.

Dwayne passou a língua pelos lábios com nervosismo, apontando a arma para eles. Lissiana notou que o revólver estava tremendo e esperou que ele não os atingisse por acidente.

— Certo, Lissiana, agora é o momento certo — Greg murmurou.

— Momento certo para quê?

— Você sabe. — Ele acenou com a cabeça na direção de Dwayne. — Faça aquilo. Ponha um feitiço nele ou algo parecido. Eu tentaria, mas você não me ensinou essas coisas ainda.

— Eu já tentei, mas não funcionou. Eles sabem o que somos.

— E daí? Sua mãe conseguiu me controlar depois que descobri o que são.

— Não. Foi tia Martine quem fez isso. Ela é mais velha e mais poderosa que mamãe, e precisou estar dentro da sua mente. Em geral, conseguimos controlar o comportamento com uma sugestão. Porém, esses dois, cientes do que somos, estão cautelosos, o que os torna resistentes. Eu teria de me inserir nos pensamentos deles para controlá-los, e não posso fazer isso com ambos ao mesmo tempo.

— Então...

— Se eu controlar um deles, e o outro atirar em algum de nós, haverá sangue.

Greg suspirou ao perceber as implicações daquilo. Graças à fobia de Lissiana, que ele não tinha curado, ela desmaiaria. Nenhum dos homens seria controlado, e os dois acabariam mortos. Ou talvez não.

— Eu sou mais forte e rápido que eles, não?

— Ainda não muito — ela disse. — No final do mês, você vai ser dez vezes mais rápido e forte, e isso irá aumentando com o passar do tempo. Porém, agora você ainda é novo, e está formando suas habilidades e forças. Além disso, eu não quero feri-los... bem, pelo menos não padre Joseph.

— O homem está planejando nos matar, Lissiana.

— Sim, mas não porque ele seja mau ou cruel. Ele apenas pensa que está

cumprindo uma tarefa divina e nos dando paz. Tem crenças muito fortes.

— O que vamos fazer, então?

— Não tenho certeza. Estava esperando convencê-lo a não nos matar. Talvez persuadi-lo de que ele cometeu um erro, e de que não somos vampiros.

— Bem, é melhor você falar depressa, pois acho que o sol já está me afetando.

Lissiana fitou-o com preocupação. Viu que ele empalidecera, e repreendeu-se por não ter percebido que aquilo o afetaria depressa. Ela não sentia nada, mas os nanos de Greg estavam fazendo um trabalho duplo, ainda provocando alterações menores, porém necessárias, no corpo e tendo também que reparar os danos causados pelos raios solares. Mesmo sem a luz do sol, ele precisaria se alimentar mais do que ela pelos próximos meses, mas daquela forma...

— Há uma emergência no abrigo — padre Joseph anunciou, retornando. — Preciso ir embora. É melhor acabarmos logo com isso. — Ele hesitou um instante antes de suspirar e erguer a arma.

— Espere — disse Greg quando ele apontou o revólver para Lissiana. — E se você estiver errado?

— A respeito do quê? Ela é uma vampira!

— É mesmo? Tem certeza? — Ao vê-lo assentir com firmeza, prosseguiu: — E o alho, as cruzes, a água benta, o sol? Tinha certeza de tudo isso também, mas nada a afetou. Isso não lhe diz algo?

O padre franziu o cenho, mas logo meneou a cabeça.

— Sim, isso me diz que os filmes e livros estão todos errados a respeito de como lidar com vampiros.

— E se eles não estiverem errados? E se vocês estiverem?

— Dwayne enfiou uma estaca no peito dela, e ela ainda está viva. É uma vampira.

— Ele tentou fazer isso — Greg afirmou em um tom paciente. — Mas é preciso muita força para ultrapassar músculo e ossos do peito, e ele não golpeou tão forte. A estaca acertou a clavícula e parou.

— Impossível! — Dwayne gritou.

Lissiana controlou a surpresa ao ouvir aquelas palavras. A mira do sujeito fora boa e, por pouco, ele não a atingira no coração.

— Estava escuro — falou Greg. — O que, felizmente, afetou sua mira. Você só furou a pele e atingiu a clavícula. Houve muito sangue, mas pouco dano real.

— Isso pode ser verdade? — O padre encarou Dwayne e, vendo a expressão de insegurança, voltou-se para Lissiana. — É verdade?

— É, sim — ela confirmou. — Fiquei na emergência a maior parte da noite, mas eles me deram alguns analgésicos, fizeram dois pontinhos e me mandaram para casa.

Eu teria ido trabalhar, mas precisei ir até a delegacia para prestar queixa, o que demorou.

— Mas eu tenho certeza de ter acertado... Eu senti entrar... — Dwayne balbuciou.

— Eu tinha vários cobertores sobre mim — ela mentiu. Por causa da escuridão, Dwayne não teria como saber que estivera coberta apenas com uma manta. — Eles amenizaram o impacto do golpe.

— Ela não é uma vampira, padre. Nem eu. Sou psicólogo.

— Você é psicólogo dela? — padre Joseph indagou, surpreso.

Ao ver Greg sorrir, Lissiana soube que ele tinha um plano. Era melhor que funcionasse, pois a aparência dele estava bastante ruim.

— Sim. Pode verificar minha identidade, se quiser. — Greg tirou a carteira do bolso e lançou-a no chão diante deles.

Dwayne abaixou-se para pegá-la.

— Dr. Gregory Hewitt — ele leu em voz alta. — O nome é familiar.

— Foi publicado um artigo no jornal sobre você umas duas semanas atrás — comentou padre Joseph.

— Sim — Greg assentiu.

— Eu li — disse Dwayne. — Você é o especialista em fobias.

— São minha especialidade, mas eu também trabalho com outros distúrbios, e a mãe de Lissiana entrou em contato comigo porque estava preocupada. Lissiana sofre de... — Ele hesitou. — Vocês já ouviram falar em licantropia?

— Sim — Dwayne respondeu. — É quando a pessoa acha que é um lobisomem, certo?

— Certo. Bem, Lissiana sofre de uma doença parecida. Ela acha que é uma vampira.

Os dois homens se viraram para ela, e Lissiana esperou não demonstrar sua surpresa. Não tinha esperado uma história como aquela, mas talvez funcionasse...

— Mas ela é uma vampira — o padre protestou. — Mordeu várias pessoas.

— Abra a boca — Greg lhe disse.

— O quê? — ela indagou, confusa com a ordem súbita.

— Mostre a eles seus dentes. — Ele tomou seu rosto nas mãos, explicando: — Ela resiste, pois não está com as presas falsas.

Percebendo o que Greg fazia, ela relaxou, permitindo que ele abrisse sua boca.

— Estão vendo? Sem presas. — Ele ergueu com gentileza seu lábio superior. Foi um gesto rápido o bastante para eles verem que não havia presas, mas não para

notarem que as pontas eram afiadas. — Ela possui dentes de cerâmica, que cola sobre os caninos reais quando sai para os bares em busca de alguém para morder. Ela trabalha à noite porque, é claro, vampiros não podem sair à luz do dia. Ela segue todas as leis dos vampiros, evitando alho e símbolos religiosos.

— Ela comeu o alho que eu lhe dei no abrigo. E não reagiu às cruzes no escritório. Se ela acredita ser uma vampira, não deveria pelo menos ter reagido a isso?

Lissiana olhou para Greg, imaginando como ele explicaria aquilo.

— Ela não estava em sua personalidade vampírica.

— O quê? — Dwayne indagou. — Está dizendo que ela tem múltipla personalidade, ou algo assim?

— Sim. Ela tem duas personalidades dissociadas. Uma é só... Lissiana. A outra acha que é uma vampira de duzentos anos.

— Mas... — Padre Joseph interrompeu-se quando o telefone tocou outra vez. Tirou-o do bolso. — Alô?

Lissiana olhou para Greg. Além da palidez, havia gotas de suor na testa dele. Estava sofrendo.

— Não importa onde estou. Vou agora mesmo. Chegarei em vinte minutos — disse o padre ao telefone. Desligando, voltou-se para eles. — Precisamos terminar isso. Tenho que retornar. Não há mais tempo para discussão.

— Então deve deixar-nos ir embora. — Greg deu um passo adiante, apenas para imobilizar-se quando um tiro explodiu no aposento.

— Ah, meu Deus... — Dwayne ofegou. — Eu não queria fazer isso. Por que ele se mexeu? Eu não...

Lissiana olhou dele para Greg, confusa. Porém, quando Greg virou-se lentamente para ela, viu o sangue espalhando-se no peito largo. Ciente do zumbido em seus ouvidos, ela se fixou na marca vermelha sobre o tecido, notando que aumentava cada vez mais. Em seguida, experimentou uma sensação de queda e soube que estava desmaiando.

— Não abra os olhos. Você pode desmaiar de novo. Aquelas foram as primeiras palavras que ela escutou ao recobrar a consciência.

— Greg?

— Sim?

— Você está à minha direita? — ela indagou, apesar de ter notado a direção de onde vinha a voz. Queria apenas fazê-lo falar de novo, pois ele soava um pouco estranho.

— Sim. Acho que isso me torna seu braço direito. — As palavras foram seguidas

por uma risada forçada. Ele também estava falando por entre os dentes, o que indicava que sofria.

Lissiana virou a cabeça para a esquerda, abriu os olhos e viu-se encarando um quintal ensolarado. Não havia sinal do padre ou de Dwayne. Ela e Greg estavam sozinhos naquele cômodo envidraçado. Virando a cabeça um pouco mais, notou que estava sentada, apoiada na única parede que não era de vidro. Os braços estavam acima da cabeça, atados a correntes presas à parede.

— Você também está acorrentado?

— Sim.

— O que aconteceu? Por que não nos mataram?

— Bem, o fato de você desmaiar ao ver sangue os confundiu, pois não se encaixa na imagem de uma poderosa vampira má. Agora, eles não sabem o que pensar. Padre Joseph não sabia o que fazer, mas precisava ir. Portanto, decidiu nos prender enquanto lida com a emergência no abrigo.

— Quer dizer que eles não acreditam que somos vampiros e, ainda assim, foram embora, deixando você ferido e sangrando?

— Sim, é por aí. Seu padre correu para me ajudar depois que você desmaiou. Abriu minha camisa e começou a conter o sangue. Ele e Dwayne discutiram se deviam ou não chamar uma ambulância. Padre Joseph achava que sim, mas o rapaz não queria. Ficou com medo de ser preso por ter atirado em mim. Quando o padre finalmente o convenceu e veio cuidar outra vez da minha ferida, viu que tinha diminuído e mandou Dwayne desligar o telefone. Ficou aborrecido que a bala de prata não tenha me matado... Aliás, a bala foi expelida enquanto eles discutiam. Como isso...

— Os nanos a consideraram um corpo estranho e trabalharam para expeli-la — ela explicou, rapidamente. — Então eles planejam lidar com a gente quando padre Joseph voltar?

— Sim. A boa notícia é que o padre trouxe a madeira que mencionou ter na van, e Dwayne está fazendo uma estaca. Portanto, podemos ser mortos com as estacas ao mesmo tempo, se for o que decidirem.

— Droga!

— Meus exatos sentimentos... — Greg concordou. Ficou em silêncio, e ela achou ter ouvido um indício de gemido antes que ele o controlasse.

Preocupada, Lissiana fechou os olhos, virou a cabeça para a direita, inclinou-a para trás e abriu os olhos. Suspirou ao notar que fitava a parede e o teto de vidro. Lentamente, abaixou o olhar até avistar o topo da cabeça de Greg... e então a testa, os olhos, o nariz e a boca. Parou quando o rosto inteiro estava em seu campo de visão, sabendo que, se visse uma gotinha de sangue, desmaiaria de novo.

Agora que podia vê-lo, quase se arrependia de ter olhado. Entre o ferimento e o

sol, Greg estava mal. Apoiava-se à parede, como ela, mas pendia a cabeça para trás, como se não suportasse o peso. Os olhos estavam fechados, e a face, muito pálida e contraída de dor. Ele precisava desesperadamente de sangue, e sofria demais. Sem notar que era observado, ele respirou fundo antes de falar:

— Talvez eles ataquem apenas a mim. Acreditam que sou um vampiro, mas não sabem o que fazer com você. Aham que pode ser uma vampira jovem porque desmaiou ao ver sangue. Padre Joseph mencionou que, se esse fosse o caso, você poderia voltar ao seu estado normal se eu fosse derrotado.

— Oh... — Lissiana sentiu o coração se apertar ao vê-lo morder o lábio de dor. O estúpido homem tentava ser corajoso e não deixá-la perceber o quanto estava sofrendo. Se fosse ela, estaria fazendo um escândalo. Não era uma grande fã de dor. Decidindo que precisava tirá-lo dali, olhou para cima e puxou as correntes. — Estou surpresa que Dwayne não tenha ficado aqui, vigiando.

— Ele ficou por um tempo. Sentou-se e começou a esculpir a maldita estaca, mas então ficou meio assustado e foi embora. Acho que ele está lá fora, esperando padre Joseph.

— Ele se assustou com o quê?

— Acho que pode ter tido algo a ver com a minha ameaça de arrancar e comer o coração dele.

— O quê? — Ela riu, incrédula.

— Bem, eu estava com dor, mal-humorado e insatisfeito com o fato de ele ter se recusado a chamar uma ambulância, o que permitiu que o padre notasse que o ferimento estava sumindo. Além disso, o idiota não parava de fazer as perguntas mais estúpidas, do tipo: "Como é o sexo com uma vampira?" e "Um sujeito pode ficar mais tempo excitado se é um vampiro?". Ele é um fracassado patético. Não acredito que você o tenha mordido. — Antes que ela pudesse responder, indagou: — Não foi como quando nós... Quero dizer, você não gostou... — Interrompeu-se e mudou de posição, estremeando de dor.

— Não foi como é quando eu mordo você — ela explicou, reconhecendo que ele estava com ciúme. Não podia culpá-lo. Todas as mordidas deles envolviam beijos e, com frequência, muito mais do que isso. — Beijar normalmente não faz parte do ato de me alimentar. Você foi um caso especial. E, quanto a ele ser um fracassado patético, eu me sinto menos culpada por tê-lo mordido.

Greg riu e estremeceu de dor outra vez.

— Eu não me sentiria nem um pouco culpado por mordê-lo.

— Talvez você tenha sua chance — ela murmurou, virando-se de novo para as correntes. Imaginou que, se conseguisse soltá-los, Dwayne seria o almoço de Greg. Anêmico ou não, esperava que ele ao menos lhe desse um pouco de força para que pudessem escapar. Iriam até em casa e enviariam a mãe e os outros até lá. Eles

poderiam apagar a memória dos dois.

— Bem, acho que tudo isso quer dizer que eu precisarei abandonar meu emprego no abrigo, o que resolve nossa preocupação quanto ao conflito de horários.

— É verdade. — Greg riu e começou a tossir.

— Você está bem?

— Sim. É só uma coceira na garganta. Preciso beber algo. Eu me sinto tão seco...

Lissiana comprimiu os lábios. Sabia que eram os nanos. Eles sugariam sangue a uma velocidade incrível, e o corpo de Greg extrairia água de onde fosse possível para criar mais sangue e saciá-los. Em vez de dizer algo, ela simplesmente voltou a examinar as correntes.

Havia uma mais longa, que prendia seus pulsos e passava por uma argola presa à parede. Observando com atenção, notou que as extremidades da grossa peça de metal não eram soldadas. Se aplicasse bastante pressão, poderia ampliar o espaço onde as pontas se uniam para soltar sua corrente.

— Então... — Greg disse, fazendo-a voltar o olhar para ele. — Como em todos os péssimos filmes de terror, terminamos aqui, um casal de vampiros atacado com estacas à luz do sol.

Lissiana riu.

— Hollywood não entende os vampiros.

— Acho que eles têm inveja. Todo aquele dinheiro e sucesso e, ainda assim, vão envelhecer e morrer.

— Sim — ela concordou, mas não estava mais achando graça. Vivera duzentos anos. Greg tinha apenas trinta e cinco, e nem sequer mordera alguém. Certo, ele a mordera, mas aquilo não contava. Ele podia morrer só por ser de sua espécie... E não dissera que o amava. Por quê? Por causa do medo. Medo de cometer um erro, de ser magoada. Horas atrás, decidira não sentir mais medo. Portanto, era o momento de dizer-lhe. Podia ser agora ou nunca. — Greg, você se lembra de quando me perguntou a respeito do verdadeiro parceiro eterno?

— Sim, e você respondeu que, segundo sua mãe, havia um para cada pessoa.

— Eu não lhe contei como nós os reconhecemos. — Ela respirou fundo. — Há dois sinais para identificarmos nosso parceiro eterno: não conseguimos ler a mente dessa pessoa, nem podemos controlá-la. Assim como eu não consigo ler nem controlar você,

— Eu sei — declarou ele, fazendo-a encará-lo. — Thomas me disse.

— Quando? — ela indagou, surpresa.

— Ontem à noite. Fez com que eu me sentisse melhor.

— Por quê?

— Porque percebi que o que estava sentindo era o meu destino.

— E isso tudo, também era o destino?

— Lissiana... — Ele virou a cabeça lentamente para fitá-la, e ergueu as sobrancelhas ao perceber que era observado. — Eu não me arrependo de nada. Mesmo que eu morra hoje, eu não teria aberto mão do que aconteceu. — Ao ver que ela apenas o encarava, Greg sorriu. — Você já percebeu como, quando está feliz, o tempo parece passar mais rápido? E que, quando está triste, ele se arrasta?

— Sim.

— Minha vida passaria em um piscar de olhos com você, tanto se durasse um milênio quanto um mês. Isso é o quanto estou feliz ao seu lado.

Ele estava dizendo que a amava. Lissiana inspirou profundamente.

— Também estou feliz ao seu lado. Eu amo você, Greg, e gostaria que fosse meu parceiro eterno.

— Eu amo você, e gostaria disso também. Esperei trinta e cinco anos por você, e me apaixonei em alguns dias. Gostaria de ser seu companheiro para sempre. Porém, isso não importa, pois não teremos mais do que algumas horas. — Ele meneou a cabeça. — Não acredito que vou perdê-la quando acabei de encontrá-la.

— Você não vai me perder. Nós vamos sair daqui.

— E como faremos isso?

Greg parecia esgotado. Sabia que ele não permaneceria consciente por muito tempo. Sentiu a raiva dentro de si, e permitiu que o sentimento crescesse, alimentando uma fúria que ampliaria sua força. Se ele tinha esperado trinta e cinco anos, ela aguardara por mais de duzentos, e não permitiria que ninguém o tirasse dela, especialmente um confuso padre e o idiota que o acompanhava.

— Assim... — Olhando para cima, segurou com firmeza as correntes e puxou com força. — Somos mais fortes e mais espertos que eles, Greg. — Lançou-se para a frente outra vez e endireitou-se para ver que o espaço entre as pontas da argola estava cada vez maior. Com a tentativa seguinte, conseguiu alargá-lo o suficiente e, por fim, a corrente se soltou, chocando-se contra sua cabeça.

— Você está bem? — Greg perguntou.

Ela assentiu, notando que a voz dele tinha melhorado. A esperança estava lhe dando forças. Livre da parede, ela ia se virar para ele, mas se deteve a tempo, lembrando-se de que não podia fitá-lo.

— Isso pode pegar mal — ele disse.

— O quê? — Lissiana perguntou, levantando-se e olhando para a parede. Segurou a argola da corrente que o prendia.

— Ser salvo por uma garota. Vai ser ruim para o meu ego. Homens não devem ser salvos por garotas.

Ela sorriu, aliviada com o tom leve da voz dele.

— Seu ego vai sobreviver. E você pode nos salvar da próxima vez, se isso o fizer sentir-se melhor.

— Meu Deus! Quer dizer que isso acontece com frequência? — ele indagou enquanto ela segurava a corrente com as duas mãos.

— Quase nunca. — Apoiando um dos pés na parede, ela puxou com toda a força.

— O que exatamente isso significa? Preciso esperar por esse tipo de coisa, digamos... uma vez a cada cinquenta anos?

— A cada cem, mais ou menos. — Puxou de novo a corrente, alargando ainda mais o espaço entre as pontas da argola. — Além disso, você já me salvou uma vez, quando fui atacada. Agora é a minha vez. — Deu outro puxão na corrente e cambaleou, quase perdendo o equilíbrio, ao conseguir soltá-la. Apoiou-se à parede por alguns instantes, a fim de se recuperar do esforço.

— Você está bem?

— Sim. — Ela tentou imaginar como iria tirá-lo de lá sem ver o sangue e desmaiar. Escutou um ruído, e soube que Greg estava tentando se levantar. Afastando-se da parede, ajoelhou-se ao lado dele e tateou ao redor até tocá-lo no braço e ajudá-lo a se levantar. — Você terá de ser os meus olhos — disse, quando ambos ficaram em pé.

— Precisamos mesmo lidar com a sua fobia. — Ele suspirou, começando a caminhar com dificuldade.

— Amanhã. Agora, vamos.

Ele a conduziu para fora do quarto, e Lissiana soube que tinham se afastado da luz do sol antes que Greg dissesse:

— Já estamos dentro da casa. Está escuro. Pode abrir os olhos. Ela obedeceu e viu que se encontravam no corredor.

Suspirando, dirigiu-se à porta mais próxima, puxando Greg. Chegaram à cozinha. Não havia luzes acesas, e as janelas tinham cortinas, mas a luz que entrava pelas brechas era suficiente para que pudessem enxergar. Ajudou-o a entrar e a sentar-se em uma cadeira, pousando os olhos em uma pilha de cartas sobre a mesa. Na de cima, havia o nome "Dwayne Chisholm", mas na que estava abaixo dela lia-se "Sr. e sra. Jack Chisholm".

— Deve ser a casa dos pais dele — Greg murmurou, vendo a correspondência. — E, a julgar pela quantidade de cartas fechadas, eles devem estar viajando.

— Sim — ela concordou, virando-se para a porta ao escutar o som de um veículo que se aproximava.

— Padre Joseph voltou — disse Greg.

— Fique aqui — ela falou, e foi até o corredor. Ouviu o que parecia a porta de um carro se fechando, depois outra, e então o som da porta lateral de uma van deslizando. Imaginou se o padre estaria acompanhando. Chegando à janela da frente, olhou por entre a cortina, pronta para correr caso eles se aproximassem da casa. Porém, ficou imóvel ao reparar quem estava no jardim ao lado de Dwayne. — Greg, está tudo bem! — gritou, abrindo a porta e indo até a varanda.

— Lissiana! — Juli avistou-a e correu até ela, com Vicki, Elspeth e Marguerite logo atrás. Apenas Martine não se adiantou, e Lissiana soube que ela devia estar concentrada em controlar Dwayne e apagar-lhe a memória.

O rapaz tinha visto Thomas, Jeanne Louise e Mirabeau com ela no bar, mas não conhecera o restante da família. Portanto, não ficara tão cauteloso ao vê-los se aproximar, o que o deixara vulnerável ao controle.

— Podemos sair? — Thomas gritou de dentro da van.

— Sim — Marguerite respondeu. — Martine o tem sob controle.

Mirabeau, Jeanne Louise e Thomas começaram a descer do veículo.

— Traga sangue, se tiver! Greg não está bem — Lissiana gritou antes de ser abraçada pelas gêmeas.

— E você, está bem? — Marguerite quis saber.

— Sim. — Sorriu quando Juli e Vicki a soltaram. — Como vocês nos encontraram?

— Ficamos preocupados ao ver que você não voltava para casa. Afinal, a questão do ataque ainda estava pendente. Mesmo você não achando que sua amiga Debbie tivesse algo a ver com isso, eu suspeitei. Ao ver que você não chegava, liguei para o abrigo. Uma garota chamada Kelly atendeu e disse que você e "um sujeito lindo" tinham saído com padre Joseph.

Lissiana assentiu. A sala que ela e Kelly compartilhavam dava para o estacionamento. A garota devia tê-los visto pela janela ao entrar no escritório.

— Eu não sabia o que fazer — sua mãe continuou. — Então, entramos todos na van e fomos até o abrigo. Debbie ainda estava lá, e eu li a mente dela. Descobri que ela havia comentado com uma moça chamada Claudia que você estaria na casa dela aquela noite. Fiquei sabendo também que o padre Joseph tinha escutado a conversa.

— Então, suspeitamos dele — Thomas disse, chegando na varanda com uma caixa térmica contendo sangue. Ao ver que Lissiana olhava para o que estava carregando, explicou: — Tia Marguerite nos fez trazer isso quando saímos... Só por precaução. Onde está Greg?

— No final do corredor, última porta à esquerda — ela respondeu, desejando ir junto. Porém, sabia que seria perda de tempo, pois desmaiaria ao ver o sangue. — Você não teria uma camisa extra para emprestar para Greg, não é?

— Vou ver o que posso fazer — Thomas falou, entrando na casa.

Lissiana virou-se para a mãe.

— Vocês eram a emergência no abrigo?

— Sim. — Jeanne Louise sorriu. — Sabíamos que precisávamos encontrar padre Joseph. Fizemos a garota chamada Kelly ligar para ele. Como ele não revelou onde estava, inventamos uma emergência para atraí-lo de volta ao abrigo. Assim, poderíamos ler a mente dele e descobrir onde vocês estavam.

— O que fizeram com padre Joseph?

— Lucian está lidando com ele — Marguerite informou.

— Apagará a mente dele e nos encontrará em casa. E Martine está cuidando de Dwayne. Ela o levou para os fundos da casa, pois precisa de silêncio para trabalhar. É mais difícil quando sabem o que somos. Agora venha, Lissiana. Você está pálida. Temos outra caixa térmica na van.

— Não temos uma intravenosa — observou Jeanne Louise.

— Mas Thomas disse que, se fecharmos os seus olhos, podemos encaixar as bolsas em suas presas.

— Sim. — Marguerite meneou a cabeça. — Não sei como não pensei nisso antes. É muito mais rápido que a intravenosa.

— E Greg? — Lissiana perguntou, olhando para trás.

— Thomas cuidará dele, e logo se juntarão a nós. — Marguerite começou a conduzir a filha para a van. — Você e Greg se entenderam?

— Sim — Lissiana murmurou, sorrindo. — Conversamos e concordamos em ser parceiros eternos.

— Não havia dúvidas de que eram parceiros eternos, querida — falou sua mãe. — Vocês precisavam apenas perceber isso.

— Aí vêm eles.

Lissiana olhou pela janela da van ao ouvir o aviso de Juli. Thomas e Greg estavam descendo os degraus da varanda. Seu primo devia ter pegado emprestada uma camiseta de Dwayne, pois a que Greg usava estava limpa.

— Ele parece tão pálido — comentou Vicki, preocupada.

Todos sabiam que Greg fora atingido por um tiro. Sua mãe a fizera fechar os olhos e a alimentara com várias bolsas de sangue assim que tinham entrado na van. Então Lissiana lhes contara tudo o que ocorrera desde que haviam saído do abrigo, enquanto esperavam que Martine e os homens se unissem a elas.

— Mamãe também está vindo — Elspeth disse ao avistá-la.

— Bom. Assim poderemos ir — Marguerite comentou e olhou para trás. —

Mirabeau, ainda há sangue na caixa térmica? Greg parece precisar de um pouco mais.

— Duas bolsas. Quer que eu as pegue para você?

— Sim, por favor. Lissiana, feche os olhos. Suspirando, ela obedeceu e escutou os movimentos. A porta lateral da van foi aberta.

— Vamos ficar um pouco apertados aqui, Greg, mas não estamos longe de casa — disse Marguerite.

— Lissiana pode se sentar no meu colo.

— Pode abrir os olhos, querida — Marguerite avisou. — Escondi o sangue.

Lissiana abriu os olhos com alívio e a primeira coisa que viu foi o rosto de Greg, que estava no banco do passageiro olhando para trás. Ele sorriu calorosamente e estendeu a mão. Ela lhe agarrou os dedos e conseguiu passar para a frente, sentando-se no colo dele. O assento entre sua mãe e Jeanne Louise foi ocupado por tia Martine. Mirabeau, Elspeth e as gêmeas estavam no último banco.

— Temos mais sangue para você, Greg — Marguerite anunciou. — Lissiana, feche os olhos.

Ela tornou a obedecer e apoiou-se na porta, dando a Greg espaço para se alimentar. Escutou a porta traseira da van ser fechada, enquanto Thomas guardava a caixa térmica e, um instante depois ouviu a porta da frente se abrir. A van balançou um pouquinho quando o primo se acomodou no banco do motorista.

Greg aceitou a bolsa de sangue que Marguerite estendia e cravou as presas nela com habilidade. Tomara seis delas na casa e sentia-se melhor, mas sabia que provavelmente precisaria demais.

Observou Thomas fechar a porta e colocar o cinto de segurança. O primo de Lissiana sorriu ao vê-los abraçados no banco da frente e meneou a cabeça.

— Vocês dois estão em um estado lastimável. Ficam sozinhos por um instante e se metem em encrenca — ele provocou antes de assumir um tom mais sério. — Você sabe que precisará deixar seu trabalho, não é, Lissiana?

— Sim, eu sei. — Pensou que isso talvez fosse bom. Os comentários de padre Joseph a respeito de ela se aproveitar dos desvalidos a afetaram. Nunca mais poderia morder outro dos frequentadores do abrigo sem que aquelas palavras a assombrassem. — Acho que vou precisar procurar outro emprego, algo que não entre em conflito com os horários de Greg.

Greg apertou-lhe o ombro com a mão que não estava segurando a bolsa de sangue.

— E então, quando é o casamento? — perguntou Marguerite.

A questão pegou Greg de surpresa, mas Lissiana ficou tão espantada que abriu os olhos. Claro que eles caíram diretamente na bolsa de sangue que Greg pressionava contra os dentes. Ele viu os olhos dela se dilatarem e ouviu o gemido, antes que

Lissiana desabasse sobre ele.

— Greg — Marguerite disse do assento de trás —, você precisa mesmo se concentrar em curar Lissiana dessa fobia.

— Sim. Está no topo das minhas prioridades. A primeira coisa amanhã de manhã... à noite. Depois que dormirmos. E, quanto ao casamento, será assim que eu puder arranjar tudo.

— Bom rapaz. — Marguerite inclinou-se e sussurrou para que só ele e Thomas escutassem: — Eu não disse que minha filha iria adorar você? É o meu melhor presente de aniversário de *todos* os tempos.

Greg ficou boquiaberto, lembrando-se de quando tinha sido seqüestrado pela primeira vez. Depois de amarrá-lo à cama, Marguerite afagara-lhe a bochecha, dizendo:

Minha filha vai adorar você. É o meu melhor presente de aniversário de todos os tempos.

Com certeza, ela não podia estar dizendo que planejava tudo aquilo, não é? Que ela...

Olhou para Lissiana, e depois para os rostos sorridentes dos demais ocupantes da van. Eles eram sua família agora. Sentindo-se atordoado, Greg voltou-se para Thomas.

— Bem-vindo à família, Greg — disse o vampiro, divertido.